



OS Segredos *de* Saffron Hall

Poderá ela desvendar os mistérios
escondidos no seu interior?

CLARE MARCHANT

HarperCollins
Narrativa histórica

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS
Segredos *de*
Saffron
Hall

CLARE MARCHANT

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Os segredos de Saffron Hall
Título original: The Secrets of Saffron Hall
© Clare Marchant 2020

© 2022, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente pela Avon, uma divisão da HarperCollins Publishers Limited, UK.
Tradutora: Mariana Mata

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers Limited, UK.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Claire Ward © HarperCollinsPublishers Ltd 2020
Imagens da capa: © Lee Avison/Trevillion Images (fundo), Mark Owen/Trevillion Images (mulher)

1ª edição: Abril 2022

ISBN: 978-84-9139-783-0

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezasseis](#)

[Capítulo Dezassete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezanove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Agradecimentos](#)

Para ti, mãe, que sempre acreditaste em mim.

Prólogo

1541

A mão tremia-lhe enquanto mergulhava a pena na tinta e escrevia as palavras, com letra quase ilegível, enquanto as lágrimas quentes se espalhavam pelo pergaminho e o ensopavam, engrossando as fibras.

Mary, em segurança nos braços de Nosso Senhor, 17 de novembro de 1541

Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa

No exterior, a mancha escura de pesadas nuvens cinzentas estava tão baixa que quase tocava nas copas das árvores nuas. O vento amargo e gelado atirava flocos afiados de neve às janelas, assobiando pelas numerosas frestas para encontrar o seu caminho para o interior e enrolar os dedos crus à volta dos seus ossos exaustos. Pouco importava. Já tinha o coração gelado, como se fosse um caroço duro e doloroso que lhe pesava no peito. Nenhuma quantidade de roupa de lã ou mantos forrados a pelo conseguiriam aquecê-la naquele momento.

Eleanor sabia que as hipóteses de sobrevivência de um bebé tão pequeno, que tinha nascido demasiado cedo, eram reduzidas. Um desejo impossível. Mas ver as feições perfeitas da filha transformarem-se em alabastro poucos minutos depois de ter chegado ao mundo era mais do que conseguia suportar.

E agora estava sentada na torre, de corpo quieto e a postos, enquanto ouvia o retumbar dos cascos que se aproximavam, anunciando a chegada dos homens do rei. Nunca tinha ela precisado tanto do

seu amado Greville, mas ele não vinha. As ervas húmidas aos seus pés estavam coladas com os coágulos do sangue que tinha perdido. Todo o corpo lhe doía. Queria deitar-se no chão de pedra fria e deixar a vida escapar-se com o sangue que ainda escorria dela. Manchou-lhe as mãos, escurecendo-as onde secou, esticando bem a pele sobre os nós dos dedos.

Tinham de partir em breve, muito em breve. Já se tinham demorado mais do que pretendia e não havia tempo para fazer o que era preciso. A única coisa a fazer era esperar que, ao deixar aquela mensagem, alguém fosse capaz de decifrar o que estava a pedir e responder ao seu apelo. Os seus olhos percorreram o chão contra a sua vontade, atraídos para o sítio onde Mary agora jazia. Estaria a ouvir alguma coisa? Um gemido? Um choro ténue de aflição? Não, era apenas a sua imaginação febril e as gaivotas em redor fustigadas pelos ventos de inverno do lado de fora da janela a chorarem com ela.

De mãos a tremer, começou a escrever: *infans filia sub pedibus nostris requiescit...*^[1]

Por fim, pegando numa flor prensada de açafraão, juntamente com um raminho de alecrim, pousou-as suavemente entre as páginas e fechou o livro.

^[1] Uma filha bebé jaz debaixo dos nossos pés.

Capítulo Um

2019

— Queres que ajude a carregar alguma coisa? — O avô encostou-se à porta do escritório com uma caneca de chá numa mão e um monte de bolachas com creme na outra.

Amber levantou o olhar da caixa empoeirada que estava a esvaziar, empilhando o conteúdo à frente da secretária que rapidamente ficava sem espaço. Tinha o rosto pálido e magro atormentado. As sombras profundas quais nódoas negras debaixo dos olhos refletiam as horas que permanecia acordada à noite, enquanto todos em redor dormiam.

— Avô, não consegues levantá-las. Nem penses nisso! — advertiu-o. Provavelmente as bolachas eram a coisa mais pesada que conseguia atualmente carregar.

— Estás com um ar demasiado pálido. Devias comer mais — comentou.

Amber mergulhou de novo a cabeça na caixa que estava a esvaziar e revirou os olhos. — Estou sempre desta cor. Fica bem com o cabelo ruivo. — Os pais não tinham feito muito uso da imaginação quando lhe deram o nome Amber. Levantando-se, colocou um punhado de velhos guias de Londres em cima de uma pilha periclitante de cópias quase idênticas datadas dos anos 50. — A sério? — Apontou para os guias e ergueu as sobrancelhas. — Estavas a pensar em obter a licença de taxista? — Fez-lhe um sorriso irónico.

Foi a vez de o avô revirar os olhos.

— Não mudes de assunto — disse-lhe, franzindo o sobrolho por debaixo das suas sobrancelhas demasiado grossas, agora quase bran-

cas, mas ainda com vestígios de uma ligeira coloração ruiva.

— Então, preparei uma folha de cálculo para catalogar tudo — continuou ela, como se ele não tivesse falado — e estou a anotar a localização dos livros em casa para que os possas encontrar mais tarde quando decidires o que fazer com eles.

— Isso soa muito eficiente.

— Foi o que combinámos — lembrou-lhe. — As minhas capacidades de arquivista em troca de cama e comida. — E um lugar onde me esconder, deixou ela por dizer. — É bom que fique cá um ano porque desconfio que vou demorar todo esse tempo a registar os teus livros todos. Há milhares deles. Sabia da biblioteca, claro, mas não fazia ideia de que tinhas enchido o sótão com sabe-se lá o quê.

— Bom, é o problema de se ser alfarrabista — defendeu-se ele. — Às vezes, nos leilões, tem de se comprar um lote inteiro de livros quando só se quer um, de facto. Imagino que tudo o que esteja no sótão seja lixo, mas primeiro precisa de ser verificado.

— Hum, lixo é muito provavelmente a palavra certa — comentou Amber, acrescentando mais dois guias à pilha e equilibrando uma cópia esfarrapada d' *O colégio das quatro torres* em cima de alguns anuários *Jackie*. Teve de se controlar para não folhear alguns dos livros que encontrara ou a tarefa gigantesca nunca acabaria. Ao menos havia muito material de leitura para as noites longas e solitárias. Para as horas negras em que era preferível não adormecer, porque depois tinha de acordar e lembrar-se novamente de tudo.

O avô mergulhou uma das bolachas no chá e tentou virar a metade ensopada para a boca. Atualmente, as suas reações não eram tão rápidas como dantes e ouviu-o praguejar entredentes enquanto a bolacha caía de novo no chá, afundando-se para fora de vista. O AVC que o tinha deixado com um coxear impercetível e um ligeiro arrastar das palavras quando estava cansado, tinha feito estragos no braço esquerdo, deixando-o enfraquecido e maioritariamente inútil. E ser esquerdino tornava a deficiência ainda mais acutilante. Depois de uma vida inteira de raciocínio rápido e reações relâmpago, percebia a sua frustração diária quando o novo corpo que habitava lhe falhava.

— E como estás *tu*? — Hesitava sempre em perguntar, mas ela apagava-se mais a cada dia. As sombras escureciam-lhe o rosto e ele conseguia sem dúvida ver-lhe as veias azuis-claras a cruzarem a testa sempre que ela empurrava as madeixas do seu cabelo curto e fino para trás.

— Ah, estou bem, sabes. — Sabia exatamente ao que ele se referia, mas não estava pronta para falar sobre isso. Ainda não. Sorriu-lhe, embora o estremecimento do canto da boca lhe tenha desmentido a resposta.

— Posso ser velho, mas não sou estúpido — respondeu ele num tom um pouco ríspido demais. — Para além de estares magra como um palito, estás com um ar deslavado. Devias comer comida como deve ser, em vez de só sopa, torradas ou cereais. Ia ajudar, sabes? — A sua boca contorceu-se e ergueu as sobrancelhas. Os olhos enrugaram-se ligeiramente, um pequeno reconhecimento das suas palavras duras. — E sempre que entro na cozinha, encontro chávenas de chá que fizeste, mas não bebeste. O que é que se passa, afinal?

— Não ando a dormir bem. — Encolheu os ombros. — Fazer chá reconforta-me. É uma pequena rotina que posso fazer sem pensar para me ajudar a limpar a cabeça. «Às vezes, mantém os demónios à distância, nem que seja só por uns minutos», refletiu ela em silêncio. — Para ser sincera, não me lembro de os meus hábitos alimentares fazerem parte do nosso acordo. Estou aqui para ter alguma paz e solidão, mas sem chatices, obrigada. — Avançou para outra caixa e começou a atirar o conteúdo para o último canto livre da secretária. Levantou-se uma densa camada de pó cinzento no ar, com uma nuvem de partículas minúsculas de poeira a efervescerem de excitação por terem sido libertadas, dançando à luz fraca do sol que se esforçava por passar pelas janelas imundas. Amber suspeitava que nunca tinham sido limpas nas décadas desde que a avó tinha morrido.

Depois de desdobrar a caixa agora vazia com agressividade a mais, atirou-a para um canto da sala para cima da pequena montanha de cartão igualmente maltratado. O avô observava em silêncio en-

quanto ela puxava mais uma para si e arrancava a parte de cima, levantando uma mão de cheia de livros e empilhando-os.

— Achei que estares aqui e teres algo com que te distrair... das coisas fosse arrebitar-te, mas ainda não me parece que esteja a acontecer. Talvez... — Ele levantou ligeiramente a mão quando ela abriu a boca para interromper — ...estar aqui num local tão remoto não tenha sido boa ideia. Talvez se estivesses com os teus pais, se não queres estar com o Jonathan, fosse melhor para ti? Mais gentil para a tua alma? Às vezes o isolamento em alturas complicadas não é solução.

As sobancelhas de Amber dispararam até à linha de cabelo.

— Não brinques comigo. Porque é que te escondeste neste casarão velho depois de a avó morrer para gerires o teu negócio à porta fechada? Se bem te lembras, deixaste a mãe com a família da avó e depois fugiste para te vires enterrar no fim do mundo. Por isso, desculpa-me se sigo as tuas passadas. Chama-lhe genética, se quiseres.

Atirou-se para a cadeira de escritório atrás da secretária fazendo-a recuar ligeiramente e tentou não ranger os dentes. A casa estava na família há gerações e fazia parte da sua essência, da sua base. Ecoava com as almas dos seus antepassados ruivos e apenas lhe pareceu natural regressar ali, quando a sua vida foi dilacerada, para se esconder do mundo. Embora amasse os pais, tinham uma relação frequentemente tensa e sentia-se mais próxima do avô. Precisava de estar com ele e na casa naquele momento. Por isso, a última pessoa que esperava que questionasse a sua decisão era o próprio avô.

* * *

Quando Amber se sentou, o avô percebeu que tinha construído uma muralha de livros em cima da secretária em seu redor e que agora estava completamente escondida. Uma barricada atrás da qual se escondia mais uma vez.

— Só porque o fiz, não quer dizer que fosse correto — comentou ele para o vazio onde ela tinha estado. Voltando-se com cuidado, deixando as pernas acompanharem momentaneamente o cérebro, voltou à sala de estar e à corrida das duas e meia em Kempton Park.

Quando teve a certeza de que ele tinha saído da divisão, Amber voltou a pôr-se em pé. Limpou as já familiares lágrimas que tinham começado a cair com a bainha da *t-shirt*, inclinando o rosto para cima para tentar pará-las, mas era um gesto inútil. Os sulcos estavam-lhe quase permanentemente gravados no rosto, de tantas vezes terem serpenteado até abaixo, para lhe pingarem no queixo pequeno e pontiagudo. Esperava acordar uma manhã com as linhas indelevelmente marcadas nas suas faces para sempre, como tatuagens. Uma mancha visível da sua tristeza, para mostrar ao mundo a pessoa horrível que era, um fracasso. A vida já era suficientemente difícil sem um sermão do avô, o rei das fugas, há sessenta anos escondido naquele mausoléu de casa.

Tinha apenas um ano sabático da universidade durante o qual precisava de resolver a sua vida, de alguma forma. Decidir se ela e Jonathan tinham algo que valesse a pena salvar. O pesar esmagador, agora amigo habitual, pesava-lhe nos ombros enquanto foi até à cozinha para fazer uma chávena de chá que não beberia.

Capítulo Dois

1538

Do seu quarto, Eleanor conseguia ouvir a agitação frenética no pátio abaixo, com homens a gritar aos moços de estrebaria e aos servos, em conjunto com o bater impaciente dos cascos dos cavalos contra a calçada. A animada comitiva que acabara de chegar parecia enorme. Ninguém na casa estava habituado àquele número de convidados e ao barulho que provocavam, Eleanor incluída.

Apesar das suas reservas, sabia o que ditava o protocolo. O seu querido pai tinha-lhe incutido boas maneiras desde tenra idade, pelo que se preparou para descer as escadas e cumprimentar o primo William, agora o proprietário da sua casa. Parecia ter chegado não só com a família, mas também com muitas outras pessoas.

Quando chegou ao cimo da escada de pedra acompanhada por Joan, a sua dama de companhia e melhor amiga, o salão nobre estava cheio de gente, com o fedor da roupa de lã húmida a subir e a fazer-lhe enrugar o nariz. Os seus olhos pairaram sobre eles para verificar qual dos muitos cavalheiros, a maioria dos quais ainda com as grossas capas de cavaleiro vestidas, era o primo. Ao observar o moço da cozinha a apressar-se de um lado para o outro a oferecer canecas de cerveja, o seu olhar prendeu-se num par de olhos claros e cruéis, que se estreitaram e fixaram nos dela quando se cruzaram. A mulher vestia um manto de viagem de veludo verde com muitos bordados e estava ao lado de um homem pequeno e robusto. Eleanor olhou para Joan e ambas ergueram as sobrancelhas. Joan sorriu e fez-lhe um pequeno aceno de encorajamento antes de a deixar e regressar ao quarto. Precisava de fazer aquilo sozinha.

Eleanor fez o seu caminho pelo meio das pessoas que se acotovelavam e mal reparavam na sua forma discreta, até acabar por se encontrar diante do casal que tinha visto da galeria acima. De perto, William era pouco mais alto do que o seu próprio metro e sessenta de altura, com um corpo rotundo encimado por um rosto rosado profusamente suado. Fazendo uma vénia aos dois, saudou-os.

— Meu senhor, minha senhora, bem-vindos a Ixworth. Espero que sejais muito felizes na vossa nova casa.

— Prima Eleanor, como é encantador conhecê-la. — O que lhe faltava em altura, compensava no volume da voz. Eleanor estremeceu ligeiramente quando uma rajada de mau hálito a cerveja lhe assaltou as narinas. Esta é a minha esposa, Lady Margaret.

Eleanor repetiu a vénia de olhar baixo, mas assim que se voltou a endireitar, fitou os estilhaços penetrantes que lhe queimavam os olhos. Porque é que aquela mulher a odiava tanto? A sua animosidade escorria-lhe de todos os poros do seu rosto bexigoso. As suas roupas e peles luxuosas e a fila de pérolas cosidas ao seu capuz francês da moda não conseguiam diminuir a devastação da sua pele. Aquelas pessoas estavam a mudar-se para a sua maravilhosa casa, tirando-lhe tudo o que o seu pai possuía, porque William era o seu herdeiro e Eleanor apenas uma rapariga que muito em breve poderia ficar sem casa ou ser despachada para um convento. Margaret deveria estar a dançar pela sala em deleite, em vez de parecer que se podia estilhaçar num milhão de pedaços a qualquer momento.

— O nosso querido filho, Robert, chegará dentro de alguns dias — continuou William. — Tem apenas um ano e está com uma febre ligeira, pelo que virá de Richmond quando estiver bem, tendo sido aqui instalado um berçário para ele. Viemos diretamente da corte e naturalmente lamentamos não termos conseguido chegar a tempo do funeral do seu pai.

Não soava a alguém com muitos remorsos e, por instantes, passaram-lhe pela visão uma série de imagens da procissão fúnebre escassa atrás do caixão do seu pai enquanto fazia o caminho da casa que amava para a capela onde foi enterrado ao lado da mãe.

— Sir William fará muita falta ao rei — informou-a Margaret — e não consigo imaginar o que faremos nesta região selvagem abandonada por Deus. — Tinha o nariz comprido enrugado e Eleanor começou a aperceber-se porque é que estava com um ar tão fora de si. Mordeu-se para não replicar que eram mais do que bem-vindos a regressar à corte porque não os queria em sua casa. Só que já não era sua. De repente, não conseguia suportar mais a multidão, o calor opressivo e o fedor a corpos por lavar nem mais um instante.

— Por favor, deem-me licença — murmurou antes de se apressar a passar pela massa de gente em direção à porta.

Uma vez lá fora, parou por um momento no ar húmido mais fresco, a inspirar em grandes golfadas. Estava habituada a dezassete anos de isolamento e paz. Como é que ia viver numa casa cheia de barulho e clamor o dia inteiro? Era insuportável.

Olhando através do pasto, os olhos ergueram-se em direção ao arenito creme pálido do muro do priorado que se erguia do terreno pantanoso que rodeava a sua casa. Sob a autoridade do muito maior Priorado de Thetford, aquela era uma instituição mais pequena e autossuficiente, onde os monges tinham, na sua maioria, os próprios códigos e leis. Como sempre, oferecia-lhe o refúgio que ela desejava. Sem pensar duas vezes, juntou e levantou as saias e correu de pés a voar pelo chão na sua direção, através das ervas altas à altura da cintura ao longo do caminho bem trilhado.

Entrando pelo portão de carvalho gasto nos jardins do priorado, Eleanor soltou lentamente a respiração, vendo-a formar-se em vapor à sua frente. Ali estava a salvo. O jardim vazio diante dela encheu-lhe o coração de calma. As árvores de fruto e as filas de ervas e vegetais imaculadamente cultivados pelos monges eram um conforto. Apesar da hora tardia, os andorinhões continuavam a pairar sobre a sua cabeça para apanhar insetos, e um par de tentilhões discutia em voz alta num arbusto frutífero por perto. O que quer que acontecesse em casa, aquele pequeno canto do seu mundo era uma constante. A regularidade reconfortante dos irmãos no seu trabalho diário, o canto da capela enquanto o fluxo da oração em latim a inundava e lhe limpava

a alma dos pensamentos pouco caridosos que tinha tido sobre o primo.

Dobrando-se, arrancou um raminho de tomilho, enrolando as minúsculas folhas verdes entre os dedos e o polegar e cheirando o aroma pungente que libertavam. Um ligeiro restolhar perturbou-lhe os pensamentos e, ao levantar o olhar, viu o Irmão Dominic a dirigir-se a ela. Era o seu favorito de todos os irmãos, um querido amigo, e Eleanor não pôde evitar abrir um largo sorriso no rosto, com a sua inocência de criança a fervilhar dentro de si. Um sentimento que quase tinha sido extinto nos últimos meses.

— Está de visita ou a esconder-se? — perguntou o jovem monge quando chegou ao mesmo nível dela. Ele só tinha sido ordenado sacerdote no ano anterior e não era muito mais velho do que a própria Eleanor. Via nele uma alma gémea, alguém que tinha de se conformar às regras estabelecidas, contra o seu melhor julgamento. Os seus olhos, do verde mais claro que ela já tinha visto, brilhavam de forma travessa para ela sob as suas sobrancelhas erguidas, já seguro da resposta à sua pergunta.

— Claro que estou aqui de visita — respondeu ela. — Se ninguém sabe que estou aqui, é apenas uma mera e útil coincidência.

— O seu parente já chegou?

— Chegou juntamente com a esposa e uma grande comitiva de outras pessoas. O salão estava cheio. Cumprimentei-os antes de os deixar para se instalarem nos seus aposentos. Duvido que alguém sinta a minha falta durante algum tempo. Ou de todo.

— Então entre e tome uma chávena de hidromel. O prior ficará satisfeito por ter alguma companhia. Está novamente com dores. Este ar fresco e húmido não lhe convém. Fiz uma cataplasma com cravinho e poejo, mas não pareceu aliviar-lhe as dores.

— Poderia acrescentar um pouco de matricária? Ou óleo de bagas de loureiro, se tiver algum? — sugeriu ela.

— Acho que temos. É uma boa ideia, obrigado. Vou já ver.

Eleanor encontrou o prior, o Padre Gregory, no seu solário privado. Dali, o som do canto simples, o canto melódico profundo dos salmos que ondulava e balançava como árvores ao vento, ouvia-se mais alto, fazendo vibrar a pedra por baixo dos seus chinelos finos. Ele passou-lhe uma taça de barro e ela bebeu o vinho de mel, sentindo o seu calor a invadi-la por dentro.

Empoleirando-se na beira de um banco, fechou os olhos enquanto a paz e a serenidade do edifício a invadiu. Visitava o priorado com o pai quase diariamente desde que tinha memória. E agora era o seu refúgio, um lugar onde o suave apelo da rotina nunca variava. Tudo em redor lhe dizia que a mudança estava a chegar, depenando-lhe a roupa, puxando-a através dos sons dos cascos dos cavalos e dos gritos de homens estranhos. As notícias de Londres tornavam-se mais preocupantes, de que o rei estava a fechar muitos conventos e mosteiros e a ameaçar fazer desaparecer a vida outrora ordenada que conhecia. O que é que o futuro reservaria aos seus amigos? Uma pontada de medo e premonição rastejou-lhe pela coluna.

— Disseram-me que o seu primo chegou? — acabou o prior por perguntar.

— Chegou — respondeu ela, distraída dos pensamentos explicando a comitiva de pessoas que o acompanhavam.

— Talvez seja melhor não o antagonizar — recordou-lhe o Prior Gregory, deixando o resto da frase por dizer. Ela precisava de se manter do lado direito do seu primo: a sua situação era precária e ele era o dono do teto sobre a sua cabeça. Eleanor franziu a testa e aceitou com a cabeça. Percebia o que era esperado de si.

Ao olhar para fora da janela, percebeu que as sombras se começavam a alongar. Um ronco suave do Prior Gregory alertou-a para o facto de ter permanecido demasiado tempo e esgueirou-se pela porta para a Capela da Nossa Senhora, onde mergulhou a ponta dos dedos na água benta e fez o sinal da cruz antes de se ajoelhar ao fundo na escuridão. Fechando os olhos, murmurou as vésperas, as familiares orações da noite, enquanto o canto profundo e simples continuava como pano de fundo do seu murmúrio. A luz trémula das velas atirava

sombras ondulantes dos irmãos encapuzados através das paredes rugosas e do teto abobadado. Eleanor levantou a cabeça por um momento, deixando os sons da sua infância infiltrarem-se no seu corpo. Estava a equilibrar-se na cúspide de uma nova vida, com tudo o que lhe era familiar prestes a desaparecer.

Levantando-se da posição de joelhos, saiu pela porta voltando para o prado onde o crepúsculo se instalava. Não era sensato sair depois do anoitecer, especialmente quando a casa estava cheia de estranhos. Não tinha qualquer desejo de se encontrar com nenhum deles fora das paredes protetoras da casa.

Capítulo Três

2019

O clima invulgarmente quente do final de setembro agarrou-se aos últimos vestígios de verão, como que relutante em deixá-lo seguir graciosamente até ao outono. Dia após dia de denso calor opressivo deixou o ar denso e húmido, congestionando-lhe os pulmões. Antes de ir para a cama, Amber abriu as janelas tanto quanto se atreveu, preocupada com a sua antiguidade. Não queria que caíssem dos mainéis de pedra. Mas não ajudou. O ar pesado e petrificado pairava imóvel e silencioso tanto no exterior, nos terrenos da casa, como no seu quarto.

Ouviu os sons familiares da casa enquanto rangia e se instalava para a noite. Aos seus pés, Gerald, o gato enorme cor de laranja do avô, já estava enroscado e completamente adormecido, indiferente às condições pegajosas. Pensando que nunca conseguiria dormir, Amber deitou-se em cima do edredão com a *t-shirt* desconfortavelmente colada à pele.

No entanto, deve ter dormitado, porque foi subitamente acordada por um som tão alto de algo a partir-se que assustou Gerald ao ponto de se tornar numa bola amedrontada de pelo cor de laranja. Quando abriu a porta do quarto, ele saiu disparado. O seu quarto foi iluminado por uma luz azul esbranquiçada, forte e brilhante, que lhe picou os olhos e a fez estremecer. Foi rapidamente seguida por outro som semelhante ao que a tinha acordado, um barulho que soou como se a terra estivesse a ser dividida em duas, seguida de um trovão e de um eco a acontecer à distância. Depois veio o bem-vindo som da chuva, com grandes gotas a salpicarem sobre a hera no exterior. Fechou rapidamente as janelas, mas deixou as cortinas abertas, a observar as

correntes de água a correr pelas pequenas vidraças enquanto a tempestade se agitava. Teria apostado dinheiro em como Gerald tinha mudado de ideias sobre ir lá para fora e que tinha encontrado um local seco para se enroscar algures no andar de baixo.

Enquanto o vento uivava em redor do edifício, um raio todo-poderoso atingiu a casa. Amber ouviu um estrondo e um barulho crepitante, como se algo estivesse algures a fritar. Abriu a porta do quarto com cuidado e pôs a cabeça de fora, cheirando o ar em busca de um odor a queimado. A casa estava às escuras, mas não conseguia cheirar nada de mal. Quando acendeu o interruptor da luz do quarto, nada aconteceu. Não havia eletricidade. Ouviu pés a arrastar e resmungos do quarto do avô e avançou com cautela na sua direção. A última coisa que queria era que ele caísse no escuro.

— Avô, estás bem? — chamou ela para o silêncio que se seguiu a outro estrondo de trovão que lhe vibrou debaixo dos pés. — A eletricidade foi-se.

— Sim, estou acordado. Espera. — Ela ouviu a porta a abrir-se um pouco mais ao fundo do corredor e quando o céu se iluminou de novo, conseguiu ver-lhe momentaneamente a silhueta à entrada da porta.

— Não saias do quarto — disse ela bem alto. — Só queria ter a certeza de que estavas bem.

— Estou bem — entoeu ele. — Temos um para-raios no cimo da torre. Presumo que tenha sido atingido e esturricado. Não seria a primeira vez. Mas não há nada que possamos fazer até ao amanhecer. Cheira-te a queimado?

Preocupada, Amber voltou a cheirar o ar.

— Não, definitivamente não cheira — confirmou.

— Então, ótimo. Não estamos a arder. — Soou bastante satisfeito, enquanto as suas palavras eram afogadas por mais um estrondo ensurdecador no exterior e o corredor tornava a iluminar-se.

Amber deu um guincho involuntário. Nunca tinha tido medo de tempestades, mas aquilo era outra coisa.

— Tens a certeza de que estamos seguros aqui? — perguntou quando o seu ritmo cardíaco começou a voltar ao normal.

— Claro que sim. — O avô riu-se. — Esta casa sobreviveu a quinhentos anos de temporais. Vai correr tudo bem. Podemos acabar por perder algumas telhas do telhado. Temos de verificar isso de manhã. Agora tenta dormir um pouco.

Ela ficou em silêncio por um momento, escutando-o a esbarrar contra a mobília, seguido do ranger das molas quando voltou a subir para a cama.

A ideia de dormir no meio do ruído exterior, com a chuva ainda a bater contra a janela, era risível. Depois de voltar para o quarto, quando estava prestes a fechar a porta, ouviu o som de unhas a raspar no chão de *parquet*. Gerald voltou a correr para dentro e desapareceu debaixo da cama.

Quando começou a amanhecer, a tempestade afastou-se para ser engolida pelo Mar do Norte e Amber conseguiu umas horas de sono irregular antes de ser acordada por Gerald, de bexiga cheia a arranhar a porta, a querer sair novamente. Enfiando-se no roupão, seguiu-o até lá abaixo, onde a sua parte felpuda de trás desaparecia ao sair pela portinhola de gato. Não havia sinal do avô, embora normalmente fosse madrugador e já tivesse amanhecido lá fora.

Empurrando os pés para dentro de um par de galochas demasiado grandes do avô que tinha encontrado ao lado da porta traseira, Amber saiu para a rua. O ar estava mais fresco, limpo e ela inspirou, desfrutando da frescura fria nos pulmões, com o cheiro a terra húmida e à vegetação molhada fustigada na noite anterior. A menta, o cebolinho e as rosas molhadas assaltaram-lhe os sentidos enquanto saltava pelas poças pelo antigo caminho de tijolos partidos que levava à horta. Ficou satisfeita por ver que o vidro da estufa ainda estava intacto. O avô ficaria aliviado.

Os relvados estavam cheios de ramos e galhos, os restos das últimas flores de verão espalhados pela relva, mas Amber mal teve tempo de os registar, enquanto prosseguia com as pesadas botas até à razão do barulho que tinham ouvido na noite anterior. Espalhados pe-

lo chão, na base da torre, supostamente a secção mais antiga do edifício, estavam vários pedaços de alvenaria em bruto. Olhou para a torre e não viu nada de estruturalmente errado, embora suspeitasse que o conservacionista local e os projetistas dos edifícios classificados discordassem dela. O seu trabalho de arquivo teria de entrar em pausa enquanto resolvia aquela questão.

Reconstituiu os seus passos lamacentos até ao interior e começou a fazer chamadas telefónicas para saber quando é que a eletricidade seria restaurada e averiguando qual o protocolo correto a tomar relativamente aos danos na torre.

Quando o avô chegou à cozinha já passava das nove horas e Amber tinha organizado tudo o que podia, embora por essa altura estivesse desesperada por uma bebida quente e uma torrada.

— Não somos só nós que ficámos sem eletricidade — relatou. — Há cabos caídos daqui até ao Downham Market. Podemos ficar sem energia o dia todo, mas eles estão a tratar disso.

— Então não há televisão para mim hoje. — Fez uma cara desanimada enquanto se deixava cair numa cadeira à mesa. — Mas se foram só esses os danos que sofremos, não nos podemos queixar.

— Na verdade, não foram só esses — advertiu ela, explicando-lhe a alvenaria que tinha encontrado na base da torre. — Não consigo ver de onde veio, mas liguei às pessoas dos edifícios classificados da câmara para se arranjar um construtor e vêm cá ver. Se as estradas estiverem desimpedidas, devem vir esta tarde, mas quando falei com eles, não sabiam se havia árvores caídas por aqui.

* * *

Amber ficou encantada quando, pouco antes do almoço, as luzes tremeluziram e depois voltaram a acender-se. O avô e ela aconchegavam-se com sanduíches de bacon e uma segunda chávena de chá quando uma batida na porta da frente anunciou que os funcionários da câmara tinham chegado para inspecionar a torre.

— Tenho de admitir que não estava à espera de que viessem tão cedo — disse-lhes Amber enquanto os levava pelo exterior da casa. — Se puderem, talvez, sugerir um construtor, eu ligo-lhe para vir dar uma vista de olhos. — Foi claramente a coisa errada a dizer. O mais velho dos dois homens parou no caminho, fazendo com que o assistente mais novo quase esbarrasse contra ele.

— Senhora Morton — começou numa voz deliberadamente pausada, como se estivesse a falar com uma criança de cinco anos —, este edifício está classificado como de segundo grau, pouco menos do que um monumento nacional. Pode ser a casa do seu avô, mas também faz parte da História desta nação, e como tal, deve usar um restaurador de edifícios históricos especializado e não um velho caubói qualquer que encontre no Google.

Amber cerrou os dentes enquanto tentava pensar numa resposta que não fosse tão condescendente como a forma como ele estava a falar com ela. O funcionário mais novo parecia claramente envergonhado e olhava em redor do jardim sem cruzar o olhar com ela.

— Estou bem ciente da História e proveniência da minha casa de família, obrigada — respondeu num tom frio e modulado —, razão pela qual vos pedi para virem cá ver os danos e para sugerirem alguém a quem possa telefonar. Não tenho qualquer intenção de procurar alguém na Internet. — Afastou-se caminhando pela relva até à torre, pisando os pedaços dos destroços ainda caídos no relvado, deixando os dois homens a seguirem-lhe os passos.

— Portanto, aqui está a alvenaria, mas não consigo perceber de onde vem. — Falou diretamente para o homem mais novo, enquanto ele e o colega retiravam monóculos dos bolsos e os usavam para examinar silenciosamente o topo da torre. Eventualmente, pigarreou e respondeu.

— Suspeito que as ameias tenham sido diretamente atingidas por um raio ontem à noite — disse-lhe. — Vejo que uma delas está partida, mas esse parece ser o menor dos seus problemas. Há uma fenda a partir do telhado com cerca de um terço do comprimento ao longo

da fachada deste lado. Desce até ao caixilho da janela. Precisa que vejam aquilo urgentemente.

— Então, pode sugerir alguém que possa dar uma olhadela?

— Vamos deixar-lhe uma lista de empreiteiros aprovados. Terão de colocar primeiro o andaime para poderem ver bem. Não vai ser barato. — Tinha sido o homem mais velho a falar e quase com satisfação. A vontade que Amber tinha de lhe dar uma bofetada aumentou. Fechou as mãos em punhos.

— Sem problema. Haverá seguro para cobrir os gastos — respondeu airoso enquanto esperava fervorosamente que a sua suposição estivesse certa.

No espaço de dois dias, Kenny Clarke, um especialista em restauração que trabalhava juntamente com o filho Pete, chegou com uma carrinha carregada de andaimes. Ficaram empilhados na rua durante três dias enquanto eles, e o que parecia ser uma dúzia de trabalhadores, bateram e rebateram, assobiaram, riram-se e gritaram enquanto erguiam lentamente uma jaula de metal enorme à volta da torre. Amber tentou esconder-se no escritório, tendo percebido no primeiro dia que, se fosse vista na cozinha, alguém apareceria na porta das traseiras com o seu tabuleiro de canecas e um sorriso esperançoso. Normalmente era Pete, que tinha uns olhos azuis intensos que brilhavam de cada vez que sorria. Não eram precisos prémios para adivinhar porque é que os outros trabalhadores o enviavam sempre para pedir as chávenas de chá, embora quando tentasse envolvê-lo em conversa, descobrisse que, por detrás da sua robusta boa aparência, era muito tímido.

Agora, sentada em frente ao portátil, com um monte de romances policiais gastos e empoeirados dos anos cinquenta ao seu lado, não se conseguia concentrar. A divisão parecia estranha, no entanto, não conseguia apontar o que estava diferente. Tanto quanto podia ver, nenhum dos móveis tinha sido movido, e dada a profundidade do pó que cobria tudo, seria fácil de detetar se alguma das decorações tivesse

sido alterada. De facto, havia algo de estranho pela casa, e o que quer que fosse, conseguia senti-lo mais fortemente na biblioteca, na base da torre. Com a luz fraca das pequenas janelas agora ainda mais obscurecidas pela miríade dos postes dos andaimes, a divisão parecia estranha, inquieta. Como se não estivesse contente com o trabalho a decorrer no exterior, o que era uma noção ridícula, disse para si. No entanto, a atmosfera tinha sido perturbada e por vezes tinha a certeza de que alguém a observava, embora uma rápida verificação à sala provasse o que ela já sabia, que estava sozinha.

Poucas horas após os dois homens terem iniciado as suas investigações, Kenny apareceu na porta das traseiras com um pequeno pacote a perguntar se podia falar com ela e com o avô. A sua jovialidade habitual tinha-o abandonado e, depois de o ter convidado a entrar na cozinha e de lhe ter oferecido uma cadeira à mesa, foi à procura do avô.

— É muito pior do que eu conseguia ver do chão — começou assim que todos se sentaram com mais uma chávena de chá. — Há algum trabalho estrutural de fundo que precisa de ser empreendido. A fenda que avistámos é maior do que eu inicialmente pensava e continuará a abrir pela parede da torre até que toda a esquina se desfaça e se venha a desmoronar. O caixilho da janela está tão solto que tivemos de o remover antes que caísse e todo aquele vidro antigo se partisse. Pete encontrou isto no parapeito da janela. — Pôs o pacote que trazia em cima da mesa diante de Amber.

Mesmo antes de lhe pegar, ela sabia ser algo especial e passou-lhe um formigueiro acentuado ao longo dos braços, fazendo-lhe os pelos eriçarem-se. Era um pequeno bloco retangular, grosseiramente embrulhado num pedaço de linho castanho, bordado e desfiado nas pontas. Estava envolto num cheiro a mofo, com um toque a especiarias e incenso, lembrando instantaneamente Amber da sua casa e de Jonathan e da antiga igreja vizinha. Quando lhe pegou, conseguiu sentir o ar à sua volta a arrepiar-se e distorcer-se por um instante. Deslizando-o para o colo, tentou ouvir a conversa entre os outros dois. O que quer que estivesse contido no velho pedaço de pano tinha-lhe despertado o interesse, mas queria olhar para ele quando estivesse sozinha.

Após mais discussões sobre o trabalho necessário, e de despachar Kenny de volta para o exterior com mais chá e um pouco de bolo de chocolate para ele e Pete, Amber foi até ao escritório a segurar o pacote firmemente contra o peito. Pousando-o sobre a secretária, levantou gentilmente o embrulho de linho, agora castanho, com manchas escuras e amarelado pelo tempo. Quando começou a desembulhá-lo, os seus sentidos foram alertados para o cheiro pungente e evocativo a livros decrépitos e a ervas amargas que a invadiram, fazendo-a fechar os olhos por um instante. Infiltrou-se na divisão como um espírito, como se estivesse ali, mas não estivesse.

O ar perfumado lembrou-lhe momentaneamente de Jonathan e da sua igreja. Da sua ordenação e das vozes agudas dos meninos de coro enquanto cantavam *Ubi Caritas*, as palavras a rodarem pelo teto abobadado em veneração, enquanto o seu marido, nas suas vestes negras, se estendia no chão que vibrava com as notas profundas e poderosas do órgão. A luz colorida que entrava pelos vitrais brilhava através do fumo do incenso, criando um arco-íris enevoadado. Ela nunca tinha compreendido a sua paixão intensa pela teologia e a sólida crença na fé, mas agora desejava, mais do que tudo, ter também algo sólido a que se agarrar e que pudesse salvá-la. Fechou os olhos por um momento, deixando a ténue fragrância assentar sobre ela. Era sustentada por um toque acentuado, quase metálico, de uma especiaria pungente que não conseguia identificar.

Amber virou o tecido nas mãos, examinando o bordado pesado. Parecia antigo. Desembrulhando-o cuidadosamente, retirou-o do objeto que cobria. Inspirou com força, apercebendo-se com choque do que estava a segurar. Era um livro minúsculo de orações encadernado em pele, com uma capa espessa que encerrava páginas finas.

Dentro da capa, rodeada de iluminuras coloridas, requintadas ilustrações religiosas ainda tão vivas como no dia em que foram concluídas, e escrito num inglês medieval estilizado que fez Amber franzir os olhos, lia-se:

Sir Greville Richard Lutton, nascido em junho de 1508

*Eleanor Lutton, nascida a 29 de novembro no ano de Nosso
Senhor de 1520*

Por baixo, em veia semelhante e com decoração, estava escrito:

Jane Elizabeth Lutton nascida a 7 de agosto de 1534

Henry Greville Lutton nascido a 15 de maio de 1539

Uma entrada adicional, menos ilustrada dizia apenas:

Thomas Lutton julho de 1539

Por baixo da entrada de Thomas, lia-se:

*Mary, em segurança nos braços de Nosso Senhor, 17 de no-
vembro de 1541*

Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa

Engoliu em seco. Parecia que Mary, tal como a sua própria filha, a sua minúscula Saffron, não tinha sobrevivido à nascença. A pior experiência por que alguma mãe ou pai poderia passar. Uma dor inscrita no seu coração para sempre. E porque é que a autora dessas palavras tinha acrescentado *Mea culpa*? Como é que poderia alguma vez pensar que a culpa era sua? Embora Amber soubesse exatamente como é que era essa culpa que tudo consumia. Em frente ao frontispício, aquela primeira página com a lista de nascimentos, havia outra coisa escrita em latim, mas rabiscada desordenadamente como se tivesse sido escrita com rapidez, sem nenhuma da arte que decorava a outra página. Os olhos de Amber fixaram-se na primeira linha que, devido à sua profissão e para sua satisfação, foi capaz de traduzir.

infans filia sub pedibus nostris requiescit

«Uma filha bebé jaz debaixo dos nossos pés»

O que significava a inscrição? Era um epitáfio para Mary? Conseguia sentir o coração a bater com mais força. Era como se o livro a tivesse encontrado, como se tivesse estado à espera dela na torre para que se unisse a ele. Ela e Eleanor, a proprietária original há centenas de anos, tinham uma ligação pela mais dolorosa das razões, duas mães de luto. As suas suspeitas foram confirmadas: aquele livro era definitivamente muito antigo. Teria estado sempre ali em Saffron Hall?

Embora a casa fosse uma fração do tamanho que outrora teve, ela sabia pelos registos e pesquisas já feitas que nos tempos medievais tinha sido um castelo de tamanho considerável. Um livro de horas, um pequeno livro pessoal de orações como aquele, escrito à mão e não impresso, era provavelmente datado do século XV, talvez até anterior. Deve ter sido muito especial para Eleanor. Que achado. O ar à sua volta crepitou e por um instante pensou ter ouvido um sussurro enquanto o tecido do edifício suspirou e se mexeu ligeiramente, quase em antecipação. Estava desesperada para decifrar o resto da passagem em latim, para descobrir se se referia a Mary.

Capítulo Quatro

1538

— Sir William pediu para vê-la — anunciou Joan sem fôlego enquanto se apressava a entrar no quarto de Eleanor, onde ela se tinha escondido durante a maior parte do dia a jogar às cartas e a observar a chuva implacável lá fora a atirar-se contra a janela, como que a exigir entrar. Bateu outra carta em cima da mesa.

— Porquê? — Não levantou a cabeça. Desde que o seu primo chegou, há uma semana, tinha havido muitas entradas e saídas de pessoas que ela nunca tinha visto, mas ninguém a tinha incomodado. Esperava que se tivessem esquecido de que estava ali, mas claramente que não.

Joan encolheu os ombros.

— Não sei — respondeu a abanar os braços como se quisesse fazer a sua companhia mover-se com mais pressa —, mas foi mais uma ordem do que um pedido, por isso é melhor não o fazer esperar. Sabe como é importante para nós as duas mantermo-nos do lado certo. Estamos agora aqui como suas convidadas. Já não temos quaisquer direitos.

Eleanor aconchegou as madeixas rebeldes do seu cabelo ruivo espesso debaixo da touca de linho e empurrou os pés para dentro dos chinelos de couro macio antes de descer para o salão nobre com passos medidos e firmes. Não havia necessidade de temer um encontro com o primo, disse para si, embora todos os pelos da sua pele se tivessem eriçado em apreensão e a sua respiração trémula desmentisse a sua aparente confiança. Joan tinha dito palavras sábias: estavam agora à mercê do primo e, embora ela odiasse a situação, precisava

de se lembrar disso. Sentiu uma tensão no ar como se todos estivessem em posição e à escuta, à espera de que algo de terrível acontecesse, e não gostou.

Encontrou o primo sentado diante da lareira com Lady Margaret. No outro canto da sala, estavam a ser dispostas bandejas sobre a mesa para o jantar e o seu estômago roncou alto. Desde que tinham chegado todos, tinha escolhido comer na cozinha depois das refeições, em vez de no salão nobre, e normalmente já não havia muita comida decente quando chegava a altura de comer. O cheiro acentuado a gordura queimada e a carne assada espalhava-se pela vasta divisão em direção a eles, fazendo-a salivar.

Eleanor fez uma vénia breve e ficou à espera de que William falasse, de olhos fixos no chão.

Ele contraiu ligeiramente a cabeça em reconhecimento.

— Eleanor, finalmente honra-nos com a sua presença.

Ela não conseguiu pensar numa resposta, duvidando que ele tivesse de facto notado, para além da missa, que ela estava ausente o mais frequentemente possível, por isso manteve os lábios cerrados e não disse nada. Estava sentado no cadeirão preferido do pai e Eleanor mordeu a boca por dentro para impedir que as lágrimas ferozes se derramassem enquanto ele indicava o banco ao seu lado e ela se sentava nele. Os juncos, as ervas secas espalhadas nas lajes para o asseio perto do local onde estava sentado estavam húmidas da cerveja derramada e começavam a cheirar mal. Eleanor não pôde deixar de enrugar o nariz em repugnância. O seu pai tinha sido sempre metódico em manter as ervas e a lavanda secas e frescas, com um cheiro doce, e aliviou-a ele já não estar ali para ver o que estava a acontecer à sua casa. William pigarreou ruidosamente e ela ficou contente por ver que até Margaret estremeceu com o som repugnante.

— Eleanor, o meu filho Robert chegará dentro de uma semana. É mesmo do que esta casa precisa, de uma família para a encher. Compreende que já não é a sua casa.

Ela abriu a boca para assinalar que ele era agora a família mais próxima que tinha e depois fechou-a de novo sem dizer uma palavra.

Percebia pelo seu tom de voz que ela era uma inconveniência a ser descartada o mais depressa possível. Tal como tinha suspeitado. O convento pairava em grande plano no horizonte.

— Felizmente para si, fiz um acordo para que se casasse com Sir Greville Lutton. É um rico mercador e cortesão, com terras vastas em Norfolk e está preparado para a desposar, apesar da falta de dote deixado pelo seu pai.

Horrorizada, Eleanor não abriu a boca para argumentar, ficando em silêncio com o choque. Ficou sentada imóvel sem respirar durante alguns segundos. Casar? Ela? E quem era aquele Sir Greville Lutton de quem ele falava?

Sabia que muitas raparigas se tinham casado aos dezassete anos, mas esperava ser consultada, que lhe tivesse sido dada uma escolha, conforme a sua posição ditava, como o seu pai teria desejado. Como barão que se tinha distinguido na Batalha de Flodden, e que mais tarde tinha sido nomeado alto xerife, era de esperar que fizesse isso por ela. Se não tivesse morrido tão subitamente. Para seu espanto, Sir William acenou a um homem na periferia de um grupo no outro extremo do salão, que se levantou e se aproximou até estar diante de Eleanor, fazendo de seguida uma vénia profunda. Ele estava ali, naquele momento?

— Prima Eleanor, Sir Greville Lutton. — William fez as apresentações como se estivesse supremamente orgulhoso de si próprio. Provavelmente estava, tendo-se livrado com sucesso de uma parente que lhe atafulhava a sua nova casa. Levantou o olhar para o desconhecido. Era consideravelmente mais alto do que William e mais magro, com ombros fortes e largos. Tinha o cabelo preto cortado rente, tal como a barba, e olhava para ela com preocupação. As rugas espalhavam-se a partir dos seus olhos castanhos-escuros e ela quase conseguia distinguir as sobrancelhas pesadas. Parecia consideravelmente mais velho do que ela.

William e Margaret fizeram uma grande demonstração de magia ao desaparecerem para se juntarem aos amigos para jantar, mas de repente o apetite de Eleanor tinha-a abandonado. Em vez disso, achou

que podia muito bem vomitar a qualquer momento. Greville sentou-se no lugar que William tinha acabado de desocupar e inclinou-se para a frente, de antebraços pousados sobre os joelhos. A sua jaqueta, gi-bão e meia-calça eram integralmente em preto, dando-lhe um ar ameaçador.

— Eu sei que isto é um choque para si. — Tinha uma voz profunda, mas surpreendentemente gentil e culta. Mais parecida com a do seu pai do que com a do primo. — Mas não tem nada a temer. Posso dar-lhe um lar seguro e uma boa vida. Sou viúvo e tenho uma filha pequena, a Jane. Tem quase três anos e vive na minha casa em Norfolk. Depois de casarmos, levo-a para lá e espero que aprenda a gostar dela tanto quanto eu. Infelizmente, não posso lá passar tanto tempo quanto gostaria. Tenho negócios a tratar em Londres. Tenho um negócio bem-sucedido de importação de tecidos e especiarias do Extremo Oriente e tenho de passar tempo na corte.

As suas palavras passaram por ela sem que tivesse assimilado nada. Aquele estranho ia ser seu marido e ela não tinha uma palavra a dizer sobre o assunto. Ninguém se importava se queria ou não casar com ele. Eventualmente, deixou escapar a questão mais prevaiente na sua mente.

— Que idade tem, senhor?

Deu um risinho profundo, a partir da garganta.

— Tenho vinte e nove anos — respondeu. — Casei com a minha falecida esposa aos vinte e quatro anos. Ela morreu ao dar à luz. Agora, preciso de uma nova esposa para gerir a minha casa e para me dar filhos. Você é... — Ele fez uma pausa e passou os olhos pela sua figura leve no seu vestido cortado de um monótono algodão pesado castanho-escuro usado deliberadamente para a tornar quase invisível entre os visitantes finamente vestidos, amontoados desoladamente diante dele. — É mais jovem do que eu teria preferido, dado eu ter uma casa e bens que têm de ser geridos na minha ausência, mas suspeito que seja mais forte do que parece. E organizou esta casa para o seu pai, por isso vai sair-se muito bem. Amanhã visitarei o prior, solicitarei a leitura das proibições e estaremos casados dentro de

três semanas. Terei apenas tempo suficiente para a acompanhar a Milfleet antes de ter de regressar à corte. E agora, jantar. — Levantou-se e ofereceu-lhe o braço.

Eleanor abanou a cabeça.

— Não quero comer, obrigada, senhor. — Manteve um tom calmo, mas até ela conseguia ouvir a oscilação de angústia na voz. Levantando-se lentamente e mantendo as costas direitas, caminhou cuidadosa e serenamente até às escadas e ao santuário do seu quarto.

Capítulo Cinco

1538

Na escuridão do amanhecer, as brasas incandescentes da lareira lançam um brilho acobreado e polido à volta do quarto. Eleanor sabia que se chamasse Joan, adormecida no divã ao canto do quarto, voltaria imediatamente a acender a lareira, mas Eleanor não estava com frio. Na verdade, a raiva ardia no seu interior com o fulgor de qualquer fornalha. Indo até à janela, sentou-se no banco, afastando as cortinas pesadas. Encostou a testa ao vidro frio e viu uma coruja a voar silenciosa e baixa através do prado antes de desaparecer momentaneamente de vista para reaparecer depois empoleirada num dos muitos carvalhos espalhados pelo parque. Aquele era o seu mundo, o único lugar que alguma vez conhecera. E era o dia do seu casamento.

Sabia onde ficava Norfolk, a sua nova casa, não muito longe da sua Suffolk natal. Mas com as histórias assustadoras que o seu pai lhe contou sobre os pastos pantanosos varridos pelo vento e as pastagens selvagens, bem que podia ser do outro lado do país, pois no dia seguinte, quando deixasse Ixworth, não haveria regresso. Sir William não estava a impedi-la de levar Joan consigo, mas todos os outros na sua vida seriam deixados para trás: os servos e os pacatos monges com as suas vidas gentis, muitos dos quais ela considerava como queridos amigos. O seu pai tinha morrido e agora a sua vida ali tinha acabado.

Quando o amanhecer começou a branquear o céu, com o sol como uma bola vermelha dependurada baixa e firmemente a cintilar no horizonte, ela ainda estava sentada no banco da janela. Pela casa vieram os sons de fogos a serem acesos e da preparação para o banquete

de casamento mais tarde. Ela mal tinha visto o noivo desde a apresentação inicial. Ele tinha passado a maior parte do tempo a caçar com os outros convidados. Sem dúvida que todos estavam desejosos de escapar à casa e aos gritos furiosos do pequeno Robert, que tinha chegado dez dias antes e tinha dado a conhecer a sua presença, dia e noite. Não havia lugar no salão para escapar aos constantes gritos de raiva do bebé. Sir William limitava-se a rir e depois desaparecia o dia inteiro no seu cavalo. Não admirava que a sua esposa tivesse um ar carrancudo permanente. Provavelmente também tinha dor de cabeça. Ao menos quando ele e Margaret estavam na corte, ela conseguia fugir do barulho. Ali em Ixworth era muito mais difícil.

Joan apareceu silenciosamente à sua porta com uma taça com água fumegante e pétalas de rosa a flutuar, e depois de Eleanor se ter acabado de lavar, ajudou-a a vestir-se antes de ambas se esgueirarem até ao priorado para as preces da manhã. No seu coração, Eleanor sabia que seria daquilo que sentiria mais falta.

Ajoelhada no chão frio de pedra, de olhos fechados, estava consciente da respiração constante de Joan ao seu lado à medida que as orações familiares em latim passavam por ela, de respostas automaticamente murmuradas, os dedos a passar pelas contas do terço enquanto permitia que a mente vagueasse. Estaria Joan tão preocupada quanto ela com o tumulto das suas vidas? O seu primo tinha prontamente concordado quando Eleanor insistiu que a dama de companhia fosse com ela. Mas para Joan aquilo não era novidade. Tinha vindo da sua própria família, de parentes distantes da mãe de Eleanor, para ser sua confidente, pois foi considerado que Eleanor precisava de uma companhia feminina gentil. Embora Joan fosse a mais calma das duas, Eleanor sabia que a sua amiga tinha uma força interior que raramente revelava, o que as ajudaria a ambas na nova vida que estavam prestes a começar.

Mas Ixworth não era a casa de Joan e ela não estava prestes a tornar-se esposa de alguém, com tudo o que isso implicaria. Eleanor engoliu com força em seco. Sabia o que era esperado no leito matrimonial e Greville não era um rapaz da sua idade. Teria expectativas, não

tinha dúvidas quanto a isso. Portanto, não, respondendo à sua própria pergunta, Joan tinha muito pouco com que se preocupar.

As vozes dos monges ergueram-se na parte final do hino *Te Deum* subindo até ao teto abobadado enquanto o cheiro pesado e enjoativo do incenso vagueava pela nave e a missa terminava. Estaria de volta dali a seis horas e já tinha sido informada de que partiriam para Norfolk na manhã seguinte bem cedo. Era aquela a última vez que estaria sozinha para se despedir.

— Vá indo. Estarei de volta em breve — disse-lhe.

Joan pareceu insegura. Será que pensava que Eleanor ia fugir? Se houvesse outro lugar para onde ir, já teria fugido.

— Quero fazer agora as minhas despedidas — acrescentou.

O rosto de Joan serenou e sorriu suavemente, acenando com a cabeça. Deu um ligeiro aperto no braço de Eleanor.

— Precisamos de acabar de empacotar os seus últimos pertences — lembrou-lhe.

— Não me esqueci. Estarei de volta a tempo. Vai ser um longo dia.

Joan desapareceu pela porta da capela, deixando Eleanor sentada ao fundo em silêncio à meia-luz da manhã sombria. Por essa altura, os padres tinham todos dispersado para as suas tarefas restando apenas dois que apagavam as velas e limpavam os sacramentos. Os seus movimentos eram fluidos como se estivessem contidos numa antiga dança religiosa, com os seus hábitos ásperos de lã a suspirarem contra o chão como único som. Finalmente também eles partiram e ela ficou sozinha, com a solidão e o silêncio que a envolveram num manto reconfortante e familiar. Mas teve pouco tempo para parar e apreciar. O seu tempo tinha-se esgotado.

No exterior, após uma breve visita à campa dos pais — não houve ali despedidas; sentia a falta deles, mas tinha aceitado que tinham desaparecido para sempre —, prosseguiu até chegar ao jardim físico do priorado. Cuidadosamente colocados em secções dispostas como raios de sol a partir de um canteiro central, cada canteiro continha ervas para curar doenças para uma parte diferente do corpo. Atrás dela,

num canteiro separado, estavam as plantas necessárias para criar pigmentos para as tintas coloridas que os monges utilizavam. Como se estivesse à sua espera, o prior já lá estava, a puxar suavemente a parte de cima dos novos rebentos num arbusto de matricária. Endireitou-se, sorriu quando a viu e caminharam juntos até um banco de madeira encostado ao muro de pedra do jardim. Era o banco onde o seu pai costumava descansar enquanto a observava a ajudar os monges no jardim. Ou nos muitos dias em que ela estava lá dentro com os escribas a observar e a copiar os seus textos cuidadosamente intrincados com iluminuras.

O par sentou-se em silêncio acompanhado por alguns minutos até ele finalmente perguntar:

— Está pronta para o seu casamento e para a parte seguinte da sua jornada?

Eleanor encolheu os ombros.

— Suponho que sim. Sentirei muita a falta de estar aqui, mas nada permanece igual para sempre, pois não? — Conseguiu fazer um pequeno sorriso como se estivesse a tentar tranquilizá-lo e não a si própria, e a sua velha mão, com as veias salientes e a pele fina como papel, deu uma palmadinha na dela.

— Diz palavras sábias. Mesmo aqui, na nossa piedosa solidão onde nada mudou durante séculos, os sinos da mudança podem em breve estar a tocar às nossas portas — respondeu ele. Ela sabia que ele estava a falar dos comissários do rei que andavam a fechar mosteiros. Ninguém sabia onde poderiam aparecer a seguir. Um ar de apreensão e pavor constantes pairava sobre eles, agarrando-se silenciosamente ao tecido das suas vidas. — Agora — continuou ele, mudando de assunto —, tenho um presente para vós. Não um presente de casamento, mas algo especialmente para si. Venha comigo. — Levantando-se de forma vacilante, indicou o caminho até a um abrigo de madeira encostado ao muro oposto que continha as ferramentas de jardinagem dos monges. Chegando ao interior, retirou um cofre de madeira esculpida e colocou-o nas mãos dela. Era pesado e Eleanor pousou-o no chão para poder abri-lo e espreitar lá para dentro. Pare-

cia estar cheio de pequenas cebolas com casca. Ela olhou para ele de forma inquiridora.

— Bolbos de açafrão — disse-lhe —, para que possa cultivar o seu próprio açafrão na sua nova casa. Viu como o cultivamos aqui na nossa horta, ajudou muitas vezes na colheita e secagem e aprecia o valor que o açafrão tem, tanto em termos monetários como na sua utilização. Este é o seu dote do priorado. — Olhou para ela e sorriu com gentileza. O sorriso de um pai para uma filha que nunca teve.

— Obrigada, é muito amável da sua parte. São preciosos para mim. — Fechando a tampa, deixou a caixa aos pés, baixando um joelho e beijando-lhe o anel na mão. — Ficaré para sempre nos meus pensamentos — prometeu-lhe antes de recolher o presente e abandonar o jardim. Determinada a não olhar para trás, a sua visão foi dificultada pelas lágrimas nos olhos.

O resto da manhã passou com rapidez. Os cheiros e ruídos das cozinhas confirmavam o grande entusiasmo dos servos por finalmente terem uma ocasião feliz para preparar, após a tristeza dos meses anteriores. O casamento era motivo de celebração para eles, mesmo que não para Eleanor, e estavam determinados a dar-lhe um banquete nupcial impressionante. Tinham passado dias a cozinhar cisne, gansinho e javali, com as prateleiras frescas da despensa cheias de conservas de fruta, biscoitos, tartes e pudins, juntamente com um bolo magnífico.

No seu quarto, com a última arca aberta para embalar as peças finais, Eleanor estava sentada em silêncio enquanto Joan lhe decorava o cabelo. Para quando fosse descoberto, com flores e pérolas tecidas em tranças apertadas e desconfortáveis contra a sua cabeça. Finalmente, o fino véu rendado que tinha sido usado pela mãe foi-lhe colocado na cabeça. Ela já estava a sofrer, nos seus pensamentos e no seu coração. Usou o seu melhor vestido, de uma lã azul-clara e a cobertura perfeita para o resplendor do seu cabelo que brilhava como se estivesse aceso. Os olhos continuavam a desviar-se em direção à cama atrás de si, onde as cortinas puxadas para trás exibiam a colcha bordada que a sua mãe tinha cosido durante os primeiros anos de ca-

samento, antes da chegada de Eleanor. O seu pai tinha-lhe assegurado muitas vezes que a mãe tinha ficado encantada por ir ter um bebé.

Apenas alguns dias antes, Lady Margaret tinha entrado no seu quarto sem ser convidada e inspecionou o mobiliário e a disposição, explicando que usaria o quarto depois de Eleanor se ir embora. Tinha desdenhado ligeiramente ao dedilhar as colchas e Eleanor tinha decidido imediatamente que para além de tudo o que estivesse embalado na sua bagagem, a colcha ia com ela. O quarto já não se parecia com o seu e nessa noite o seu marido iria juntar-se a ela naquela cama. Estremeceu e Joan manifestou-se quando um alfinete de cabelo caiu no chão.

— Fique quieta — repreendeu ela.

Eventualmente, não podia adiar mais o inevitável. Lá em baixo, o ruído anterior e a agitação estridente tinham diminuído, tendo as pessoas da casa já saído para se alinharem no percurso até à capela. A casa estava silenciosa e Eleanor conseguia ouvir cada respiração trémula que inspirava enquanto o coração lhe batia com força no peito, com um ligeiro brilho de suor a aparecer-lhe na testa que lhe colava o véu à cara.

Se tinha estado a rezar por intervenção divina, agora era o momento em que reconhecia que Deus a tinha desiludido. Mesmo muito. O Prior Gregory tinha-lhe dito muitas vezes que algumas coisas, tais como a morte do pai, faziam parte do grande plano do Senhor, mas era difícil compreender como é que o Senhor pensava que aquilo iria melhorar-lhe a vida.

— Não fique tão desanimada — tranquilizou-a Joan enquanto lhe entregava um pequeno ramalhete de lavanda que Eleanor enfiou na saia por baixo do vestido. — Muitas raparigas ficariam encantadas por ter um marido bonito e um novo lar à espera.

Eleanor olhou atentamente para a amiga, compreendendo de repente que, aos olhos de Joan, ela tinha mais do que merecia, embora até mesmo essa noção não lhe conseguisse levantar o negro estado de espírito.

Joan caminhou à frente, segurando um ramo de rosmaninho, e Eleanor seguiu-a lentamente de pernas trémulas, mas com os ombros para trás e a cabeça bem erguida à medida que se aproximavam da igreja. Todas as pessoas da casa estavam agrupadas no exterior à espera, incluindo os servos que ela tinha conhecido toda a vida, os convidados do primo e, claro, William e Margaret. Como se a presença deles garantisse que ela prosseguiria com o casamento. O que faria. Era demasiado cobarde para fugir ou ir para um convento. Parado ao pé da pesada porta de madeira estava o prior, juntamente com Greville vestido no seu negro habitual, mas desta vez com lampejos de escarlate vivo profundo e rico em inserções nas mangas da jaqueta. Os seus olhos escuros encontraram os dela e sorriu encorajadoramente. Eleanor, ainda a tremer, baixou os olhos e olhou fixamente para as suas botas brilhantes de couro, tão grandes comparadas com os seus pequenos pés escorregadios.

As palavras da cerimónia passaram pela sua cabeça baixa e em minutos tudo acabou. Foi-lhe enfiado no dedo um anel de ouro pesado, cravejado de esmeraldas e rubis, e saíram juntos para dentro da igreja para assistir à missa de casamento. Greville ofereceu-lhe o braço e embora quisesse evitá-lo, Eleanor apoiou-se nele até conseguir prosternar-se de joelhos trémulos. Já não podia ocupar o banco da frente, o espaço de família agora ocupado pelo primo enquanto ela e Greville se ajoelhavam diante do altar.

Pela primeira vez, a familiaridade da missa não a reconfortou e passou pelos movimentos em aturdimento. Era aquilo. Estava casada com um homem que lhe era estranho e no dia seguinte estaria a deixar a única casa que alguma vez conhecera. E aquela era a sua noite de núpcias. As suas entranhas contraíram-se dolorosamente.

De repente, a missa acabou e estavam de volta ao exterior, seguidos pelo resto do grupo que estava de bom humor enquanto regressavam à casa na tarde fresca à medida que o crepúsculo se instalava. No interior, eram trazidas travessa após travessa de carnes assadas, legumes e doces para os convidados. O ar enchia-se de vozes altas à medida que a cerveja e o vinho fluíam livremente. Eleanor teria ficado surpreendida com a generosidade do primo ao proporcionar

tal banquete, mas o cozinheiro já lhe tinha dito que Greville tinha pagado por tudo. Brincava com um pedaço de *manchet*, o melhor pão branco que o cozinheiro poderia fazer, desfazendo-o em migalhas. A mão parecia-lhe estranha e desconfortável com o peso da aliança de ouro agora enfiada no seu terceiro dedo. Greville continuou a colocar lascas finas de carne no seu prato, mas ela fazia-as deslizar para fora e para o chão para onde os cães estavam, debaixo da mesa, facilitando-lhes o trabalho.

Por fim, foi trazido um grande bolo feito de maçapão cravejado de confeitos coloridos que Eleanor tinha ajudado a fazer, e as celebrações dissolveram-se em festejos bêbados e indisciplinados. Alguém tocava um alaúde e o barulho aumentava à medida que mais vinho era consumido. Por fim, chegou o momento que temia, quando os foliões começaram a insistir que os noivos fossem levados para a cama nupcial. Bem-disposto, Greville levantou-se e estendeu a mão a Eleanor, quase a levantando da cadeira. Como se conseguisse sentir a relutância que emanava dela em ondas, deu-lhe um suave aperto de mão para a tranquilizar.

Levou-a para cima e o resto dos convidados seguiu-os, empurrando-os para a frente e gritando sugestões grosseiras, ao que, notou ela, o marido franzia o sobrolho em vez de se juntar. O grupo precipitou-se para o quarto ainda a cantar alto, mas para surpresa deles, Greville levantou as mãos para acalmá-los — Eleanor pôde ver que a sua altura e ombros largos tinham decididamente vantagens — e anunciou que todos poderiam continuar a celebrar lá em baixo porque ele não precisava de mais nenhuma assistência nos aposentos.

A resposta não foi educada enquanto ele apressava, e nalguns casos manobrava, os convidados desiludidos para fora do quarto até finalmente só restarem os dois. Atirou outro tronco para o fogo já a arder, causando faíscas que salpicaram pela chaminé acima com as chamas a elevarem-se, iluminando-lhe um dos lados do rosto. Naquele breve momento, pareceu o próprio Belzebu e Eleanor resistiu à tentação de fazer o sinal da cruz. Andando pelo quarto, acendeu as velas nas suas arandelas, enquanto Eleanor ficou imóvel a observar cada movimento, como um coelho que tinha subitamente avistado uma

raposa. Joan tinha saído com todos os outros e perguntava-se como é que se ia despir sozinha.

Em silêncio, começou a desatar as mangas. Sentiu, em vez de ver, Greville a mover-se para trás dela e parou, sustendo a respiração antes de se encolher quando os dedos dele se enlaçaram no seu cabelo, removendo gentilmente os alfinetes que o tinham mantido firmemente entrançado ao seu couro cabeludo durante todo o dia. As flores, agora murchas e moles, espalharam-se pelo chão. Com dois hábeis puxões dos cordões nas suas costas, o seu vestido ficou suficientemente solto para sair e Greville colocou-o sobre o baú aberto ainda à espera das últimas peças a serem embaladas. Eleanor tirou a saia e ficou parada a tremer na sua camisa de linho, apesar do fogo abrasador, observando-lhe cada movimento.

O seu novo marido tirou as botas e as meias-calças, com as suas pernas magras a parecerem compridas e pálidas à luz do fogo. Atirou o gibão descuidadamente para cima do vestido dela e em segundos também ele ficou só de túnica, que lhe desceu misericordiosamente até aos joelhos. Eleanor evitou-lhe o olhar, só por precaução. Levantando as colchas da cama para trás, ele fez-lhe um sorriso encorajador antes de indicar que ela devia entrar na cama. Ela apressou-se a ir para o outro lado e enfiou-se entre os lençóis de linho frescos, puxando-os até ao pescoço, e deitou-se de olhos fechados, esperando o mergulho do colchão enquanto ele subia para o seu lado. Não aconteceu. Em vez disso, sentiu o peso das mantas nas pernas a deslocar-se, e espreitando por debaixo das pálpebras, viu Greville a debater-se com a sua colcha enquanto a puxava da cama. O que é que ele estava a fazer?

Observou por entre os olhos semicerrados enquanto continuava a lutar com a colcha até estar caída no chão.

— Sei que está a observar-me — comentou ele e ela abriu completamente os olhos de forma relutante.

— O que é que está a fazer? — perguntou ela, por fim, enquanto ele se embrulhava na manta. Não antes de ela lhe ter visto as coxas musculadas a desaparecerem por debaixo. Desviou rapidamente o

olhar. Ele instalou-se no cadeirão ao lado da lareira, de rosto brilhante à luz do fogo. Os seus olhos escuros cruzaram-se com os dela.

— Durma — disse-lhe. — Temos uma viagem muito comprida ao longo dos próximos dias. Quero fazer o menor número possível de paragens no caminho para casa. — E nisto, apagou a última vela, deixando apenas a luz fraca das poucas brasas na lareira.

Eleanor rolou para ficar de costas e olhou para o dossel acima dela. Sabia o que era esperado dela na noite de núpcias e decididamente não era estar ali deitada sozinha na sua cama. Pigarreou.

— Porque é que vai dormir no cadeirão?

— Acabei de lhe dizer. Temos um longo dia amanhã e partiremos ao amanhecer. Tem os seus pertences todos embalados?

— Sim — confirmou ela —, para além da manta onde está embrulhado. A minha mãe bordou-a para mim antes de eu nascer, e não a vou deixar para Lady Margaret. Aparentemente, vai usar este quarto quando eu me for embora. — Mas ele ainda não tinha respondido à sua pergunta. — Mas não é suposto dormir na cama comigo agora que somos casados?

Ela ouviu-o a rir.

— Já é tarde e ambos tivemos um longo dia. Temos o resto das nossas vidas pela frente. Uma noite... — ele calou-se por um momento — a quantidade de noites que sejam precisas não farão diferença. Agora, faça o que lhe é dito. Durma. — Estupefacta, Eleanor rolou de lado levando os joelhos ao peito e abraçando-os contra si enquanto ficava deitada no escuro, de olhos bem abertos. Não esperava aquilo na sua noite de núpcias. Tinha andado o dia todo preocupada com o que iria acontecer no quarto e agora nada. Não podia deixar de sentir uma sensação de alívio e surpresa por estar deitada sozinha na cama. Mas era, recordou-se, uma mera suspensão da execução. Do outro lado do quarto veio uma respiração lenta e constante. Não tinha demorado muito a adormecer e ela também precisava de dormir, mas as celebrações do dia, se é que se podiam chamar assim, pairavam-lhe às voltas na cabeça. Não se sentia remotamente cansada e amanhã começaria a viagem até à sua nova vida em Norfolk.

Capítulo Seis

1538

Eleanor deve ter finalmente adormecido e, antes de dar por isso, Greville abanava-lhe o ombro, exortando-a a acordar. Havia um tronco novo na lareira a estalar e a crepitar, embora o quarto ainda estivesse escuro. Ele já estava vestido e tinha colocado a sua manta dobrada em cima do baú.

— Temos de ir embora — disse-lhe. — Vou chamar a Joan. Quer comer alguma coisa antes de irmos? — Eleanor abanou a cabeça e observou-o a sair do quarto, deixando a porta entreaberta. Ouviu vozes sussurradas lá fora e depois Joan entrou, acendendo as velas à volta do quarto até ficar inundado por uma luz suave. Vestia a sua roupa de viagem e Eleanor perguntou-se se tinha dormido nela, dado que não parecia preocupada com a precoce alvorada.

Em pouco tempo, Eleanor também estava vestida com a sua roupa mais quente e robusta para a viagem que tinha pela frente. Empacotaram as últimas peças dos seus pertences, tendo o resto das suas roupas já sido enviado com antecedência na semana anterior. Lá em baixo, os servos fizeram uma pausa nas suas tarefas para se despedirem das duas mulheres. Alguns deles conheciam Eleanor desde que nasceu e havia imensas lágrimas. Tanto por ela como pela pacata e devota Joan. Não havia sinais de William ou Margaret, e os próprios olhos de Eleanor encheram-se de lágrimas quando deu um último olhar em redor do salão nobre, ainda envolto nas suas sombras noturnas. Imaginou ter visto o fantasma do pai sentado no seu cadeirão a sorrir e a acenar-lhe encorajadoramente, como se lhe desse

permissão para iniciar este novo capítulo da sua vida. Estava a virar uma página, um novo começo.

— Adeus, papá — sussurrou, enquanto ouvia o som de botas pesadas a aproximarem-se. O marido pegou-lhe nos ombros e virou-a, envolvendo-a nos seus braços fortes, abraçando-a por um instante. O seu rosto foi pressionado contra a lã áspera do seu manto. Tinha andado dentro e fora enquanto os cavalos estavam a ser preparados e havia uma camada de fino orvalho matinal em cima dele, fazendo-lhe o cabelo curto encaracolar-se em tentáculos contra o pescoço, com a roupa e pele húmida. Eleanor afastou-se.

— Venha, vista o seu manto — disse-lhe, balançando-o nas costas dela e prendendo-o à frente — e vamos embora. Temos um dia difícil pela frente. Hoje não é um dia para finais e despedidas, mas sim um tempo para novos começos. Venha. — Pegando-lhe na pequena mão com a sua muito maior, levou-a para o exterior onde dois cavalos esperavam, batendo os cascos impacientemente. Ela esperava a sua própria montada e procurou-a em redor.

— Onde é que está o meu pónei? — perguntou. — Não o vou deixar aqui.

— Não se preocupe, já foi à frente. Partiu ontem — tranquilizou-a ele —, mas precisa de algo maior e mais resistente para a longa viagem, por isso mandei trazer um dos meus cavalos de Milfleet. — A besta que ele indicou tinha bom ar, com linhas fortes e um corpo largo e robusto. Tinha um focinho suave e fungava calmamente, com pequenas nuvens brancas a soprar das narinas enquanto ela lhe dava palmadinhas no nariz macio. Também era enorme, pelo menos o dobro do tamanho do seu pónei. A pedido de Greville, ela colocou a canela nas suas mãos em concha e levantou-a para cima do flanco largo do cavalo como se ela não pesasse absolutamente nada. Da sua perspetiva, o chão parecia estar a uma longa distância e desejou estar empoleirada na ponta da carroça com Joan.

O amanhecer instalava-se lentamente sobre o horizonte, com feixes suaves de luz a começarem a acenar-lhes para avançarem. Atrás dela, a casa e a abadia além dela erguiam-se numa silhueta escura

contra a linha do horizonte e, de coração pesado, Eleanor picou o cavalo para avançar. Greville seguiu atrás dela enquanto cavalgavam para fora do pátio e ela decidiu não olhar para trás.

A viagem de quatro dias até Milfleet foi tão árdua e horrível como Eleanor suspeitava que seria. Dificilmente poderia culpar Greville por a ter enganado, uma vez que ele lhe tinha dado um justo aviso, mas mesmo assim o seu estado de ânimo piorava a cada quilómetro que passavam. A paisagem mal se alterava, uma vastidão plana de terreno húmido e pantanoso que se estendia até onde a vista alcançava, ocasionalmente cortada por algumas casas ou casebres grosseiros em terrenos mais altos. No início, Greville tinha proferido comentários recorrentes, mas à medida que o rosto de Eleanor se ensombrava, acabou por desistir, cavalgando ao seu lado em silêncio.

Quando finalmente chegaram, já passava da meia-noite. Por duas vezes a montada de Eleanor tinha tropeçado no escuro, e numa delas quase escorregou do cavalo enquanto lutava contra o sono. O seu estado de espírito não tinha melhorado. A lua cheia tinha-os ajudado a manterem-se no estreito caminho poeirento e agora brilhava em cima do casarão parecido com um castelo, por detrás do qual jaziam lagoas de água parada a brilhar ao luar como se fossem de vidro. Lá em cima, ouviu-se o som de correntes e de homens a gritar enquanto os enormes portões de madeira se baixavam para permitir ao grupo o acesso ao pátio adiante. Parecia estar cheio de pessoas à espera deles.

Agradecida, Eleanor deslizou do cavalo para o chão, parando momentaneamente enquanto sentia as grandes mãos de Greville à volta da cintura a segurarem-na. Após tantas horas na sela, tinha as pernas dormentes e geladas, e sem ele ali, tinha a certeza de que teria tropeçado. Manteve o olhar firme, vendo os seus profundos olhos castanhos rodeados de pestanas grossas nas quais não tinha antes reparado e tentou não mostrar o medo que lhe corria pelas veias.

Quando ele lhe ofereceu o braço, tomou-o sem dizer uma palavra e ele encaminhou-a para o salão nobre.

O interior estava iluminado por velas ardentes, acesas em cada canto e alcova, e o que parecia ser uma dúzia ou mais de cães a rondarem as pernas de todos. Pareciam encantados por ver o amo, empurrando-se uns aos outros enquanto espetavam a cabeça contra Greville, fazendo-o rir alto enquanto os guiava para fora do caminho.

O salão nobre era diferente de tudo o que a Eleanor alguma vez tinha visto ou imaginado. O espaço enorme eclipsava de longe o de Ixworth. O teto elevava-se até decorações elaboradas e vigas esculpidas, não as rústicas com as quais estava familiarizada, e até as arandelas nas paredes eram ornamentadas. As paredes estavam cobertas de tapeçarias espessas e profundas com representações de cenas de caça e deuses romanos em batalha. Numa extremidade da sala havia uma mesa comprida de cavalete, sem toalha, ao longo da qual brilhavam castiçais de estanho. Tudo parecia tão enorme em comparação com tudo aquilo a que estava habituada e Eleanor sentiu-se pequena e insignificante. Perguntava-se como iria alguma vez viver naquela catedral de casa. Era completamente exagerada. Começou a perceber que as suas ideias preconcebidas em relação à casa de Greville, à sua riqueza e estatura, e Norfolk em geral poderiam estar incorretas. Apesar das belas roupas e cavalos de Greville, tinha-se convencido de que a sua casa seria sombria e austera, com poucos adereços de luxo, espelhando a paisagem na qual ele vivia.

Alguém lhe ofereceu uma caneca de cerveja, que bebeu com rapidez sem se aperceber da sede que tinha. Joan apareceu ao lado do seu cotovelo e ajudou-a a tirar o manto de viagem. Sem ele, sentiu-se exposta e a tremer, apesar do enorme fogo que rugia na lareira larga que ocupava quase metade de uma parede. Enrolou os braços em seu redor.

— Tem frio? — perguntou Greville, orientando-a para a lareira. — Fique aqui onde está mais quente. Está com fome?

Ela abanou a cabeça.

— Deixe-me então mostrar-lhe o seu quarto. Pode conhecer todos amanhã, quando não estiver tão cansada. — Colocando o braço à volta do seu corpo para a guiar através da multidão de pessoas — todos os que viviam na propriedade pareciam ter aparecido para conhecer a sua nova noiva, apesar da hora tardia —, Eleanor viu-se a subir um lanço de escadas de madeira polida escura, com os florões e corrimões intrincadamente esculpidos em folhas de carvalho e frutos de outono, todos a brilhar como castanhas acabadas de descascar. Reparou em Joan a segui-los, juntamente com um grande cão de caça peludo que lhe pareceu bastante apegado a ela, apesar das suas tentativas frenéticas de o mandar embora. Greville apenas se riu, aparentemente imperturbável por a besta estar lá em cima.

Abrindo uma porta, conduziu os dois para um quarto muito maior do que aquele que Eleanor ocupava em Ixworth.

Ali havia outra lareira em chamas e Greville acendeu rapidamente as velas. Numa parede estavam tapeçarias grossas dependuradas, na outra três painéis com revestimento de linho que brilhavam à luz do fogo. Num canto, ele puxou uma cortina pesada para o lado e indicou uma grande antecâmara que continha uma cama embutida na parede.

— Há aqui uma cama para a Joan — apontou ele, antes de indicar o canto oposto — e através daquela porta fica o meu quarto.

Eleanor nem conseguia perceber onde é que os painéis terminavam e a porta começava, mas a sua surpresa por ele ter um quarto separado ficou-lhe estampada no rosto. Tinha previsto que, apesar da longa viagem, ele estaria à espera de partilhar a cama dela naquela noite. Aparentemente, estava errada.

— Antes de a deixar, tenho um presente de casamento para si.

Atravessou a porta divisória para o seu próprio quarto e reapareceu segundos depois com algo pequeno, que colocou nas mãos de Eleanor. Era liso e tinha um ligeiro odor a pele tratada. O cheiro acentuado lembrava-lhe de estar sentada com os escribas na abadia, enquanto passavam horas laboriosas a escrever textos e a iluminá-los com tintas de cores brilhantes e folha de ouro. Ela sentava-se e praticava

muitas vezes ao lado deles com penas descartadas e restos de pergaminho ou papel velino que já não era necessário. Nunca teria a mão firme ou o olho para os detalhes que eles faziam, mas era capaz de completar ilustrações razoáveis, se bem que bastante ingênuas. Era uma forma agradável de passar os longos dias de inverno, quando o mau tempo podia mantê-los confinados durante semanas a fio. E tinha adquirido muito conhecimento enquanto conversava com eles, aprendendo com as suas experiências no boticário e na enfermaria. A sua caligrafia, com toda a prática que tinha, era pequena e elegante. Uma habilidade que sem dúvida seria útil quando estivesse a ajudar Greville.

Virou o objeto, examinando-o cuidadosamente. Um livro pequeno e pesado que era pouco maior do que o tamanho da sua mão. A capa de couro tinha sido ornamentada com padrões elaborados e espirais que se pareciam com fetos novos, enrolados à volta de um brasão decorado com cores brilhantes. Abriu-o devagar e olhou para as palavras inscritas em latim no interior.

— É um livro de orações? — perguntou ela, encantada. — É lindo, obrigada.

— É. — Ele acenou com a cabeça. — Um livro de horas. Veja aqui, tem as estações da cruz. — Mostrou-lhe as imagens ricamente ilustradas da viagem da Sexta-feira Santa e das orações que a acompanhavam. — E aqui... — virou algumas páginas — tem os dias santos e as festividades. Era da minha mãe, oferecido pelo meu pai no dia do casamento. Há páginas em branco ao longo do livro. Ele mandou acrescentá-las para que ela escrevesse o que quisesse, os seus pensamentos ou orações. Mas ela não as utilizou, por isso o livro continua à espera de que alguém o use devidamente. Espero que satisfaça os desejos do meu pai.

Eleanor sorriu. Estava certa de que não teria problemas em fazer isso.

— Este é o seu brasão? — perguntou ela ao tocar no desenho em relevo da capa.

— Sim — confirmou ele —, e agora também é seu. Dado ao meu avô, juntamente com esta casa, como agradecimento pela sua lealdade a Edward IV. Veja aqui, tem juncos para simbolizar os pântanos onde vivemos e também aqui, uma garça. Este é o nosso lema de família. — Tomando a mão de Eleanor, passou-lhe os dedos sobre a inscrição em latim na parte inferior.

— *Dum Spiro Spero* — leu ela. — Enquanto há vida, há esperança.

— É isso mesmo — concordou ele. — Há momentos em todas as nossas vidas quando tudo parece sombrio ou mal — disse-lhe ele —, mas nunca devemos perder a esperança de que as coisas voltem a melhorar. — Olhou-a profundamente nos olhos como se estivesse a revistar-lhe a alma e a ler o que lá estava escrito. Talvez percebesse mais o sofrimento dela, como se sentia perdida e sozinha, do que ela pensava. Eleanor recompôs-se um pouco e arrancou os olhos dos dele.

— Obrigada, vou guardá-lo com cuidado — disse-lhe.

— Caso se esteja a perguntar, a mãe da Jane tinha o seu próprio livro de orações, que é a razão de, por acaso, eu ainda ter este livro. Acho que encontrará mais utilidade para ele. — A sua barba, sempre arranjada apesar dos longos dias de viagem, fez-lhe cócegas quando se curvou para a beijar na face, quente contra a sua pele fria, e depois foi-se embora.

Em redor dos cantos do quarto estavam empilhados os vários baús que as duas mulheres tinham passado os últimos dez dias a embalar, mas Eleanor estava demasiado cansada para encontrar uma camisa de dormir. Assim que Joan a ajudou a despir, enfiou-se debaixo dos cobertores da sua nova cama com a túnica e deitou-se, extenuada, enquanto Joan puxava os cortinados à sua volta. Não ouviu os sons da dama de companhia a afundar-se com gratidão no seu próprio colchão, enquanto caía num sono exausto e sem sonhos.

Capítulo Sete

2019

O telefone de Amber apitou com a chegada de uma mensagem. Baixando o olhar para o ecrã, suspirou, batendo repetidamente no botão de ligar com frustração até o ecrã finalmente escurecer. O que tinha começado como uma indagação ocasional sobre o seu bem-estar, começava agora a parecer ligeiramente prepotente e desconfortável. Sabia que Jonathan estava preocupado e precisava mesmo de falar com ele para lhe acalmar as preocupações. Até porque se não o fizesse, ele começaria a ligar para o telefone da casa para falar com o avô, e o desgraçado do velhote levava dez minutos só para sair da poltrona e cambalear até ao telefone.

Ele não a ia deixar em paz. Ela já lhe tinha explicado em numerosas ocasiões que não o tinha deixado ou abandonado o casamento, mas não podia estar em casa com ele no vicariato naquele momento. Tudo o que lá estava apenas lhe lembrava do que não estava. Ele tinha desimpedido o berçário e colocado tudo no sótão, a achar que iria ajudar, mas na realidade só tinha piorado as coisas. Como se Saf-ron nunca tivesse existido. Mas ela era uma pessoa real, a sua filha. Foi uma gravidez surpresa após uma tomada de antibióticos que fez com que a pílula não funcionasse. Amber tinha ficado horrorizada quando viu pela primeira vez as duas linhas azuis a aparecerem no teste. Jonathan, como sempre, tinha sido muito mais pragmático e, em poucos dias, tinha passado de prudente a extremamente entusiasmado. Tinha demorado vários meses até Amber aceitar o que estava a acontecer e ter começado a aguardar ansiosamente a nova adição à sua família e a partilhar da excitação crescente de Jonathan.

Agora, estava crucificada com a culpa da sua falta de felicidade inicial.

Amber sabia que se estivesse à janela do berçário agora vazio, tinha vista para a campá onde a sua bebé jazia. Jonathan achou que era um conforto estar tão perto. Visitava a campá todas as manhãs antes de abrir a igreja. Ela tinha-o visto da janela, os lábios a mexer enquanto falava com a filha. Ou talvez estivesse a rezar. Ela não podia perguntar porque não queria admitir que tinha estado a observá-lo. No início, tinha andado a pairar pela paróquia num nevoeiro, incapaz de se concentrar no que quer que fosse. Pegava em livros e voltava a pousá-los, por ler. Fazia chávenas de chá que não bebia. Até que, passados alguns meses, sabia que tinha de encontrar um sítio onde pudesse voltar a respirar. Um lugar familiar que a chamava.

Era apenas uma viagem de noventa minutos de carro de casa até ao avô. Inicialmente, tinha concordado em regressar a casa aos fins de semana, mas isso depressa chegou ao fim. Jonathan estava sempre a trabalhar aos domingos e geralmente a preparar-se para as missas no dia anterior, e era uma longa viagem de carro apenas para cozinhar um assado para o jantar e passarem pouco tempo juntos.

E agora que ele não era capaz de acompanhar pessoalmente o seu declínio físico e mental, tinha começado a enviar mensagens escritas várias vezes por semana. Ela tinha-o convencido de que era melhor se ela lhe telefonasse a uma hora conveniente para não incomodar o avô, mas as mensagens de texto estavam agora a aumentar. Só queria ter alguma paz para respirar e chorar a sua filha da maneira que se sentia capaz.

O avô estava a dar o seu passeio matinal, embora Amber tivesse descoberto que isso significava apenas caminhar da porta das traseiras até à estufa. Sentava-se ali todos os dias no seu banco de jardinagem, independentemente do estado do tempo, a olhar para a sua extensa horta que agora estava completamente infestada de ervas daninhas. As plantas problemáticas e indisciplinadas tinham crescido, desde que ela se lembrava, ao longo dos canteiros cuidadosamente regulados nos quais, ao longo dos anos, ele tinha cultivado vegetais suficientes para alimentar todo o exército britânico. Contra o tijolo cla-

ro do jardim murado, as figueiras espaldeiras ainda produziam baldes de fruta todos os anos, a maioria das quais caía ao chão, um banquete para os insetos antes das chuvas de outono os transformarem num melaço pegajoso de composto.

Mas já não era capaz de fazer o trabalho físico. Ela sabia que ele odiava a fraqueza com que tinha ficado após o derrame, e duvidava que alguma vez tivesse realmente aceitado a forma como as coisas eram agora. Ainda fazia planos de coisas para fazer quando voltasse a estar bem e ela não tinha coragem de lhe dizer que esse dia talvez nunca chegasse.

Aproveitando-se de ter a casa só para ela e sabendo que devia responder às mensagens de Jonathan, Amber voltou a ligar o telefone e andou pela casa em busca de um sítio com rede decente. Era decididamente melhor na parte da frente da casa, mas mesmo assim não era grande coisa. Uma vez tinha sugerido ao avô subir à torre para encontrar sinal decente de rede, mas ele tinha sido veemente na sua resposta, chocando-a. E agora, com o andaime em cima, estava estruturalmente inseguro e a porta das escadas permanecia trancada, como sempre. Nada o dissuadia da sua decisão. Admitiu que estava inacessível desde que se lembrava e que ninguém sabia onde estava a chave, mas ela tinha a certeza de que havia mais alguma coisa que ele não lhe estava a contar.

A biblioteca, contudo, era a divisão com cobertura de rede melhor. Não era um sítio que ela normalmente frequentasse, com as vidraças antigas de chumbo a deixarem entrar dezenas de minúsculas correntes de ar. Pequenos punhais afiados de gelo. Era esse o problema de um edifício classificado como o Saffron Hall: nada podia ser substituído, pelo que não havia hipótese de haver vidros duplos adequados e eficientes e a família tinha de viver com o frio consequente. Não admirava que no inverno o avô se sentasse na escuridão a maior parte do dia com as cortinas velhas e grossas corridas para manter o calor lá dentro.

O seu telefone finalmente apanhou um sinal fraco e vibrou. Olhando para o ecrã, descobriu não uma, mas quatro mensagens e uma chamada não atendida de Jonathan.

— Pelo amor de Deus — murmurou ela rolando pelas mensagens. Começavam a perguntar educadamente sobre a sua saúde e a perguntar se podiam conversar, mas à quarta dizia severamente: *LIGA-ME, AMBER. LIGA-ME, QUE RAIO!* Ele poderia hesitar em usar o nome do Senhor em vão, mas Jonathan não era esquisito na questão de praguejar, se achasse que a ocasião o merecia. Pressionando o seu nome no registo de chamadas recentes — de facto, o único nome no registo de chamadas — segurou o telefone contra o ouvido, ouvindo o barulho enquanto fazia a ligação, imaginando-o sentado no seu escritório a agarrar o telefone e quase a deixá-lo cair na sua pressa de o atender. Jonathan estava no primeiro patamar dos desajeitados.

— Olá, Amber? — Parecia estar sem fôlego.

— Sim, sou eu. É boa altura? — Pegou numa caneta abandonada no aparador ao seu lado e começou a clicar na tampa para cima e para baixo sem parar.

— Claro, sim. Estava só a cortar algumas das últimas dalias para dar às mulheres da rota de flores desta semana. Foram um pouco agitadas pelo vento, mas servem. As flores, digo, não as voluntárias. Desculpa, estou a divagar. Como estás? — A voz dele fugiu e ela sentiu-se compelida a preencher o silêncio que sabia que se instalaria entre eles até ela falar. Conseguia visualizá-lo, a olhar de um lado para o outro como se isso o ajudasse a encontrar palavras para dizer.

Tinham tido uma parceria tão boa desde a primeira vez que se encontraram quando ela estava a desbloquear a sua bicicleta no exterior das escavações em Cambridge e ele estava lá parado a desbloquear a dele. Tinha feito imediatamente um comentário favorável acerca das suas brilhantes botas *Doc Martens* amarelas, embora só muito mais tarde ela lhe tenha explicado a ligação entre o tom vibrante do seu calçado e o nome da sua casa ancestral. O avô tinha-lhas comprado pelo seu décimo oitavo aniversário e ela adorou-as. Não demorou muito tempo até se sentir acalorada ao ouvir a sua profunda voz melódica e tinha-o convidado para um concerto que alguns amigos iam dar no bar da faculdade nessa noite. Desde esse dia, nunca tinham ti-

do um momento em que não soubessem o que dizer um ao outro. Até àquele.

— Oh, bem, já sabes, o mesmo de sempre. Ainda a trabalhar arduamente nos livros do avô. — Prosseguiu explicando os recentes danos na torre. — Não tem havido muito tempo para fazer mais nada. Tenho saído para dar um passeio quando está sol, mas isso não acontece com muita frequência.

— Sim, o tempo tem estado muito parecido aqui. — Podiam ambos obter um certificado em conversa fiada.

— E tu? Alguma coisa excitante em Little Walpole?

— Bem, há algo que te quero dizer e é por isso que queria falar contigo, em vez de estar a mandar mensagens infernais. Isto é algo que precisa de ser dito em voz alta.

Por um segundo, o coração de Amber bateu-lhe loucamente no peito e o acentuado nervoso miudinho fez-lhe passar o calor pelo rosto, apesar da corrente de ar frio da janela. Jonathan raramente tinha algo importante para lhe dizer. Ter-se-ia fartado de esperar que ela voltasse ao seu antigo eu, a Amber que costumava ser? Ia pedir para acabar com o seu retiro, ou com ela e o casamento? Tinha sido sugestão dela tirar um tempo e ficar com o avô para desanuviar a cabeça. Ele não tinha gostado da ideia, mas quando o avô sugeriu que ela catalogasse a sua coleção de livros, Jonathan tinha vacilado e acabou por concordar que talvez isso ajudasse.

Percebeu que tinha perdido as primeiras palavras enquanto se tentava sintonizar novamente no que ele estava a dizer.

— ...Por isso, achei que não te importasses se avançássemos e a mandássemos erguer. O Tony veio ontem à tarde e eu ajudei-o a fazê-lo. Pareceu-me importante estar envolvido, pela Saffron. E parece-me correto. Acho que vais ficar contente com ela. O Yeats que escolheste é absolutamente perfeito.

Amber percebeu com um abanão que ele estava a falar da pedra tumular para a campa de Saffron. Sentiu que a tinham escolhido há tanto tempo que se esqueceu que ainda precisava de ser colocada no sítio. Os olhos arderam-lhe enquanto as lágrimas familiares lhe brota-

ram e rolaram pela cara abaixo. A vista da janela, a extensão dos campos planos por baixo do pesaroso céu molhado embaciado num quadro oscilante de cinzento e sépia como uma pintura impressionista.

— Não tinha percebido que já estaria pronta — admitiu ela a fungar alto — ou que o solo já tivesse assentado.

— Vens a casa para ver? Acho que vai ajudar. Sei que a mim me ajudou. É mais permanente e um símbolo apropriado de que ela esteve cá. É dizer ao mundo que tínhamos — temos — uma filha.

— Sim, claro, gostava disso — respondeu Amber. Quase conseguia ouvir o sorriso no rosto de Jonathan como se estivesse à espera de uma resposta diferente. Sugeriu um dia na semana seguinte em que ele não tinha trabalho para poderem também almoçar. Amber estremeceu. Achava que não ia conseguir enfrentar as horas de conversa fiada que ele esperava. Ela já não era a mesma pessoa. Tinha mudado para sempre. Se ao menos Jonathan conseguisse perceber isso. O avô estava habituado a uma vida calma e raramente se entregava a conversas sem rumo, por isso, desde que chegou, a sua capacidade de conduzir longas conversas sem sentido tinha diminuído para quase nenhuma. Antes de desligar, concordou relutantemente em encontrar-se com ele no vicariato ao final da manhã no dia que tinha sugerido.

A lápide de Saffron. Tudo parecia tão definitivo, como se todos os outros, Jonathan incluído, estivessem a seguir em frente. Só que ela não conseguia. Estava a descair no seu próprio purgatório pessoal. Uma pausa entre a sua vida e nenhuma vida, apenas a escuridão que habitava todos os dias. Ainda não tinham qualquer explicação oficial para o facto de o coração da sua preciosa filha ter parado de bater. Um dia estava tudo bem, ela estava uma semana atrasada em relação à data do parto, o bebé dava bons pontapés, e no dia seguinte nada. Tinham passado várias horas até ter percebido que não tinha sentido quaisquer movimentos. Se ao menos tivesse reparado mais cedo e tivesse ido para o hospital, então poderiam ter sido capazes de fazer alguma coisa. A culpa foi dela, tudo culpa dela.

A quietude que os rodeou quando o médico levantou o olhar do ecógrafo e lhes disse que não havia batimento cardíaco. Que o bebê deles estava morto. Um silêncio aberto a sugar o ar da sala deixando-os em vácuo enquanto processavam a informação. Depois houve uma precipitação nos seus ouvidos, um barulho estridente que percebeu estar a sair-lhe da boca, mas que ainda assim não sabia como silenciar. E esse som podia agora ser interior, mas ainda não conseguia fazê-lo parar.

Amber deixou-se descair contra a janela e fechou os olhos. Era culpa dela que, em vez de estar em licença de maternidade com a sua bela filha, estivesse em ano de sabática, numa licença misericordiosa enquanto tentava aprender a viver aquela nova vida. Aquela vida com um enorme buraco cavernoso por não ter insistido que os médicos lhe induzissem o parto assim que a sua data limite chegou. Enquanto Saffron ainda estava viva. Por aceitar as garantias médicas de que até dez dias de atraso era perfeitamente seguro. Mas sete dias depois tinham descoberto que não.

Passando os dedos pelo cabelo curto, agarrou-o nos punhos, puxando o cabelo esticado sem sentir a dor. Estava dormente, gelada. Não conseguia ver uma maneira de voltar a sentir-se normal. Ao esfregar as mãos com força nos olhos, espalhou a humidade e o sal pela cara e teve um arrepio. A sala parecia ainda mais fria do que antes. Quando se virou em direção à porta, parou. Houve uma mudança no ar. Uma sensação momentânea de que não estava sozinha na divisão, ainda que conseguisse ver claramente que estava. Era semelhante à forma como os braços às vezes lhe doíam por ter a certeza de poder sentir o peso de Saffron deitada neles, embora soubesse ser impossível. Estavam vazios.

Parecia tão real que alguém tivesse estado na sala com ela durante um breve instante. E havia só uma pitada de um cheiro estranho. A mel e a algo metálico. Estaria a começar a perder o juízo? Tinha feito alguma terapia depois de Saffron e foi-lhe dito que no luto tudo era possível. Era simplesmente o seu cérebro confuso a pregar-lhe partidas, não era?

Capítulo Oito

2019

— A que horas vais sair? — perguntou o avô.

— Por volta das dez horas, acho eu. O trânsito estará lento, se este tempo não melhorar.

— Não te preocupes com o jantar desta noite, se quiseres ficar em casa com o Jonathan. Há muita coisa no congelador para mim. — Tirou um pedaço de doce do frasco com a faca e ambos observaram a sua viagem instável até à torrada.

— Não, de certeza que volto. Só concordei almoçar porque a meio da tarde posso estar na viagem de regresso. O Jonathan sabe que eu não gosto de conduzir de noite. Vou trabalhar agora uma hora antes de partir. Assim não desperdicei o dia todo.

O avô levantou as sobancelhas.

— Tenho a certeza de que «desperdicei» não é a palavra certa.

— Bem, não, não quando vou visitar a Saffron. Mas não sei de mais nada. — Amber olhou para baixo para a chávena de chá à sua frente, com uma camada cintilante a começar a formar-se no topo. Tinha passado a maior parte da noite a tentar afastar os pensamentos sombrios que lhe povoavam a cabeça. Aquele era um dia que ela não podia evitar. A dada altura teria de ver a lápide de Saffron. Já estava a sofrer tanto que dificilmente a conseguiria fazer sentir-se pior. E depois, um almoço tenso com Jonathan. Apesar de o amar e de ter saudades dele, contrariamente ao esperado, não queria vê-lo. Para falar sobre tudo — com certeza que se esperava que ela discutisse o seu estado mental. Ou respondesse a perguntas difíceis sobre quanto

mais tempo ficaria com o avô, ou até onde tinha chegado no arquivo dos livros. Mesmo nas profundezas do seu desespero, sabia que não estava a ser justa com Jonathan, excluindo-o quando ele precisava dela, mas não conseguia encontrar uma forma de o deixar entrar.

Ao levantar-se, puxou automaticamente as calças para cima. Mesmo com uma elevada percentagem de elastano, as calças pretas elásticas ainda lhe estavam largas na cintura, e a camisola cinzenta que usava mostrava buracos profundos por debaixo dos colarinhos, pois quase lhe escorregava dos ombros. Tinha perdido mais peso do que se tinha apercebido.

Estava frio no escritório, mas decidiu não ligar o aquecimento, pois não valia a pena quando só estaria a trabalhar por pouco tempo. Ao ligar o portátil, pesquisou os livros ainda deixados na secretária à espera de serem catalogados. Havia várias primeiras edições que deviam mesmo estar na biblioteca, embora, felizmente, o facto de estarem guardadas em caixas de chá e de cartão não lhes tivesse feito muito mal.

No entanto, ignorando o que estava disposto à sua frente, sabia qual era o livro que não podia esperar mais um minuto para ser investigado. Aquele pelo qual se sentia atraída e no qual tinha estado a pensar durante as longas horas de insónia da noite, quando a escuridão a pressionava por dentro. Com cuidado, Amber tirou o precioso livro do cofre. Tinha feito algumas pesquisas iniciais que lhe tinham confirmado a suposição de se tratar de um livro de horas, um livro de orações pessoal medieval pertencente a uma senhora importante. Colocou-o no expositor de veludo para livros que tinha trazido consigo quando se mudou. Não tinha esperado que nada tão excitante assim fosse precisar da sua atenção especializada.

Depois de puxar as luvas, de um branco brilhante na sua frescura imaculada, voltou a desembrulhar o revestimento grosseiro, olhando desta vez com mais cuidado para o que pensava ter sido originalmente apenas um trapo. Embora os têxteis não fossem a sua especialidade, suspeitava fortemente que o tecido era de linho e que parecia bastante fino, de alta classe e não material áspero de trabalhador. Aquele era composto por um delicado bordado que parecia ter sido

outrora um trabalho em preto, o simples bordado geométrico em seda preta que era usado para decorar as pontas das camisas e aventais na época medieval, ao longo de uma margem. Numa época em que todos os tecidos eram caros, teriam ainda utilizado uma peça estragada com o que parecia ser uma mancha escura como invólucro. Perguntou-se porque é que uma cobertura danificada tinha acabado em torno de um livro tão precioso como aquele.

Passou a ponta dos dedos sobre a espessa capa de couro castanho-escuro, delicadamente ornamentada e gravada com um brasão de armas, embora estivesse agora brilhante e desgastada nalguns sítios. Parecia ter sido originalmente colorida, mas também isso quase se tinha desgastado, havendo apenas pequenos vestígios de amarelo e vermelho visíveis. Passando as mãos por cima dele, tateando suavemente com a ponta dos dedos como se lesse Braille, era quase impossível determinar o que tinha estado lá originalmente. Virou cuidadosamente a primeira página e os seus olhos caíram sobre a escrita que tinha observado no dia anterior. Mais uma vez, um arrepio de angústia correu-lhe pela espinha e fê-la estremecer. Tentou não olhar para a inscrição sobre Mary, mas abriu um novo documento no seu portátil e começou a tomar notas. Quando entregasse, por fim, o livro aos seus colegas do Museu Fitzwilliam, gostaria de também lhes dar um trabalho de pesquisa completo.

«Lista de nascimentos e mortes», anotou rapidamente, «mas uma — Thomas Lutton — não tem data de nascimento adequada, apenas um mês e ano ao lado da sua entrada».

Diante da lista de nomes, encontravam-se as linhas rabiscadas em latim. Eram quase impossíveis de decifrar. Tinha apanhado uma pequena quantidade delas dos projetos para os quais tinha sido designada no trabalho, mas só conseguia reconhecer as palavras e frases mais populares e frequentemente utilizadas. Tirando a sua lupa da gaveta da secretária, tentou ver se ajudaria tornar as palavras maiores. Franziu o sobrolho enquanto semicerrava os olhos. O que é que aquilo significava?

Um rápido olhar ao canto do ecrã do portátil confirmou o que suspeitava. Precisava de ir embora ou chegaria atrasada. As suas inves-

tigações teriam de esperar. Depois de voltar a embrulhar cuidadosamente o livro, colocou-o no cofre no canto da sala. Havia uma pequena agitação no fundo do seu estômago, a mais pequena asa de borboleta de interesse atizado. Após semanas e semanas a vaguear pela coleção do avô, talvez tivesse encontrado algo excepcionalmente especial.

Amber parou o carro em Swaffham. Conduzir à chuva tinha-lhe feito sentir os olhos a arder e o seu estado de espírito, que tinha melhorado um pouco depois do trabalho no livro de horas, estava agora tão húmido quanto o tempo na rua.

Pensava que conseguia fazer aquilo. Ver Jonathan, fazer conversa, evitar falar sobre os assuntos que ele claramente queria discutir, mas que nunca o fazia porque tinha demasiado medo de colocar o dedo na ferida. Para visitar a campa de Saffron e ver a nova lápide, um lembrete visível em perpetuidade de que ela não foi capaz de fazer a maioria das coisas básicas e manter o seu bebé a salvo dentro de si. Agora, tinha vontade de voltar para trás, voltar para a casa do avô e esconder-se. Mas não podia fugir para sempre. E tinha esperança de que fosse catártico colocar umas flores para Saffron.

Depois de sair do carro, saltou pela High Street abaixo tentando esquivar-se às poças e apressou-se a entrar na florista. Havia apenas uma florista na cidade, caso contrário teria ido a outro sítio. Ali era o sítio onde Jonathan a tinha levado para escolher flores para o funeral. Só voltar a entrar na loja, com o cheiro avassalador a flores e ramos, a vida nova, ameaçou empurrá-la até ao limite.

Felizmente, a jovem atrás do balcão era uma florista diferente, por isso não havia problema de ser lembrada e ter de manter uma conversa desconfortável. Em vez disso, depois de ter trocado umas palavras agradáveis sobre o mau tempo, Amber pôde pedir um buquê de gipsofila e sair com a compra, colocando suavemente as flores de pequenas e frágeis pétalas brancas no banco do carro ao seu lado. Era a flor que tinham escolhido para ser colocada no minúsculo caixão de

vime branco no funeral dela e Amber não conseguiu pensar em nenhuma outra para comprar.

Por fim, chegou ao estacionamento ao lado da igreja. As mãos tremiam-lhe quando limpou as palmas húmidas às calças. Sabia que devia ter estacionado o carro em casa — o vicariato ficava mesmo ao lado da igreja. Através das árvores conseguia ver os seus tijolos amarelos baços enroscados pela hera. Mas de momento não queria alertar Jonathan para a sua chegada.

Dantes, nessa outra vida anterior a Saffron, tinha adorado estar naquela casa. Era o seu esconderijo do mundo. Tinha tido muitas refeições animadas com os amigos que se prolongavam ao longo da noite. Os seus colegas académicos de Cambridge davam-se bem com os eclesiásticos de Jonathan, juntamente com os velhos amigos da escola e casais da aldeia, alguns com filhos pequenos ou à espera dos seus próprios bebés.

A chuva tinha finalmente parado, com o céu lentamente a abrir à medida que os pingos constantes das árvores lhe saltavam da cabeça e dos ombros enquanto caminhava lentamente em direção à igreja. Talvez devesse estar a fazer aquilo com Jonathan, mas queria paz e silêncio para estar sozinha com os seus pensamentos.

Seguiu o caminho à volta das traseiras e depois atravessou a relva recém-cortada, mas encharcada da chuva, com os restos das ervas a colarem-se aos sapatos. A zona para as campas das crianças ficava no canto mais afastado, instalada um pouco mais longe das restantes. Um pequeno aglomerado de tristeza. Algumas das sepulturas estavam decoradas com moinhos de vento de plástico, peluches ensoados e coelhos de cerâmica. Todos lidavam com a perda à sua própria maneira.

A lápide creme de Saffron, com as letras douradas a resplandecerem debaixo das gotas de chuva que a decoravam, brilhavam sob a fraca luz do sol empurrado pelas nuvens. Ajoelhando-se ao seu lado, Amber passou os dedos por cima das palavras gravadas.

*Saffron Morton, nascida adormecida a 18 de fevereiro de
2019*

*E as estrelas que trepam ao céu de orvalho,
Só vivem para iluminar os teus pés que passam*

Era tão permanente como ela tinha imaginado. E doía vê-la, tanto quanto ela sabia que iria doer. Colocou as flores que tinha trazido com gentileza sobre o pequeno montículo de relva em frente à lápide.

— Lamento muito — sussurrou. — Lamento que não estejas aqui connosco como tínhamos planeado. Sinto a tua falta todos os dias e sei que o teu papá também. — Falar com a filha foi mais fácil do que tinha imaginado e teve uma pequena visão de como Jonathan conseguia encontrar conforto ao visitar a sepultura e falar com Saffron todas as manhãs. Levantou-se e refez os seus passos em direção ao carro. Sabia o que precisava de fazer naquele momento, aquilo com que tinha concordado, mas não conseguia lidar com isso. Era demasiado difícil. Noutra altura, iria ver Jonathan noutra altura. Tinha a certeza de que ele compreenderia porque é que ela não conseguia fazer aquilo naquele momento.

Parado à janela do berçário vazio, Jonathan observava-a a ajoelhar-se à beira da campa antes de se levantar lentamente e de se afastar, de cabeça curvada. Minutos mais tarde, ouviu o seu carro a arrancar e afastar-se. Esfregou as mãos com força contra os olhos, a tentar impedir que as lágrimas quentes lhe caíssem pela cara abaixo.

Capítulo Nove

2019

No dia seguinte, Amber ficou surpreendida por não ter mensagens. Nenhuma chamada não atendida ou gravação de mensagem, nenhuma mensagem escrita. Nada. Será que se tinha enganado no dia? Não teria Jonathan estado à sua espera no dia anterior, quando ela tinha corrido de volta ao refúgio do avô e a Saffron Hall como se tivesse o diabo no seu encalço? Teria sorte se não apanhasse uma multa por excesso de velocidade.

Voltou a verificar a agenda. Tinha deciddidamente ido no dia certo, por isso, porque é que ele não tinha telefonado para descobrir a razão de ela não ter chegado para almoçar? Depois das suas várias mensagens anteriores, parecia-lhe estranho. E talvez tivesse ficado um pouco dececionada por não ter havido uma única mensagem a perguntar, admitiu. Até ela conseguia perceber que estava a ser do contra.

Felizmente que o avô não a tinha interrogado quando regressou, o seu hesitante «chegaste mais cedo do que estava à espera» foi recebido com um tenso «sim, cheguei» e isso foi o fim da conversa.

Amber decidiu pôr todos os pensamentos sobre Jonathan de lado, pelo menos durante algumas horas. Se não tivesse notícias dele até à hora do almoço, enviaria um pedido de desculpa e uma explicação. Antes de mais, estava deserta por começar algumas investigações aprofundadas sobre o pequeno livro de orações ancestral sem interrupções. O coração batia-lhe mais depressa de cada vez que pensava nisso, mas não quis iniciar o exame no dia anterior, depois de ter ficado perturbada e após a viagem para casa. Aquele objeto precioso exigia uma cabeça equilibrada. Calçou as luvas brancas.

No entanto, antes de ter hipótese de começar a abordar o latim, foi perturbada por uma batida forte na porta da frente, seguida do toque da campainha.

Praguejando entredentes — tinha a certeza de que o avô estava lá fora na estufa — tirou as luvas e marchou até ao *hall* de entrada, abrindo a porta.

— Oh. Estava à espera de que ligasses e não que conduzisses até aqui. — O seu choque ao encontrar Jonathan à porta fez com que ela disparasse um menos do que educado cumprimento.

— Se Maomé não vem à montanha... — Ele inclinou a cabeça para um lado e fez-lhe um breve sorriso apologético, com os olhos a enrugarem-se da forma que sempre lhe tinha provocado borboletas na barriga. Sentiu uma onda de vergonha pelo seu comportamento do dia anterior enquanto abria mais a porta para que ele pudesse entrar.

— Entra. Café? — perguntou. — Temo que só haja instantâneo.

— Eu aguento, obrigado. — A sua necessidade de beber café forte simples e acabado de fazer, tanto de dia como de noite, era uma fonte constante de piadas entre eles. — Não tinha percebido que os danos na torre que mencionaste eram tão maus. Vi o andaime em redor enquanto subia de carro vindo da aldeia.

Caminhando até à cozinha, ela explicou os problemas que Kenny e Pete tinham descoberto. Encheu a chaleira e pegou em chávenas, café e um saco de chá para ela do armário.

— Devo-te um pedido de desculpa — admitiu ela, por fim, obrigando-se a enfrentá-lo. — Ia ligar-te quando achasse que estavas em casa e não muito ocupado. Peço desculpa por ontem. Tudo aquilo me impressionou e não sabia o que te dizer. Ainda não sei. Visitei a campa da Saffron. A lápide parece...bem. Bom, não bem. Como é que algo sobre ela estar ali e não connosco pode estar bem? Mas sabes? Parece-se com aquilo que eu esperava que fosse. E continuo a gostar da citação de Yeats. Fico contente por termos escolhido aquela. — Sorriu-lhe com gentileza, suavizando as feições.

— Eu vi-te — admitiu ele.

— Desculpa? Viste-me? Onde? — Ela ficou confusa.

— Com a Saffron. Estava a observar-te da janela do quarto das tra-seiras. — Ela reparou que ele já não lhe chamava berçário. — Não estava a espiar. Por acaso olhei de relance e ali estavas. Depois foste embora e não apareceste à nossa porta, por isso supus que tivesses mudado de ideias.

Ela passou-lhe a bebida e espremeu o saco de chá na sua caneca, atirando-o para o recipiente de compostagem de comida. Não admira que as ervas daninhas crescessem tão profusamente no jardim, dado o tamanho da pilha de compostagem que o avô estava a construir.

— Não mudei de ideias — protestou ela, imediatamente na defensiva. Ele devia estar tão cansado da sua atitude picuinhas, pois estava claramente a esgotá-la a ela. Puxava-a para baixo, para um lugar onde ela não queria estar. — Fazes com que soe tão caprichoso. Eu simplesmente não consegui lidar com aquilo. Estava perturbada e não queria falar.

— Sobre a Saffron ou sobre nós? — Os seus ombros estavam tensos enquanto exalava acentuadamente.

— Não sei. — Encolheu os ombros. — Talvez ambos.

— Vamos ter de falar a dada altura, Amber. — A voz subiu-lhe de tom e ficou com os nós dos dedos brancos, que se apertavam na chávena. — Não podemos simplesmente andar assim à deriva para sempre.

— Eu sei, eu sei, mas não neste momento, por favor. Não é o momento certo. Ainda não. Recebemos alguma carta com marcação para o especialista? Lembras-te de terem dito que iríamos receber uma? — Mudando bruscamente de assunto, deitou leite no chá e sentou-se diante dele.

— Não, vou telefonar-lhes para ver o que se passa. — Bebeu um gole do seu café e olhou pela janela. — Já viste a Becky desde que chegaste? — Becky, a sua melhor amiga e colega de trabalho mais próxima. Ambas tinham começado a trabalhar na universidade com diferença de alguns meses, Becky como professora de História da Ar-

te Medieval e Amber como arquivista no mesmo departamento, trabalhando frequentemente juntas em projetos. Poucas horas depois de se terem encontrado, tinham descoberto que Becky vivia na mesma aldeia que o avô, e essa tinha sido uma de muitas coincidências.

— Não, ainda não — confessou ela. — Telefonou-me quando aqui cheguei e eu disse que lhe ligaria, mas ainda não o fiz. Continuo a acobardar-me. Quanto menos falo com as pessoas, menos me sinto capaz de fazê-lo.

— Olha, eu sei que é difícil contactar e falar com as pessoas, mas pode ajudar. Ela é tua amiga e vai querer ajudar-te. Se não consegues falar comigo, talvez consigas com ela? Não tenhas vistas curtas, vai e conversa, mesmo que seja só para ter um ombro onde chorar.

— Mas chorar não é a resposta, pois não? — A sua mão desceu bruscamente sobre a mesa. — Passo metade da vida a chorar, mas isso não vai trazer a nossa bebé de volta e falar com alguém também não. Como é que posso fingir ser a velha Amber sorridente e feliz quando essa pessoa desapareceu e nunca mais vai voltar?

— Não sei, Amber, não tenho todas as respostas. Mas sei que tenho saudades de te ter em casa. Parece tão vazia, como se tivesses ido embora para sempre. Quero que as nossas vidas avancem de alguma forma. Quanto tempo é que ainda vai demorar o arquivamento dos livros aqui? — Ele ergueu-lhe as sobrancelhas. Dessa feita, era a vez de Amber admitir que não tinha quaisquer respostas.

— Ainda tenho mais de metade por catalogar — explicou. Quase lhe falou do precioso livro de horas, mas depois recuou. Queria guardá-lo para si só por mais algum tempo, pelo menos até ter desvendado os segredos que encerrava. — Ainda não posso voltar para casa. Sinto-me tão perturbada ali, com recordações em todo o lado. Aqui sinto-me mais calma, mais segura. Saffron Hall sempre foi especial para mim, sabes disso. Ambos decidimos chamar dar o nome deste lugar à nossa filha por causa da ligação que tenho com ele e neste momento sinto-me como se me estivesse a proteger do mundo.

— Sei como te faz sentir, mas será que te está também a proteger de mim? Não tens o monopólio da tristeza.

— Claro que de ti não. — Quando o disse, não teve a certeza se as palavras eram verdadeiras, mas odiava vê-lo assim, de ombros caídos enquanto se inclinava sobre a mesa, um homem abatido. — Mas tu tens a igreja e a tua vocação, uma razão para seguires em frente. De momento, não tenho isso. Não tenho nada.

— Tens algo. Tens-me a mim. Ficar aqui para sempre e chafurdar no desgosto não é a resposta, Amber. Carregaste no botão de «pausa» em ambas as nossas vidas, mas temos de tentar encontrar uma solução, de alguma forma. — Jonathan pôs as mãos sobre a mesa da cozinha, de palmas viradas para cima.

— Não estou a «chafurdar» — ripostou ela a fazer o sinal de aspas no ar com os dedos —, só preciso de uma pausa da vida por um bocadinho. Por vezes pergunto-me se me conheces de todo. Se alguma vez me conheceste. — Lamentou as palavras no momento em que lhe saíram da boca e ficou devastada quando Jonathan, o seu rochedo, sempre a sua torre de força, concordou com ela.

— Também eu, Amber, também eu. — Levantando-se, voltou a vestir o casaco, deixando o café em cima da mesa. — Não estamos a chegar a lado nenhum. Talvez tivesses razão em não ter ficado para almoçar ontem. Desculpa, não devia ter vindo. — Mexendo dentro dos bolsos, sempre cheios dos detritos da vida, localizou as chaves do carro. Deu a volta à mesa para lhe dar um beijo breve na face, os seus lábios secos e frescos ali e depois já não, tão breve que mal o sentiu. Moveu-se para abraçá-lo, mas ele já não estava. A porta da frente abriu-se e houve um momento de silêncio como se tivesse parado por um instante. Depois fechou-se e ela ouviu o motor do carro a arrancar. A casa voltou a ficar em silêncio, com cada fragmento dela a sustentar a respiração, de tão chocada que estava.

Amber deitou a chávena de chá no lava-loiça e começou de imediato a fazer outra. Agora desejava ter ido almoçar com ele no dia anterior. Se tivessem estado em público, nenhum deles se teria sentido capaz de lançar acusações um ao outro como tinham acabado de fazer. Sentia-se mais afastada dele do que nunca. Ainda o amava, amava-o de verdade, mas por detrás das barreiras que tinha erguido em seu

redor, já não sabia como lho mostrar. Não tinha mais força para tentar.

Deixando o chá ao lado da chaleira, voltou para o escritório fazendo uma nota mental para ligar a Becky e ver se podiam ir tomar um café. Pelo menos aí teria feito uma pequena coisa que Jonathan lhe tinha pedido.

O livro de horas ainda estava a descansar no expositor onde o tinha deixado quando Jonathan bateu à porta. Sentou-se de novo diante dele, pegando nas luvas mas sem as calçar. Recostando-se na cadeira, olhou pela janela, mas a vasta extensão de nuvens claras e a luz brilhante de Norfolk, tão amada pelos artistas, não lhe ofereciam quaisquer respostas.

Por fim, dando a si mesma uma pequena sacudidela, virou-se para o livro. Não tinha quaisquer soluções, mas esperava que pudesse proporcionar-lhe alguma distração. Abriu-o na primeira página para reler a inscrição em latim que agora tinha transcrito na íntegra e na qual não conseguia parar de pensar.

*infans filia sub pedibus nostris requiescit
nunc mihi tempus fugit
oro vos et spero in vobis
pro illa
ut ea in pace requiescat*

O que é que aquilo significava? Abriu a aplicação de tradução que normalmente utilizava. Reconhecia algumas palavras, mas não o suficiente para fazer sentido. A tradução não era propriamente linear e eventualmente Amber tinha perante ela uma passagem de que ainda estava incerta. Os pelos eriçaram-se ao longo dos braços enquanto a lia e teve um arrepio involuntário.

*Uma filha bebé jaz debaixo dos nossos pés
o tempo escapa-me agora
Suplico-vos e deposito a minha confiança
por ela
para que possa ficar em paz*

O que é que Eleanor estava a pedir? Aquele livro tinha centenas de anos e, no entanto, Amber tinha a estranha sensação de que aquilo era uma mensagem pessoal para si que tinha atravessado séculos. Se ao menos soubesse o que Eleanor queria. Era desconcertante e, no entanto, havia uma ligação. Um deparar dos filamentos do tempo a tentar chamar-lhe a atenção.

Deixando a passagem por um momento, virou cuidadosamente a página. Ofegou de deleite com as miniaturas que se destacaram, com o seu brilho e cores, em vermelhos ricos e tons vibrantes de azul, com manchas de ouro brilhante. Parecia que o livro não tinha sido aberto desde que tinha sido originalmente escrito. Aquelas ilustrações eram santos, tinha a certeza, embora não fizesse ideia de quais. Becky certamente saberia. Virando de novo a página, estava desejava de descobrir que outros segredos encerrava o livro entre as suas capas. Apesar do latim, reconheceu as primeiras palavras do Invitatório de outros livros de orações que tinha estudado, seguidas do Salmo noventa e quatro decorado com uma iluminura ainda mais delicada que rodeava não só a letra inicial, mas quase metade da página. Ou o escriba que trabalhou nela tinha sido pago à hora e quis arrastar o tempo que a demorou a fazer, ou era realmente dedicado ao seu trabalho. Seja como for, era requintada e estava incrivelmente bem conservada.

As duas páginas seguintes eram menos decorativas e continham um calendário de festividades da igreja, tal como esperava, mas arregalou os olhos e levou a mão à boca quando virou para a página seguinte e descobriu não mais orações, mas o que parecia ser uma en-

trada de um diário escrito por uma mão diferente. A página estava decorada à volta da margem com uma tentativa cuidadosa de alguma arte de iluminura em azuis e amarelos, embora não tão boa quanto a das páginas anteriores.

Escrita na mesma caligrafia distinta que as entradas no frontispício do livro, Amber achou quase tão difícil de decifrar como o latim que ela se tinha esforçado por compreender na primeira página, mas com o passar do tempo, achava mais fácil reconhecer as letras individuais. Quem quer que o tivesse escrito tinha de ser bem instruído — a escrita tinha sido executada com precisão. Por fim, com a ajuda da sua aplicação, conseguiu ler tudo, escrevendo no seu portátil enquanto repetia em voz alta.

«Eleanor Lutton, nascida a 29 de novembro do ano de Nosso Senhor de 1520. Casada neste 21 de março de 1538 com Sir Greville Lutton. Espero que o meu marido me ame e seja gentil para comigo.»

Aquele livro de orações devia ser também o diário de Eleanor. Os nomes no início e as datas correspondiam. Virou suavemente para a primeira página para verificar, enquanto fazia cálculos mentais. Em 1538, Eleanor teria dezassete anos, portanto, mais do que idade para casar. Greville teria quase trinta anos, por isso bastante mais velho. E a data de nascimento de Jane era 1534, então teria Eleanor já tido um filho? Viúva aos dezassete anos, teria tido Jane com catorze, o que não era inédito no século XVI. Mas a entrada dizia Jane Lutton, por isso parecia mais provável que Greville fosse o viúvo e a menina sua filha.

Porque é que ela esperava que ele fosse gentil com ela? Havia qualquer coisa na forma como o escreveu. Parecia assustada e preocupada, um pouco insegura. Amber teve um arrepio. Nos tempos Tudor, lembrou-se ela, alguém tão instruído quanto Eleanor deve ter sido, para ser capaz de escrever tanto em inglês como em latim, teria sido casada por razões familiares, políticas ou por dinheiro. Não por amor.

Devia ter estado a murmurar em voz alta enquanto trabalhava, pois o avô apareceu à porta, trazendo-a de volta ao presente e fazendo-a

dar um pulo.

— Achei ter-te ouvido a falar. Perguntava-me se tinhas visitas — disse.

— Estava a trabalhar. Espera até eu te mostrar. Vais adorar isto. Mas sim, tive uma visita antes. O Jonathan esteve aqui.

O avô levantou as sobrancelhas.

— E?

— E nada. Discutimos, ele saiu disparado. Sinto-me tão culpada. Neste momento, parecemos não conseguir concordar em nada. Ele sugeriu que eu fosse visitar a Becky, para ver se isso ajuda.

— Devias ligar-lhe. É a tua melhor amiga e está apenas a cerca de um quilómetro de distância. Fechares-te aqui comigo e com os meus livros o tempo todo não te vai fazer bem nenhum. Tens de sair e ver outras pessoas de vez em quando. Conversar, desabafar. Ou convidá-la outra vez para jantar? — Ele lembrou-lhe da altura em que Becky tinha vindo jantar e fazer uma visita guiada à casa quando se aperceberam de que vivia na mesma aldeia que o avô.

— Veremos. Só concordei para agradar ao Jonathan. De qualquer modo, vem, senta-te na minha cadeira e deixa-me mostrar-te o que estava naquele pacote que o Pete encontrou na torre. Isto é realmente emocionante.

Colocando-se de pé num pulo, segurou a cadeira no sítio com as duas mãos, prendendo-a com a anca enquanto ele se sentava com cuidado. Ele pousou as mãos sobre a secretária e espreitou para o livro no expositor.

— Um genuíno livro de horas, perfeitamente preservado. Não é um Voynich. Acho que é mais tardio do que isso, embora esteja escrito à mão e não impresso. Mas a melhor parte é que também foi utilizado como diário. Há algumas datas de nascimento no frontispício, mas aqui, quatro páginas mais à frente, está a inscrição do casamento da dona, Eleanor, com um tal Greville Lutton. Não é espantoso? Como é que isto estava lá em cima na torre? Achas que esteve aqui o tempo

todo? Sabes quem eram os Lutton? Com certeza que alguém esteve lá em cima e tê-lo-ia encontrado antes.

O avô abanou lentamente a cabeça.

— Tinha-me esquecido de que o Pete tinha encontrado aquele pacote. Que espantoso! Já te disse antes que sempre houve uma suspeita na família sobre a torre. Sempre pensei que fosse uma tontice. O meu pai disse-me que nunca ninguém deveria tentar subir à torre, que poderia estar assombrada ou amaldiçoada. Não que o seu aviso me tenha impedido. — Riu-se. — Quando eu era adolescente, fiz um esforço concertado para encontrar a chave. Alguns amigos voltaram comigo da escola para passar tempo e vasculhámos a casa, tentando encontrar uma forma de lá chegar. Uma ousadia, imagino que tenha sido isso, mas quando o meu pai descobriu o que andávamos a tramar, enlouqueceu por completo. Nunca o tinha visto tão zangado. Nunca mais senti o desejo de ir lá acima. Ele colocou-me o temor a Deus em cima. Parece que as histórias estavam corretas, embora duvide que o livro esteja amaldiçoado.

— Claro que não está. E deveria estar num museu, de facto. Podemos doá-lo ao Fitzwilliam quando estivermos prontos, mas importas-te que eu faça alguma pesquisa primeiro? Pergunto-me que tipo de ligação tem com a nossa família, se é que há alguma. Sei que Saffron Hall está na família há muito tempo, mas não achei que tivéssemos vivido aqui há tanto tempo como as datas deste livro.

— Não tenho qualquer problema que o investigues. Não te vejo tão animada desde... — Fez uma pausa. — ...desde que vieste para ficar cá. Mas certifica-te de que fica guardado no cofre.

Amber concordou, ajudando-o a pôr-se de pé e oferecendo-se para aquecer sopa para o almoço. Depois de ter embrulhado cuidadosamente o livro na sua mortalha desfiada, trancou-o no cofre.

Capítulo Dez

1538

Deixando Joan sozinha a desfazer as malas no andar de cima, Eleanor deixou-se cair num grande cadeirão esculpido ao lado da lareira no salão nobre. À luz fria do dia, conseguia ver que era decididamente muito mais grandioso do que o salão de Ixworth. Mas embora Greville tivesse falado tão calorosamente da sua casa, ainda lhe parecia mais uma casa fortificada do que uma residência refinada. E também estava suja. Sacudiu o fundo da saia, tentando remover o pó da bainha que tinha andado a varrer o chão. Sem dúvida que, com Greville fora em Ixworth e apenas Hugh, o seu mordomo ao comando, os padrões diminuíram. Iam ser feitas algumas mudanças em Milfleet, embora ainda não soubesse se ia ser bem-sucedida a alcançá-las.

Crescendo como a menina dos olhos do pai, tinha tido tais visões para o seu futuro. O seu pai era nobre e era esperado que a ela lhe fosse destinado um bom partido. Especialmente por ele se ter recusado a voltar a casar e a fazer filhos para herdarem Ixworth. Ela era tudo o que ele tinha. Tinha-se recusado a mandá-la para longe para uma boa casa para terminar a sua educação e potencialmente expô-la ao tipo certo de cavalheiro por ter demasiadas saudades dela. Mas ela tinha sempre esperado vir a ser a senhora de uma grande propriedade e talvez até ir para a corte com o marido. Queria ser alguém importante, tratada com respeito. E em vez disso, tinha sido casada sem discussão ou acordo com um homem que aparentava não ser mais do que um mercador e, ao que parecia, um cortesão menor.

Greville tinha-lhe dito que tinha um estabelecimento de luxo em Londres e um armazém nas docas de Queenhithe, bem como outro

armazém em Lynn a apenas quatro quilômetros de Milfleet. Tinha explicado que trocava sedas e especiarias com mercadores que vinham do norte da Alemanha como se ela fosse ficar encantada, mas não ficou impressionada com nada daquilo. Ela tinha-lhe sido vendida como uma mercadoria ou um servo.

Tinha havido um dote reservado pelo pai para si. Sabia que era verdade porque ele lhe tinha mostrado a arca onde estava guardado, mas esse ouro tinha sem dúvida sido agora adicionado à riqueza de William — as suas suspeitas foram levantadas quando ele declarou descaradamente que o pai não lhe tinha deixado nenhum dote. Aquele sapo traiçoeiro. Pelo menos nunca mais precisaria de o ver a ele ou à sua hipócrita mulher, mas isso também significava que nunca mais voltaria a Ixworth. E quando percebeu isso, os olhos formigaram de lágrimas por verter.

Agora aquela era a sua vida. Não havia fuga possível. Sentiu-se doente. A aprendizagem, a educação que tinha adquirido com os monges... Porque é que o seu pai se tinha dado a tanto trabalho? Tudo o que fez foi equipá-la mal para a vida que agora levaria, na qual ficaria para sempre insatisfeita, com poucas hipóteses de usar tudo o que tinha aprendido.

De forma descontente, deu um pontapé nas ervas secas cansadas no chão. Ali, naquela paisagem árida, a única coisa que certamente deviam conseguir cultivar eram imensos juncos e feno, pelo que não havia desculpa para a insignificância da amostra que via.

Pensando no que poderia estar cultivado no exterior, e em como poderia arranjar o jardim físico, lembrou-se do cofre de bolbos de açafraão que o prior lhe tinha dado. Aquele foi o único dote que veio com ela, e quando o mostrou a Greville, ele ergueu as sobrancelhas, divertido, e disse-lhe que poderia ter tantos acres para cultivá-los quanto desejasse. Ela tinha passado horas suficientes a ajudar os monges em Ixworth na altura da colheita das pequenas flores de açafraão para retirar as suas preciosas frondes antes de as secar e prensar em bolos para serem facilmente transportados. Dar-lhe-ia grande prazer ter a sua própria pequena produção de açafraão na sua nova casa.

Agora que estava a começar a formar um plano, sentiu-se um pouco mais feliz. A sua primeira tarefa era pedir — não, exigir — revestimento fresco para o chão em toda a casa, embora supusesse que seria de esperar que ajudasse a varrer o antigo. Tudo bem, ela não era uma débil coitada e podia ajudar com o trabalho árduo, disse para si. Depois, precisava de ir lá fora até àquela natureza selvagem vasta e desolada que rodeava o castelo e começar a decidir o que ia cultivar.

Antes de se vir embora de Ixworth, o prior tinha-a ajudado a copiar a planta dos seus próprios jardins. O que quer que estivesse ali em falta, ela iria à procura localmente. Greville tinha-lhe dito que havia um priorado no outro extremo da aldeia, pelo que iria visitá-lo e aos seus jardins muito em breve. Tinha a certeza de que, por uma doação para os seus cofres, poderia comprar algumas plantas novas para complementar as que estavam a crescer silvestres. Tinha esperança de que os irmãos locais fossem tão simpáticos e amáveis como os que ela tinha deixado para trás. Pensar nos olhos sorridentes do Irmão Dominic ajudou a que o seu coração se animasse ligeiramente. Não sabia como, mas de alguma forma tinha de tentar fazer daquela nova vida um sucesso. Ou pelo menos, suportável.

Antes de mais, precisava de uma visita guiada à sua casa nova. Mas, infelizmente, parecia que o seu novo marido não iria ser o seu guia. Greville tinha aparentemente desaparecido ao amanhecer para ir a Lynn visitar o seu armazenista e inspecionar um carregamento recente de Antuérpia. Ninguém sabia quando é que era suposto regressar. Tinha-se aventurado a entrar na cozinha à procura de Hugh, o mordomo do marido com quem ainda não se tinha encontrado e o cozinheiro quase a ignorou, informando-a apenas de que estava algures lá fora. Mal fez uma pausa no seu contínuo bater da massa na mesa à sua frente. Os outros ajudantes de cozinha baixaram todos os olhos e desviaram o olhar. Não eram exatamente as boas-vindas que ela esperava.

No momento em que decidiu ir explorar sozinha, ouviu uma porta bater algures e um homem de meia-idade, alto e magro, de cabelo ralo e grisalho e pele bronzeada e escura entrou no corredor. Tinha um andar desigual como se as suas pernas fossem irregulares.

— Senhora, Sir Greville pediu-me para lhe mostrar a sua nova casa, pois foi chamado em negócios. Sou o Hugh, o mordomo do seu marido.

— Muito prazer em conhecê-lo, Hugh — respondeu friamente Eleanor. — Estou à espera há mais de uma hora que alguém me venha mostrar a casa. — Ela viu-lhe os ombros levantarem-se e depois baixarem enquanto expirava lentamente.

— O touro fugiu. Derrubou uma cerca. Eram todos necessários para ajudar a cercá-lo. — Falou com ela através de dentes cerrados, depois virou-se, preparado para se ir embora sem pedir desculpa pelo atraso. Era óbvio que o touro era mais importante do que ela. Eleanor ferveu, levantando o pé para o bater contra o chão, mas depois voltou a baixá-lo.

— As ervas — disse ela —, presumo que tenhamos frescas no celeiro?

— Sim, senhora.

— E lavanda? Erva ulmeira?

— Penso que sim, minha senhora. — Hugh parecia confuso.

— Ótimo. Dê instruções a alguém para que sejam todas substituídas cá em baixo, por favor. E garanta que o chão é bem varrido antes de colocarem as novas. Quero que isso fique pronto antes do jantar. — Teve de inclinar a cabeça para trás, dado que ele era muito mais alto do que ela. Fitou-o com firmeza até que, eventualmente, os olhos dele baixaram. Mas não antes de ela lhes ter visto uma centelha escura de rebelião.

— Sim, senhora — respondeu. — Agora, se quiser subir, mostre-lhe os quartos lá em cima. — Sentindo-se um pouco menos trémula do que antes, Eleanor passou por ele e subiu as escadas.

Lá em cima os aposentos eram agradáveis e definitivamente mais bem mobilados do que em Ixworth, embora Eleanor não o quisesse admitir. Tinha feito pouco sentido encher os quartos de mobiliário de luxo e tapeçarias quando era só ela, o pai e meia dúzia de servos. Joan tinha dormido num divã no seu quarto desde que tinha chegado,

quando ambas eram jovens, e nunca tinha ocorrido a nenhuma delas alterar isso até Eleanor se casar. Ficou satisfeita por ver que o quarto ao lado do seu tinha sido preparado para ela. A sua dama de companhia ficaria encantada por finalmente ter quarto próprio.

Quando viu a cama enorme e decorativa do marido, inspirou acen-tuadamente. Era a maior que já tinha visto. As cortinas à sua volta eram pesadas e luxuosas e maravilhosamente bordadas, brilhando com fios cintilantes, e o colchão era tão alto que ela se perguntava como é que ele subia para cima dele. Entrou no quarto para passar os dedos pelos painéis e para examinar a cama que provavelmente teria de ocupar daí a pouco tempo. Teve de admitir que o quarto lhe mostrava um lado diferente do homem que era agora seu marido. Não tinha imaginado que apreciaria tal conforto e percebeu que era um homem do qual pouco sabia.

Uma lareira enorme dominava a parede oposta à cama e a maioria das paredes estava coberta com tapeçarias escuras semelhantes às do seu próprio quarto. Quando ia a sair do quarto, com Hugh a pairar à porta como se desaprovasse a sua presença ali dentro, passou o dedo à volta de um dos postes torneados da cama. Saiu cheio de pó. Sem dizer uma palavra, levantou-o em direção a Hugh ao sair do quarto, sem lhe escapar o ar carrancudo que ele lhe fez. Sabia que estava rapidamente a fazer dele um inimigo, mas desde o momento em que ele se apresentou, ela foi capaz de perceber que não tinha pensamentos amáveis acerca dela, por isso não tinha nada a perder.

No extremo oposto da passagem escura a partir da qual se encontravam os quartos, havia uma divisão que fez Eleanor arfar de prazer. Um solário com janelas largas feitas de minúsculas vidraças de chumbo a sobressaírem da esquina da casa, com vista para a horta. Ao longo da parte superior da janela, a luz brilhava através de pequenos vitrais e uma miríade de cores espalhava-se pelo chão. Havia três cadeirões dispostos ao lado de uma pequena lareira e na outra ponta da sala estava uma mesa baixa. Um cadeirão para ela, Greville e Jane, pensou. Quanto tempo levaria a acrescentar mais cadeirões à medida que a família continuasse a expandir-se?

— Lady Elizabeth, a primeira esposa de Sir Greville, gostava particularmente desta sala — comentou Hugh, desafiando Eleanor a dizer algo mau sobre isso. Mas não havia nada que ela pudesse decretar acerca da divisão. Nunca tinha visto nada tão encantador.

— Não me surpreende. É linda. Tão luminosa; a luz do sol que passa pela janela fá-la brilhar. Vou gostar de passar tempo aqui — disse. Nem mesmo sendo educada e a dizer algo cortês lhe fez alterar o olhar de desprezo estampado no rosto.

O chão lá em cima estava escuro, mas numa das extremidades ficava a ala do berçário, que parecia acolhedor e mais limpo do que o resto da casa. Havia fogo a crepitar na lareira e tinha duas camas estreitas numa das pontas do grande quarto. Estava, no entanto, vazia das suas ocupantes.

— Onde está a minha enteada, sabe? — perguntou Eleanor.

— Provavelmente no pomar. É onde ela e a sua ama Nell se encontram normalmente quando o tempo está bom. Ou a andar a cavalo. O amo recentemente comprou um pônei a Jane e por vezes pratica num dos prados.

Eleanor acenou com a cabeça. Estava ansiosa por conhecer a menina a quem seguramente tinham dito que iria ter uma nova mamã. No entanto, ninguém parecia estar apto a trazê-la para ser apresentada. O ar de hostilidade que emanava de Hugh parecia ser partilhado pelo resto da criadagem. Não era motivo de preocupação. Iria mostrar-lhes pelas suas ações quem era e que não se deixava intimidar por ninguém.

— Agora gostaria de uma visita ao andar de baixo, por favor. — Sem esperar por resposta, saiu para fora do quarto e desceu as escadas, de volta ao salão nobre, sentindo-se ainda menos segura do que aparentava. Hugh mostrou-lhe fugazmente o corredor atrás das escadas que continha várias arrecadações, uma porta para o exterior e alguns quartos.

— O meu quarto, senhora — indicou ele, parado à porta como se a desafiasse a entrar. Ela enfiou a cabeça à volta da porta e reparou co-

mo era nu e utilitário, sem as cortinas e tapeçarias do andar de cima. Não era remotamente acolhedor. Que adequado.

Ela já tinha previamente encontrado a cozinha onde, mais uma vez, o cozinheiro a ignorou quando passou. Por detrás da cozinha quente havia despensas, uma câmara fria e um boticário. Eleanor entrou no boticário. O espaço onde os muitos medicamentos que podia produzir seriam preparados, e as ervas e especiarias tão vitais para o seu trabalho seriam armazenadas. Aquele era o seu território e ela girou num círculo completo, assimilando a sala inteira. Tinha um ar de abandono e tristeza. Alguns garrafões empoeirados permaneciam na prateleira e havia um almofariz e pilão descartados na mesa ainda com sementes secas no fundo. Como se o titular anterior tivesse saído por um momento, mas nunca regressado. Sabia que a sua antecessora, Lady Elizabeth, tinha morrido poucas horas depois de dar à luz. Teria ela estado aqui a trabalhar e entrado em trabalho de parto, ido para o seu quarto para nunca mais voltar? Parecia que alguém poderia voltar a entrar a qualquer momento. Eleanor arrepiou-se.

Para além do boticário, ficavam a leitaria, a queijaria, a padaria e a cervejaria, e depois um portão para o pátio. Em gritante comparação com o interior da casa, ali fora estava tudo imaculado. Tudo varrido e limpo com várias galinhas a debicarem esperançosas à procura de grãos. Estava alinhado com a casa de um lado e outros dois celeiros do outro. O quarto lado era aberto e caía para um banco relvado

— Pomar, horta, quinta doméstica. — Hugh esticou o braço em direção à relva. — Os estábulos são ali à volta, à direita, ao virar da esquina da casa.

— Jardins formais? — perguntou Eleanor.

Ele fez um sopro de riso sardónico.

— Há muito cobertos de vegetação. Mal lhe tocaram desde que a falecida senhora se foi.

— Jardim físico? — tentou ela de novo.

— Costumava fazer parte da horta, mas já não existe, apenas as ervas que o cozinheiro usa — veio como resposta. Ela seguiu-o de volta através das cozinhas e para o salão nobre antes de passar por

uma porta baixa e larga e entrar noutra parte da casa. Estava mais fresco ali e Eleanor teve um arrepio involuntário.

— O escritório de Sir Greville — disse Hugh, abrindo uma porta imediatamente à esquerda. Uma secretária grande e sólida ocupava a maior parte da sala, e atrás dela, contra a parede, estava uma longa mesa de cavalete, com pilhas bem arrumadas de documentos empilhados ao comprimento. Havia montes semelhantes de papel pousados na secretária de Greville, juntamente com o seu tinteiro, algumas penas e um pau de cera vermelho-escura para selar. Havia também alguns paus finos de madeira para acender fogos e velas e o seu pesado selo dourado.

— Aqui estamos na base da torre — explicou Hugh enquanto a conduzia para fora do escritório e para um pequeno átrio de receção. — Aquele caminho... — Apontou para um corredor estreito que conduzia à rua por uma pequena porta, coberto de ervas e arbustos e envolto por árvores de teixo escuro — conduz à capela.

— Não parece ser usado. — Eleanor franziu o sobrolho. — Com certeza que o pessoal da casa reza todos os dias?

— Há outra porta, senhora, a partir do jardim. Vem todos os dias um padre da aldeia dar as matinas, mas só celebra missa aos domingos. Todo o pessoal da casa assiste à missa, claro. — Eleanor encolheu-se face à maneira pagã deles. Já tinha as suas suspeitas de que o seu novo marido não era tão religioso quanto deveria.

— Quero este caminho limpo — disse ela de rompante —, e espero que a missa seja celebrada todos os dias. Por favor, mostre-me a outra entrada. — Eleanor seguiu-o ao longo do caminho para o interior da capela, onde ficou atordoada em silêncio. Enquanto respirava fundo, conseguia sentir o frio gelado a invadir o seu interior, uma comparação acentuada com a atmosfera quente do exterior. O ar estava preenchido com um cheiro abafado a pó e incenso, a luz do sol a filtrar-se pelo vitral e a lançar um arco de cores bem torneadas sobre o chão de cerâmica. Mas aquilo empalidecia para a invisibilidade em comparação com o altar sobre o qual assentava um tríptico glorioso, com as imagens da Virgem Maria e do seu filho bebé rodeado pelos

Reis Magos, com os presentes dourados a brilhar e as sombras das janelas a dançarem dando vida às figuras pintadas.

— Que belo — sussurrou Eleanor enquanto caminhava pelo corredor curto para genufletir, deixando cair um joelho no chão e curvando a cabeça em reverência, em frente do altar. — Isto está na família há muito tempo? — Virou-se para perguntar a Hugh que ainda estava parado à entrada da porta.

— Não sei, senhora. Sugiro-lhe que pergunte a Sir Greville. — Encolheu os ombros, o seu desinteresse palpável. Depois de dar uma última olhadela ao tríptico, Eleanor saiu novamente e caminhou de volta em direção à casa, deixando Hugh a fechar a porta da capela. Parou na porta traseira da casa enquanto esperava que a alcançasse.

— E a torre? — Indicou a porta de madeira áspera e pequena demais que se abria para o pequeno vestíbulo. — Isto leva até ao topo?

— Creio que sim, senhora, mas só Sir Greville tem a chave para ir lá acima, por isso terá de lha pedir, se a desejar ver.

— Obrigada, Hugh. Agora vou dar um passeio sozinha pelos jardins.

Ele baixou a cabeça e estremeceu os ombros como se fosse fazer uma vénia, mas mudou de ideias no último momento. Eleanor inclinou a cabeça antes de se afastar na direção que ele tinha indicado que a levaria aos jardins. Manteve as costas erguidas e as suas mãos apertadas à cintura para que ele não pudesse ver que tinha os punhos fechados. Esperava que o seu rosto não estivesse tão vermelho quanto imaginava, pois ardia de fúria reprimida.

O homem era insuportável. A sua elevada consideração pela primeira mulher de Greville era óbvia, bem como o seu desprezo por ela. Ela podia ser consideravelmente mais jovem do que o marido, mas a sua posição era um facto consumado não só para ela, mas também para a casa. Ele poderia não gostar, mas ambos teriam de viver com isso.

Encontrou o pomar e as hortas, abanando a cabeça de frustração com o estado dos canteiros. Alguns tinham sido cultivados e conseguia ver a parte de cima de uma variedade de vegetais, mas não ha-

via sinais de um jardim físico adequado. Era uma desilusão. No entanto, teria simplesmente de começar do zero e criar o seu próprio espaço. Também precisava de encontrar um campo onde pudesse cultivar o seu precioso açafrão e já podia imaginar a batalha que seria se falasse disso a Hugh. Pediria diretamente a Greville. À medida que caminhava através das plantas demasiado crescidas, as suas saias escovavam as folhas que libertavam cheiros pungentes familiares. Os seus olhos lacrimejaram ao fazerem-na lembrar de casa. Não deveria ser muito difícil equipar-se com os meios para começar a produzir os medicamentos e poções que tinha à sua disposição em Ixworth, pensou.

Gritos e gargalhadas vindos do pomar vieram à deriva na brisa. Passando pelo portão no final da horta, seguiu o barulho. No final do caminho, uma jovem mulher ria-se enquanto perseguiu uma criança pequena à volta de uma macieira até esta cair na relva, exausta e a rir-se. Um pequeno rebanho de meia dúzia de ovelhas amontoava-se contra um muro distante, a olharem para ela de olhos vítreos enquanto passava.

— Olá. — Sorriu a ambas. — Ouvi-vos a brincar. Sou a Eleanor.

De imediato a mulher, de touca inclinada na parte de trás da cabeça com muito cabelo a escapar, pôs-se de pé num pulo e fez uma vénia.

— Desculpe, senhora — exclamou. — Não me apercebi. Pensei que era... Desculpe. — Fez outra vénia. Eleanor suspeitava que a rapariga tinha pensado ser uma das criadas da nova senhora, por ser mais nova do que alguém esperaria.

— E você é... — perguntou.

— Eu sou a Nell, a ama. Criada de berçário. Esta é a Jane, a filha do amo. — Apontou para a menina, que agora estava calada, mas permanecendo sentada na relva.

Eleanor ajoelhou-se ao lado dela e pegou-lhe na pequena mão.

— Olá, Jane. — Sorriu animadamente. — Sou a sua nova madrastra. Estou muito feliz por estar aqui na sua casa. — Não era verdade,

mas Jane não precisava de saber isso. Levantou o olhar para Nell e indicou-lhe que se voltasse a sentar com elas.

A criança era uma réplica perfeita do pai em miniatura. Tinha os mesmos olhos escuros e cabelos quase pretos, mas enquanto o rosto de Greville estava cheio de rugas e era aberto e risonho, Jane tinha um ar sério e inseguro. Eleanor dificilmente poderia levar-lhe a mal, tendo de ser apresentada a uma jovem mulher que de repente lhe dizia que era a sua nova mamã, supunha. Aliás, foi também um choque para ela. Há cinco semanas nunca tinha ouvido falar de Greville e agora era uma mulher casada com uma filha e uma casa onde sentia que não tinha qualquer jurisdição. Contudo, poderia ela começar a mudar as coisas? Porque mudaria de certeza.

Capítulo Onze

2019

No dia seguinte, Amber reuniu a coragem para enviar a Becky uma mensagem a pedir desculpa pelo seu silêncio radiofónico e a sugerir que se encontrassem para tomar um café. Tinha passado a noite inteira a pensar no pequeno livro de orações e quem seria exatamente Eleanor Lutton, e já tinha decidido ir investigar a igreja da aldeia nesse dia, na esperança de lá encontrar sepulturas ou um memorial. Por acaso, tinha recentemente aberto uma loja de chá na aldeia, e quando Becky respondeu quase de imediato à sua mensagem, Amber explicou que queria fazer alguma pesquisa histórica na igreja e combinaram encontrar-se lá nessa tarde, de onde poderiam deambular até ao novo sítio para tomar café.

Assim que ela e o avô acabaram de almoçar, Amber saiu. Tinha esperado uma mensagem de Jonathan a pedir desculpa pela sua explosão ou, pelo menos, a dar-lhe conhecimento de que estava em casa em segurança, mas não tinha recebido nada e não podia negar a pontada de decepção que sentia. No entanto, ao mesmo tempo, havia um zumbido de excitação no seu peito que não sentia há tanto tempo que mal reconhecia a sensação. Caminhando apressadamente pelo caminho pedregoso que ia de casa até à aldeia, enterrou as mãos nos bolsos do casaco e foi dando pontapés no cascalho aos seus pés.

Soprava um vento forte e cortante da costa, apenas a alguns quilómetros de distância, e Amber puxou o colarinho em redor do rosto, com o frio a fazer-lhe chorar os olhos. Mesmo quando não estava a

chorar, o seu corpo produzia lágrimas como se fosse um defeito do sistema.

A aldeia parecia deserta. Já sem escola local, os pais já estavam nos seus carros a caminho de King's Lynn para recolher os filhos, e era demasiado desolador para qualquer idoso reformado andar a passear na rua. Havia um carro no parque de estacionamento ao lado do priorado abandonado, e ela conseguiu ter um vislumbre de um casaco turquesa enquanto alguém andava à volta dos poucos pedaços de muralha que restavam.

O corpo principal do priorado, a nave, e também a capela-mor onde se encontrava o altar, tinham escapado à profanação dos outros edifícios, e era agora a igreja da aldeia. E foi dentro desse edifício que Amber entrou, contente por ficar protegida do vento.

O avô tinha-lhe contado anteriormente coisas sobre a igreja e a sua história, mas tinha sido quando era adolescente e totalmente desinteressada. Agora, Amber conseguia ver porque é que ele sentia tanto entusiasmo com a arquitetura antiga magnífica que a rodeava. Aquela era a nave do priorado original e, inclinando a cabeça para trás, podia vê-la a elevar-se acima dela, camada sobre camada de arcos normandos, parecendo alcançar o céu num teto muito alto. Diante dela havia uma barreira de madeira a separar a congregação do padre, tristemente instalada onde textos protestantes pintados profanavam os santos decorativos originais. Henry VIII tinha muito pelo que responder.

Enquanto vagueava em redor, os seus olhos percorriam as placas na parede e as lajes desgastadas sob os seus pés, procurando qualquer referência aos Lutton. Mas não havia nada. Havia imensos «Green», o apelido do seu avô, nome de solteira da mãe. Sabia que a sua família vivia há muito tempo em Saffron Hall, pelo que não foi surpresa nenhuma encontrar os seus antepassados honrados pelos parentes enlutados. Mas não estava interessada neles. Queria encontrar algumas provas tangíveis para ligar a igreja a quem quer que Eleanor Lutton tivesse sido. A mulher que em tempos tinha sido dona do precioso livro medieval.

Sentando-se num banco ao fundo, inclinou-se para a frente e fechou os olhos, esperançosa, à espera de algo. De conforto, um sinal, qualquer coisa, não sabia o quê. Mas nada aconteceu. Se Deus queria que ela compreendesse porque é que a sua filha tinha morrido, como Jonathan parecia pensar, não lhe estava a dizer nada naquele dia. Tudo o que ouviu foi o assobio do vento debaixo da porta atrás de si, e o grasnar zangado de uma pega algures no adro da igreja.

Voltou a levantar-se, perguntando-se onde estaria Becky, se lá fora à sua espera, quando de repente a porta atrás de si se abriu, deixando entrar uma rajada de vento gelado e Becky se precipitou para o interior, batendo com a porta.

— Caramba, está uma ventania lá fora! — Afastou o cabelo varrido pelo vento para fora dos olhos e envolveu Amber num abraço de urso que lhe ameaçou espremer todo o ar de dentro dela. Foi, apercebeu-se Amber enquanto estava de pé com a cara comprimida na lã áspera do casaco da amiga, exatamente do que precisava. Os abraços não eram muito predominantes na casa do avô. Não era o tipo de pessoa sensível e a própria mãe de Amber nunca tinha encorajado abraços ou carinhos quando Amber era pequena. Tinha crescido habituada à falta de calor humano até conhecer Jonathan, e agora apercebia-se de que sentia falta disso. — Pareces demasiado magra — repreendeu a amiga quando finalmente soltou Amber e lhe deu o braço, dedicando-lhe um olhar apreciativo.

— Tenho andado tão ocupada que me esqueço sempre de comer. — Até aos ouvidos de Amber a sua defesa soou exatamente aquilo que era: uma bela desculpa.

— Então temos de retificar isso imediatamente. Vamos ao Dolly Tea Shop comer um bolo. — Becky enfiou o braço no de Amber como se precisasse de arrastar a amiga até lá.

— Boa ideia — concordou Amber —, mas antes de fazermos isso, ando a fazer algumas investigações e preciso de dar uma vista de olhos rápida ao adro da igreja. Explico mais tarde quando estivermos a beber o nosso chá e a comer o nosso bolo, mas podes primeiro ajudar-me, por favor?

— Isso soa misterioso. — Becky riu-se. — E não há nada que nós, historiadores, gostemos mais do que um mistério. O que é que procuramos exatamente?

— Quaisquer sepulturas ou túmulos com o nome de família Lutton. — Amber manteve a porta aberta e ambas ofegaram enquanto o vento frio soprava à volta da ponta do alpendre e lhes batia na cara. Becky seguiu-a através das ruínas do priorado que rodeavam a igreja até chegarem ao adro. À sua esquerda havia filas de lápides de granito moderno e brilhante e Amber evitou olhar, temendo ver um monumento a um bebé. Em vez disso, conduziu-as até à secção mais antiga, agora cheia de ervas daninhas, nalguns sítios tão altas quanto as campas e cheias de primulas. Puxando a vegetação para um lado, Amber começou a examinar as sepulturas que ainda se conseguiam ler à procura dos nomes que estava desesperada por encontrar.

— A maioria está demasiado gasta para ser lida. — Becky afirmou o óbvio e Amber suspirou, concordando com um aceno de cabeça.

— Tens razão e as que queria ver podem muito bem não ter sido enterradas aqui, de qualquer forma. Teria sido um jazigo de família na própria igreja, tenho a certeza, e fui lá ver antes de chegares.

— Bem, estou a congelar, por isso podemos desistir disto por agora e vir ver de novo quando o tempo estiver mais quente? Consigo ouvir um bule de chá a chamar por mim na Dolly. — Becky já estava a caminhar de volta para o portão e a falar por cima do ombro, por isso Amber não teve outra escolha senão segui-la.

Uma vez dentro da casa de chá e aquecendo rapidamente a beber um chá e a comer um bolo, Becky perguntou:

— Então, como estás de verdade? Foi um pouco indelicado o que disse na igreja, mas fiquei chocada. Já não te vejo há quase dois meses e estás com um ar mesmo esquelético. Fiquei chocada quando te vi. — Pôs a mão sobre a de Amber e apertou-a, o que foi quase a sua desgraça.

— Não fica mais fácil — admitiu Amber, inspirando de forma trémula. — Vir para aqui catalogar os livros do avô e ter alguma paz era suposto ajudar, mas até agora não me sinto diferente. Cada dia continua

a ser uma luta. Estou sempre a sofrer. O Jonathan veio ver-me ontem, mas não correu muito bem.

— Como é que ele está? — perguntou Becky. — Ela tinha estado sempre perto de ambos e Amber sabia que se preocupava profundamente não só consigo, mas também com o seu marido. E estava grata por isso.

— Não sei bem. Parece que seguiu em frente, embora conheças o Jonathan, nunca fala dos seus sentimentos. — Mesmo no preciso momento em que o disse, Amber sabia que as palavras que tinha dito não eram verdadeiras. Ele não tinha avançado mais do que ela. Estavam ambos encalhados numa ilha, mas de momento estavam em ilhas diferentes, afastando-se lentamente um do outro.

— Isso não quer dizer que também não esteja arrasado. Todos sofremos de forma diferente. Dá-lhe tempo, como ele te está a dar a ti. E eu estou sempre aqui, se quiseres falar.

Amber acenou com a cabeça. Sabia que podia contar com a amiga. Para além de se verem no trabalho na maioria dos dias, Becky era também uma visita frequente no vicariato para jantar e gostava tanto da companhia de Jonathan como da de Amber.

Mudando repentinamente de assunto para algo com que se sentisse mais confortável, e com o qual sabia que a amiga ficaria fascinada, falou do livro de orações antigo que tinha sido encontrado na torre.

— Incrível! — disse Becky entredentes, tão instantaneamente interessada quanto Amber tinha previsto. — Reparei no andaime à volta da torre, dá para ver em toda a aldeia, e ia perguntar-te que trabalho andavam a fazer. Mas dizes que os empreiteiros acabaram de o encontrar lá em cima?

— Sim, sim. O avô conta que ninguém esteve lá em cima durante centenas de anos. Quando em miúda eu perguntava, quando vínhamos de visita, se podia subir lá acima, ele só me dizia que não, e dessa forma isso dizia-me que não valia a pena discutir. Uma vez disse que a chave estava perdida e eu sabia que a porta de baixo estava trancada, pois se não estivesse, não teria perguntado. Teria simplesmente subido. Mas quando lhe falei do livro ele disse que o seu pai

lhe tinha dito que a torre estava amaldiçoada ou assombrada, ou algo parecido, e que ninguém devia ir lá acima, e que por isso é que tinha permanecido selada.

— Isso é espantoso! E um pouco assustador. Então porque é que tem andaimes à volta?

— Foi atingida por um raio naquela tempestade há algumas semanas. Mas na verdade, quando foram lá acima para ver os danos, aparentou ser pior do que pensávamos. Tem-se vindo a desmoronar há anos e agora tem uma grande fenda, pelo que quase têm de desmontar a parte superior. Um dos empreiteiros teve de remover uma janela por completo e encontrou o livro deitado no parapeito embrulhado num pedaço velho de pano.

— Então, quando é que posso ir vê-lo? — perguntou Becky.

— Perguntava-me quanto tempo é que ia demorar até te fazeres de convidada. — Amber riu-se. — Que tal vires amanhã depois do trabalho e eu faço o jantar? Sei que o avô também vai gostar de te ver.

— Genial, ia adorar, obrigada. — Fizeram os preparativos para a noite seguinte e despediram-se com um abraço. Amber sentiu-se nitidamente mais leve do que quando tinha ido para a aldeia. Afinal de contas, talvez Jonathan e o avô tivessem razão.

Depois da caminhada de volta, parou à entrada por um momento a admirar o edifício que tinha tomado por garantido durante tantos anos. Quando era pequena, tinha simplesmente sido sempre a casa do avô, um lugar frio e cheio de correntes de ar que visitava com os pais algumas vezes por ano. A casa era escura, perturbadora e fria no inverno, mas melhor no verão, quando ela podia sair e ir explorar. Para a sua mãe, essas viagens tinham sido sempre uma tarefa difícil. Amber suspeitava que ainda se ressentia do facto de ter passado a infância numa casa geminada com três divisões em Cheam, com os avós maternos em luto perpétuo pela filha, em vez de crescer na casa ancestral com o pai.

Agora, olhando para ela com um olhar adulto, podia perceber como era encantadora. A torre sempre tinha atraído o seu olhar, um ponto focal majestoso na paisagem. Era como se fizesse parte da sua he-

rança, um pedaço da sua alma. Claro que sabia que Saffron Hall seria o seu legado, a casa da família e a razão pela qual deu à sua filha o nome da preciosa especiaria[2], uma marca de respeito pelo seu querido avô e pela sua casa, mesmo apesar de nunca ninguém ter descoberto a origem do nome. Ela tinha a certeza de que tinha sido originalmente muito maior, um castelo fortificado e tudo o que restava agora era o salão nobre e um punhado de salas mais pequenas. Tinha sido dividido em cozinha e salas de receção há cerca de duzentos anos e atualmente tinha muito pouca semelhança com o seu aspeto original, com a maior parte das características arquitetónicas removidas. Felizmente, os quartos acima tinham, na sua maioria, conseguido evitar as renovações ao longo dos séculos, mantendo ainda as enormes lareiras e os painéis forrados a linho, agora esbatidos pela idade.

A única secção que era remotamente original e estava intocada era a torre, que atualmente olhava solitária a paisagem circundante, envolta no seu invólucro metálico, duas vezes mais alta do que a própria casa. Consistia numa sala na base, que agora se abria para a biblioteca, atrás da qual havia um pequeno vestíbulo com uma porta trancada que ocultava as escadas que conduziam ao topo. Havia o contorno de uma porta de tijolo no pequeno corredor, mas tendo previamente olhado para o exterior, Amber não conseguia imaginar onde ia dar. Se ao menos os seus antepassados tivessem tido mais cuidado em registar as alterações que estavam a levar a cabo, ajudaria agora a satisfazer a sua natureza curiosa.

Fiel à sua palavra, Becky apareceu na noite seguinte. E depois de uma massa à bolonhesa feita à pressa, fugiram para o escritório. Depois de ambas se terem equipado com luvas de algodão, Amber tirou o livro do cofre com reverência e desembulhou-o, colocando-o no expositor de veludo.

— Que achado! — suspirou Becky, passando a ponta dos dedos sobre o exterior ornamentado. — Disseste que estava embrulhado

neste pano quando foi encontrado? Onde é que o empreiteiro o *encontrou*, exatamente?

— Estava dentro do parapeito da janela da torre, como se alguém o tivesse lá pousado e se esquecido de o ir buscar. Aparentemente, não há mais nada lá em cima. Dado o grau de desarrumação do meu avô, não me surpreende que algum antepassado o tenha possivelmente lá deixado em vez de o ter arrumado onde pertencia. E que sorte para nós que o tenham feito ou teria sido deitado fora ou vendido nalguma altura nos últimos quinhentos anos.

— E quanto a este embrulho? Parece ser da mesma época. — Becky puxou-o suavemente, examinando as fibras.

— Não tenho a certeza, mas acredito que possa ser. — Amber abriu-o na secretária. — Vês este bordado? Parece bastante simplista. Não sei muito sobre a história dos têxteis, mas penso que bate certo com a era dos Tudor.

— Também está bastante manchado. Não quero parecer mórbida, mas aquela mancha escura ali parece uma mancha de sangue.

— Oh, que nojo. — Amber estremeceu. — Não me tinha ocorrido, mas talvez tenhas razão. Acho que então também vou pedir favores ao laboratório forense da universidade. Tens mais influência do que eu. Podes dar-lhes uma palavrinha, por favor? — Becky acenou com a cabeça, examinando a capa do livro com o óculo de Amber encaixado na órbita. — Este trabalho na pele da capa é requintado, mas não se saiu bem com a passagem do tempo. Já o decifraste?

— Não, ainda não consegui. Parece bastante desgastado.

— O que é esta inscrição por baixo? Um lema de família?

— Não sei bem. Não consigo perceber. Como está o teu latim?

— Não é perfeito, mas suspeito que seja melhor do que o teu. Vamos ver. Tens uma caneta? Esta primeira palavra parece-se com *Dem*. Ou *Dum*?

Amber semicerrou os olhos e inclinou a cabeça para um lado, passando os dedos por cima da palavra.

— Tens razão, acho que é «*Dum*». Vê se consegues perceber a segunda palavra. — Não conseguiu evitar o som agudo de excitação que saltou dela.

— Acho que a primeira letra é um S antigo. É a mesma que a palavra seguinte, na verdade. Parece idêntica. Isso é estranho. — Lentamente, decifraram as letras seguintes.

— S-P-I ou talvez E-R-U. Ou «O». — Amber leu-as. — Não faz qualquer sentido.

— Ah espera, claro. Faz, sim. «*Dum Spiro Spero*». — Becky inspirou acentuadamente. — Sou tão estúpida. Porque é que não vi logo? É um velho provérbio latino. «Enquanto há vida, há esperança.» Deve ter sido o lema de família do proprietário original deste livro. Que espetáculo! — Becky soava tão entusiasmada como Amber se sentia.

— Muito obrigada! — Amber abraçou a amiga que estava quase aos pulos de euforia. Nunca teria sido capaz de resolver isto sem a tua ajuda.

— O prazer foi todo meu. Já não me divertia tanto assim há séculos. Sei que olhamos para este tipo de coisas todos os dias no trabalho, mas isso é no ambiente estéril da universidade e com objetos sem qualquer ligação pessoal. Isto pode fazer parte da história da tua família. Estou a sentir-me deveras invejosa!

Amber riu-se.

— Foste brilhante. E ainda nem sequer te mostrei o interior do livro. Há uma lista no começo com as datas de nascimento das crianças. Embora um deles, o Thomas, não tenha uma data adequada, apenas o mês e o ano. Não me parece que seja a sua data de nascimento. Será que foi acolhido, talvez um órfão de um parente distante, ou apenas enviado para viver com eles por outro membro da família? Terei de continuar a ler para ver se existe uma explicação. As outras crianças têm todas as datas de nascimento adequadas.

— Oh, quero mesmo dar uma boa olhadela, mas agora preciso de ir andando. Já fiquei aqui demasiado tempo. A minha mãe obrigou-me a juntar-me à aula local de ioga no salão da aldeia, por isso tenho de

ir. Posso tentar persuadir-te a vires comigo experimentar? Tirar-te-ia de casa por um tempo.

Amber abanou a cabeça. Tinha coisas muito mais importantes a fazer.

— Mostra-me rapidamente o interior e promete-me que posso voltar a vê-lo adequadamente noutro dia, então — disse Becky. — Depois trago mais bolo e vinho.

— Claro, vem quando quiseres. — Ela abriu cuidadosamente o livro no início, na página com as miniaturas brilhantemente iluminadas dos santos. — Não são requintadas? — Amber voltou a fechá-lo. Sentiu-se um pouco culpada por não ter mostrado de propósito a Becky a passagem do início, mas por enquanto era o seu segredo. De algum modo, estava convencida de que a mensagem de Eleanor lhe estava destinava. Só a ela.

Quando se despediram à porta, Becky fez uma pausa por um momento.

— Se não quiseres tentar o ioga e, para ser honesta, não te posso censurar, suponho que não te poderia persuadir a vires comigo ao *quiz* do *pub* na quinta-feira, certo? Não te preocupes se preferires não o fazer. Posso sempre encontrar uma equipa para se juntar a mim. As receitas angariadas são para boas causas locais e eu gosto de ajudar, mas seria divertido ter de facto uma equipa minha para variar. Será que o teu avô também viria?

Amber tentou pensar numa razão para não ir. Não se sentia à altura de socializar com pessoas que não conhecia, mas estar lá com Becky facilitaria as coisas.

— Vá lá, vais gostar. — Era como se a amiga estivesse a ler a sua mente, as emoções a passarem-lhe pelo rosto.

— Provavelmente não vou gostar — respondeu, sorrindo ao dizê-lo —, mas está bem, diz-me a que horas é e lá estarei. Vou perguntar ao avô se também quer ir. Talvez consiga persuadi-lo se me oferecer para lhe pagar primeiro o jantar.

Depois das observações de Becky sobre a potencial mancha de sangue no embrulho, Amber colocou o pano num saco selado no cofre até poder organizar alguns testes. Abriu novamente o livro, voltando-se para a página depois daquela onde tinha lido sobre a chegada da Eleanor a Milfleet e descobriu uma lista cuidadosamente anotada de ervas. Era como se estivesse a mergulhar noutro tempo e a vislumbrar a vida da outra mulher. Embora se devesse sentir intrusiva, em vez disso, sentia-se como se estivesse a ser puxada de propósito, como se Eleanor quisesse que ela se envolvesse numa história que se tinha desenrolado há quinhentos anos. «*Dum Spiro Spero*. Enquanto há vida, há esperança.» O que é que significavam exatamente aquelas palavras para Eleanor, em 1538? Olhou fixamente para o livro. Ter esperança era realmente assim tão simples? E será que alguma vez seria capaz de abraçar o sentimento? Recostando-se na cadeira, olhou fixamente para as páginas abertas à sua frente, mas tinha a mente noutro lugar, lentamente a refletir sobre os acontecimentos e conversas dos dias anteriores.

Ao longe, Amber ouviu o ténue repicar dos sinos da igreja ancestral a tocar pela aldeia, um som sem idade a ecoar pelas planícies a que Eleanor chamava de lar.

O avô ficou muito feliz por acompanhá-la ao *quiz* do *pub* e ela ainda o tentou com boa cerveja e um jantar que envolveria batatas fritas verdadeiras e não as de sabor a cartão que ela colocava num tabuleiro no forno. Conduziu-os até lá abaixo onde encontrou um lugar de estacionamento para deficientes ao lado da porta do *pub*.

Lá dentro já estava bastante cheio. Era claramente um evento popular da aldeia. Muitas pessoas saudaram o avô e disseram olá, enquanto Amber o conduzia até à última mesa vaga, antes de ir ao bar pedir as bebidas e peixe e batatas fritas para os dois.

Quando Becky chegou à mesa deles com algumas folhas de papel, tinham mesmo acabado de comer e o bar ainda se tinha enchido mais.

— Já nos inscrevi como equipa — contou-lhes. — Tive de pensar num nome, mas não me lembrava de nada em especial. Por isso, agora somos os «Heróis de Saffron Hall». Desculpem.

O avô levantou o polegar, mas Amber fez uma careta.

— Não há nada de heroico em nós, mas suponho que não fará qualquer diferença na nossa pontuação — comentou.

— Será que te ouvi dizer que estão à procura de um herói? — Uma voz atrás de si fê-la girar no banco em que estava sentada, para ver os seus empreiteiros, Pete e o seu pai Kenny, ali parados.

— Se estão aqui para o *quiz*, então sim, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos. — Ela riu-se, arrastando o banco para o lado para que os dois homens se pudessem juntar à mesa. — Espero que sejam ambos bons nas perguntas de desporto!

No final, Amber ficou satisfeita por ter concordado ir com Becky e, embora não tenham ganhado ou sequer chegado aos três primeiros lugares, não se desgraçaram, e ela ficou surpreendida ao descobrir que passou grande parte da noite a rir. Eventualmente, o avô começou a bocejar e só aí percebeu que eram quase dez horas.

— Vou indo para casa — anunciou Kenny. — Eu levo o teu avô a casa. Fica de caminho. Vocês, jovens, fiquem para uma última bebida. Até logo, Pete.

Amber agradeceu-lhe e ajudou o avô a vestir o casaco antes de ir ao bar buscar mais uma rodada de bebidas. Conduzir até ao *pub* significava estar a noite inteira a beber sumo de laranja, mas Becky e Pete estavam ambos a pé, uma vez que Pete ia passar a noite em casa dos pais, e acabaram por partilhar uma garrafa de vinho. Inclinação sobre o bar, observou-os a conversar e a rirem-se juntos. Já longe ia o tímido empreiteiro que ficava em silêncio na cozinha enquanto ela lhe carregava o tabuleiro de bebidas quentes e pacotes de bolachas. Parecia uma pessoa diferente. E Becky parecia uns dez anos mais nova enquanto atirava a cabeça para trás e explodia em gargalhadas com qualquer coisa que Pete tinha dito. Amber observou o olhar dele a pousar no rosto de Becky e teve a certeza de que se sentia atraído pela sua amiga vivaz.

Acabou por chegar a hora de ir embora e ela despediu-se de ambos antes de ir a pé buscar o carro, agora o único que restava no parque de estacionamento. Estava escuro e teve um arrepio. Sempre que saía com Jonathan, ele levava o carro até à porta do *pub* ou do teatro para que ela pudesse ficar no quente e não tivesse de andar às voltas em parques de estacionamento cheios de buracos. Sentia falta dos seus modos calmos e subtilmente cavalheirescos. Ele teria adorado o *quiz* do *pub*. Iam muitas vezes a um *pub* local e ele transformava-se de imediato num concorrente de um *Mastermind*. Era tão competitivo. A ideia dele sentado sozinho no vicariato em frente da televisão com uma refeição feita para um, em vez de estar no *pub* com ela e os amigos, trouxe-lhe lágrimas aos olhos. E sabia que, daquela vez, o culpado não era só o ar frio da noite.

Saindo para a rua principal, pela aldeia, os faróis apanharam Pete e Becky à frente a caminharem juntos. Não estavam de mão dada ou mesmo a andarem especialmente perto um do outro, mas conseguia ver os braços dos dois a roçarem enquanto se moviam e sorriu para si enquanto virava para o caminho em direção a casa. Quando é que voltaria a estar assim tão próxima de Jonathan? O casual andar de mãos dadas, a apresentação ao mundo de que eram unos, uma unidade.

[2] *Saffron* significa açafrão em inglês, nome da casa e da filha de Amber. (N.T.)

Capítulo Doze

1538

No seu primeiro dia em Milfleet, Eleanor não viu o marido até à hora do jantar. O pessoal da casa estava sentado ao longo de bancos na mesa de jantar comprida que se estendia a toda a largura do salão nobre. Reparou que uma grande cadeira esculpida tinha sido deslocada de uma ponta para a cabeceira da mesa e que uma cadeira mais pequena, menos elaborada, tinha sido colocada ao lado. No entanto, evitou-a, sentando-se na ponta do banco ao lado de Nell e Jane, dizendo a Joan para se sentar diante dela. Isso fez com que Hugh tivesse de descer no lugar onde habitualmente se sentava. Abriu a boca como que para discutir, mas voltou a fechá-la, olhando furioso para ela a partir da sua nova posição. Eleanor ignorou-o diligentemente, voltando a sua atenção para Jane que começava a abrir-se um pouco, como um botão de flor apertado que desabrochava lentamente ao sol quente.

Eleanor levantou-se para dizer o *Benedictio Mensae* e todos se voltaram a colocar de pé. Depois, quando tornaram a sentar-se, começaram a comer. Quando Greville entrou, Eleanor não reparou logo nele, mas os companheiros de refeição sim. Ao longo da mesa, a conversa e o barulho diminuíram ligeiramente e as pessoas sentaram-se mais direitas enquanto ele caminhava pela sala até à cadeira maior na ponta da mesa. Ergueu as sobrancelhas em interrogação ao avistar Eleanor sentada no fim do banco ao lado de Jane. Puxando a cadeira mais pequena ao lado da sua, estendeu-lhe a mão, conduzindo-a para fora do banco até à cadeira, antes de se sentar ao seu lado, ambos

à cabeceira da mesa. Ouviram-se vivas dos jardineiros, na outra ponta da mesa, enquanto ela se sentava no seu lugar. Sorriu em agradecimento a Greville, mas ele já se tinha virado, falando com Hugh por cima de Joan que se mantinha a examinar silenciosamente a comida no prato.

Ao ver o pai, Jane saiu imediatamente do lugar e correu para ele, que a levantou do chão e a pôs ao colo, fazendo-lhe cócegas enquanto ela guinchava e se contorcia, em êxtase, abraçando-o. Eleanor sorriu a observar o par. Era a primeira vez que via aquele seu lado diferente. Tinha desaparecido o cavalheiro rápido e sério, um homem de negócios sem tempo para a família ou para a nova esposa. Ali estava um homem que claramente adorava a filha pequena, que lhe era devotado. A sua mente vagueou até ao seu próprio pai e não pôde deixar de fazer comparações favoráveis.

Por fim, sossegaram com Jane sentada no joelho de Greville enquanto ele cortava fatias da carne à sua frente e lhas dava a comer, colocando ao mesmo tempo pedaços delicados na travessa de Eleanor. Quando as conversas à volta da mesa recomeçaram, inclinou-se para Eleanor que ficou ciente do seu cheiro quente e húmido. Não era desagradável.

— Como foi o seu primeiro dia em Milfleet? Gostou?

— Sim, obrigada. O Hugh mostrou-me a casa e os jardins. Fiquei mais impressionada com a capela, embora precise de uma limpeza adequada. O retábulo é maravilhoso. Nunca vi nada assim. Sabe de onde veio?

— Chegou numa remessa de Amesterdão e eu dei-o à Elizabeth. Fico contente que goste dele. — Sorriu-lhe enquanto ela acenava com a cabeça.

— Preocupa-me que o pessoal da casa não assista às orações com frequência suficiente. — Ela olhou-o de lado, pelo canto do olho, atenta à sua reação. Tinha acabado de chegar e era uma crítica à forma como a sua casa era gerida e, em particular, ao seu mordomo, mas Greville não pareceu preocupado.

— Então deve organizar as coisas como deseja — disse-lhe. — Diga ao Hugh que serviços quer que sejam dados e que os servos e a família têm de estar presentes. — Não estava certa de que fosse tão fácil como ele previa, mas enquanto ele estava de bom humor, ela continuou com os pedidos.

— Opor-se-ia a que eu criasse um novo jardim físico na parte das hortas da cozinha?

— Claro que não. Agora é a senhora aqui e pode fazer o que quiser nos terrenos da casa, dentro da casa e na capela. Basta pedir ao Hugh o que quiser. E no exterior precisa do Simon, o meu governador de propriedade. Amanhã apresento-vos. — Estava certa de que o mordomo não seria tão generoso e benevolente como o marido sugeria.

— Outra coisa, pode levar-me à torre, por favor? — perguntou ela, mordiscando o queijo que ele pousou ao lado da sua carne. Não tinha a certeza se ele concordaria.

Ele fez uma pausa.

— Sim, mas tenho de ser eu a levá-la lá acima. Mais ninguém tem uma chave para além de mim, embora eu lhe vá mostrar onde está guardada.

Quando a refeição acabou, viu Hugh a falar com Greville em voz baixa e a gesticular em direção à mesa, mas Greville apenas encolheu os ombros e virou costas, o que valeu a Eleanor outro olhar sombrio do mordomo.

Pegando-lhe na mão e enfiando-a na dobra do braço, Greville conduziu-a pela porta ao fundo da casa para dentro do escritório na base da torre. Pôde ver de imediato que a mobília tinha sido ligeiramente deslocada desde que lhe tinha sido mostrada a divisão e que havia uma pequena escrivaninha enfiada ao lado da dele, muito maior.

— Mandeí colocar aqui esta secretária para si. A minha falecida esposa tinha-a no quarto, mas raramente a usava. Para o caso de querer escrever cartas ou para quando estiver a trabalhar nas contas da casa.

— Obrigada — agradeceu ela com prazer. — É adorável.

— Irei iluminá-la sobre tudo aqui — gesticulou em direção à mesa de cavalete repleta de documentos — na devida altura. Não pode aprender tudo o que precisa de saber de uma só vez. Agora deixe-me mostrar-lhe a sala da torre.

Colocando-se de gatas, rastejou para debaixo da secretária e tirou uma chave de uma pequena prateleira escondida na parte de baixo, liderando o caminho para o corredor das traseiras, onde destrancou a porta que ela tinha visto anteriormente.

— As escadas são íngremes — avisou, pelo que ela levantou a parte da frente das saias para evitar tropeçar enquanto o seguia. Os degraus eram íngremes, de facto, e já estava sem fôlego quando chegaram ao cimo, onde havia outra porta trancada que conduzia a uma sala. As ocasionais janelas seteiras deixavam entrar luz suficiente à medida que subiam os degraus. A escuridão da escadaria entrava em contraste direto com a sala luminosa no topo, que tinha duas paredes com janelas, com pequenas vidraças de chumbo a assegurar que a sala ficava inundada de luz. Surpreendida com o sítio onde tinha acabado de entrar, Eleanor levantou o rosto enquanto se virava lentamente no centro da sala. Havia uma lareira diretamente acima da do escritório, no andar de baixo.

— Para que é que esta sala é usada? — acabou por perguntar. — Não compreendo a razão de mantê-la fechada...

— Hoje em dia há menos razões para trancá-la — concordou —, mas já houve alturas no passado em que foi um esconderijo útil. E é possível ver cavalos a chegar a muitos quilómetros de distância, por isso é um bom ponto de vigia. É sempre útil. Se olhar através desta janela — conduziu-a para lá com as mãos sobre os ombros dela — pode ver o mar. Agora, como minha esposa, vou mostrar-lhe uma coisa — disse num tom sério. — É segredo. Não há ninguém neste mundo ainda vivo que saiba disto, para além de mim. E agora, você. E temos de mantê-lo assim.

Eleanor virou-se para encará-lo, as mãos dele ainda firmes sobre os ombros dela. Ele estava mais perto do que ela pensava e o seu

rosto quase tocou na grossa lã escura do seu gibão. Conseguia sentir o calor que emanava dele. Quando inclinou a cabeça para trás, os olhos dele, quase negros sob as sobrancelhas igualmente escuras e direitas, fitaram os dela como se pesasse se deveria divulgar o seu segredo. O coração dela bateu com força no peito, de repente tão próxima dele, e perguntou-se se ele também o conseguiria sentir através da roupa.

— Senhor? — A voz rouquejou-lhe ligeiramente e sentiu as mãos pegajosas. Ele soltou-lhe os ombros e quando os braços lhe caíram, apanhou a ponta dos dedos dela com os seus antes de a levar para um canto da sala, perto da lareira.

— Tem de me prometer nunca contar a ninguém o que estou prestes a mostrar-lhe. — Ela teve medo do tom sério da sua voz e acenou silenciosamente com a cabeça. — Por vezes, é necessário, enquanto chefe de família, esconder coisas. Dinheiro, joias, coisas que podem ser tiradas. Coisas que não queremos que os outros saibam. Mesmo aqueles que professam ser nossos amigos. Compreende? — Ela voltou a acenar com a cabeça, embora, na verdade, não soubesse bem do que ele estava a falar. — Se alguma vez precisar de manter algo seguro quando eu não estiver cá, é aqui que o coloca.

Soltando-lhe a mão, começou a afastar os juncos velhos e cansados no chão aos pontapés até ter desimpedido um espaço, deixando uma laje descoberta no meio. Ajoelhando-se ao lado dela, deslizou os dedos por debaixo de uma ranhura escondida numa extremidade em que ela não tinha reparado e levantou a laje por completo do recesso onde estava assente, revelando um buraco escuro por baixo. Eleanor ficou de boca aberta de espanto, e depois quando saiu um cheiro fétido a mofo para fora do espaço, voltou a fechá-la com rapidez, tapando-a com as mãos enquanto enrugava o rosto com repugnância.

— Cheira mesmo mal, eu sei. O ar deteriora-se ali em baixo. Esta placa que acabei de mover é muito mais fina do que as normais, por isso é bastante leve. Penso que, se precisasse, poderia movê-la sem qualquer problema. O meu pai e o meu avô tiveram ocasião de esconder a riqueza daqueles que a levariam, por isso, se alguma vez precisar de fazer o mesmo, sabe onde está guardada a chave. Nin-

guém deve saber disto. Nem mesmo a Joan ou o Hugh. Compreende?

— Sim, prometo. — Aproximou-se um pouco para espreitar lá para dentro. — Que tamanho tem?

— É bastante profundo. Se precisar de colocar alguma coisa lá dentro, ate-a a uma corda. Há aqui um gancho no cimo para amarrar, para que a possa puxar de volta para cima. — Voltou a colocar a laje e juntos chutaram as ervas de volta para cima dela. Eleanor duvidou que alguma vez precisasse de esconder ali as suas poucas peças de joalheria ou dinheiro, mas sentiu que, ao Greville mostrar-lhe, tinha de alguma forma passado o teste de confiança. Não o desapontaria.

— Alguma vez teve alguma razão para esconder alguma coisa ali? — perguntou ela, a ponderar se o marido teria segredos a esconder.

— Não, não durante o meu tempo de vida. Mas nunca conseguimos prever o que o futuro poderá trazer. Por isso, temos de estar sempre preparados.

Depois de o ter seguido a descer os degraus precários, pediu licença para ter um momento no escritório. Sentada na sua nova escrivaninha, e pegando na sua pena, abriu o livro de orações, folheando até uma página em branco de velino grosso e suave.

Chegámos a Milfleet ontem à noite. Cavalgámos durante muitos dias — perdi a conta, mas talvez quatro ou cinco, e estava cansada. Dormi muitas horas. Hoje, o mordomo do meu marido, Hugh, mostrou-me a minha nova casa. É maior do que Ixworth, mas não me enche de alegria. Há muito para explorar, uma capela perto da casa que tem muitos acres, os suficientes para plantar o açafrão que me foi dado. Este edifício não me parece o meu lar, mas espero poder transformá-lo. Contém segredos que não devo divulgar, pois assim prometi ao meu marido. Fui apresentada a Jane, de quem agora sou mãe. É calma e tímida, mas espero que em breve sejamos amigas.

Fechando novamente o livro, passou os dedos sobre as linhas suaves da capa, com o provérbio de que o marido tanto se orgulhava. *Dum Spiro Spero*. Ela não sabia como a sua nova vida se iria desen-

rolar e se iria enfrentar momentos em que se agarraria às palavras que agora também eram dela.

Capítulo Treze

1538

Dois dias mais tarde, Greville avisou-a de que em breve teria de partir novamente para Londres.

— Porém, antes de ir, os nossos vizinhos virão jantar connosco. Querem felicitar-nos pelas nossas núpcias. Os Dereham vivem perto de nós, em Crimplesham, e a família há muitos anos que é boa amiga da minha. O filho, Francis, está atualmente com parentes distantes, os Howards, em Lambeth. Ele e o irmão Thomas frequentaram a escola do Priorado de Beeston Regis, embora sejam mais novos do que eu, mais próximos da vossa idade, imagino. Creio que Francis irá em breve viajar para a Irlanda e estou curioso em saber que notícias envia.

Eleanor ficou encantada com a ideia de entreter convidados na sua nova casa. A sua vida enquanto crescia tinha sido muito tranquila e tinha receado que agora, depois de casada, as coisas continuassem iguais, ali presa no meio do nada e isolada quando estava mau tempo.

— Temos de passar os olhos pelos nossos vestidos — disse a Joan — e ver como poderemos arranjá-los um pouco. Tenho algumas fitas na minha caixa de costura. — A amiga estava tão entusiasmada quanto ela e passaram uma tarde feliz, a mais descontraída que ambas tinham tido desde que chegaram a Milfleet, cosendo fios e pérolas de prata às suas melhores toucas e mangas.

O dia do jantar chegou e Eleanor ficou contente por ver que, de acordo com as instruções dadas a Hugh, as ervas do salão nobre tinham sido refrescadas e colocadas e misturadas com lavanda. O co-

zinheiro tinha sugerido cisne assado, gansinho e coelho, e ela tinha ficado satisfeita por lhe deixar as decisões culinárias.

Uma comoção no pátio, com os cães a ladrar, anunciou a chegada de alguém e Eleanor apressou-se a ir para o salão com Joan no seu encalço para saudar os convidados. Gostou imediatamente de Isabel Dereham e em breve as três senhoras estavam sentadas junto à lareira a conversar enquanto Greville desaparecia para o seu escritório com John, ansioso por discutir a sorte de Francis.

Depois de uma refeição expansiva que terminou com ameixas estufadas, queijo e bolos, Eleanor e Joan levaram Isabel lá para fora para desfrutarem do ar quente da primavera. O jardim formal ainda estava completamente coberto de vegetação e por arranjar, e Eleanor lembrou-se de que precisava de organizar os jardineiros para o limpar. Estava a começar a perceber que Joan tinha razão: não podia ser vista como fraca. Os servos só a respeitariam se ela se comportasse como convém à sua nova posição.

No espaço de vinte e quatro horas após a primeira experiência da Eleanor a receber em Milfleet, Greville tinha partido para a corte. Uma nuvem de poeira a desaparecer à distância. Eleanor não sabia se estava satisfeita ou desapontada. Ou zangada. Ele ainda não tinha feito um esforço para se juntar a ela na cama, e por fim ela lá abordou o assunto com ele. Se a achava fisicamente repulsiva, porque é que casou com ela? Depois de a ter avisado do seu desejo de ter filhos, teria de se deitar com ela em algum momento. Até ela sabia disso. Eventualmente, não conseguiu esperar mais e interrogou-o. Ele desconsiderou as suas dúvidas.

— Você é jovem e está numa casa nova e estranha. Quero que adirmos até à altura certa, quando se tiver instalado adequadamente. Quando estiver mais descontraída e habituada aos costumes e às pessoas de Milfleet, então estará pronta — repreendeu-a ele.

— Será a minha primeira vez — lembrou-lhe ela — e estou nervosa. Atrasar o inevitável não está a contribuir para que me sinta descontraída.

— É precisamente por isso que estamos à espera. — Ele envolveu os braços à volta dos seus ombros finos e puxou-a para perto dele, para que ela pudesse sentir o coração a bater contra o dela. — Quero que a sua primeira vez seja memorável, por todas as razões certas. Deve ser especial. E não apenas por ser a sua noite de núpcias, com dezenas de convidados desordeiros por baixo de nós a gritarem encorajamentos grosseiros. Não por ser o seu dever e simplesmente querer que acabe e que esteja feito. Quando chegar a altura certa, faremos amor porque ambos o queremos. Posso ser paciente até lá. — Por um momento, ela inclinou-se contra ele e apreciou o calor e a segurança da sua proximidade.

— E quando me levará consigo à corte? — perguntou ela, de voz abafada na sua jaqueta. — Com certeza que não espera que eu passe o resto da vida abandonada neste deserto? — A descrição que Isabel Dereham fez da vida londrina tinha-lhe atizado ainda mais o desejo de experimentar as delícias da corte.

— Há muito tempo para isso, não se preocupe — assegurou-lhe ele.

Mas agora tinha regressado a Londres, insistindo que a sua prosperidade futura dependia da sua posição entre os cortesãos, para além dos negócios que precisavam de atenção. Ele já tinha explicado que o seu papel como mercador era apenas um meio para atingir um fim, ganhando dinheiro e, ainda mais importante, contactos para elevar o seu perfil dentro do círculo interior do rei, pelo que tinha de ser visto a comparecer na corte. Prometendo que voltaria o mais depressa possível, e tendo-a apresentado a Simon, o seu governador de propriedade, recordou-lhe que ela tinha carta branca para qualquer terra que necessitasse para o cultivo de plantas.

Eleanor estava a sentir-se só e desamparada e não perdeu tempo em ir ter com Simon assim que Greville partiu, pedindo terra onde pudesse cultivar o seu açafrão. Também o informou de que iria ocupar uma secção da parcela da cozinha onde iria criar um jardim físico digno.

— Podemos obter quaisquer medicamentos e curas dos monges — protestou ele. — Eles têm uma enfermaria para a aldeia, não apenas para eles. Não é preciso preocupar-se com o cultivo de ervas para as fazer a senhora pessoalmente.

— Ótimo, então eles terão muitas ervas das quais poderei comprar pés — respondeu ela. — Pretendo utilizar o boticário para fazer as minhas próprias poções e medicamentos, tal como fiz para o meu pai. Fui ensinada pelos monges do Priorado de Ixworth e sou muito proficiente. Por favor, providencie um dos jardineiros para cavar os locais que discutimos, e a faixa de prado doméstico deverá ser lavrada até ao final de junho. Vai precisar de ser arada pelo menos três vezes e revestida com uma quantidade substancial de estrume. Isto é extremamente importante ou o açafrão não crescerá. Precisarei também de ajuda para plantar as minhas cabeças de açafrão.

— Isso vai depender de quem estiver disponível. É uma época ocupada na agricultura.

Eleanor franziu a testa.

— Não tão ocupada como quando tivermos de colher cada flor à mão — advertiu ela. Virando-lhe costas, ao voltar a pé para casa, o efeito foi ligeiramente estragado quando as *pattens* que usava para proteger os sapatos escorregaram no chão lamacento e quase caiu. Assim que se equilibrou de novo, a sua figura diminuta permaneceu direita enquanto caminhava, mantendo a cabeça erguida. Tinha a intenção de se começar a impor e não ia deixar que os servos pensassem que a podiam intimidar só por ela ser jovem e não ser a Lady Elizabeth. Tinha reparado que o respeito que lhe dirigiam quando Greville estava em casa se tinha de algum modo desvanecido e estava determinada a corrigir isso.

Dois dias mais tarde, as áreas que tinha assinalado no jardim tinham sido cavadas e limpas, depois dispostas em oito parcelas escuras de solo brilhante, em retângulos perfeitos rodeados de pequenas vedações de barro à espera de plantas. Cheiravam a riqueza e fertilidade. Eleanor já tinha encontrado lavanda e matricária, alecrim e hortelã a crescer silvestres à volta do jardim, e pegou numa pá e replan-

tou-as, pressionando-as para os novos canteiros. Era um começo, mas precisava de muito mais. Passou um serão a escrever cuidadosamente uma lista no seu livro de horas para não se esquecer de nada.

Na manhã seguinte, prendeu o livro à cinta com a bolsa de moedas e com Joan como companhia, partiu em direção ao priorado na outra ponta da aldeia.

Foram calorosamente recebidas pelo Prior Matthew e levadas até à sua sala privada para um vinho e bolos. Eleanor sentiu o corpo inteiro a descontrair ao mergulhar nos sons e cheiros reconhecíveis que a rodeavam. Não se tinha apercebido como tinha as entranhas retraídas, mas o ambiente e a familiaridade que a envolvia começaram a relaxar-lhe os músculos tensos. Conseguia ouvir vagamente os sons calmantes e enrolados do cântico gregoriano que vinham de baixo, as vozes a precipitarem-se e a mergulharem como andorinhas no verão, fazendo o chão vibrar debaixo dos seus pés. Conseguia senti-lo através do couro flexível das suas botas e viu-se a considerar a preocupação real de que o resto dos mosteiros ingleses ainda pudessem ser dissolvidos. O rosto sorridente do seu amigo Irmão Dominic veio-lhe ao pensamento e perguntou-se como é que ele e os irmãos estariam.

— Fico contente por ver que o vosso estabelecimento não foi encerrado pelo vigário-geral — disse calmamente Eleanor. Sentiu Joan a ficar tensa ao seu lado e ficou surpreendida com a sua própria ousadia. Qualquer menção aos atos do rei poderia ser vista como traição, se alguém quisesse levar a mal as suas palavras, mas ela temia especialmente pelos seus velhos amigos ainda em Ixworth.

O prior inclinou a cabeça.

— Também nós estamos aliviados — concordou ele — e, por isso, damos graças a Deus. — Os três fizeram automaticamente o sinal da cruz.

O ar ficou a pairar pesado no silêncio enquanto consideravam as medidas terríveis que poderiam estar a chegar. Mudando de assunto, explicou brevemente ao Prior Matthew o motivo da sua visita.

— Os aldeões normalmente vêm à enfermaria ver o Irmão Rufus, se estiverem doentes — contou-lhe ele —, mas percebo porque é que seria mais fácil para si fazer os seus próprios medicamentos para a sua gente em Milfleet. Tem muita experiência de boticário?

— Tenho. Antes de casar, vivi uma vida tranquila com o meu pai, passando muitas horas no priorado perto da nossa casa. Os irmãos ensinaram-me caligrafia, a ler e a escrever em latim, inglês e francês, e também a fazer muitos tratamentos e curas. — Sentiu o rosto a animar-se enquanto se recordava. O prior levou as duas mulheres para o jardim e deixou-as com o Irmão Rufus, que ficou feliz por lhes fazer uma visita guiada aos terrenos. E enquanto Eleanor lia a sua lista, desenterrava rebentos da maioria das muitas plantas, colocando-as nos alforjes que Joan carregava.

— Cultivam açafrão? — perguntou Eleanor.

— Temos uma parcela. — O monge apontou para o canto mais afastado do prado, ao lado do jardim onde se encontravam. — Se o tempo for simpático connosco, costumamos colher em setembro. É uma adição útil ao armário da nossa farmácia e também para acrescentar a alguns alimentos, especialmente no inverno, quando as reservas estão baixas e as refeições que comemos são insípidas e pouco apetitosas.

Eleanor pensou no vinho e nos bolos que tinha acabado de comer. Apostava o seu saco de moedas que o prior nunca comia comida insípida e pouco apetitosa, mesmo em pleno inverno.

— Receio que não tenhamos nenhuns bolbos de açafrão de reserva — acrescentou ele.

— Tenho alguns meus — confidenciou ela. — Preocupava-me se iriam crescer aqui, com os ventos ferozes de leste. Em Ixworth, estamos mais para o interior e mais quentes. É bastante perto de Walden, onde cultivam muitas plantas.

— Já ouvi falar de Walden — respondeu ele —, mas aqui nunca tivemos problemas com o clima. Na abadia de Walsingham cultivam uma quantidade prodigiosa de açafrão, quase tanto como em Walden,

creio eu. Felizmente, embora não chova muito no verão, eles parecem prosperar bem nestas condições.

Eleanor contou algumas moedas e entregou-as ao Irmão Rufus. Podiam ser vizinhos, mas cobrava um preço elevado pelas plantas. Sem dúvida que iam todas para os cofres para pagar as guloseimas do prior, pensou ela. Mas estava feliz com o que tinha conseguido obter e, mais importante ainda, com a confirmação das condições favoráveis de crescimento do seu açafrão. Sabia que tinha bolbos suficientes para cultivar três vezes mais plantas do que o tamanho da parcela dos monges. E, dentro de alguns anos, os seus rebentos seriam suficientemente grandes para serem novamente divididos, duplicando instantaneamente o rendimento. Sim, tinha tido um dia extremamente lucrativo, e não apenas pelas novas plantas que levavam para casa.

Eleanor logo se pôs a restabelecer o boticário. Se o pessoal ficou surpreendido por a nova senhora não ter medo de sujar as mãos, guardaram as opiniões para eles. Retirou o seu avental e começou a limpar a divisão antes de a reabastecer com o equipamento de que necessitava. A seu pedido, Hugh enviou um dos servos a Lynn para ir buscar as poucas peças que não conseguiu encontrar na cozinha ou nos armazéns, e ainda escreveu a Greville em Londres pedindo-lhe para encontrar os melhores artigos de vidro francês ou veneziano para ela. Visitava o jardim físico todos os dias para garantir que as plantas novas estavam a florescer.

A primavera tornou-se verão e Greville ainda não tinha regressado. Eleanor viu-se a sentir-lhe cada vez menos a falta, à medida que a sua vida caía numa nova e bem ordenada rotina. Todas as manhãs, Joan e ela caminhavam até à capela onde o pároco dava as matinas e, muitas vezes, também a missa, a pedido de Eleanor. Vários membros do pessoal também assistiam, mas ela deixou claro a Hugh que esperava que todos estivessem presentes aos domingos, e ficou satisfeita ao ver todos os bancos ocupados todas as semanas.

Jane tinha lições de manhã, mas quando o tempo estava bom, Eleanor juntava-se à menina no jardim para brincar depois do jantar, dando a Nell uma preciosa hora para si, pelo que ela parecia grata. Se o tempo estivesse mau, brincavam no solário. Joan não se incomodava

em esconder o quanto desgostava da intrusão, preferindo a paz e solidão a que estava habituada em Ixworth, cosendo em silêncio, mas Eleanor precisava de fazer um esforço para conhecer a nova filha. Com todas as dificuldades decorrentes da adaptação à vida na sua nova casa, só se tinha concentrado nos seus próprios sentimentos de mal-estar, esquecendo-se de como a menina estava a lidar com o facto de ter uma nova mamã. Parecia que o pai fazia poucas aparições no dia-a-dia das pessoas da casa, mas pelo menos ela, Eleanor, podia ser uma mãe adequada para a criança.

Por vezes, depois do jantar, seguia Nell e Jane até ao berçário no andar de cima, onde Jane brincava com uma coleção de animais grosseiramente esculpidos, mas claramente muito amados, que Greville lhe tinha trazido de Londres. Estavam ligeiramente desgastados das horas de brincadeira, agora com as cores desvanecidas. Ajoelhada no chão, Eleanor juntava-se alegremente a um jogo complexo que envolvia os animais a viajarem para Londres para visitar o rei. Qualquer menção à cidade fazia Eleanor pensar quando é que chegaria a altura de *ela* visitar a corte e talvez até ver o próprio rei. Dificilmente conseguia suprimir a sua ânsia.

Eleanor recebeu duas cartas de Greville. A primeira falava-lhe dos damascos e sedas que tinha comprado, prometendo-lhe que traria alguns para casa para ela fazer um vestido, e dos jantares a que tinha ido à Companhia Mercers, e que tinha sido convidado a juntar-se à Companhia dos Aventureiros Mercantes. Estava extremamente satisfeito, pois era considerada uma grande honra e iria ajudar às suas transações comerciais. A sua segunda carta explicava que tinha sido retido em Londres, mas que esperava estar em casa na época das colheitas. Acrescentou que havia rumores na corte de que o rei estava a pensar aumentar o número de mosteiros que ia fechar para incluir os que ainda estavam ativos e Eleanor sentiu o sangue a esfriar. Aquilo seria maldoso para os seus novos amigos no priorado, no outro extremo da aldeia. Tanto para os novos, como para os antigos.

Tinha respondido com respeito, sem mencionar o que ele lhe tinha dito sobre os planos do rei. Começava a perceber que o seu marido não era tão devoto quanto ela e não temia as sublevações religiosas

como ela. Em vez disso, descreveu-lhe como preenchia o tempo, embora suspeitasse que não estivesse interessado na sua vida mundana ali desterrada em Norfolk. Também queria perguntar se podia usar o quarto no topo da torre para secar o açafrão, quando chegasse a altura. Estava preocupada que dissesse que não, por isso atrasou deliberadamente o pedido até ser demasiado tarde para ele recusar. A verdade era que ela precisava de um lugar seco e quente onde pudesse acender uma fogueira, numa divisão sem correntes de ar. E um lugar onde pudesse impedir qualquer pessoa de andar a vaguear por lá, ou ter animais errantes a pisar. As frondes de açafrão seriam finas e não pesariam quase nada. Não deviam ser perturbadas ou toda a colheita poderia perder-se.

Quando chegou julho, as parcelas sulcadas ao longo do prado estavam prontas, como prometido. Eleanor tinha informado Simon de que precisaria de seis homens para ajudar a plantar os bolbos e, apesar dos seus protestos, os trabalhadores estavam lá à espera. No entanto, nem um homem entre eles, apenas seis crianças dispostas a empurrar cuidadosamente os bolbos, como ela demonstrou. Ficaram mais do que satisfeitos com o massapão doce e as sêmeas que ela distribuiu como pagamento. Depois, tomou então para si a tarefa de subir e descer o caminho deixado entre as filas de bolbos, regando-os.

O verão resplandeceu, dia após dia de céus amplos e profundos azuis que encontravam a linha cintilante do horizonte até se fundirem sob o implacável sol escaldante. Da torre, tal como prometido por Greville, Eleanor podia ver o mar, uma fina linha de cinzento profundo no horizonte entre o céu e as dunas.

Tinha ordenado que a rega do açafrão e das ervas se fizesse o mais tarde possível à noite, para impedir que a água secasse antes de ter a oportunidade de se infiltrar no solo poeirento. Ao meio-dia estava demasiado calor para qualquer pessoa trabalhar lá fora, e começou a encurtar os seus jogos com Jane para se poder deitar na sua

cama só um pouco e tentar arrefecer. O linho colava-se-lhe à pele em manchas suadas. Do lado de fora da janela estava tudo em silêncio, com o zumbido das moscas sonolentas como único som quando os pássaros caíam em silêncio no calor opressivo e esgotante. Embora gostasse de visitar o mar, que estava certa de que seria gloriosamente fresco, sabia que andar a cavalo em tempo quente era horrível e cansativo, não valendo o prémio de apreciar a água a bater-lhes nos pés.

Então, na quietude túrgida, chegaram notícias terríveis da aldeia. Tinha-se espalhado uma doença pela enfermaria do priorado, matando três aldeões, um vendedor ambulante e quatro dos monges mais idosos. Pensava-se que teria sido o vendedor ambulante a trazer a doença e no espaço de um dia todos eles estavam mortos. Eleanor proibiu imediatamente qualquer pessoa de sair da casa, mas os seus métodos preventivos chegaram demasiado tarde. Uma das leiteiras, Ruth, tinha visitado o seu noivo na aldeia na noite anterior a alguém ter adoecido. Tinha tido demasiado medo de admitir o encontro clandestino porque sabia que estaria em apuros, pelo que não disse nada até desmaiar no quintal.

De imediato, Eleanor ordenou que fosse colocado um catre num telheiro exterior vazio para fazer de enfermaria temporária. Sabia que era imperativo que a rapariga fosse mantida em quarentena, e proibiu até a mãe de visitá-la. Havia cinco irmãos mais novos na sua casa que precisavam de proteção. Preparou uma tisana de arruda, calêndula, matricária e erva vinagreira queimada, e levou-a em copos pequenos de cerveja, obrigando a rapariga a beber tudo o que lhe dava. Estava grata pelas horas passadas no boticário em Ixworth — em que aprendeu ao lado dos monges desde tenra idade —, que lhe proporcionaram um conhecimento tão vasto sobre medicamentos. Sabia que tinha tido razão ao insistir ter o seu próprio jardim de ervas ali em Milfleet. O Irmão Rufus agora não lhe servia de nada. Cada visita que fazia a Ruth era com um avental lavado, que depois era colocado num tacho a ferver assim que o retirava. Não fazia ideia se a rapariga poderia ser salva, mas estava mais preocupada com a doença se propagar a outros.

Por fim, passados três dias a vacilar entre a vida e a morte, Ruth virou a página e começou a melhorar. Eleanor insistiu que permanecesse no seu quarto improvisado por mais algum tempo e enviou-lhe caldos, e mais tarde tartes e geleias. Após mais duas semanas, ficou feliz que Ruth estivesse suficientemente bem para voltar para casa, e Eleanor ordenou que o fardo de palha fosse queimado. Deixou a porta do telheiro aberta e disse a Hugh para garantir que as paredes e o chão eram passados com água quente impregnada de alecrim e calêndula. Esperava que ele fizesse um comentário grosseiro, mas para sua surpresa, concordou em providenciar o que ela tinha pedido.

— Todos pensámos que fosse morrer — disse-lhe. — O que fez, curando-a, foi muito surpreendente. A doença mata sempre. Podia ensinar uma ou duas coisas àqueles monges.

Eleanor riu-se, corando de vergonha e gratidão.

— Tudo o que sei sobre medicamentos, aprendi de monges. Tive apenas sorte com a Ruth. Era forte e saudável, por isso a doença não se apoderou dela como faz com as pessoas mais fracas e os idosos. Mas temos de estar sempre atentos. Com este forte calor, sem que haja ainda sinais de ter partido, a doença pode reaparecer a qualquer momento.

Voltando ao boticário, Eleanor não conseguiu resistir a um pequeno sorriso de satisfação consigo própria. Foi apenas um começo, mas houve ali uma pequena fenda na muralha de gelo de Hugh?

Capítulo Catorze

1538

A colheita começou, mas ainda não havia sinal do regresso de Greville, nem carta. Os dias quentes continuaram e os campos dourados em breve estavam salpicados por alqueires de feno, os celeiros a encherem-se da generosidade satisfatória, e por fim, o lilás claro das flores de açafão começou a desabrochar e a abrir as pétalas, exibindo a riqueza que balouçava lá dentro. Os monges tinham ensinado a Eleanor qual era a altura ideal para tirar as cabeças das flores, e como estavam agora no final de setembro e a maior parte da colheita — para além da fruta — tinha sido colhida em segurança, conseguiu obter a assistência de trabalhadores suficientes para enfrentar a árdua apanha das flores.

No final do primeiro dia, de costas e pernas doridas da flexão constante para colher as flores, seguida da árdua tarefa de remover os fios, Eleanor foi procurar um lugar calmo para se sentar durante dez minutos. Entrou no escritório, que deixava sempre destrancado. Um súbito esgravatar ao canto da sala indicou-lhe que não era a única ocupante, com a sua chegada claramente a perturbar o que quer que tivesse feito o barulho. Tinha as suas suspeitas e fez uma nota mental para pedir uma ratoeira.

Foi então que reparou numa carta para ela, deixada no canto da sua secretária. Tinha estado no campo desde a primeira luz do dia e não tinha visto Hugh, por isso, sem dúvida que a tinha deixado onde sabia que a encontraria. Ao quebrar o selo, reconheceu imediatamente a mão do Irmão Dominic, e o seu rosto abriu-se num largo sorriso ao pensar em notícias dos seus amigos. A carta estava datada de

agosto e começou com notícias sobre os irmãos e de como o açafrão deles crescia bem, o que a fez acenar para si em acordo, com o sucesso da sua própria colheita derivada da confiança que o prior depositou nela. Depois, enquanto continuava a ler, sentou-se na cadeira ao seu lado, incapaz de acreditar nas palavras. Parecia que os comissários do vigário-geral iriam fazer uma visita ao priorado em Ixworth. Sabia que tinham andado a fechar os estabelecimentos mais pequenos, mas descobrir que isso poderia estar prestes a acontecer aos seus amigos, pessoas que conheceu durante a maior parte da sua vida, magoou-a profundamente. Os homens de Cromwell pegariam em tudo o que pudesse ser vendido e expulsariam os irmãos. Ela só podia esperar que lhes fossem dadas pensões e alojamento, mas não havia garantias disso.

Sentando-se à própria secretária, abriu o livro de horas, pousado à sua frente. A familiaridade das letras limpas dos monges, tão cuidadosamente desenhadas, trouxe-lhe momentaneamente lágrimas aos olhos, à medida que as memórias a voltavam a inundar. A página inicial das miniaturas de Santo André e São Filipe era requintada, decorada num espectro de vermelhos e azuis, juntamente com toques elaborados em dourado, seguidos pelo calendário das festividades religiosas que ela tão bem conhecia. As páginas em branco, cosidas em cada secção e num total de vinte, eram um incentivo que Eleanor não podia ignorar. Virando a folha, mergulhou uma pena no seu frasco de tinta e escreveu cuidadosamente:

A nossa primeira colheita de açafrão já começou. Começo agora a sentir-me em paz na minha nova casa e estou muito satisfeita que os meus bolbos vão trazer as riquezas que prometiam. Mas notícias de Ixworth e do Irmão Dominic encham o meu coração de pavor pela sorte dos meus amigos.

Depois salpicou alguma da areia fina do agitador de prata em cima da tinta húmida e esperou que secasse, antes de sacudir a areia para o chão. Ao voltar à página com as iluminuras, atraída pelas suas cores, passou a ponta dos dedos por cima enquanto uma ideia para embelezar o livro de orações se começava a formar na sua mente. Os monges de Ixworth tinham-lhe mostrado como faziam as tintas colori-

das do zero, embora o seu pai, tal como o marido, as comprassem já prontas. Se pedisse a Greville para trazer para casa algumas gomas arábicas quando regressasse de Londres e conseguisse encontrar localmente as galhas de carvalho, também poderia fazer as suas próprias tintas para decorar as entradas do livro de orações.

Mais tarde, encontrou Joan e mostrou-lhe a carta que tinha recebido.

— Estou tão preocupada com os nossos amigos — confessou. — O que é que posso fazer para ajudá-los?

— Nada, receio. — Joan abraçou Eleanor e estreitou-a nos braços. — Agora estamos demasiado longe. E mesmo que não estivéssemos, não consigo pensar em nenhuma forma de os podermos ajudar. Ir contra o vigário-geral e os seus homens seria o mesmo que traição e poderia acabar muito mal. São as ordens do rei, e todos nós somos impotentes. — As suas palavras destinavam-se a consolar, mas Eleanor ainda se sentiu mais ansiosa e desamparada.

A colheita foi um trabalho longo, lento e árduo. Muito mais árduo do que Eleanor se tinha apercebido quando tinha trabalhado com os monges a colher os pequenos estames vermelhos nos jardins do priorado em Ixworth. Todas as manhãs ao amanhecer, os colhedores precisavam de estar no campo a colher as cabeças das flores que se tinham aberto aos primeiros raios de sol desse dia. Quando o sol já ia alto no céu e o dia estava mais quente, Eleanor e Joan sentavam-se na sala da torre junto de uma mesa de cavalete a extrair cuidadosamente os pequenos fios dourados.

Mais tarde, foram capazes de dispor as frondes secas sobre os papéis especiais de secagem para as prensar em bolos planos e redondos de açafraão, como lhe tinha sido ensinado. Além de ser o único lugar na casa onde ela podia assegurar que os fios não seriam perturbados por correntes de ar, também significava que as pessoas que não apreciavam a sua importância — incluía todos naquela categoria — não poderiam perturbar acidentalmente todo o seu trabalho árduo. E as grandes janelas permitiam que a sala aquecesse durante o dia, agora com o mais suave sol outonal.

Vigiava o seu esconderijo todos os dias e recolhia vários ratos das ratoeiras que tinha colocado para garantir que nada estragava a sua colheita no último momento. O seu coração palpitava com uma melancolia monótona quando se recordava dos dias de outono do passado e do cheiro picante do açafrão a ser seco no priorado. Nessas alturas, sentia mais saudades de casa do que em qualquer outra desde que tinha chegado a Milfleet.

Como prometido, falou com o cozinheiro e disse-lhe que queria organizar uma festa para celebrar a colheita inaugural de açafrão. No início, ele ficou hesitante, especialmente com a aproximação do Advento e do jejum que requeria, mas ela insistiu que era o momento perfeito e ordenou o abate de vários animais.

Usando a menor quantidade possível da sua preciosa colheita, fez pequenos bolos picantes com mel e nozes que saíam do forno de um amarelo resplandecente e se tornaram muito populares de imediato. Nem mesmo Eleanor podia negar que o sabor em nada se assemelhava a qualquer outra coisa que tivesse provado antes, e agradeceu secretamente ao prior por um presente de casamento tão maravilhoso.

A festa estava no seu auge. Todo o pessoal da casa e trabalhadores da jardinagem, juntamente com as suas famílias, estavam sentados em bancos à volta do fundo do salão, de barriga cheia e copos repletos de vinho ou cerveja. Eleanor estava sentada no meio de um banco com Joan de um lado e Jane do outro. Estavam a apreciar as taças de nozes com glacé e a fruta açucarada que o cozinheiro tinha colocado em cima da mesa. Tinham começado alguns cânticos folclóricos em tom forte e estridente. A maioria era canções locais desconhecidas para ela, mas Eleanor bateu palmas ao ritmo, sorrindo para Nell que se levantara para dançar com Roger, um dos seus colhedores mais trabalhador. Estariam a cortejar-se? Eleanor apercebeu-se de que tinha estado tão agarrada à sua própria vida desde que chegou a Milfleet que negligenciou o seu papel de cuidar do pessoal doméstico.

Através do barulho, com Jane agora sentada ao seu colo, juntando-se às palmas com as suas mãos pegajosas e gorduchas, Eleanor reparou que os cães que tinham terminado a sua pilhagem noturna debaixo das mesas, e estavam deitados e adormecidos frente à lareira, saltaram de repente, de narizes a tremer e cabeças inclinadas para um lado. Correram para a porta que conduzia ao pátio, ladrando e esfregando o focinho contra a pesada tapeçaria, que estava atravessada através da porta. Olhou para Hugh que se pôs de pé, mas não suficientemente rápido, pois a cortina foi empurrada para trás e Greville entrou. Vestia um grosso manto de viagem cinzento com uma gola de pele puxada à volta do rosto contra o ar frio da noite e tinha o chapéu firmemente puxado para baixo sobre as orelhas. As suas pernas foram imediatamente fustigadas pela matilha de cães extasiados por ver o amo enquanto ele olhava incrédulo em redor para os foliões agora silenciosos, antes de virar o olhar inquiridor para a esposa.

— É assim que a minha casa se comporta na minha ausência? — perguntou, de voz a retumbar enquanto caminhava mais para dentro do salão, sem desviar os olhos do rosto de Eleanor. — Por Deus, o que é que estamos a celebrar?

— Estamos a regozijar-nos com o sucesso da colheita do meu açafrão — respondeu ela, de palavras interrompidas quando lhe beijou firmemente os lábios, a pele fria contra o seu calor, antes de lhe tirar Jane do colo e atirar a menina ao ar, fazendo-a rir com deleite.

— Nesse caso, se temos algo a celebrar, devemos todos continuar com a festa. — Servindo-se de um copo de cerveja, bebeu-o de um trago antes de se sentar no banco ao lado de Eleanor, equilibrando Jane no joelho. À volta deles, o barulho recomeçou, um pouco mais moderado do que antes.

— Então, esposa, o que é exatamente esta colheita de açafrão de que fala? Acabei de vender um barril de açafrão de Veneza com um lucro muito considerável.

— Posso mostrar-lhe de manhã — disse-lhe. — Mas primeiro, experimente... — Esticou o braço para a mesa, pegou num dos poucos pãezinhos que restavam e passou-lho. Erguendo as sobancelhas, ti-

rou um pedaço e comeu-o lentamente, sem tirar os olhos do rosto dela. Depois, em duas dentadas enormes, o resto do bolo desapareceu. Engoliu-o com um gole da sua bebida.

— Isto é muito bom — disse-lhe. — Nunca comi um bolo tão bom, nem mesmo quando estou na corte. Estou ansioso por saber mais sobre o seu açafrão. — Os seus olhos fixaram-se nos dela e acenou uma vez, lentamente, como se começasse a perceber qualquer coisa. Um sorriso atravessou-lhe o rosto.

— Tudo o que sei, aprendi com os irmãos em Ixworth. — Parou por um momento e depois decidiu abordar o assunto que a preocupava, enquanto o marido parecia estar de bom humor. — E recentemente descobri que podem ser encerrados pelos comissários. Como é que isso pode estar certo? Não terão para onde ir. Dedicaram as suas vidas a Deus e a ajudar os outros.

— É assim que o rei quer e nenhum de nós deve questionar as suas decisões. — Greville rejeitou energicamente as preocupações dela e não a deixou em dúvida sobre a quem se dirigia a sua lealdade.

— Ajudar os outros — repetiu ela com veemência. — Pessoas como eu — murmurou ela entredentes — e dando-me os bolbos de açafrão que agora se encontram debaixo do seu solo, que nos deram o melhor açafrão, pessoas também como você. — Eleanor não estava contente, mas sabia quando devia manter os pensamentos para si. Nunca poderia aceitar a destruição da sua religião, independentemente do que o seu marido sentisse sobre isso.

Apareceu uma Nell ruborizada, rosada e ligeiramente suada, pronta para levar Jane para a cama. Greville beijou o topo da cabeça da filha e ia levantá-la do joelho e passá-la a Nell. Contudo, Jane tinha ideias diferentes e, em vez disso, saltou do colo dele para o de Eleanor, enrolando-lhe os braços à volta do pescoço e plantando-lhe um beijo ruidoso na face. Rindo-se, Eleanor retribuiu, antes de a entregar a Nell, que aguardava.

Greville pegou-lhe nas mãos.

— Parece que se acomodou muito bem em Milfleet — disse a sorrir. — Nunca vi a Jane tão apegada a alguém. Trouxe-a para fora da

sua concha. Ela sempre foi uma criança tão tranquila.

Envergonhada, baixou o olhar para o colo. Ele ainda tinha as mãos frias de vir da rua e ela estava ciente de que lhe esfregava os nós dos dedos para trás e para a frente no interior do pulso.

— É uma menina adorável — respondeu. — Não é difícil encontrar um lugar no meu coração para ela. Espero que não se importe que façamos estas festividades. Prometi aos trabalhadores do exterior pois trabalharam incansavelmente para colher o açafão. Mas diga-me o que está a fazer em casa. Não estávamos à sua espera.

— Os servos estão claramente a divertir-se — veio como resposta, mas riu-se ao dizê-lo e Eleanor percebeu de imediato que ele não se importava mesmo com as celebrações. — Vi uma oportunidade de sair de Londres e aproveitei-a — explicou. — O rei foi ficar em Richmond e suspeito que ninguém vá reparar se eu estiver fora por algum tempo. Precisaréi de estar de volta a Londres em janeiro e as estradas poderão estar traiçoeiras nessa altura. Posso demorar várias semanas na minha viagem de regresso. Mas neste momento — olhou em redor do salão —, acho que ninguém vai reparar se eu e a minha esposa deixarmos a festa. — Agarrando a sua pequena mão na dele, conduziu Eleanor até ao quarto, ela com o coração a bater com força, ao ritmo dos pés na escadaria.

Não tinha estado nos aposentos dele desde aquele primeiro dia em que Hugh lhe tinha mostrado a casa. Agora, com uma lareira abrasadora e as velas acesas, o quarto parecia mais vivo e acolhedor. Mas não lhe acalmou nenhum dos medos, que lhe oprimiam o peito. Sabia o que estava prestes a acontecer, que a hora tinha chegado.

Parado atrás dela, Greville começou a desatar-lhe lentamente o vestido. Não houve nenhum dos movimentos irrefletidos e superficiais que tinha feito antes, na noite de núpcias. Na altura, tinha-a ajudado porque não havia mais ninguém no quarto para o fazer, mas agora enquanto ela estava de costas para ele, ele passava as costas das mãos de forma tentadora sobre as linhas da sua coluna a cada puxão de fita. Ela conseguia sentir o calor do seu corpo perto do dela quando finalmente foi capaz de sair da sua roupa e não ficou com nada

mais vestido para além da sua camisa. De mãos trémulas, alcançou e retirou a touca simples da cabeça, juntamente com os alfinetes do cabelo, até uma pesada onda de caracóis lhe cair quase até à cintura.

Conseguia ouvir Greville a mover-se pelo quarto a despir a roupa, mas não se atrevia a virar-se. Embora conhecesse o básico da anatomia de um homem, não estava certa de querer realmente olhar para ela. Ele apagou as velas uma a uma até a única luz vir das chamas cintilantes do fogo diante dela. Como a cama estava atrás dela, sabia que a dada altura teria de se virar e encará-lo. Mas quando se mexeu, sentiu-o ao seu lado, e depois os braços nus e fortes levantaram-na como se não pesasse nada e levaram-na para a cama. Tinha o peito nu e sentiu ao de leve os pelos grosseiros do seu peito ásperos contra o seu rosto, e cheirou os tons acres de suor antes de ele a deitar no colchão e subir para o seu lado. Com cuidado, tirou-lhe a camisa e deixou-a cair atrás dele no chão. Ela estremeceu, apesar de não estar com frio.

Com as cortinas abertas, a luz do fogo brincava nas curvas do seu corpo enquanto ele, apoiando-se num braço, lhe murmurou:

— Esperei muito tempo por esta noite. Acha que agora estamos ambos prontos?

Eleanor acenou em silêncio, o coração a bater com força no peito.

Afagando-lhe o cabelo, acrescentou:

— Não tenha medo, Eleanor, não a vou magoar.

Capítulo Quinze

2019

Amber dormiu mal. Os seus sonhos foram salpicados de trechos da discussão com Jonathan enquanto se agitava repetidamente na sua cabeça até ela a ter examinado de todos os ângulos e ainda sem quaisquer respostas que procurasse. Por fim, de cabeça a latejar e com um zumbido nos ouvidos devido à falta de sono, decidiu desistir da ideia de voltar a adormecer e levantou-se às cinco horas para continuar a explorar o precioso livro de horas.

No escritório e ainda de pijama, Amber levantou o livro do cofre e colocou-o no expositor. Precisava de ligar para a universidade e ver se eles podiam examinar o tecido onde o livro tinha sido guardado a nível forense. Estremeceu ligeiramente, lembrando-se de Becky a comentar que as manchas pareciam sangue antigo. Temia que a amiga tivesse razão.

Ao virar as páginas, maravilhou-se uma vez mais com a requintada decoração das iluminuras. Planeou traduzir o que tinha sido escrito, mas suspeitava que provavelmente se tratava de salmos e possivelmente também de excertos dos evangelhos. O que queria realmente examinar eram as entradas feitas por Eleanor e descobrir se existiam mais explicações sobre Mary. Não conseguia parar de pensar na passagem do início do livro e no que poderia significar.

Por fim, encontrou uma página com a caligrafia que agora conseguia reconhecer, desta vez escrita em inglês e decorada com contornos de flores a descrever a chegada de Eleanor ao que Amber presumia ser o seu novo lar conjugal. O seu coração chorava pela jovem mulher que parecia, pelas suas palavras, estar perdida e sozinha.

Chegámos a Milfleet ontem à noite. Cavalgámos durante muitos dias — perdi a conta, mas talvez quatro ou cinco, e estava cansada. Dormi muitas horas. Hoje, o mordomo do meu marido, Hugh, mostrou-me a minha nova casa. É maior do que Ixworth, mas não me enche de alegria. Há muito para explorar, uma capela perto da casa que tem muitos acres, os suficientes para plantar o açafrão que me foi dado. Este edifício não me parece o meu lar, mas espero poder transformá-lo. Contém segredos que não devo divulgar, pois assim prometi ao meu marido. Fui apresentada a Jane, de quem agora sou mãe. É calma e tímida, mas espero que em breve sejamos amigas.

Amber levou a mão à boca e releu o que estava escrito. Inclinou-se para mais perto, certa de ter visto, de alguma forma, algo que tinha lido mal. Mas não, estava lá. Açafrão. Eleanor estava a escrever sobre açafrão. A palavra destacava-se da página. Devagar, voltou a ler a passagem, com a boca a soletrar silenciosamente as palavras. Ela estava em Saffron[3] Hall. Qual era a ligação entre a sua casa de família e a Milfleet de Eleanor?

Amber tinha suspeitado que Eleanor tivesse vivido algures por ali, mas até àquele momento não se tinha deliberadamente permitido sequer considerar que tivessem vivido na mesma casa. As lendas de família, as histórias que o avô lhe contara falavam dos açafrões claros que outrora ali tinham sido cultivados. Isso dava origem à especiação de um dourado profundo pela qual tinha nomeado a filha. Uma menina cuja cabeça esteve rodeada de madeixas de cabelo ruivo claro tão parecidas com as suas, mas que ainda não tinha desenvolvido o tom brilhante acobreado ao crescer.

Continuou a folhear as páginas do livro. A sua antiguidade significava que tinha de usar de extremo cuidado, mas estava desesperada para encontrar mais entradas escritas pela mão de Eleanor e não demorou muito até ser recompensada com outra.

Mostrei a Greville onde secámos e preparámos o açafrão. A torre, que guarda os seus próprios segredos perto do coração, guardará também este. Nenhum mal deverá chegar à preciosa especiação.

Era um sinal. Mais provas, caso fossem necessárias. Tinha estado a usar a torre para secar o seu precioso açafão. Seria a torre, a torre do avô, atualmente enjaulada em andaimes? A ligação. A bebé de Amber — a especiaria de Eleanor — a bebé de Eleanor. Um fino fio de uma teia, uma ligação entre as três. Inspirou uma golfada profunda de ar, na esperança de apanhar uma pitada daquele cheiro, a sugestão de que ela agora tinha a certeza de que indicava que Eleanor estava com ela, mas não havia nada.

Recostou-se na cadeira, sentindo o coração a bater-lhe no peito. Que dizer desta Milfleet? Onde é que ficava? Será que era mesmo Saffron Hall? Era demasiado para ser só coincidência, a descrição da torre e o cultivo da especiaria que deu nome à casa e muito mais. Voltou à passagem escrita no início do livro, a súplica pela filha bebé que estava tão desesperada por compreender. E o que dizer das outras três crianças listadas no próprio frontispício do livro? Teriam eles vivido e brincado nos campos de açafão de Eleanor?

Ouvindo o avô a descer lentamente as escadas, esperou até reconhecer a pausa quando chegava ao fundo, onde parava sempre para recuperar o fôlego. Depois chamou-o, sugerindo que viesse até ao escritório para ver o que ela tinha descoberto.

— Fazes alguma ideia de onde ficava ou fica Milfleet? — perguntou, depois de explicar o que tinha acabado de descobrir.

O avô abanou lentamente a cabeça.

— Nunca ouvi falar — admitiu —, mas fica à vontade para pesquisar as escrituras e os documentos de família, se quiseres, para ver se há alguma menção a isso. Estão naquela caixa de madeira no fundo do cofre. Vê se te dão alguma pista. Agora... chá e torradas? — Estava claramente farto de falar sobre a casa e queria tomar o pequeno-almoço. Saiu a arrastar-se, deixando Amber a pensar. Tudo o que encontrava naquele pequeno livro criava mais perguntas do que respostas. Seria possível que fosse verdade? Teria ela descoberto involuntariamente as origens do nome da sua casa de família, aquele que tinha escolhido para a própria filha? A referência ao açafão tinha-lhe

despertado ainda mais o interesse. Teria de ter cuidado para que a sua pesquisa não se tornasse numa obsessão.

Uma pesquisa no Google não lhe trouxe nenhuns resultados. Não havia qualquer menção a Greville, ou Eleanor, ou a qualquer uma das crianças. Mas isso não era surpreendente, caso fossem apenas nobreza menor da Norfolk rural. Se tivessem vivido em Norwich, um porto próspero nos tempos medievais, talvez houvesse registos melhores. Tentou procurar pela história na área de Milfleet de King's Lynn, mas só conseguiu descobrir que originalmente tinha sido o nome de um riacho fronteiriço. Nenhum sinal de castelos ou casas Tudor. Pela breve descrição de Eleanor, a sua nova casa parecia de tamanho considerável. Para onde quer que se virasse, a possibilidade de Saffron Hall ter sido originalmente Milfleet parecia-lhe mais forte.

Enquanto estava na Internet, Amber abriu rapidamente o *e-mail*. Se conseguisse pedir um acesso remoto aos motores de busca académicos que utilizava no trabalho, talvez conseguisse descobrir mais informações. Pensou nostalgicamente em como todo o seu departamento se teria envolvido num verdadeiro mistério, como o que estava ali a desvendar, e apercebeu-se com surpresa de quanto sentia a falta de todos eles. Enviou rapidamente um *e-mail* para a conta universitária da Becky a solicitar o *login*.

Mas a sua caixa de entrada mostrou algo de que não estava à espera. Um *e-mail* de Jonathan. Tendo falhado em produzir uma resposta às suas mensagens, tinha obviamente decidido disparar um *e-mail*. A linha de assunto estava em branco e abriu-o, surpreendida, ficando de olhos arregalados e rosto pálido enquanto lia o conteúdo.

Amber,

Lamento que tenhamos discutido quando te visitei. Não era o que eu queria nem a razão de ir aí. Pensei que quando decidiste tirar um tempo do trabalho, nos daria um espaço precioso para estarmos juntos e fazermos o luto pela Saffron, e tentar seguir em frente. Mas tal não está a acontecer. É como se nos estivéssemos a afastar mais e já não te conheço.

Nunca quis que as nossas vidas chegassem a isto, mas se nenhum de nós está feliz, talvez estivéssemos melhor separados, permanentemente.

Amo-te, mas já não me parece que possa ser o que precisas, seja lá o que isso for.

Com todo o meu amor, para sempre, Jonathan xxx

Amber recostou-se na cadeira, com o movimento a fazê-la balançar de um lado para o outro. Tinha o peito apertado de dor e desespero reprimidos. Quis responder-lhe de imediato e atirar-lhe acusações, mas para variar sentou-se em cima das mãos e parou. Será que ele queria o divórcio? Parecia estar a insinuá-lo, mesmo sem usar a palavra D.

Ela não tinha «saído de casa». Era uma coisa ridícula de se dizer. Eles tinham acordado que ela ficaria com o avô e o ajudaria com os seus livros enquanto recuperava do trauma do que tinha acontecido. Se ele não estava contente com a sua mudança temporária, então deveria ter sido mais explícito quando a situação foi sugerida. Depois apareceu ali em casa na defensiva e de repente era tudo culpa dela? Ele parecia ter desistido do casamento deles, o que não era o que ela queria. Pelo menos, achava que não era.

Escreveu rapidamente outro *e-mail* a Becky, perguntando à amiga se nessa noite estava disponível para uma conversa. Sabia que não podia adiar mais. Tinha de se abrir sobre o estado do seu casamento. Ou sobre o seu não estado, o que estava mais próximo da verdade. Também queria partilhar o que tinha encontrado no livro de Eleanor e perguntar a Becky o que achava.

Becky respondeu, propondo que, se Amber não se importasse de arriscar os seus dotes duvidosos para a cozinha, se juntasse a ela nessa noite para jantar. Os pais tinham ido embora para a Austrália visitar a irmã, por isso tinham a casa só para elas. Respondeu ao *e-mail* com um *emoji* de polegar para cima e acrescentou «Levo vinho!»

antes de virar a sua atenção para a nova pilha de caixas que tinha pedido a Pete para arrastar do sótão no dia anterior. Precisava de fazer bom uso de qualquer pessoa com músculos na casa.

Consciente de que ia abandonar o avô à noite, Amber fez uma pausa do arquivo para tomar o chá da tarde com ele. Sentados na cozinha com uma chávena de chá e um *scone* de queijo, foram interrompidos pela já familiar batida de Kenny à porta das traseiras.

— Aquele homem consegue ouvir a chaleira a ferver do topo da torre — resmungou Amber enquanto o convidava a entrar e ia buscar outra caneca ao armário. Contudo, bastou um olhar para a sua cara para saber que não estava na cozinha só para cravar uma bebida quente. — Não estás com o teu ar alegre habitual — comentou ela, passando-lhe uma chávena de chá preto fervido, tal como ele gostava. Ele deu um gole longo e barulhento no chá, passando a mão pelo cabelo ondulado, banhando a mesa com pequenos pedaços de areia e pó de argamassa.

— Queria só pôr-vos a par das novidades — disse-lhes — e receio que não sejam boas notícias. A fenda parece ser muito mais extensa do que pensávamos inicialmente. Provavelmente vamos ter de deitar abaixo toda a esquina da torre. Significará remover a outra janela, duas paredes e possivelmente também a chaminé. As pessoas da conservação terão de concordar com tudo antes e quererão supervisionar, claro.

— E quão dispendioso será? — perguntou Amber.

Kenny encolheu os ombros.

— Quanto mais tempo o andaime estiver montado, mais nos cobram por ele, e estamos a ser cobrados à semana. E enquanto estivermos a trabalhar aqui no local, teremos também de cobrar, lamento.

— Lá terá de ser. — O avô parecia resignado. — Não vale a pena preocuparmo-nos com o dinheiro. As reparações têm de ser feitas. Sou apenas o guardião da casa e prestes a entregá-la a Amber, eventualmente. Se for preciso desmontar a torre inteira para a reparar, que assim seja.

— Ainda não sei se será a coisa toda, mas sim, pode chegar a isso. Obrigado por ser tão compreensivo. — Kenny acabou de beber a sua chávena com imenso ruído. — Depois digo-vos o que os fulanos da conservação disseram. — Deixou-os a beber o chá, agora a sentirem-se dominados pela ideia de a sua amada torre, tão particular, não só da casa, mas também da aldeia circundante, poder desaparecer permanentemente da linha do horizonte.

Ainda era de dia quando Amber saiu para a casa de Becky, mas perante a insistência do avô, enfiou uma das suas numerosas lanternas no bolso do casaco. Os escassos candeeiros de rua na aldeia não se estendiam ao caminho que conduzia à casa. E concordou com ele: se tropeçasse no escuro e magoasse o tornozelo, ele não seria grande ajuda em missão de salvamento.

— Não fiques acordado à minha espera — disse-lhe ao despedir-se. — Ele ergueu as sobrancelhas ao ver o gargalo da garrafa de vinho a espreitar fora do saco, mas não disse nada. Ela ficou aliviada com a ausência de comentários. Tinha-o tirado da despensa e esperava que não fosse de uma casta cara. Mas nessa noite precisava mesmo de um copo — de vários copos — para a ajudar a relaxar. O *e-mail* de Jonathan continuava às voltas na sua cabeça e tinha-o lido várias vezes à procura de um significado escondido entre as linhas.

— Algo cheira bem — observou Amber enquanto seguia a amiga através da moderna casa quadrada para a grande cozinha cheia de luz nas traseiras e lhe entregava o vinho. Becky procurou numa gaveta e puxou do saca-rolhas, abrindo expeditamente o vinho de Amber.

— Guisado de faisão. Encontrei imensa carne no congelador. Espero que a minha mãe não a estivesse a guardar para uma ocasião especial. O meu pai é amigo de um coiteiro perto de Holt e chega frequentemente a casa vindo do *pub* com uma mão cheia de aves. Fiz isto para o Pete na semana passada e ele gostou.

Amber ergueu as sobrancelhas à menção do nome de Pete, mas não disse nada. Depois de colocar duas taças de comida fumegante sobre a mesa, e de passar os seus talheres a Amber, Becky sentou-se na cadeira em frente.

— É muito amável da tua parte fazeres-me o jantar.

— Disparate. — Becky fez um aceno de mão. — É o mínimo que posso fazer e tu e o Jonathan já me convidaram para jantar inúmeras vezes. Agora cabe-me a mim a missão de te alimentar.

Recordar o marido lembrou a Amber a razão de ter combinado a visita e explicou o essencial do *e-mail* que tinha recebido.

— Ele não disse mesmo que queria o divórcio, mas foi essa a impressão com que fiquei... — Não acabou a frase.

— Tenho a certeza de que não quer. Parece-me que está frustrado e não te esqueças de que também está de luto. E a dura recordação, a campa dela, está lá onde ele trabalha todos os dias. Não me surpreenderia se não estivesse também a questionar a sua fé depois do que aconteceu. Não admira que esteja revoltado. Está a tentar abrir algum tipo de comunicação entre os dois para que possam seguir em frente. Quer isso seja juntos ou separados, imagino que ele não saiba, mas o que percebeu é que ficar parado já não está a funcionar. Pelo menos, não para ele. Disseste-me antes que ias ter uma consulta em breve com o obstetra?

— Sim. — Amber acenou com a cabeça. — Preciso de marcar. O Jonathan disse que o faria, mas é normal que se tenha esquecido. O hospital deve ter relatórios da patologia para nos mostrar, para sabermos porque é que a Saffron morreu, o que poderá ser feito de forma diferente da próxima vez. Ah! — Ela deu uma risada oca. — Como se fosse haver uma próxima.

Becky pousou a mão sobre a de Amber.

— Ainda é cedo, lembra-te disso — recordou-lhe ela. — Ainda é cedo. *Dum Spiro Spero*. Enquanto há vida, há esperança. — Ela sorriu, solidária. — Portanto, continua a viver o agora. É tudo o que precisas de fazer. Porque é que não tentas marcar a reunião e avisas o Jonathan? É manter os canais abertos entre vocês os dois. E agora diz-me, avançaste alguma coisa no livro de horas? — Com destreza, conduziu a conversa para um assunto que agradaria mais a Amber.

— Sim, consegui traduzir uma passagem em latim na primeira página e é muito estranha. Se calhar podia ver contigo para verificar se traduzi bem. Copiei-a para te mostrar. — Mexendo na mala, puxou do caderno de notas onde tinha escrito a tradução da passagem críptica e abriu-o, empurrando-o através da mesa. Os lábios de Becky mexeram-se enquanto lia a passagem.

— Tens razão, é um pouco estranha. Diga-me, Dr. Watson, o que deduziu? — perguntou ela.

— Foi escrita pela Eleanor, porque a caligrafia é a mesma das outras páginas. Mas, em comparação, foi feita de forma bastante desmazelada. Tem borrões e algumas palavras escritas duas vezes, em que a primeira está demasiado arranhada para se conseguir ler. Mas escrever com uma pena e tinta significava escrever devagar, para ficar bem. Não a percebo. Parece dizer que a filha morreu, mas honestamente estou tão mal que neste momento consigo ler isso em quase tudo.

Becky sorriu gentilmente.

— Não, acho que tens razão acerca disso. Mas porque é que ela não está em paz? Sabemos alguma coisa sobre a bebé a partir de outras entradas?

— Só li as primeiras páginas. — Amber explicou a entrada de Mary na primeira página. — Não sei se a filha bebé mencionada é a Mary. Ou porque é que debaixo dessa entrada ela diz que a culpa é dela. Sua grande culpa, na verdade. — Amber não pôde evitar a onda de empatia que ardia através dela sempre que considerava aquelas palavras.

— Vais ter de ler o resto para ver se consegues descobrir. E precisas também de investigar a família, tentar descobrir se são teus antepassados diretos. — Levando as taças até à panela elétrica, voltou a enchê-las de guisado. Amber nem sequer se tinha apercebido que tinha comido a sua toda.

— Eu sei. Para além da Mary, há também a Jane, o Henry e o Thomas. Preciso de continuar a ler para descobrir se há outras menções. — Amber explicou que era essa a razão de ter pedido ajuda para ace-

der aos motores de pesquisa acadêmica, mais informativos, através da universidade. — E a outra coisa que descobri foi que a Eleanor cultivava açafrão em Milfleet. Que coincidência, hã?

— Mais do que uma coincidência, diria eu, dado o nome da casa do teu avô. Deve haver uma ligação entre Milfleet e Saffron Hall. Achas mesmo que são o mesmo sítio?

— Não sei, embora pareça provável. Só a conhecemos como Saffron Hall, mas o avô disse-me onde guardava todas as escrituras antigas, pelo que isso é outra coisa que preciso de ver — respondeu Amber.

Com o jantar finalmente terminado e a garrafa de vinho vazia, pela primeira vez em muito tempo, Amber sentiu-se cheia. Agradeceu mais uma vez à amiga pelos conselhos e pelo jantar. Becky desvalorizou os agradecimentos, apenas satisfeita por ter sido capaz de ajudar de alguma forma.

— Também te enviei os dados de *login* que pediste — acrescentou ela.

O crepúsculo já se instalava quando Amber se foi embora e ficou aliviada por o avô ter tido a providência de sugerir que levasse uma lanterna. Os buracos no caminho seriam um perigo no escuro. Afundavam-se pequenos animais e pássaros nas sebes de ambos os lados sob a luz da lanterna, quando ela os perturbava à passagem, e parou por um momento para observar o voo claro e silencioso de uma coruja de celeiro enquanto circulava num voo baixo e suave sobre o campo à procura do jantar.

À frente, erguia-se a casa, escura e premonitória. O avô tinha deixado a luz acesa junto à porta de entrada, mas o resto estava na semiescuridão, com as janelas pequenas e estreitas a olharem para ela, negras contra o céu profundo da meia-noite. Os seus olhos foram atraídos para a torre, agora completamente envolta no andaime, quase invisível. Parecia tão sólida, um símbolo da herança da sua família, e no entanto, de acordo com Kenny, era tudo menos isso.

Um vento frio rodopiou à sua volta aparentemente do nada, na noite tranquila, agitando as folhas nas árvores ao seu lado. Acima da sua

cabeça, ouviu-o assobiar através dos buracos na alvenaria da torre, criando um som de gemido, como se alguém estivesse a chorar, a uivar. Um barulho de que ela se recordou daquele quarto de hospital, meses antes. Um gemido primitivo de horror e angústia. Ela estremeceu, tentando parar a sua imaginação fértil. Mas a torre continuava a olhar para ela, escura, e pela primeira vez na vida, ameaçadora. Baixou a cabeça e apressou-se a entrar. Precisava definitivamente de verificar os registos antigos da casa.

Com uma chávena de chá acabada de fazer, e agora bem acordada com a curiosidade, Amber decidiu passar os olhos pela caixa de papelada de que o avô lhe tinha falado e ver o que estava lá dentro. Abrindo o cofre, tirou os documentos para fora, alguns dos quais com ar antigo. Era útil ter uma casa de família que tinha sido passada através de tantas gerações, mas nenhuma pessoa sabia onde ficava o ponto de partida. E era irritante que ninguém na família alguma vez tivesse tido vontade de escrever a genealogia, o que agora lhe teria poupado muitas horas de pesquisa.

A sua mãe era filha única e ela também. Tinha-lhe sido incutido desde muito cedo que a mãe não tinha qualquer interesse em viver ali e que quando o avô morresse, a casa seria dela. Jonathan referia-se a ela, a brincar, como a casa da reforma, porque o seu trabalho implicava que não a pudessem ocupar a tempo inteiro até ele deixar de trabalhar no clero. Sempre pensou que haveria muito tempo para pesquisar o local nessa altura, mas a casa parecia ter outras ideias.

Infelizmente os documentos e escrituras não estavam por ordem cronológica, e Amber passou a hora seguinte a verificar pacotes espessos de documentos que não eram de todo relevantes para ela. Porque é que as pessoas guardavam tanto lixo? Letras de venda e recibos de quase tudo o que era possível imaginar, assim como várias vendas de terrenos, sem dúvida devido a impostos sucessórios paralisantes em anos passados. Agora a casa tinha menos de trinta acres, todos arrendados a um agricultor local. Tinha um relvado de tamanho considerável, bem como uma horta de legumes e várias parcelas invadidas pela vegetação, deixadas ao abandono, para além de uma pequena parte de bosque, mas deduziu pelas escrituras espalhadas à

sua frente que, a dado momento do século XIX, teria sido vendida uma grande faixa de centenas de acres. Também parecia que tinham sido vendidos mais cem acres pelo seu avô nos anos cinquenta.

Era certo que essa quantidade de terra era invulgar para uma casa que não era assim tão grande. Começou a perguntar-se se a casa escondia mais segredos no seu seio enquanto continuava a vasculhar documentos, desesperada por algo que espelhasse alguma luz sobre as suas suspeitas. Por fim, numa embalagem atada com cordão legal vermelho esfarrapado e com cacos de cera vermelha de selagem agarrados, encontrou.

Uma planta da casa. Ela sabia. Era instantaneamente reconhecível com a torre de um lado exatamente igual ao que tinha visto horas antes, quando esteve parada a olhar lá para cima. No entanto, o resto do edifício que agora habitavam, tinha apenas cerca de um quarto do tamanho daquele diagrama. Parecia um castelo de pedra medieval, não só com o salão nobre onde agora viviam, mas também com uma grande câmara ao lado, duas salas de estar e inúmeras outras salas. Ao lado da planta da casa principal havia um edifício mais pequeno intitulado «capela». Amber inspirou acentuadamente. Ao fundo da página, em letras desvanecidas mas facilmente legíveis, estava a data de 1541 e, por baixo dela, o nome Milfleet tinha sido riscado e substituído pelas palavras Saffron Hall, escritas de forma luxuosa.

Exalou lentamente, com o coração a bater com força no peito. Tinha razão: Saffron Hall tinha originalmente sido Milfleet. A casa de Eleanor. O livro de horas tinha estado sempre ali na sua casa a guardar um segredo e à espera de que a pessoa certa o encontrasse e respondesse ao apelo de Eleanor.

Agora, embrulhado em papel de seda alcalino, o livro repousava em cima da caixa de documentos no cofre onde Amber o tinha colocado, e não resistiu a retirá-lo de novo. Sentia-se sempre atraída por ele, incapaz de se deter. Colocou-o no expositor e abriu a primeira página para olhar novamente para a passagem, como se, ao olhar para ela durante tempo suficiente, lhe entregasse os seus segredos. Mas não o fez.

— O que é que nos estás a pedir para fazer? — sussurrou Amber.

*Uma filha bebé jaz debaixo dos nossos pés
o tempo escapa-me agora
Suplico-vos e deposito a minha confiança
por ela
para que possa ficar em paz*

— Não posso ajudar-te, Eleanor, porque não compreendo o que estás a pedir.

Enquanto estava sentada na escuridão densa e aveludada, sentiu os pelos da nuca a levantar. A mesma estranha sensação que tinha tido anteriormente na biblioteca. O ar parecia imóvel e suave, como se estivesse à espera. A escutá-la e a observá-la. A tentar falar com ela, como se pudesse compreender. Mais uma vez, o aroma ténue a mel e, desta vez, o toque agudo de pimenta à deriva no ar, pungente. Amber sentou-se imóvel e virou a cabeça para um lado.

— Eleanor? — A sua voz rouquejou um pouco. — És tu? — Susteve a respiração por uns instantes. — Por favor, diz-me o que queres. — Sabia que Eleanor estava a tentar contactá-la. Conseguia senti-lo. Uma alma perdida a implorar-lhe que compreendesse. Tal como Jonathan. Os seus olhos deslizaram para o canto mais escuro da sala, onde as sombras se recolhiam, melancólicas e silenciosas. Os olhos de Amber encheram-se de lágrimas, que lhe começaram a escorrer pelo rosto, jorrando dela numa explosão de dor, tristeza e a súbita compreensão de tudo o que tinha feito o marido passar. Ele era a pessoa que ela mais amava no mundo e tinha-o afastado inadvertidamente porque não conseguia lidar com as próprias emoções. Porque é que o tinha feito? Ele já estava a sofrer e ela não lhe tinha dado ouvidos.

Em vez disso, tinha virado a sua atenção para ajudar outra pessoa, uma pessoa que não estava lá para ela, alguém do passado. Não alguém que a pudesse abraçar ou reconfortá-la como o marido. Como

é que tinha sido capaz de sentir a tristeza e o desespero de Eleanor quando não tinha sentido os do próprio marido? Andava cega. Precisava de remendar a fenda de algum modo, antes que fosse demasiado tarde. Torná-los inteiros de novo, se pudesse.

[3] *Saffron* significa açafrão em inglês. A autora faz um jogo de palavras com a famosa especiaria que dá o nome à casa de família e à bebé de Amber. (N.T.)

Capítulo Dezasseis

2019

Não demorou muito tempo até os projetistas aparecerem de carro a balançar pelo caminho enquanto Amber fervia a água na chaleira para a primeira rodada do dia de chá para os seus trabalhadores. Ficou desapontada ao ver que era o mais velho dos dois homens que os tinha visitado da primeira vez e que, com ele, vinha um colega com um ar igualmente taciturno.

— Ah, fantástico, os irmãos Chuckle — murmurou enquanto os via a colocarem os capacetes que estavam na janela e a começarem a escalar lentamente o andaime atrás de Kenny. Já conseguia ouvir Pete a trabalhar no topo, a lascar continuamente a parede, som que se repercutia pela casa. Àquela altura, já era um ruído de fundo que mal notava.

Estiveram lá em cima mais tempo do que esperava e depois chegaram à porta das traseiras a pedir para entrar e falar com o avô.

— Ainda está na cama — disse-lhes Amber. Tinha-o ouvido a mexer-se lá em cima e esperava que ficasse fora de vista até as visitas se terem ido embora. A atitude presumida e oficiosa era extremamente irritante. Assim que entraram na cozinha, olharam para todos os lados, a assimilar tudo. Se esperavam ver alguns dos detalhes históricos medievais, não tinham sorte nenhuma. Aquela divisão tinha sido arrasada nos anos setenta e os móveis e acessórios datavam todos desse período. Era a divisão mais feia da casa, tinha ela dito ao avô em várias ocasiões.

— Podemos esperar, se o quiser ir acordar. — Sem serem convidados, acomodaram-se ambos à mesa.

— Não, não quero, obrigada — disse Amber de rompante. — O que quer que precisem de dizer, podem dizê-lo a mim. O que é que se passa lá em cima?

O projetista que tinha sido tão atrevido na primeira visita repetiu muitas das más notícias que Kenny tinha explicado anteriormente, embora tenha conseguido soar muito mais satisfeito com a situação. Amber não fazia ideia porque é que ele estava a gostar de entregar o veredito, mas não ia deixar que isso a afetasse.

— Muito bem, então é óbvio que o trabalho tem de ser feito. — Amber manteve o tom de voz o mais equilibrado que conseguiu, olhando para Kenny, que os tinha seguido e estava encostado à porta, de capacete ainda na cabeça. — Estou certa de que nos podes manter a par de tudo, não podes? — perguntou-lhe ela. — Kenny acenou com a cabeça e sorriu, e ocorreu-lhe que provavelmente estaria tão pouco impressionado com os funcionários da câmara quanto ela. Ela apressou-os todos de volta para a rua, onde as pancadas e raspagens continuavam incessantemente acima das suas cabeças. Parecia que ainda iriam ouvi-las durante muito tempo e que seria ela a ter de dar a notícia ao avô.

Quando finalmente chegou lá abaixo, Amber pô-lo rapidamente ao corrente dos planos para a torre, passando por cima da gravidade da situação de modo a não o preocupar, e também porque queria avançar para o entusiasmo da descoberta da noite anterior.

— Já vi todos os documentos antigos da casa. Não me tinha apercebido que tinhas tantos! — exclamou.

— Recolhi-os ao longo dos anos, quando os fui encontrando em páginas escondidas na biblioteca e em vários locais da casa. Até encontrei um dos documentos da venda de terrenos numa lata antiga de bolachas na despensa, acreditas? Então, o que é que descobriste? — Ergueu as sobrancelhas, na expectativa.

— Esta casa já foi decididamente Milfleet, a casa da Eleanor. Encontrei um documento que mostra claramente que o nome foi alterado em 1541. Encontrei alguns desenhos que parecem plantas para uma parte extra do edifício, e estavam datados de 1541. Naquela altura,

era uma casa fortificada muito maior, mais parecida com um castelo. Estamos só a habitar um canto do edifício original. Vou lá fora explorar os jardins, ver se consigo encontrar restos de ruínas antigas. Queres juntar-te a mim, ajudar-me a procurar? Parece que em tempos houve também uma capela, sabias?

— Não, não sabia. Sabes onde ficava? Nunca encontrei quaisquer sinais, mas para além de cortar a relva, não me dei ao trabalho de explorar o bosque e as partes do jardim cobertas de vegetação.

— Bem, vou sair e fazer uma busca e depois digo-te. A Eleanor tinha um jardim físico com algumas ervas ancestrais, mas isso já terá desaparecido há muito.

— A menos que fosse onde está agora a minha horta. Sabemos que era a horta da cozinha quando os nossos antepassados vitorianos ergueram o muro de tijolo. Quem sabe se não foi originalmente um jardim físico?

O entusiasmo dela aumentou. Amber calçou umas botas sobre o pijama, agarrou no telefone para tirar fotografias e caminhou entre os vegetais e ervas daninhas, com a geada matinal a colar-se às pernas nos sítios onde as ervas altas roçavam nelas. Mal podia esperar para começar e, se se tivesse virado, teria visto o avô a observá-la, com um sorriso de satisfação no rosto.

No entanto, a horta foi um anticlímax. Passados séculos a ser cavado e replantado, não havia qualquer indicação de que Eleanor o tivesse antigamente usado para as suas preciosas ervas. Amber tentou não se sentir demasiado desapontada. Na realidade, sabia que era uma busca infrutífera, mas estava tão desesperada por encontrar alguma indicação, um sinal de que Eleanor tinha ali vivido. E aquilo que estava particularmente ansiosa por descobrir era uma relíquia das plantações de açafraão, embora soubesse, através de uma rápida pesquisa, que os bolbos só duravam cerca de doze anos, pelo que não havia qualquer hipótese de encontrar alguma coisa.

Pensou em Eleanor a caminhar pelos mesmos corredores escuros e a olhar para a mesma paisagem em constante mudança à medida que as estações do ano se sucediam, o que provavelmente seria mui-

to semelhante, mesmo no século xvi. A mesma vista plana e desolada, com um solo rico e fértil para cultivar o seu precioso açafão.

Conseguiu encontrar alguns pedaços de uma estrutura ou muro de pedra debaixo de uma mata de silvas enorme, a curta distância da torre. Tinha sido invadida pela mancha de bosque de um lado, com rebentos de carvalho e plátano, alho silvestre e trepadeiras que reclamavam lentamente a terra. Mesmo de camisola vestida, não conseguiu evitar uma miríade de arranhões juntamente com várias picadas de urtiga enquanto tentava chegar mais perto para ver. No entanto, a vegetação tinha tido a vantagem de muitos anos para reclamar o edifício abandonado para si e sabia que precisaria de tesouras e umas luvas de couro para conseguir investigar mais.

Infelizmente, como o avô agora contratava um jardineiro da aldeia para cortar a relva e controlar as ervas daninhas nos canteiros de flores, bastou uma olhadela ao barracão para ver que não havia nada suficientemente robusto para o tipo de ferramenta de que precisava. Depois de lavar a lama dos braços e de aplicar creme desinfetante nos arranhões e picadas, foi ao escritório para encontrar rede e enviar as fotografias a Becky, perguntando se tinha algumas ferramentas de jardinagem. Enquanto lá estava, abriu o portátil para verificar os *e-mails* e, enquanto estava a escrever, chegou uma mensagem de Jonathan. Não tinha tido notícias dele desde o *e-mail* e, depois da terrível tomada de consciência da noite anterior, sentiu-se culpada por ainda não lhe ter respondido. O coração bateu desconfortavelmente com força quando viu o seu nome a aparecer. Tinha medo de saber o que ele queria dizer a seguir, mas não podia evitá-lo. Clicou na mensagem.

Doutor MacKenzie, o especialista. Consulta na próxima quarta-feira às duas e meia. Está bem para ti?

Ela respirou fundo, estremecendo até aos pulmões. Sabia que precisava de ir. Era colocar um ponto final. Ou não. Era uma explicação final sobre o que tinha acontecido, se tivesse sido encontrada uma razão; ou um ponto de interrogação a pairar sobre ambos para o resto das suas vidas. Seja como for, tinha de ir, pela Saffron. E precisava

de ter uma conversa franca com o marido para que ambos pudessem começar a seguir em frente. Agora também sabia disso.

Sim, obrigada, tudo bem. Encontramo-nos lá.

Pensou por um momento e acrescentou um beijo antes de carregar em enviar. Como é que ela poderia começar a conversa mais importante da sua vida com ele? Não sabia, mas tinha de ser feito. Pegando no telefone, escreveu rapidamente: *Encontramo-nos primeiro no café? À uma?* e enviou antes de poder mudar de ideias. Precisava que ele soubesse que queria estar com ele, estar casada com ele, mesmo que não se sentisse preparada para voltar para lá, tão perto de Saffron. Ainda não. E ainda tinha assuntos ali por acabar. A catalogação dos livros do avô tinha ocupado um lugar secundário na semana que passou, mas estava cada vez mais desesperada para descobrir o que Eleanor lhe estava a tentar dizer.

Sentindo-se culpada pelo pouco trabalho de arquivo que tinha feito, Amber passou o resto da manhã a trabalhar nos livros, a transportar caixas pela casa e a desfrutar do facto de a atividade física lhe ter tirado da mente a consulta apenas a seis dias de distância.

Recebeu uma resposta de Becky à hora do almoço, explicando que havia uma grande variedade de ferramentas de jardim do seu pai e que Amber estava à vontade para as levar emprestadas. Combinaram que Amber podia passar lá quando estivesse de regresso do supermercado, mais tarde, assim que Becky saísse do trabalho.

O avô concordou relutantemente que Amber levasse três caixas de livros para o centro de reciclagem pelo caminho. Sugeriu que as levasse para a loja de caridade, mas Amber recusou.

— Ninguém, mas mesmo ninguém, quer cópias velhas e rasgadas de guias de Londres — disse-lhe ela. — Só estão bons para serem reciclados, não sei, provavelmente em rolos de papel higiénico. Vou levar esta caixa de livros infantis à loja de caridade antes de ir às compras. Já os verifiquei duas vezes e não há nada de valor.

Chegando a casa de Becky mais tarde, com o carro agora cheio de sacos de comida, Amber ficou mais do que feliz por cair exausta numa poltrona. Em troca de um café e de uma fatia de bolo, explicou a sua descoberta nos terrenos, juntamente com o conhecimento recente de que a casa tinha sido outrora a de Eleanor.

— Isso é espantoso. — Becky ficou tão agradavelmente entusiasmada quanto ela. — Conseguiste desvendar mais alguma coisa sobre a passagem misteriosa em latim, aquela sobre a bebé?

— Não, ainda não. Continua a não fazer sentido. Espero que as ruínas que encontrei sejam de facto da capela original e talvez encontremos lá alguma coisa, uma pista qualquer. Caramba, agora pensei... — Fez uma pausa por um momento — ...se poderá haver sepulturas antigas lá dentro?

— É improvável. — Becky abanou a cabeça. — Normalmente os corpos são exumados e movidos para cemitérios mais modernos quando uma igreja ou capela é desconsagrada. Embora me pareça que as pequenas capelas ligadas às casas fossem, na sua maioria, utilizadas apenas para cultos e orações e os seus mortos enterrados em jazigos de família na igreja paroquial.

— Bom, já sabemos que não existe jazigo da família Lutton. — Amber não conseguiu esconder a desilusão na voz.

— Não, a menos que esteja documentado algures, não sei se alguma vez vais encontrar o sítio onde estão enterrados. Não parece ser localmente.

Amber olhou de relance para o relógio.

— Raios, olha as horas! Preciso de me ir embora. Ainda tenho as compras no porta-bagagens. Podes dar-me uma ajuda com as ferramentas de jardinagem, por favor? E vejo-te amanhã para fazermos mais explorações.

Combinaram uma hora para o dia seguinte e Amber foi de carro para casa, prometendo-se um longo banho de imersão seguido de mais algumas páginas do livro de Eleanor. Tinha tido um dia atarefado mas cheio de atividades que, na sua maioria, lhe tinham tirado a mente

dos pensamentos que lhe giravam em torno da cabeça. A consulta que se aproximava na semana seguinte, à qual não queria ir, e uma conversa que precisava de ter com o marido, que não sabia como começar.

Capítulo Dezassete

2019

Enquanto Amber estava no banho, a excitação do dia despegou-se dela até se sentir tão fria quanto a água em que estava imersa. Em vez de passar a noite a ler o livro de Eleanor, passou-a enroscada debaixo do edredão, com os braços à volta dos joelhos, a sentir-se sombria e taciturna, envolta na noite escura.

Tinha finalmente adormecido depois da meia-noite, mas ao sucumbir ao peso do sono profundo, sentiu-se a cair num vazio negro e não sabia bem se estava acordada ou a dormir, ou simplesmente a sonhar. Estava a caminhar. Não, a andar quase a correr, a tropeçar ao longo de um corredor escuro. Ia alguém com ela a segurar-lhe na mão e a puxá-la, a pedir-lhe que se despachasse. A mão na dela era delicada e fria, com as pedras afiadas de um anel a cravarem-se na sua palma, e conseguia sentir o escovar de saias pesadas contra as suas pernas, embora percebesse pela facilidade dos seus próprios movimentos que não era ela quem as usava.

E havia outra pessoa com elas. A cada poucos passos, vacilava e tropeçava contra uma criança que parecia estar presa ao tecido volumoso que girava em torno delas. Enquanto se apressava a tentar acompanhar, conseguia ouvir a voz de uma mulher a sussurrar-lhe, com as palavras a soar no profundo manto da escuridão.

— Venha, venha depressa. Tem de ajudar, ajude-me agora, por favor. Agora é o momento, antes que cheguemos demasiado tarde.

— Eleanor, és tu? — Amber pronunciou as palavras, mas sem as conseguir ouvir. Era como se a sua voz não conseguisse fazer a ligação ao longo dos séculos, um estofa espesso de tempo que impedia

que as suas palavras atravessassem. — O que é que precisas que eu faça? Por favor, diz-me — suplicou ela, no silêncio, com sombras pesadas a rastejarem em seu redor. Tinham finalmente parado de correr e ela sentiu uma brisa suave no rosto, que lhe levantou as madeixas do cabelo. — Diz-me — repetiu. Olhando para baixo, viu o rosto pálido de uma criança pequena iluminado por uma chama única de vela. Olhos escuros assombrados num pequeno semblante infantil que a olhava em silêncio. Contudo, quem quer que lhe estivesse a agarrar a mão, estava parada fora da esfera de luz da vela, escudada da vista.

— Ajude-me agora, por favor, ajude-me. — Ouviu novamente as palavras, embora soubesse que a voz que ouvia não era a da criança silenciosa. E depois, desapareceram.

Amber sentou-se a ofegar, acendendo a luz para olhar freneticamente à volta do quarto. Estava tudo em silêncio. Havia luar suficiente a entrar pelos cantos das cortinas corridas para ver que não havia ninguém no quarto, mas algo a tinha acordado. Novamente aquela sensação de haver outra pessoa ao lado da cama, a sustentar a respiração. Não conseguia ver nem ouvir nada, mas sabia que estava ali.

— Sei que estás aqui — sussurrou. — Quem és tu? És tu, Eleanor? — Ainda sem qualquer som, mas o desespero ansioso que tinha impregnado o seu sonho enchia o quarto. Então, tão de repente como sentiu não estar sozinha, a presença desapareceu. Um arrefecer momentâneo no ar e o cheiro metálico, agora familiar: a mel, a aço e a feno acabado de ceifar que lhe fazia cócegas nas narinas.

Esticou os dedos. Sentiu-os frios e apertados, como se tivessem sido agarrados com demasiada firmeza por alguém. Uma brisa suave agitou-se contra as cortinas da janela aberta e Amber voltou a deitar-se de olhos abertos. Não estava com medo, era mais para o intrigada. Alguém, ou alguma coisa, estava ali em casa, mas não havia malevolência. Era mais o facto de estarem a tentar atrair-lhe a atenção. Como uma criança que puxava a sua roupa repetidamente sem palavras para que reparasse nela, sem lhe dizer o que queria. A ideia destruiu-a. Era frustrante. Não sabia o que precisava de fazer.

Becky estava à porta às dez da manhã. A cabeça de Amber parecia confusa. Tinha ficado acordada até tarde e ainda continuava a sentir-se fora de si. Conduziu Becky através do relvado para o mato que rodeava a alvenaria que tinha descoberto no dia anterior e contou-lhe as estranhas sensações que tinha tido de não estar sozinha e o seu sonho da noite anterior.

— Nunca vi nada, nem uma única vez — afirmou Amber. — Apenas sei que está ali alguém que precisa da minha ajuda e que não me quer fazer mal. Achas que estou a perder o juízo?

— Claro que não — repreendeu-a Becky. — As nossas mentes podem funcionar de formas estranhas, especialmente quando estão de luto. As pessoas relatam ver os seus entes queridos falecidos quando estão de luto.

— Mas tenho quase a certeza de que não é a Saffron. Não sei, é como se quisessem que eu soubesse que estão ali, porque estão à espera de que eu os ajude, e depois aquele cheiro estranho. Também não é desagradável.

— Fantasmas malcheirosos. É a primeira vez que ouço falar — brincou Becky. — Então achas que talvez seja a Eleanor? Tens estado bastante envolvida na sua história e nas suas investigações.

— Esse foi também o meu primeiro pensamento. A sua mensagem no início do livro, a pedir que a filha ficasse em paz. O que quer que isso signifique, tenho a certeza de que ela está a contar comigo para resolvê-lo. Sem pressão, então. — Ela riu-se.

As duas mulheres começaram a cortar as silvas e os arbustos de sabugueiro que rodeavam os quase escondidos muros em ruínas. Tinham tomado precauções e usavam luvas de jardinagem grossas e casacos de manga comprida, mas ambas estavam a suar profusamente após trinta minutos. Parando para tirar o casaco, Amber recuou um passo para ver o que tinham descoberto. Estava ciente de estarem a trabalhar à sombra da torre, pois lançava um manto frio sobre elas. Parecia ameaçadora e fê-la arrepiar-se, apesar do suor que se colava à pele. Aos seus pés, já se conseguia ver o contorno de três

muros baixos com vários pedaços de pedra espalhados no chão e à volta da parte de fora. Um dos muros estava completamente em falta. Viu-se a desejar que Jonathan também estivesse ali. Ele adorava estar lá fora no jardim.

— Bem, isto era definitivamente um edifício qualquer, mas não sobrou muito. Pergunto-me para onde terá ido o resto — disse Amber enquanto olhava em redor, a tentando perceber o perímetro do edifício.

— Uma vez que estava tudo abandonado, provavelmente os habitantes locais apanharam a pedra para fazer reparações noutros locais. Isso costumava acontecer muito. O priorado ao lado da igreja não tem quase nenhuma das paredes originais porque foi tudo reconstruído pelas quintas e casas de campo locais. — Becky raspou os pés pelo chão do antigo edifício, chutando os escombros para o lado. — Há aqui algumas lajes no chão, mas eu diria que são uma adição posterior ao edifício original.

Amber juntou-se a ela.

— Esperava uma cripta ou algo do género. Pergunto-me se conseguiria trazer aqui alguns estudantes de arqueologia com o radar penetrante do solo. Seriam capazes de dizer se havia espaço debaixo do chão. Só me custaria um par de grades de cerveja. Gostava que soubéssemos se a família dela foi enterrada na aldeia. E se não estiverem lá, certamente que devem estar aqui debaixo.

— Estou tão intrigada quanto tu — admitiu Becky.

— Estão aí as duas a fazer uma audição para um programa de remodelação de jardim? — A voz profunda de Pete soou do topo do andaime e foi seguida por uma gargalhada de Kenny, que se ouviu do outro lado dos terrenos da casa.

Empurrando o cabelo colado contra a cara para fora, Amber riu-se e respondeu-lhe à altura.

— Em vez das piadinhas sabichonas, porque é que não desces para ajudar?

Para seu espanto, dez minutos depois, Pete apareceu ao lado da pilha crescente de vegetação que tinham arrancado do chão. Viu Becky a fazer-lhe um sorriso rápido antes de ficar ainda mais rosada do que o esforço da escavação provocou, enquanto se dobrava rapidamente para puxar um pedaço de silva.

— Então, qual a razão de toda esta jardinagem? — perguntou ele.

— Há aqui umas ruínas de um edifício antigo — explicou Amber, sem mencionar de propósito a sua busca por Mary ou o livro de horas. Estamos a limpá-las para podermos ver melhor. A tua ajuda é bem-vinda, se quiseres?

— Estamos quase a sair para ir buscar mais argamassa de cal aos fornecedores, por isso não posso ficar muito tempo. Mas passa-me essas tesouras que estás a abanar como uma arma mortífera e eu corto algumas destas urtigas.

Nos quinze minutos que Kenny levou a aparecer no fundo do andaime, Pete tinha desimpedido um grande espaço num canto da capela. Amber tinha continuado a puxar algumas trepadeiras, mas pelo canto do olho, notou que Becky tinha parado de trabalhar e observava Pete enquanto ele cortava a vegetação. Também não deixou de reparar no piscar de olho quando ele se endireitou e lhe devolveu a tesoura, com a amiga a corar e a sorrir-lhe.

Uma hora depois, o chão foi completamente revelado, mas havia ainda menos motivos para otimismo.

— Tenho quase a certeza de que não há cripta nenhuma — admitiu Becky. — Teria de haver uma porta no chão para lá. Ou pelo menos degraus de adega no exterior do edifício e também não há sinais disso.

— Adega — repetiu Amber. — Adega! Porque é que não pensei nisso? Há uma aqui na casa, embora eu nunca tenha estado lá em baixo. Também não sei quando foi a última vez que o avô lá entrou. — Fez uma pausa por um instante e teve um pequeno arrepio enquanto refletia sobre o que lhe tinha acabado de ocorrer.

— Agora não percebi.

— O início da mensagem de Eleanor no seu livro de horas diz: «Uma filha bebé jaz debaixo dos nossos pés.» Talvez a bebé estivesse na cave? Achei que era um epitáfio que ela tinha colocado na campa da bebé. É por isso que tenho andado à procura dela. Mas talvez tenha escondido a bebé na cave.

— Isso é um pouco macabro. — O rosto de Becky empalideceu. — Porque é que faria isso?

— Não sei, mas cada vez mais sinto como se a Eleanor me andasse a visitar por querer que eu a ajude de alguma forma e estou a tentar descobrir o que é que ela quer. — Amber pensou na criança no seu sonho. — Acho que tem a ver com a bebé Mary. — As duas mulheres olharam uma para a outra por um momento, profundamente presas aos próprios pensamentos, a tentar compreender exatamente em que é que se tinham metido.

— Mas porque é que ela tem um cheiro estranho? — perguntou Becky.

— Terias um cheiro estranho ao fim de quinhentos anos. Vamos procurar o avô e perguntar-lhe sobre a adega. E arranjar uma bebida fresca.

O avô tinha adormecido e Amber estava relutante em acordá-lo. Em vez disso, levaram os copos de sumo para o escritório e ela folheou o seu caderno de notas até encontrar a tradução da passagem em latim.

— Vês? A sua filha bebé jaz debaixo dos seus pés, por isso deve estar enterrada algures nos terrenos.

— Duvido que seja na adega. Naqueles tempos, teriam assegurado que fosse em terra consagrada. Apesar de não termos encontrado uma sepultura, ela deve estar num cemitério ou num jazigo de família noutra local. — Becky pegou na tradução de Amber e examinou-a como se lhe pudesse dar uma pista de repente.

— Mas então, porquê esta parte do «suplico-vos»? É como se ela nos pedisse desesperadamente que fizéssemos algo por ela. Preciso de saber o que é. — Amber passou as mãos pelo cabelo.

— Leste o resto do livro para ver se há mais pistas? — questionou Becky.

— Ainda não — admitiu Amber. Tenho-me permitido ler algumas páginas de cada vez, mas talvez tenhas razão. Talvez haja pistas noutros sítios. Tenho estado a transcrevê-lo para poder entregar um trabalho de pesquisa ao museu quando o doar, por isso está a demorar algum tempo a ler.

O som de uma pancada num armário disse-lhes que o avô estava agora acordado e a fazer uma bebida para si. Amber e Becky entraram na cozinha e perguntaram-lhe sobre a adega.

— Há anos que não vou lá abaixo. Está vazia. Não tem caixas de livros, se é isso que estás a pensar.

— Não são livros, não — respondeu Amber, sem querer dizer-lhe o que realmente pensava que poderia estar ali escondido.

Mexeu numa gaveta, antes de acabar por tirar uma grande chave enferrujada, com uma exclamação de prazer.

— Vais precisar de uma lanterna — lembrou-lhe ele, atirando-a para a mesa. Amber tirou o telefone do bolso de trás das calças de ganga e ligou a lanterna.

— Vens? — perguntou a Becky. A verdade era que estava um pouco assustada com o que poderia encontrar na escuridão fria e húmida debaixo da casa e queria mesmo alguém com ela.

— Com certeza. — Becky levantou-se. — Mostra o caminho.

A porta da adega ficava atrás da cozinha, num corredor que ia dar a alguns armazéns vazios. Amber virou a chave e puxou a porta com força, que estava bem presa à aduela. Depois de vários puxões fortes, acabou por abri-la, quase fazendo-a cair. Inclinou a luz da lanterna pelas escadas abaixo, que caiu na escuridão. Havia uma copiosa camada de teias de aranha agarradas às paredes, a dançar na súbita corrente de ar.

— Que nojo. Não me tinha lembrado das aranhas. — Amber estremeceu.

— Sua medricas! Queres que vá à frente? — perguntou Becky. — Umas aranhas não me incomodam. Passa-me o telefone. — Passando por ela, desceu as escadas com Amber a segui-la de perto, tentando não se encostar às paredes.

— Cuidado com as escadas — lembrou a Becky. — Podem não ser seguras.

— Não te preocupes, estou a ir devagar. E devem estar bem. São de pedra.

Quando chegaram ao fundo, Amber olhou com desilusão à sua volta. Estava à espera de passagens, caves e talvez até de um túnel, sem qualquer ideia de onde iria dar. Algo diretamente saído de Enid Blyton ou de um romance de horror gótico. Em vez disso, só encontraram três divisões longas e baixas, com tetos abobadados de tijolo. Estavam todas vazias. Amber andou para cima e para baixo a examinar o chão e as paredes, procurando qualquer sítio onde alguém pudesse ter enterrado um bebé, mas não havia nada.

Desapontadas, regressaram à cozinha. Amber ligou a chaleira antes de se deixar cair numa cadeira.

— Então, acabou. Não tenho mais nenhuma ideia. Não sei o que significa a citação. Não faço ideia do que ela nos está a dizer.

— Não te preocupes. — Becky deu-lhe uma palmadinha na mão. — Por vezes leva algum tempo a ver o quadro inteiro. Vamos resolvê-lo com o tempo. Tenta olhar para isto de um ângulo diferente. Continua a ler o livro. Pode ter mais pistas.

Amber acenou com a cabeça. Não sabia o que Eleanor contava que ela fizesse, mas não ia parar até descobrir.

Capítulo Dezoito

1538–39

Eleanor estava desejosa de mostrar a Greville a forma como estava a utilizar a torre como sala de secagem para as frondes de açafrão.

— Mantenho a porta sempre fechada à chave. Mais ninguém vem aqui acima a não ser eu — prometeu ela enquanto ele a seguia pelas escadas acima. Sentiu uma pequena pontada de culpa pela mentira que acabara de lhe contar, pois passou-lhe pela cabeça a imagem de Joan a trabalhar ao seu lado. Mas a amiga era de confiança e a sua ajuda era necessária no processo de secagem. — Disse ao Hugh que até a mais pequena corrente de ar poderia arruinar todo o processo para que ele não questionasse a razão pela qual eu não permito a entrada de mais ninguém. E sou eu que trato da lareira para garantir que fica com a temperatura certa. Creio ter acertado. O açafrão tem o aspeto e gosto que deve ter. E comecei a amassá-lo nestes bolos esmagados que serão mais fáceis de transportar. Uma vez que este é o primeiro ano de cultivo destes bolbos, este é o *saffron du hort* de melhor qualidade. Normalmente é utilizado apenas para fins medicinais.

Pegou num para lhe mostrar enquanto estava parada no meio da sala, rodeada por todos os lados por mesas de cavalete dispostas com os minúsculos pedaços da especiaria vermelha. A sala estava repleta do aroma inebriante, quase intoxicante, da doçura pesada, com um toque metálico acentuado e, algures no ar, um toque a gengibre quente. Greville olhou à sua volta com espanto.

— Não fazia ideia de que tinha cultivado tanto — admitiu ele após um instante. — Pensei que estava a cultivar um pouco no jardim físico para os seus medicamentos.

— Perguntei-lhe se me era possível ter uma parcela de cultivo — lembrou-o com brusquidão. Tinha vontade de bater com o pé no chão e estava a ter dificuldade em esconder o exaspero na voz. — Trouxe comigo um grande número de bolbos de açafrão. Este açafrão vale muito dinheiro para si. Para nós.

— Por vezes, importo açafrão — respondeu Greville, devagar. — Não sei como o seu se comparará. Parece mais escuro na cor. Embora os bolos que comi fossem deliciosos e tivessem um picante que nunca tinha provado. Levarei uma pequena quantidade de volta e verei o que alguns dos mercadores de especiarias pensam dele. Não posso dizer nada mais justo do que isso, pois não? — Beijou-lhe o topo da cabeça, deu-lhe uma palmada no rabo e depois foi-se embora, descendo as escadas duas a duas. Eleanor esperou ouvir um estrondo quando lhe falhasse o pé e ele caísse para o fundo das escadas. Ficou ligeiramente desiludida por isso não ter acontecido.

Como ousava ele pensar que o açafrão dela era de uma qualidade inferior à que tinha comprado ao Império Otomano? Ela tinha visto a qualidade das frondes que o cozinheiro usava. Tinha levado algumas para o seu boticário. Tinham um sabor insípido, em que mal se notava o picante aguçado e amadeirado do sabor do seu. O açafrão do Priorado de Ixworth era de uma qualidade superior, e agora, o dela também. Por isso, deixá-lo ver o que os mercadores londrinos pensavam dele. Colocou outro tronco na lareira e pegou cuidadosamente num fio entre o polegar e o indicador, segurando-o debaixo do nariz. O cheiro familiar e único era quase avassalador. Acariciou-o suavemente sobre a pele suave e sensível do seu lábio superior. Estava seco, estava pronto. No dia seguinte, acabaria de fazer os bolos antes de os embalar e reservar uma pequena quantidade para Greville levar quando regressasse a Londres. No seu livro de horas, mantinha um diário de tudo o que acontecia.

Mostrei a Greville onde secámos e preparámos o açafrão. A torre, que guarda os seus próprios segredos perto do coração, guardará também este. Nenhum mal deverá chegar à preciosa especiaria.

A sua ocupada rotina diária mal se alterou, apesar de Greville andar dentro e fora de casa o dia todo. Ainda tinha pedidos de medicamentos e via-se frequentemente com Joan no exterior ao amanhecer, as duas em busca na vegetação rasteira, apesar da queda sazonal da temperatura e da ocasional cobertura de geada branca e estaladiça que pousava nos rebentos gelados nas plantas que procuravam. As teias de aranha brilhantes agarradas às sebes cintilavam com gotas húmidas e ondulavam precariamente quando ela passava, enquanto apertava bem o seu manto quente forrado a pelo. Sentia o sal marinho no ar, áspero contra a pele, e saboreou-o nos ventos agudos que sopravam da costa, fazendo os olhos lacrimejar. Era o vento que tinha trazido o Hansa, um grupo de negociantes e mercadores dos mares bálticos e da Alemanha às suas costas, as pessoas com quem Greville estava desejoso de negociar, mas parecia-lhe desprezível e duro na face. Eleanor perguntou-se se os mercadores teriam disposição semelhante. Greville estava contente por lhes ficar com o dinheiro, mas nunca era elogioso quanto aos seus temperamentos.

Mas à noite, agora era muito diferente. Ela mal conseguia perceber porque é que tinha estado tão nervosa em se deitar com Greville, quando agora se sentia impaciente em deixar o resto da casa e ir esconder-se com ele atrás das cortinas à volta da cama.

— Vê agora porque é que insisti em esperar? — perguntou ele numa noite enquanto estavam enroscados, com a pele a arrefecer ao ar da noite. Eleanor estava sonolenta depois de terem feito amor e sorriu.

— Só posso pensar que me foi negado este prazer por mais tempo do que o necessário, marido, mas estou disposta a perdoar-lhe — murmurou.

Greville deu uma gargalhada profunda vinda do peito e num movimento virou-lhe o corpo para debaixo do dele, enquanto rolava para cima dela.

O Advento logo chegou, com as suas horas de jejum e missas todos os dias. Eleanor disse a Hugh que todo o pessoal da casa devia ir à capela todas as manhãs, e embora os seus olhos deslizassem para

Greville esperando uma contradição à sua ordem, o seu marido acenou com a cabeça em concordância. Suspeitava que era o primeiro Natal em Milfleet em que os serviços religiosos eram estritamente cumpridos.

Todos na casa estavam entusiasmados com a época festiva, incluindo Eleanor. O cozinheiro estava a preparar muitos pratos especiais para os doze dias de Natal e tinha encomendado uma grande quantidade de carne, que agora estava pendurada na despensa, com o sangue a pingar na escuridão sobre a serradura disposta por baixo. Quando passava por lá diariamente para o boticário, o cheiro metálico da carne começava a revirar o estômago de Eleanor, que começou a sustentar a respiração ao passar até sair para a rua e inspirar abertamente um pouco de ar fresco.

Com o passar dos dias, as náuseas causadas pela carne aumentaram até que finalmente ela notou que era quase constante. Com cálculo rápido de dedos confirmou o que já tinha começado a perceber, que não tinha tido duas das suas menstruações. Apressando-se até ao solário, encontrou Joan a coser finamente um rasgão num dos vestidos de Jane.

— Veio juntar-se a mim? — perguntou ela sorrindo quando Eleanor entrou. — Só haverá luz boa por mais uma hora ou pouco mais do que isso.

Sentando-se ao lado de Joan, agarrou-lhe na pequena mão na sua.

— Acho que estou grávida — sussurrou como se mal pudesse acreditar, quanto mais dizê-lo em voz alta. A sua amiga ficou de longe muito mais encantada do que ela.

— É uma notícia maravilhosa! — exclamou, deixando cair a costura no colo, a bater palmas. — Um novo bebé na casa, que excitante! Tem a certeza?

Eleanor, que certamente não estava tão entusiasmada quanto Joan, acenou devagar com a cabeça.

— Acredito que sim. Conte os meses. E sinto-me enjoada todos os dias. Costumava começar de manhã, mas agora parece persistir durante o dia inteiro.

— Isso é de esperar, claro — respondeu Joan. — Já disse ao amo? Ele vai estar à espera de um rapaz, obviamente.

— Ainda não. Digo-lhe mais tarde.

— Não parece tão feliz com as notícias como eu acharia? — Joan franziu o sobrolho e examinou o rosto da amiga.

— Não há nada sobre o que estar feliz — disse Eleanor de rompan-te. — As mulheres morrem constantemente no parto. Tal como a minha própria mãe. Como a mãe da Jane. Mas é claro que o Greville ficará encantado com a notícia. Porque é que haveria de ter casado comigo? Alguém para o ajudar a gerir a casa durante as suas longas ausências enquanto aprecia a vida londrina e vai à corte, e para produzir filhos como se eu fosse uma égua parideira ou uma das vacas da pastagem. É só para isso que sirvo. — Não se importou de parecer dura. Estava assustada e, antes que Joan pudesse voltar a manifestar o seu desagrado, Eleanor colocou-se de pé num pulo e correu ao longo dos corredores até ao quarto, onde se inclinou na porta enquanto a fechava, e rebentou em lágrimas. Não tinha realmente considerado os perigos envolvidos até dizê-los em voz alta. O facto é que aquele desenvolvimento acabava por torná-la ainda mais uma escrava. Estar grávida do bebé dele marcava-a como pertencente a Greville. Que lhe pertencia, quer gostasse, quer não.

Não teve a oportunidade de lhe dar a notícia do seu estado nos dois dias seguintes, pois chegou a novidade de que ia ficar em Lynn para ajudar a descarregar um grande carregamento que tinha acabado de chegar. Não sabia ao certo quanto tempo demoraria, mas no seu recado assegurou-lhe que estaria decididamente em casa no dia de Natal.

Eleanor já não estava tão entusiasmada com as festividades como dantes, enfrentando todos os dias as náuseas que a invadiam. Joan tinha começado a preparar-lhe chá de menta, acrescentando-lhe um pouco de gengibre ralado da cozinha. Apenas lhe aliviava ligeiramente os enjoos. Eleanor tentou adicionar uma pitada do seu açafão, o que ajudou mais um pouco.

Greville chegou tarde a casa na véspera de Natal. Por essa altura, a casa já estava num clima de expectativa com as festividades e Joan, Nell e Jane tinham decorado o salão nobre com hera e teixo, juntamente com cachos enormes de azevinho. O tronco de Natal tinha sido arrastado horas antes para o interior com muita excitação, e decorado para ficar pronto a ser queimado ao longo dos doze dias seguintes de celebrações. Para variar, Eleanor não ficou desapontada com as escassas provisões da véspera de Natal. Não comer carne, peixe e latícinios durante o Advento não foi difícil, já que qualquer coisa rica lhe fazia logo o estômago revirar-se desagradavelmente.

Greville encontrou-a sentada sozinha no solário, a observar uma garça perfeitamente imóvel à beira do riacho que lhes fornecia a água, o Mill Fleet — Frota do Moinho. A ave conseguia ficar de pé durante horas sobre uma perna esguia, a sua vida num vazio de observação e expectativa. E, muitas vezes, sem conseguir aquilo por que esperava tão pacientemente. Sabia como era. Virou-se para encarar o marido, de sorriso pronto no rosto. Ele cheirava a humidade e a inverno, enquanto a agarrava para junto dele, pressionando-a contra a lã espessa do manto, falando-lhe ao ouvido.

— É quase Natal, minha pequena esposa. Está entusiasmada? Tive saudades suas e do seu calor ao meu lado à noite — disse, com o hálito quente a fazer-lhe cócegas na orelha e a fazê-la rir. Queria estar zangada com ele, mas era difícil.

— Tenho novidades. — Virou a cabeça de lado para poder falar sem ser abafada pela roupa dele. Afrouxando ligeiramente o seu abraço, pôs-lhe a mão no queixo e virou-lhe o rosto para cima, para o dele, com a preocupação estampada nos olhos.

— Está tudo bem? O Hugh não mencionou problemas quando o vi lá em baixo.

— Não se passa nada. Bom, no que diz respeito ao Hugh. Acredito que esteja grávida. O nosso bebé. Penso que chegará por volta do Primeiro de Maio.

Greville deu um viva tão alto que ela suspeitou que não só tinha sido ouvido em toda a casa, como provavelmente também na aldeia. A

garça que se encontrava lá em baixo levantou voo com as suas asas graciosas e desapareceu no crepúsculo obscuro que se aproximava. Com cuidado, conduziu-a de volta à cadeira onde estava sentada e instalou-se aos seus pés.

— É a melhor de todas as notícias. Sente-se bem?

— Já estive melhor — admitiu ela —, mas a náusea não está agora tão má quanto antes e estou apenas a comer em pequenas quantidades e a evitar carnes gordurosas.

— O que quer que queira comer, basta pedir ao cozinheiro. Geleias, cremes, qualquer coisa. Há alguma erva que ajude? Assim que o Natal acabar, tenho de regressar a Londres, pelo que posso enviar tudo o que precisar. Nada mais do que o melhor para o meu filho. Um rapaz, espero. — O seu rosto parecia um pouco ruborizado e não conseguia conter o largo sorriso que se espalhava constantemente pelo rosto, de olhos a brilhar.

— Vai-se outra vez embora logo a seguir ao Natal? — ecoou Eleanor, apanhando imediatamente a única notícia que não queria ouvir.

— Tenho de regressar, tenho assuntos a tratar. E preciso de ser visto frequentemente na corte, para ser notado. Já fiquei longe demasiado tempo e também vou perder o Natal lá.

— Quando regressará novamente a casa? A tempo do nascimento? — Pegou-lhe na mão e apertou-a nas suas.

— Não sei. Espero que sim, mas não posso prometer. Vou pegar na amostra de açafraão que me deu e ver se há algum interesse nele.

Eleanor ficou desanimada. O parto não era lugar para um homem, por isso não importava se estava em casa ou não, mas sentir-se-ia mais segura sabendo que ele estava por perto, em vez de a sete dias de viagem. Sabia que estava a tentar apaziguá-la com a oferta de mostrar o seu açafraão aos mercadores, mas agora tinha muito mais preocupações em mente.

As festividades de Natal passaram. Eleanor apreciou-as tanto quanto pôde, embora houvesse um cansaço pesado a acompanhá-la à cama todas as noites, muito antes do fim da farra no andar de baixo. Apesar de garantir a Greville de que não precisava de deixar a diversão e os jogos só porque ela se ia embora, ele seguia-a na mesma até à cama onde ela dormia bem encerrada no aconchego dos seus braços fortes e seguros, de costas comprimidas contra o calor firme do corpo dele.

Chegou, por fim, a Segunda-feira de Arado e tudo voltou ao normal depois das festividades, Greville já não podia atrasar o seu regresso a Londres. O seu jornaleiro, Ralph, tinha partido com um carregamento de bagagem e mercadorias do armazém em King's Lynn há cinco dias. Se cavalgasse depressa, Greville poderia chegar à sua casa em Londres apenas um dia ou dois depois dele. Já estava distante, já com a mente naquilo que precisava de fazer quando lá chegasse. A sua família parecia quase esquecida. Eleanor sentia-lhe o espírito a fugir de hora a hora, mesmo estando ainda fisicamente com eles.

Na manhã da partida, havia muita agitação no salão nobre enquanto tudo estava a ser preparado. Um dos aprendizes londrinos, John, que tinha vindo com Ralph, ia cavalgar de volta com Greville e os dois homens estavam parados a conversar, alheios à atividade frenética à sua volta. Nell tinha desenvolvido um fraquinho por John, tendo quase esquecido o seu amado anterior, e tinha os olhos tão vermelhos quanto os de Jane, que chorava alto pelo pai. Por fim, irritada com as duas, Eleanor disse de rompante a Nell para levar Jane de volta para o berçário. Até ela se estava a sentir fora de si, embora não fosse deixar Greville ver como estava desiludida por ele a estar a deixar. Não precisava de mais pessoas chorosas, a piorar a situação.

Retirando-se para a sua secretária no escritório, fingiu trabalhar nas contas como se fosse um dia normal. No preciso momento em que pensou que ele poderia partir sem se despedir, Greville apareceu à porta.

— Bem, pequena esposa... — a voz profunda dele fê-la manter a mão parada no ábaco —, tenho de partir. Queremos percorrer uma

boa distância antes que escureça. — Ela pousou a pena e foi ter com ele, inspirando o seu cheiro quente a suor e a fumo. Tinha estado a aquecer-se em frente da lareira. Seria aquela a última vez que estaria a salvo e segura nos braços dele? Não expressou as palavras enquanto lhe vinham espontaneamente à cabeça. Não devia pensar o pior. Instintivamente, a mão moveu-se para o alto no seu estômago e tentou bloquear o medo da provação que tinha pela frente.

— Tenho o açafrão. — Deu uma palmadinha na bolsa que transportava. — E, espero, o seu amor. — Colocou a mão sobre o coração e depois pousou-a sobre o dela. — Descanse bem e não faça demasiado — continuou enquanto movia suavemente a mão sobre o inchaço agora visível no estômago dela. Já tinha tido de pedir a Joan para não atar tanto o vestido e começariam a tarefa de alargar as costuras dos vestidos dela nesse dia.

— Prometo — concordou ela —, mas por favor, se puder ser poupado da corte, voltará para casa quando o bebé nascer?

— Vou tentar — era tudo com o que ele se comprometeria. Curvou-se e os seus lábios macios e quentes encontraram-se brevemente com os dela, e foi-se embora, a chamar grosseiramente por John. Houve vozes altas no exterior, o barulho de cascos e depois tinham partido, com o som dos cavalos a recuar à distância enquanto as pessoas no interior faziam o seu trabalho como se fosse um dia normal, e não, como Eleanor sentia, como se uma parte deles lhes tivesse sido arrancada.

Quando é que se tinha começado a sentir assim pelo marido? Tinha sido um estranho que a tinha afastado de tudo o que lhe era familiar para um lar que não conhecia. Mas agora conseguia sentir que, apesar de profundamente enterrado no seu interior, aquele frio invernososo começava a descongelar e crescia um novo calor e afeto. Eram pequenos botões de amor, como as flores de açafrão, a desabrocharem e a invadirem-na.

Capítulo Dezanove

1539

A vida rapidamente recuperou a normalidade e a rotina que existiam quando Greville estava fora. Eleanor suspeitava fortemente que a vida tinha sido muito mais permissiva antes de ela chegar a Milfleet, mas agora o pessoal não tinha outra escolha senão continuar a trabalhar arduamente nas suas tarefas durante todo o ano. Ela podia estar a ficar maior de dia para dia, mas não relaxou na sua atitude rigorosa em relação às responsabilidades no que dizia respeito à casa.

A neve do inverno profundo acabou por derreter, deixando para trás pequenos rebentos pálidos que empurravam o seu caminho através da terra encharcada. Novos rebentos primaveris, verdes e brilhantes, e flores suavemente rosadas apareceram nas árvores, com a promessa de tempo mais quente e dias mais longos. O estado de espírito de todos animou-se com as condições melhores, embora estivessem na Quaresma e as refeições fossem, por conseguinte, aborrecidas e severas. Eleanor insistia na leitura do seu livro de horas ao jantar, antes de todos começarem a comer.

Em março, chegaram duas cartas. A primeira era de Isabel De-reham e descrevia a sua vida ocupada e colorida em Londres, onde estavam de visita para a primavera. Havia também uma carta de Greville. Eleanor ficou surpreendida ao ler os últimos mexericos de Whيتهall, de que Thomas Cromwell estava atualmente a tentar arranjar mais um casamento para o rei. Descreveu como Holbein, o pintor de retratos da corte, tinha sido enviado a várias partes da Europa a fim de produzir alguns retratos para o rei ver. Parecia que um herdeiro

não seria suficiente para o rei Henry e estava agora a pensar em encher mais o berçário.

Porém, o seu rosto iluminou-se de prazer ao ler como a sua amostra de açafrão tinha sido bem recebida, e que ele tinha vendido toda a colheita ao secretário do rei de Green Cloth por uns incríveis vinte soberanos. Teve de ler duas vezes, soletrando as palavras em voz alta para ter a certeza de que não tinha lido mal. Essa quantidade de ouro era uma pequena fortuna. O secretário tinha dito que era a melhor qualidade que alguma vez tinha provado. Ela devia embalar o restante em sacos e dá-lo a Ralph que estava a caminho de Milfleet para o levar ao porto de Blakeney, e de lá para Londres. Eleanor guinchou de alegria. Quando tinha regressado a casa, Greville ficou indiferente ao que ela tinha cultivado e questionou a sua qualidade. Mas agora, tinha-lhe rendido um lucro enorme. Inchada de orgulho, pegou no livro de horas e, sob a sua entrada anterior, começou a escrever.

Hoje chegou uma missiva do meu marido. O açafrão que cultivei no ano passado foi vendido às cozinhas do rei pela soma principesca de vinte soberanos. Pela especiaria que eu cultivei. O meu dote do velho prior produzirá mais riquezas na próxima estação, pois a colheita será ainda maior, e no próximo ano ainda mais. Estou a encher os nossos cofres com ouro, o que muito me agrada.

Selecionando uma segunda pena, fez uma decoração cuidada à volta da margem da página com uma tinta vermelha dourada profunda que ela própria tinha feito com algum açafrão que tinha tirado do boticário, sorrindo enquanto trabalhava.

A primavera fria deu lugar a um clima mais quente à medida que o verão se aproximava. Eleanor estava agora muito volumosa, sentindo-se pesada, inchada e desconfortável enquanto o bebé dentro dela esticava os membros para fora, empurrando o seu estômago em formas grotescas. Sabia que não demoraria muito a ficar confinada ao seu quarto e à atmosfera sufocante e quente, à espera da hora em que o bebé chegasse. Entretanto, tentou não pensar no inevitável. Ajudou Joan a coser pequenas peças de vestuário e a reparar as faixas e mantas guardadas desde o nascimento de Jane. Não fazia sentido costurar artigos novos se os antigos pudessem ser reutilizados.

As suas noites eram passadas a trabalhar numa seleção de bolbos de açafraão que tinha levantado no ano anterior, separando-os cuidadosamente, como tinha visto os monges a fazer. Avisou Simon de que iriam precisar do dobro da quantidade de terreno lavrado para a colheita daquele ano. Pareceu surpreso mas acenou com a cabeça, sem dizer palavra. Eleanor estava determinada a estar lá fora nos campos a participar quando chegasse a altura de plantar mais bolbos. Mas antes disso, tinha de ultrapassar a provação do parto, que se aproximava a cada dia como uma tempestade aterradora no horizonte a crepitar com relâmpagos. Não podia fugir dele, nem lutar contra ele. Tudo o que podia fazer era suportar o que lhe era lançado quando finalmente comesse. E rezar para que ainda estivesse viva quando tivesse passado.

Por fim, não pôde adiar mais o seu confinamento. A parteira da aldeia, a senhora Copdyke, tinha sido alertada. Eleanor já a tinha conhecido quando a mulher de Simon, Alys, tinha dado à luz o seu último filho, e parecia suficientemente apresentável. Era certamente proficiente e tinha boa fama a nível local, e se se acreditassem nos rumores, teria dado à luz a todas as pessoas que trabalhavam e viviam no castelo e na aldeia. O que faria dela uma mulher com pelo menos cem anos de idade, se acreditasse nas histórias, pensou ironicamente Eleanor. Alys teve seis crianças fortes, cinco rapazes e a sua nova filha bebé, pelo que a competência da parteira não estava em questão. Sem dúvida que Greville ficaria extasiado com uma contagem semelhante de crianças, mas Eleanor esperava não ter de suportar o parto com a mesma frequência que Alys.

Uma vez preparado o quarto para o seu confinamento, não havia nada a fazer senão esperar no calor sufocante, o ar denso e estático com um pungente cheiro a suor, quase irrespirável, uma vez que a lareira ardia dia e noite, como ditava a tradição. Combinado com o agora crescente peso a pressionar-lhe os pulmões, o que significava que passava a maior parte do tempo presa na cama, inclinando-se um pouco para trás para se dar mais espaço para respirar. Joan tinha coberto as janelas com tapeçarias para garantir que o quarto ficava na escuridão, para além das velas e do fogo eternamente ardente. Qual-

quer sugestão de que Eleanor ocupasse o tempo a coser ou a ler o livro de orações, era recebida com pouco entusiasmo.

Tentava manter os olhos afastados do berço no canto do quarto, uma lembrança constante da provação que estava para vir. Agora já não se importava que a tempestade viesse. Cada dia parecia uma eternidade de espera. Não tinha havido mais cartas de Greville. Certificava-se de que Joan perguntava a Hugh todas as manhãs e todas as noites. A sua promessa de tentar estar em casa para o parto caíra em saco roto.

Por fim, quando Eleanor acordou uma manhã, a arrastar-se para se pôr de pé após mais uma noite de sono entrecortado, com um tamanho agora demasiado grande para conseguir encontrar qualquer posição confortável na cama, sentiu um aperto doloroso debaixo da barriga. Quando se apercebeu dele, já tinha desaparecido.

Mas quinze minutos mais tarde, enquanto se lavava na água morna que uma rapariga da cozinha tinha trazido, teve outro. Foi suficientemente forte para a fazer suster a respiração e parar o que estava a fazer. Esperava que Joan não reparasse, mas à sua sempre vigilante amiga não escapava nada. Era como um falcão-gerifalte a observar as sebes em busca de qualquer sinal de movimento.

— Está a sentir dores? — perguntou Joan com veemência. — Está na hora? O bebé está a chegar?

— Não sei, acho que... — Fez uma nova pausa enquanto a sua barriga se apertava numa bola dura. — Acho que pode ser. Acordei com um aperto e agora são mais frequentes e estão a tornar-se mais dolorosos.

Joan fez um pequeno sorriso de satisfação e bateu palmas, sem ver a cara carrancuda que Eleanor lhe fez na escuridão sombria. Estava aterrorizada com a provação que a esperava e Joan estava quase a saltitar de entusiasmo pelo quarto. O facto de talvez a sua amiga também estar farta de passar todo o dia e toda a noite confinada com o seu lado rabugento não lhe passou pela cabeça. A mensagem foi enviada à senhora Copdyke enquanto Eleanor começou a andar de um lado para o outro do quarto, fazendo um trilho pelos juncos debaixo

xo dos pés enquanto os varria inúmeras vezes. Joan tinha puxado a cadeira de parto para o centro do quarto, perto do fogo crepitante, mas Eleanor rosnou «ainda não» e tentou dar-lhe um pontapé ao passar, por isso foi apressadamente enfiada a um canto.

A parteira estava a assistir a outro parto e passaram duas horas até à sua chegada. Nessa altura, já as águas de Eleanor se tinham rompido, numa cascata de fluido a salpicar pelo chão e pelo vestido de Joan, com as dores a virem em intervalos de poucos minutos. Joan tinha mandado limpar o chão e colocar ervas frescas, mas a senhora Copdyke disse à criada para não se incomodar. Percebia que estava quase na hora do parto e que o chão estava prestes a ficar coberto de algo muito pior. Dessa vez, quando o banco de parto foi colocado diante da lareira, Eleanor não disse uma palavra. Tinha estado a cantarolar entredentes enquanto a dor piorava e sentou-se na cadeira, apoiada por trás por Joan enquanto gritava ao sentir as ondas de dor que se agastavam sobre ela, deixando-a sem fôlego.

Em minutos, e após mais duas contrações agonizantes, a senhora Copdyke disse: «Aí vem o seu bebé», e com um último empurrão, o bebé de Eleanor chegou. A parteira levantou-o, de forma triunfante, cor-de-rosa e a berrar, todo viscoso, cheio de sangue e gordura branca, e um espesso cabelo escuro colado à cabeça.

— Um menino! — anunciou. — Um menino grande e ossudo. — Amarrou rapidamente o cordão e cortou-o, passando o bebé a Joan para que se pudesse concentrar no trabalho da placenta.

Um menino. Eleanor não conseguiu evitar um pequeno sorriso de satisfação ao olhar para o local onde Joan o estava a embrulhar. Os seus olhos encontraram-se e ela sorriu para Eleanor, fazendo um aceno rápido de aprovação, um trabalho bem feito. O choro dele tinha diminuído e Joan segurou-o para Eleanor o ver, o cabelo preto a brotar acima dos seus grandes olhos escuros, parecidos com os de Greville.

— Não se pode negar quem é o pai — observou a parteira. — É mesmo parecido com a Miss Jane quando nasceu. — Eleanor não queria pensar na primeira mulher de Greville a dar à luz enquanto ain-

da estava com tanto medo. As infeções e complicações muitas vezes instalavam-se e matavam nos dias após o nascimento. Mas olhando para o seu pequeno e perfeito filho recém-nascido, o seu coração inflamou-se de calor com o amor instantâneo que sentiu. Ela não ia morrer, pois ele precisava dela. E percebeu com súbita convicção que precisava dele para o resto da vida.

Depois de limparem o quarto e de mãe e filho já repousarem nos respetivos leitos — a mãe na cama e o bebé no pesado berço de carvalho escuro que tinha sido trazido para cima vindo de um dos armazéns umas semanas antes, a senhora Copdyke preparou-se para partir. Joan contou os xelins já acordados para o pagamento.

— Quer que eu encontre uma ama de leite? — perguntou a parteira, a embolsar o seu pagamento com gratidão. Tinha duplicado o que pedia a um aldeão, mas Eleanor tinha concordado em pagá-lo sem questionar: precisava da melhor parteira a qualquer custo. A senhora Copdyke sabia que, se Hugh descobrisse a sua duplicidade, exigiria o excesso de volta que, sem dúvida, desapareceria no seu próprio bolso.

— Não, obrigada. — Eleanor abanou a cabeça. — Não será necessário. Eu própria o alimentarei. — Ela não o ia perder de vista. Os olhos de Joan arregalaram-se de surpresa. Estava muito provavelmente prestes a concordar com a sugestão da ama de leite, mas depois considerou a teimosia da sua amiga e manteve-se calada.

Assim que Joan ficou a sós com ela no quarto, Eleanor sentiu-se capaz de relaxar. Joan disse-lhe que já tinha sido enviada uma carta para Londres e que toda a casa estava ansiosa por ver o recém-nascido. Eleanor, ainda petrificada com as doenças, só permitiu que Jane e Nell entrassem para vê-lo.

— Que nome lhe vai dar? — perguntou Jane, espreitando a sua minúscula forma a dormir debaixo dos lençóis.

— Henry — respondeu Eleanor — em homenagem ao rei. E em homenagem ao meu pai. — Não tinha dúvidas de que o seu marido queria decidir o nome do seu filho e provavelmente dar-lhe o seu nome, dado ser o filho primogénito, mas não estava em casa e o bebé seria

batizado no dia seguinte ou dentro de dois dias. Por isso, escolheria ela, e Henry Greville Lutton seria.

Greville chegou finalmente a casa três semanas após o nascimento de Henry. Eleanor ainda estava deitada, mas tinha havido um fluxo constante de visitas ao seu quarto. Ouviu um tumulto no salão nobre e estava prestes a pedir a Joan para ir investigar, quando a porta se abriu e o marido entrou. Trazia consigo o bem-vindo cheiro a ar fresco, cavalos e prados quentes, e nunca Eleanor tinha ficado tão contente de o ver. Tinha acabado de amamentar Henry e o seu rosto, agora a começar a engordar e a perder o aspeto de recém-nascido, estava quente e ruborizado. As suas compridas pestanas escuras encostavam-se às bochechas enquanto dormia, com o tufo negro sedoso do seu cabelo a espalhar-lhe ao acaso sobre o rosto. Joan e Nell tinham ambas tentado mantê-lo liso, mas assim que Eleanor lhe retirava a touca, adquiria vida própria.

Empoleirado na borda da cama, Greville passou-lhe o dedo pela face.

— Minha rapariga esperta — disse suavemente —, deu-me um filho perfeito. — Eleanor não conseguiu evitar um pequeno sorriso de autocongratulação. Ele tinha razão. O parto tinha sido uma experiência dolorosa e estava imensamente orgulhosa de ter concebido um rapazinho tão perfeito e doce. Greville tirou-o da dobra do braço dela para que descansasse contra o peito do pai. Apesar da lã áspera da roupa de viagem de Greville, Henry não se mexeu.

— Lamento não ter estado aqui quando ele nasceu. Não consegui fugir da corte. Vim assim que pude.

— É uma pena, mas já está feito. Espero que goste do nome que escolhi... — Eleanor ainda estava magoadada por ele não ter estado em casa quando ela precisou da sua presença, mas não ia exprimi-lo. Pelo menos, não naquele momento, quando já era tarde demais.

— Adoro o nome. Parece um Henry. Está bem?

— Estou, obrigada. Estou aborrecida de estar parada neste quarto, mas tenho de guardar repouso durante mais uma semana, por isso aqui estamos. Felizmente, estarei de pé a tempo de plantar o açafrão,

dentro de quatro semanas. Pode verificar por mim, por favor, e ver se metade do prado doméstico está arado e pronto? Pedi à Joan para verificar, mas honestamente acho que dirá qualquer coisa para me apaziguar. Preciso de estar de volta ao meu boticário em breve, antes que os estoques de algumas das minhas curas básicas comecem a diminuir. — Os seus pensamentos já tinham começado a virar-se para as muitas outras formas de assegurar que a casa continuava a funcionar sem sobressaltos. Conceber um herdeiro era apenas um dos seus inúmeros papéis, ou assim o sentia.

Greville riu-se, com as vibrações profundas do peito a perturbarem Henry, que se agitou momentaneamente. Levantando um pouco a cabeça e abrindo os olhos difusos, olhou para Greville antes de franzir o sobrolho e voltar a fechá-los.

— Acho que não está muito impressionado comigo — riu-se Greville, deitando o filho no berço. — Vou fazer os seus recados, doce esposa. Não se deve preocupar ou isso coalhará o seu leite. A Joan pode fazer alguns dos seus unguentos. Pode sempre trazê-los até si para os verificar, embora eu saiba que ela é tão competente quanto você no boticário. — Os seus olhos enrugaram-se quando olhou para ela, com aquele profundo castanho aveludado a fazê-la sorrir. Parecia que o seu marido começava finalmente a apreciar tudo o que ela fazia. — E vai estar sentada a ver os jardineiros e os ajudantes da quinta a plantarem os bolbos. Proíbo-a de se juntar a eles.

Ela esperou até ele ter saído do quarto antes de olhar para Joan e de lhe revirar os olhos, fazendo a amiga sorrir. Tinha suspeitado que a iria manter longe de qualquer trabalho pesado após o nascimento, mesmo apesar de estar a recuperar rapidamente a força. Mesmo que não fosse capaz de empurrar os bolbos para dentro da terra, estaria certamente no campo a observar e a verificar. Se fossem plantados de forma incorreta, não haveria açafrão no outono, pelo que precisava de garantir que cada parte do cultivo era efetuada corretamente, com a distância certa entre os bolbos e tudo devidamente plantado. Nada devia acontecer que impedisse que a colheita daquele ano tivesse sucesso e produzisse mais, muito mais do que a anterior.

Capítulo Vinte

2019

Amber tinha lido tantas vezes o apelo de Eleanor que o sabia de cor. Mas mesmo assim não fazia sentido.

— Ainda não compreendo o que me estás a pedir para fazer — disse para o escritório vazio, com as palavras a ecoarem nas paredes. — Por favor, mostra-me o que é que queres. — Não houve qualquer agitação do ar, nenhum vestígio acre que indicasse que Eleanor estava ali.

— Avô, consegues pensar nalgumas pistas? Alguma coisa que me tenha escapado? — perguntou.

— Nenhuma. Não há nenhuma história familiar útil ou contos transmitidos através do tempo. Nada. Lamento não te poder ajudar — respondeu ele.

— Não faz mal. Mas só me restam cinco meses aqui e sinto que não posso seguir em frente com a minha vida com isto por resolver.

— Amber. — O tom soou inesperadamente brusco. — Vieste para aqui por causa da enorme tristeza que aconteceu na tua vida. Precisas de resolver *isso* e seguir em frente e não apenas trocá-la por uma potencial tragédia com quinhentos anos pertencente a outra pessoa. Podes ter de esquecer isso. Quando te sugeri que viesses para cá para me ajudares com os meus livros, era para te dar espaço para fazeres o luto e depois poderes seguir em frente com a tua vida com o Jonathan. Isso é a coisa mais importante em que te deves concentrar. — Fez uma pausa por um instante e respirou fundo antes de acres-

centar num tom mais suave: — Não tens uma consulta com o obstetra hoje?

— Sim, tenho. Mas não, não o posso esquecer. A Eleanor precisa de mim para resolver algo vital para ela, para a sua bebé Mary. Só preciso de descobrir o que é. — Mas, reconheceu ela em silêncio, o seu estado de espírito confuso e as perguntas sem resposta sobre Mary eram apenas parte do problema. Tinha igualmente imensas perguntas sem resposta sobre o seu próprio bebé e sobre a sua relação com Jonathan. Teve de admitir que o avô tinha razão: eram eles agora, no presente, que realmente importavam e precisava de se lembrar disso e dar-lhes prioridade.

— De qualquer modo, tenho de me ir arranjar. O Jonathan e eu vamos encontrar-nos antes para ter uma conversa, por isso é melhor ir vestir-me ou vou chegar atrasada. — Deitou o chá que tinha estado a fazer no lava-loiça e lavou a chávena.

Como de costume, o parque de estacionamento do hospital estava completamente cheio. Praguejando entredentes, Amber andou às voltas a tentar ver se encontrava alguém prestes a sair. Já apertada de tempo, a ranger os dentes e com um fino brilho de suor a desfazer a maquilhagem aplicada à pressa, uma luta para encontrar um lugar de estacionamento era a última coisa de que precisava.

— Bingo — murmurou enquanto um casal de idosos que tinha estado a observar a cambalear pelo parque de estacionamento entrou finalmente no carro mesmo quase ao seu lado. Enfiou o carro no lugar. Após uma rápida verificação de que ainda tinha batom nos lábios e nenhum nos dentes, agarrou na mala e correu para o café. Tinham pouco mais de uma hora antes da consulta e já sentia as pernas a tremer. Tentou andar o mais rápido que pôde, mas era como se estivesse a subir por neve profunda, de respiração elaborada e o coração a bater com força.

Jonathan já estava sentado a uma mesa com duas chávenas de café à frente e ela atirou-se para a cadeira em frente dele, de mem-

broso pesados e doridos.

— Olá. — O sorriso dele era hesitante, mas o inclinar de cabeça, de olhos vincados que se iluminaram ao vê-la, era tão familiar que lhe fez doer o coração. Tinha o colarinho da camisa mal engomada aberto. Consequia vê-lo a engolir em seco, com a sua maçã de Adão a balançar para cima e para baixo enquanto dizia: — Trouxe-te um café. Espero que não haja problema.

— Ah, perfeito, obrigada. — Deu um grande gole. — Estive às voltas no parque de estacionamento durante séculos.

— É um pesadelo — concordou ele. — Eu próprio só cheguei aqui há alguns minutos. — Houve uma pausa, como se estivesse a pensar no que dizer a seguir. Demasiado receoso de dizer alguma coisa. Ao mesmo tempo, ambos disseram «como estás?» e depois riram-se.

— Estou bem — respondeu ela. — Ainda a classificar montanhas de livros. Encontrei-me com a Becky e tinhas razão: devia tê-la contactado mais cedo. Tem sido fantástica. Tem-me ajudado com uma espécie de projeto em que tenho estado a trabalhar.

— Projeto? — As sobrancelhas de Jonathan ergueram-se. Amber contou-lhe sobre o livro de horas que tinha encontrado e explicou-lhe a perturbadora passagem de Eleanor na primeira página do livro.

— E às vezes há momentos em que a sinto comigo, como se me estivesse a incitar a desvendar a mensagem. A Becky e eu temos andado a explorar, mas não encontrámos nada. Embora tenha sido divertido procurar. O avô disse-me esta manhã que eu devia desistir, mas não posso.

— Parece muito interessante. — Ele hesitou por um momento, como se considerasse cuidadosamente as palavras. — Mas, por favor, não aceites fazer mais do que és capaz. Lembra-te de tomar conta de ti primeiro, sim? Embora certamente me pareças mais arrebitada do que te vi em meses — admitiu ele. — Imagino que seja bom para ti fazê-lo, se te está a dar algo em que te possas concentrar.

— Mas há outra coisa que me fez entender. — Respirou fundo, a estremecer. — Não escutei bem as pessoas mais próximas de mim. Aquelas de quem mais gosto. Tenho estado muito concentrada no

meu próprio sofrimento, quando devia ter olhado para além do que se passava na minha cabeça, para o que também estavas a sentir. Fechei-me em vez de me abrir. Quando estava a tentar estender a mão e a comunicar com a Eleanor, a sua alma perdida e toda a tristeza envolvente que a rodeia fez-me perceber que não tenho feito o mesmo contigo, a pessoa que mais amo no mundo. O que disseste no teu *e-mail*, tinhas razão, e lamento. Lamento imenso. Não me esqueci da Saffron — apressou-se a assegurar-lhe. — Não há um momento que passe em que a memória dela não esteja nos meus pensamentos. Mas costumava preencher-me a cabeça inteira, sem espaço para mais nada. E agora, há uma pequena margem entre as membranas à volta do meu cérebro onde por vezes sou capaz de pensar noutras coisas. Em ti.

Ele sorriu gentilmente e esticou as mãos a tremer para pegar nas dela. Fechou os olhos por um momento, expirando devagar.

— Eu compreendo — tranquilizou-a. — Posso esperar. Vou esperar para sempre. — Ela olhou-o nos olhos, aqueles olhos amáveis que nunca reprovavam, nunca culpabilizavam, e sentiu os seus a encherem-se de lágrimas. Mexeu na mala à procura de lenços de papel.

— Trouxe um maço novo. — Ela riu-se, pegando-lhe e assoando-se. — Não achei que fosse precisar deles antes de entrarmos no consultório do doutor MacKenzie.

Perceberam que estava na hora de ir embora e, levando as bebidas, caminharam juntos ao longo dos corredores até à ala da maternidade. O coração de Amber batia com força, a lembrar-se da última vez que tinham feito aquele mesmo caminho. Nessa altura, já sabiam que a bebé deles estava morta. O exame do dia anterior tinha confirmado a razão de ela não ter sentido nenhum pontapé durante as vinte e quatro horas anteriores, mas teve de regressar no dia seguinte para lhe induzirem o parto. Se tinha achado que a caminhada até à unidade de parto tinha sido longa naquela manhã, não era nada em comparação com a caminhada do dia que se seguiu, de barriga e braços vazios.

Jonathan pegou-lhe na mão e apertou-a como se soubesse no que estava a pensar. Os mesmos pensamentos que provavelmente também lhe estavam a gritar pela cabeça. Afinal, ele também tinha perdido a filha, e ela devia ter pensado na dor dele, para além da sua. Agarrou-lhe na mão com força e fez-lhe um sorriso lacrimejante.

Infelizmente, o consultório do obstetra estava situado no ambulatório da maternidade e tiveram de se sentar na sala de espera grande que lentamente se enchia de mulheres para a consulta da tarde, quase todas com barrigas de gravidez em fim de tempo, com roupas puxadas com força através de protuberâncias, muitas com bebés em alvoroço a correr pelo espaço e a lutarem no canto dos brinquedos por causa das ofertas de plástico partidas. Amber ficou a examinar os pés, à espera de que os seus nomes fossem chamados. Estava desesperada por sair dali. Depois do que lhe pareceu uma vida inteira, mas provavelmente não mais do que dez minutos, ouviu uma voz a chamá-los e, virando-se, teve o prazer de reconhecer Lily, a parteira que lhes tinha sido designada para o parto.

— Não esperava vê-la. — Amber sorriu. — É bom ver um rosto familiar.

— Claro que estou cá. É a continuidade de cuidados. Estava lá para o nascimento da Saffron, por isso é importante estar aqui agora para si. — Pôs o braço à volta dos ombros de Amber e deu-lhe um aperto reconfortante enquanto os conduzia para um consultório luminoso. O doutor MacKenzie estava na casa dos sessenta anos, o cabelo branco rareava e um conjunto de rugas acolchoava-lhe o rosto. Levantou-se e apertou-lhes as mãos, apresentando-se. Com a sua gravidez sem incidentes até às últimas horas trágicas, não havia razão para Amber ter conhecido o mais eminente obstetra do departamento. Até a transmissão da terrível notícia da morte do seu bebé tinha sido delegada a um assistente. O obstetra abriu as notas à sua frente, e leu-as como se estivesse a tentar lembrar-se de quem eram e porque estavam no seu consultório.

— Antes de mais, deixem-me apresentar as minhas condolências.
— A sua voz era sonora, lenta. — Sei que este é o encontro que ne-

nhum casal, nenhum pai ou mãe quer. E gostaria que fosse um que eu também não tivesse de fazer. Também gostaria de poder dar-lhes agora uma razão, alguma prova da razão de o coração da vossa filha ter parado de bater, mas infelizmente não temos a certeza. O exame do patologista à placenta mostra que esta tinha começado a desintegrar-se e, sem dúvida, não estava a funcionar eficientemente. A redução do fluxo sanguíneo para a vossa bebé contribuiu muito possivelmente para que o seu coração não fosse capaz de lidar com a situação. Embora nunca possamos afirmar com uma convicção de cem por cento, diria que esta foi a causa mais provável.

— Então... — A voz de Amber tremeu e pigarreou antes de continuar. — Porque é que a placenta deixou de funcionar corretamente? Foi algo que eu fiz?

— De modo algum — ele foi rápido a tranquilizá-la. — Sei que é o que nós, médicos, dizemos, mas foi realmente apenas uma daquelas coisas. Não havia forma de prever. A sua bebé era um pouco pequena para o termo completo, mas não o suficiente para fazer soar alarmes. Tal como eu disse, nunca saberemos. Escusado será dizer que se decidirem ter outro bebé no futuro, faremos ecografias mais regulares da placenta e do cordão umbilical durante a gravidez para nos certificarmos de que tudo está a funcionar como deveria. Induziremos o bebé às trinta e oito semanas, antes de a placenta chegar ao fim da sua eficácia máxima.

Perguntou-lhes se tinham mais alguma pergunta, mas não havia mais nada a dizer. Não tinha sido culpa de ninguém, embora Amber quisesse culpar alguém e, por isso, culpou-se a si própria, apesar de saber que era inútil. Nada traria Saffron de volta.

Quando se deram conta, estavam de volta ao parque de estacionamento. A consulta tinha durado menos de trinta minutos e Amber mal se lembrava de tudo. Caminharam em silêncio até chegarem ao carro de Jonathan, ambos presos aos seus próprios pensamentos. Olhando para a janela do pendura, Amber entristeceu-se ao ver caixas de sandes de supermercado vazias e pacotes de batatas fritas abandonados no banco. Costumava insistir em fazer-lhe sandes caseiras e mandar-lhe fruta fresca se estivesse fora o dia todo, e agora tinha de comprar

comida produzida em massa e, sem dúvida, comê-la em movimento. Os seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas, justamente quando pensava que já não tinha mais nenhuma.

— Não sei do que é que estava à espera — disse ele quando pararam de andar e destrancou o carro —, mas agora sinto-me um pouco vazio.

— Concordo — respondeu ela, a assoar o nariz. — Parece tão definitivo. É isso mesmo. Agora, não há mais nada a dizer. Devia parecer o encerramento do assunto, mas não parece.

— Acho que nunca vamos conseguir encerrar o assunto. Só temos de viver com as pessoas em que nos tornámos, o casal que somos agora. Se pudermos.

— Suponho que sim. Não sei para onde vamos a partir daqui. Só queria respostas, um caminho a seguir, mas não temos nada. Talvez quando a minha mente tiver processado o que o médico acabou de nos dizer, quando eu tiver dado sentido a tudo isto?

— Tudo bem, não há pressa. Mas tenta manter-te em contacto agora, por favor? Tentar continuar a falar? Tem sido realmente agradável estar hoje contigo, mesmo em circunstâncias tão tristes.

Amber acenou com a cabeça e sorriu.

— Também eu contigo — disse, colocando-lhe os braços à volta da cintura e encostando-lhe a cabeça ao peito. — Também eu contigo.

* * *

Quando regressou a casa do avô, depois de uma viagem dificultada por tratores e pelo tráfego escolar enquanto conduzia ao longo das estradas rurais, já era hora de jantar. Enviou uma mensagem rápida a Jonathan para lhe dizer que tinha chegado bem e foi em busca de alguma coisa para comer.

Sentindo-se um pouco mais descontraída após um café e uma torrada, Amber decidiu passar a noite a ler mais um pouco do livro de horas em busca de qualquer pista ou referência que pudesse ajudar a

resolver o pedido de Eleanor. Depois de virar algumas páginas, encontrou outra entrada com a distinta caligrafia de Eleanor.

Hoje chegou uma missiva do meu marido. O açafrão que cultivei no ano passado foi vendido às cozinhas do rei pela soma principesca de vinte soberanos. Pela especiaria que eu cultivei. O meu dote do velho prior produzirá mais riquezas na próxima estação, pois a colheita será ainda maior, e no próximo ano ainda mais. Estou a encher os nossos cofres com ouro, o que muito me agrada.

Pelo que Eleanor tinha escrito, o seu açafrão tinha resultado num lucro muito bom. Certamente que parecia satisfeita e Amber escreveu uma nota rápida para olhar para uma tabela de conversão e ver quanto valeriam vinte soberanos nos dias de hoje.

As palavras na página foram tão bem escritas, o orgulho na sua comunicação evidente, que Amber pôde sentir a emoção que Eleanor exsudou. Estava justamente orgulhosa do que tinha produzido. Amber começava a ver que havia um verdadeiro significado e verdade no provérbio na capa do livro: *Enquanto há vida, há esperança*. Eleanor sempre teve esperança. Sempre acreditou — não tinha outra escolha, senão acreditar — que as coisas iriam melhorar. Ninguém pode prever o futuro, pelo que lhe competia tentar garantir que o seu fosse positivo.

Poderia Amber fazer o mesmo? Finalmente, parecia capaz de respirar. E agora acreditava que, com o tempo, também podia ter esperança.

* * *

Acordou no dia seguinte de melhor humor. Lá fora, o céu azul fazia de pano de fundo a uma espantosa nuvem em forma de cavala, com os seus flocos de espinha de arenque a esticarem-se ao longe, e ela sentou-se no degrau da porta traseira com o seu chá da manhã a tentar imaginar a casa cheia de atividade, como teria sido no tempo de Eleanor. Galinhas a vaguear para dentro e para fora e, sem dúvida, numerosos cães a enfiarem-se debaixo dos pés das pessoas. Era decepcionante não ter uma planta do piso para perceber em que parte do

salão original ela e o avô estavam agora a viver. Tinha de ser o salão nobre, dividido ao longo dos anos em salas mais pequenas e práticas. Que pena que agora tivesse pouca semelhança com um majestoso castelo Tudor.

Uma vez no escritório, abandonou qualquer pretensão de trabalhar na catalogação dos livros do avô e recuperou de novo o livro de horas do cofre. Abriu-o com suavidade, relendo novamente a entrada do açafrão apenas para sentir a mesma emoção de prazer, de ligação, antes de virar a página e continuar.

Havia mais salmos e orações, e quando começava a perguntar-se se Eleanor teria escrito mais alguma coisa, surgiu outra entrada. Esta era curta.

Henry Greville Lutton. Nascido a 15 de maio de 1539. Deo gratias.

Verificou rapidamente o início do livro com a lista de nascimentos. Sim, o de Henry estava lá. Foi o seu primogénito, e por não haver menção a uma morte, assumiu que tudo tinha corrido bem. Sortuda da Eleanor. Numa época em que a mortalidade infantil era tão elevada, tinha carregado e dado à luz um filho bebé saudável. Algo que ela, Amber, não tinha sido capaz de fazer, nem mesmo com todos os conhecimentos médicos, equipamento e informação especializada que o século XXI tinha para oferecer. Porque tinha sido o seu próprio corpo a falhar-lhe, e a falhar a Saffron.

O anúncio de nascimento de Henry estava rodeado de flores, folhas e pequenos pássaros, todos finamente decorados. Amber sorriu. A nova mãe deve ter tido tempo nas suas mãos, deitada após o nascimento, e deve ter obviamente passado horas nas elaboradas iluminuras. Aquela não era uma entrada apressadamente escrita no diário. Era uma entrada importante e ela não podia deixar de se sentir feliz pelo orgulho óbvio de Eleanor.

Na página seguinte havia uma lista pormenorizada de roupa, vestidos, mudas e sapatos, seguida de: «*encomendada para Thomas, pois ele não tem nada*». Amber lembrou-se de que Thomas não tinha uma data de nascimento, tal como Henry e Mary, e agora Eleanor estava a encomendar roupa para ele. Sabia que, nos tempos Tudor, um

rapaz teria sido vestido exatamente da mesma maneira que as irmãs até aos sete anos de idade. Pelo menos isso deu-lhe uma pista de que Thomas era uma criança pequena. Amber esperava descobrir mais coisas sobre aquele rapaz esquivo e o que ele significava para Eleanor.

Passou suavemente os dedos sobre a decoração à volta do orgulhoso aviso do nascimento de Henry. — Bom trabalho, Eleanor — disse para a sala silenciosa.

Capítulo Vinte e Um

1539

Apesar dos protestos e preocupações de Greville, oito semanas após o nascimento de Henry, Eleanor estava no campo a supervisionar os camponeses enquanto lavravam, aravam e preparavam a terra para a plantação dos novos rebentos. O pequeno bebê ficava deitado num cesto à beira do campo enquanto ela trabalhava durante a manhã, e deixava-o no interior com Nell e Jane durante as tardes, quando o sol estava mais quente. De mangas enroladas, ajudou os trabalhadores empurrando os bolbos para dentro da terra antes de se moverem alguns metros para repetir a ação. O seu corpo, que se tinha enchido durante a gravidez, ainda estava curvilíneo, mas regressava rapidamente às suas linhas elegantes pré-Henry. Greville podia ter escolhido uma rapariga para sua esposa, mas ela sabia que estava a amadurecer e esperava que ele ainda pensasse que tinha feito uma boa escolha.

Os bolbos mal tinham sido plantados há uma semana quando Greville lhe veio dizer que ia regressar a Londres. Estava sentada no sofá com Henry ao colo, que fazia o seu sorriso escancarado todo contente a Jane, que brincava aos pés de Eleanor. Jane adorava o irmão mais novo e ele estava igualmente extasiado com ela. Os seus olhos tinham permanecido tão escuros como quando tinha nascido, e embora o seu grosso tufo de cabelo preto se tivesse desgastado na parte de trás do dormir, o restante emoldurava-lhe a cabeça, saltando em ângulos indomáveis. Era uma miniatura perfeita do pai, que lhe era tão dado como o resto da família, agora a rir-se enquanto Henry

gorgolejava e acenava com os seus braços rechonchudos cor-de-rosa para Jane.

— É um bom rapaz — disse ele, com orgulho. — O primeiro de muitos no berçário, espero. — Eleanor olhou para ele de debaixo das sobranceiras e comprimiu os lábios.

— Rezo para que ainda não — respondeu ela. Ele tinha regressado à sua cama depois da ação de graças pelo nascimento, mas ela andava secretamente a beber uma tisana de arruda com menta e um pouco do seu próprio açafão, o que, esperava ela, juntamente com o facto de ainda insistir em amamentar o próprio Henry, impedisse outro bebé. Uma mulher sábia de Ixworth tinha uma vez visitado o boticário para comprar um pouco de arruda quando Eleanor lá estava, e tinha-lhe dito que era necessária para uma aldeã que tinha recentemente dado à luz o seu décimo filho e estava desesperada para não ter mais nenhum. Fê-la cheirar a erva e disse-lhe que devia lembrar-se sempre do seu pungente cheiro amargo e das suas valiosas propriedades. Eleanor ficou contente por tê-lo feito. A casa custava a gerir e haveria outra colheita de açafão dentro de dois meses, se não fosse mais cedo. Não queria sentir-se doente e cansada quando precisava de estar lá fora no campo, bem como constantemente a subir e descer até à torre.

— Tive notícias de Londres: tenho de regressar e em breve — explicou Greville.

— É assim tão urgente? Sentiremos a sua falta, especialmente na colheita. — Não conseguiu esconder a desilusão na voz.

— Vai passar um novo ato pelo parlamento em breve — explicou — para esclarecer que ainda temos de seguir as nossas crenças católicas, mesmo sendo o rei agora o chefe da igreja, e seria bom estar lá. Embora o nosso vizinho em Framlingham, o Duque de Norfolk, seja a favor desta lei, outros, como o meu amigo Cromwell são veementemente avessos a ela. Estou a caminhar na corda bamba e a tentar ficar de fora de quaisquer debates. Neste momento, não apoio nenhum deles, mas tento manter um pé em ambos os campos. Enquanto Norfolk é nosso vizinho, Cromwell é um amigo poderoso. Há aqueles que

preferiam que Inglaterra fosse completamente protestante. — Rodou os ombros como se estivesse a soltá-los e depois exalou uma respiração profunda.

— Porque é que eles quereriam isso? — perguntou ela. — As mudanças que foram feitas são já simplesmente terríveis. Certamente não poderemos suportar mais nenhuma. Tudo isto soa a algo de que se deva manter bem longe. — Eleanor mordeu o lábio inferior. — Por favor, Greville, tenha cuidado.

— Claro que tenho, mas para subir na hierarquia da corte, preciso de fazer ligações com aqueles que têm o ouvido do rei. Sabe que assim é.

Eleanor não conseguiu esconder a sua preocupação. Parecia que Greville faria quase tudo, se isso promovesse a sua posição.

— Vejo que, de facto, tem de ir à corte para descobrir a verdade sobre esses assuntos. Quando é que parte?

— Daqui a uma semana, no máximo, espero. Devemos fazer a viagem com bom tempo, se se mantiver.

— E estará em casa para a colheita?

— É possível, mas não posso dizer com certeza. O Ralph deverá chegar de Londres dentro de dias e tenho de falar com o Hugh para organizar a embalagem da minha roupa.

— Mal foram retiradas dos seus baús desde que chegou — respondeu Eleanor irritada, mas já estava a falar sozinha. Ele já tinha saído da sala. E embora ela pudesse tê-lo fisicamente por mais alguns dias, sabia que mentalmente ele já tinha desaparecido. Abraçou Henry com força, beijando-lhe o cabelo felpudo no topo da cabeça, os olhos marejados de lágrimas espontâneas.

* * *

Foi mais tarde nesse mesmo dia, enquanto Eleanor fazia um bálsamo para acalmar o peito de um dos velhos agricultores com bronquite, que viu o rapaz pela primeira vez. Estava sentado de pernas cruzadas ao lado da lareira do boticário a usar um par de foles para man-

ter as chamas acesas. O seu rosto delicado era dominado por uns olhos cinzentos enormes e profundos e o seu semblante solene tocou Eleanor. Tinha a certeza de nunca o ter visto e perguntava-se porquê, quando pensava conhecer todos os filhos dos servos.

Nos dias seguintes, tomou conta dele, observando-o. Fez perguntas, mas ninguém parecia saber exatamente de quem era filho e a sua curiosidade aguçou-se. Eleanor estava preocupada se estaria sequer a ser alimentado. Suspeitava que andava à procura de migalhas ao lado dos cães. Não havia certamente nenhuma carne que sobrasse para ele. Começou a garantir que tinha sempre alguma comida — fruta ou um pedaço de pão quente — no bolso para lhe dar sempre que o visse.

Quando perguntou a Hugh, ele respondeu que Thomas era um dos rapazes do jardim, mas nenhum dos trabalhadores do exterior o conhecia. Era como se tivesse aparecido um dia e dormido debaixo de um cobertor desfeito no chão da cozinha. Numa ocasião, tinha-lhe perguntado se os pais trabalhavam na casa ou se viviam na aldeia, mas ele simplesmente olhou para ela com os seus grandes olhos e não respondeu.

— Greville. — Teve de levantar a voz. Todos estavam a jantar e o salão estava cheio de barulho. Ele inclinou-se para perto, colocando-lhe a mão nas costas para a poder ouvir e ela ficou imediatamente consciente do calor do seu corpo, do seu cheiro almiscarado combinado com o fumo da lenha da lareira. Sentiu as primeiras agitações de desejo, enterradas desde o nascimento de Henry, a rolarem pela sua barriga e teve de se dar um abanão mental. Havia outra criança que precisava da sua atenção. — Há um rapazinho chamado Thomas — continuou ela. — Normalmente está na cozinha ou no boticário quando lá estou a trabalhar. É tão pequeno e leve que tenho a certeza que está subnutrido e não consigo descobrir quem é. Não fala e ninguém parece saber de onde apareceu. Sabe de quem é filho?

Greville cortou outro pedaço de carne da travessa à sua frente, dobrando-o ao meio enquanto a gordura quente lhe escorria dos dedos, e deu uma dentada. Olhou o pessoal à mesa, examinando-lhes as caras.

— Não sei a quem se refere. — Ele franziu o sobrolho. — Está aqui agora?

— Não. — Ela sacudiu a cabeça com impaciência. — Nunca se senta às refeições. É por isso que não tenho a certeza se está a receber alguma comida. Está tão magro. Dou-lhe pão e queijo e algum guisado sempre que o vejo, mas preocupa-me que não esteja a ser bem alimentado, pois ninguém está a tomar conta dele.

— Onde é que costuma ser encontrado? — perguntou. E ela explicou que normalmente o via nas cozinhas ou ao lado da lareira no boticário, em qualquer sítio quente.

Limpando a mão antes de pegar na dela, Greville disse-lhe para ir com ele, seguindo-o até à cozinha, onde um punhado de pessoal ainda preparava a comida. Thomas não se encontrava em lado nenhum. Eleanor tinha-o visto antes enquanto ela preparava uma tintura para Nell, que se queixava de uma dor de cabeça. Será que a lareira do boticário estava acesa? Entrou lá dentro com cuidado para não assustar o rapaz se lá estivesse, e claro que estava enroscado na lareira ao calor, ao lado de um dos cães de caça favoritos de Greville, Bos. Tanto o cão como o rapaz estavam a dormir profundamente, mas ao ouvir o seu amo a aproximar-se, o cão levantou-se, sonolento, com a cauda ondulante felpuda a abanar no rosto de Thomas, acordando também o rapaz.

Ao ver Eleanor e Greville ali, pôs-se em pé num pulo, com o lábio inferior a tremer e as sobrancelhas franzidas de medo. Tinha o cabelo desalinhado espetado de um lado e a bochecha corada de ter estado a dormir contra o cão. Eleanor agachou-se para lhe pegar na mão, sorrindo encorajadoramente enquanto os seus olhos deslizavam entre ele e Greville. Afastando gentilmente Bos para longe, Greville ajoelhou-se ao nível de Thomas.

— Então, quem és tu ao certo, Thomas, hã? — perguntou ele. O rapaz manteve os olhos em Eleanor, embora continuassem a disparar para Greville enquanto se acobardava, com medo do que poderia vir a seguir.

— Não o vamos magoar — disse Eleanor gentilmente. — Só precisamos de saber quem é e onde estão os seus pais. Quantos anos tem?

Ainda assim, não obtiveram qualquer resposta.

— Espere, tenho uma ideia. — Greville levantou-se e saiu da sala, para reaparecer um minuto depois com uma pequena bandeja redonda que ela reconheceu como uma que Jane tinha usado. Nela estavam alguns restos de carneiro, um pedaço de pão e alguns pedaços de queijo.

— Já não sobrou muito — disse ele com pesar, colocando o prato no chão diante de Thomas. — Aqui tens, rapazinho, tens fome? — Ainda assim, a criança permaneceu em silêncio, embora a sua atenção estivesse firmemente fixa na comida aos seus pés. Greville empurrou Bos para fora do caminho, enquanto o cão olhava com interesse para a travessa. Eleanor pegou-lhe e estendeu-a a Thomas, que agarrou num punhado de pão com uma mão e a carne com a outra, e começou a enfiar freneticamente a comida na boca.

— Devagar, devagar. Vais sufocar. — Greville riu-se, pegando na criança. Sentou-se no banco em que Eleanor costumava descansar enquanto trabalhava e colocou Thomas em cima do joelho. Ela conseguia ver os ossos espetados na espinha do rapaz e a sua caixa torácica visível através da túnica fina que vestia. Será que não tinha nada mais quente para vestir? Precisava mesmo de descobrir quem era o responsável por ele. Podia ver que, embora estivesse decidido a comer a comida que Greville estava a segurar, estava sentado o mais longe possível do seu corpo, rígido de medo.

Apressando-se de volta ao salão, que começava a esvaziar-se quando a ceia chegava ao fim, encontrou Nell a levar uma cansada Jane para a cama. Seguiu-as e remexeu na roupa de Jane, selecio-

nando algumas batas de linho e vestidos quentes e grossos, juntamente com um par de meias de malha.

De volta onde os tinha deixado, Thomas tinha acabado de comer, mas ainda estava rigidamente sentado no colo de Greville.

— Trouxe-lhe algumas roupas mais quentes — disse Eleanor, segurando-as. As roupas de Jane, que agora são demasiado pequenas para ela. — Notou que, apesar de Thomas estar mais descontraído com ela do que com o marido, nem sequer se tinha voltado para ela quando voltou a entrar na sala, continuando a olhar em frente. Quando se aproximou do rapaz, o seu movimento chamou-lhe a atenção e fez-lhe um sorriso hesitante. Estendeu a roupa na sua direção.

— Vamos vestir-te algo mais quente? — sugeriu.

Ainda assim, ele ficou sentado em silêncio. Greville suspirou.

— Tentei voltar a perguntar-lhe quem é, mas não respondeu — explicou. — Vou enviar alguém à aldeia amanhã para fazer algumas perguntas.

— Greville, acha que talvez ele não nos consiga ouvir? — perguntou Eleanor. — Porque não se apercebeu que voltei à sala até estar quase à sua frente onde me pôde ver.

Greville acenou devagar com a cabeça.

— É possível — concordou ele. — Explicaria porque é que não consegue falar. Se se tivesse perdido algures, não seria capaz de dizer a ninguém.

Os olhos de Eleanor encheram-se de lágrimas.

— Mas certamente que os seus pais terão andado à sua procura? — Engoliu em seco. — Não teriam?

— Não sei. Mas veremos o que pode ser descoberto amanhã. Há quanto tempo é que ele está aqui? E como é que sabemos que o seu nome é Thomas?

— Não sei quando é que chegou. Reparei nele a trabalhar o fole para mim aqui dentro. Acho que o cozinheiro o empurrou para aqui para sair do seu caminho. Tem estado aqui desde então. Perguntei ao pessoal da cozinha de quem é filho, mas todos me disseram que não

faziam ideia. Perguntei lá fora, mas também ninguém lá sabe quem é. Não se materializou simplesmente do nada. É um mistério. O Hugh chamou-lhe Thomas, mas acho que simplesmente inventou um nome do nada.

Greville levantou-se e passou-lhe a criança. Ao segurá-lo pela primeira vez, ficou espantada com o pouco peso que tinha em comparação com Jane, e ao colocá-lo no chão ao seu lado, tirou-lhe gentilmente a túnica rasgada que usava, revelando o seu corpo magro e pálido, de costelas espetadas na pele, que estava marcada com uma miríade de cicatrizes.

— Oh, Thomas — sussurrou Eleanor —, como é que chegou aqui? — Ele começou a tremer e ela rapidamente lhe vestiu várias camadas da roupa que tinha trazido para baixo até ele parecer mais quente e consideravelmente mais volumoso.

Greville voltou carregando um cobertor grosso e pesado. Dobrou-o num pequeno envelope ao lado da lareira e ela aconchegou Thomas, de modo que só os tufos do cabelo cor de areia da criança saíssem do topo depois de lá entrar. Bos voltou a deitar-se aos seus pés.

Acrescentando mais alguns troncos às brasas moribundas, Greville disse:

— Vou dizer ao Hugh que alguém deve certificar-se de que o fogo aqui dentro é mantido a arder dia e noite, e que o Thomas está autorizado a dormir aqui. Vou tentar descobrir quem é ou de onde é. Parece que temos outra adição à nossa casa, hã?

Na tarde seguinte, antes de partir, Greville apareceu e encontrou Eleanor no jardim, enquanto arrancava cabeças de flores mortas do cebolinho com força indevida. Sabia que se aproximava rapidamente o momento em que Greville teria de se ausentar e a ideia disso, os perigos que poderia enfrentar, estavam sempre na sua mente, torcendo-lhe o coração num nó duro e doloroso. Tinha levado Jane lá para fora para ajudar, mas a menina logo perdeu o interesse e fugiu para perseguir as ovelhas que tentavam pastar tranquilamente no pomar.

O seu lugar tinha sido ocupado por Thomas, que se arrastava atrás de Eleanor, seguindo-lhe as pegadas em silêncio, como sempre.

— Vejo que a sua sombra está sempre presente. — Greville riu-se, acenando com a cabeça para o rapaz mudo. Jane estava a fazer barulho suficiente por todos, pois tinha visto o pai e gritava e saltava à volta dele até ele a atirar ao ar. Colocando-a de novo no chão, estendeu as mãos a Thomas, mas o rapaz enfiou-se atrás das saias de Eleanor, enterrando a cara nas dobras.

— Conseguiu descobrir mais alguma coisa sobre ele? — perguntou Eleanor, acariciando o cabelo fino do rapaz. A cabeça dele compriu-se contra a sua coxa. Insistiu que Nell lhe desse banho nessa manhã para se certificar de que não tinha piolhos e, aparentemente, tinha ficado menos do que entusiasmado, mas tinha muito melhor aspeto de cabelo brilhante e pele rosada.

— Descobri alguma informação — respondeu Greville —, mas não nos é muito útil. Alguém na aldeia se lembrou que havia uma criança pequena no priorado, por isso fui lá abaixo e falei com o prior. Ele dirigiu-me então ao irmão Thomas que confirmou ter encontrado um pequeno rapaz que correspondia à descrição do nosso Thomas a dormir entre alguns sacos de produtos que chegaram de Lynn. Ele não queria ou não podia falar. Chamaram-lhe Thomas porque seguia o irmão Thomas e dormia no chão à porta do dormitório como um pequeno cão, à sua espera. Depois, um dia, simplesmente desapareceu. Deve ter vagueado até aqui.

Eleanor sentiu lágrimas a arderem-lhe nos olhos enquanto agarrava o queixo do rapazinho com a mão e inclinava o seu rosto para cima para que o pudesse olhar nos olhos.

— Parece-me que Tom é um nome perfeito para si — disse-lhe — e ficará aqui como parte da nossa casa e talvez um dia aprenda um ofício. Não faz mal, pois não? — Ela olhou para Greville, preocupada que pudesse não concordar, mas ele sorria a acenar com a cabeça.

— Claro que sim, não o queremos a vaguear de novo para outro lado, rapazinho.

Eleanor sentiu o coração a derreter mais um pouco enquanto observava o marido. A chegada de Tom tinha mostrado outro lado dele. Conhecia-o como seu marido, um homem que a apoiava no cultivo do seu açafrão, que era sempre carinhoso e gentil para com ela, bem como um amante sensual, generoso e atencioso. Na corte encarnava outra *persona*, um mercador rico e popular, mas alguém que não devia ser confrontado. E agora, ali, ela podia ver como o seu coração bondoso e terno não servia apenas os próprios filhos, mas qualquer um que precisasse dele. Era um homem e um amo que usava um casaco de muitas cores e ela perguntava-se como pôde ter ficado tão consternada com ele quando foram apresentados pela primeira vez. Como tinha sido cega nessa altura.

Tom olhou-o silenciosamente e Eleanor perguntou-se se teria percebido que o seu destino tinha sido decidido ali mesmo, entre as altas gramíneas secas e as primeiras agitações do outono.

Depois de Greville ter partido para Londres, a casa parecia vazia. A cama dela estava deserta e fria e só a exaustão dos longos dias garantia que adormecia mal se deitava. O seu amor por ele tinha crescido lentamente, furtivamente, mas agora estava entrelaçado à volta do seu coração como a hera tenaz que subia às árvores para além das muralhas do castelo, e ficou devastada por ele ter partido de novo.

Eleanor passou muitos dias à espera e a observar se os açafrões começavam a abrir-se, até que finalmente o dia chegou. Ao amanhecer, percorreu o caminho habitual bem trilhado até ao prado, com as saias a apanharem a folhagem crocante à beira dos campos por onde passava. Embora os dias ainda estivessem quentes, as noites eram agora mais frescas e o aroma do outono pairava fortemente no ar, com o cheiro a vegetação a morrer e do solo húmido dos campos lavrados. Tinha apertado bem o xaile contra o corpo por causa do fresco da manhã e o céu acima dela já estava de um azul-claro leitoso. O

sol já se via no horizonte a brilhar debilmente através das árvores e a refletir a luz pelas folhas ainda por cair.

Quando parou à beira do campo, o sorriso de Eleanor enrugou-lhe o rosto. As pequenas flores lilases, que na véspera permaneciam bem enroladas, começavam agora a abrir-se. Tinham de colher cada cabeça de flor aberta nas horas seguintes, porque ao crepúsculo morreriam e não teriam qualquer utilidade. No dia seguinte, e potencialmente durante as duas a três semanas seguintes, estariam nos campos a fazer isso mesmo.

Simon e um grupo de trabalhadores estavam reunidos e prontos para começar a colheita logo após Eleanor ter alimentado Henry e quebrado o seu jejum. A maioria deles tinha ajudado na colheita no ano anterior e compreendia a importância de colher cuidadosamente a cabeça inteira da flor. Enquanto começavam, Eleanor demonstrou aos novos trabalhadores o que precisava de ser feito. Com a duplicação do campo de açafrão, ia precisar de cada par de mãos disponíveis.

Assim que todos estavam a trabalhar arduamente, ela juntava-se a eles durante algumas horas, desfrutando da camaradagem, piadas e risos dos trabalhadores, juntamente com o sol quente que se afundava nos seus ombros enquanto se curvava. Ao meio-dia, desaparecia de volta a casa, sabendo que Henry teria fome e que precisava de ter a sala da torre pronta para os primeiros cestos de cabeças de flores a chegar. Tinha deixado Joan encarregue de preparar e acender a lareira, mas ela própria tinha varrido o chão e colocado feno e ervas frescas. Embora a laje em cima do esconderijo se misturasse perfeitamente com as outras, estava sempre com medo de que alguém a descobrisse. Por essa razão, insistia que só Joan tivesse permissão de entrar na torre com ela, e a sua amiga estava pronta e à espera. Os cestos de flores eram deixados no corredor, ao fundo das escadas.

As semanas seguintes foram cansativas. O trabalho parecia interminável e muito mais difícil do que a colheita do ano anterior. As longas horas, e a necessidade de ir ao berçário de três em três horas para amamentar Henry e ir ter com ele também durante a noite, tiveram

o seu peso em Eleanor. Nell sugeriu mais uma vez que se encontrasse uma ama de leite, mas ela recusou.

— São só mais alguns dias — argumentou. — A secagem estará terminada mais ou menos um dia após o último dia da colheita das flores e depois está tudo feito. — Apesar da sua exaustão, acarinhava a ligação, a proximidade com o filho. Ainda não estava preparada para desistir disso.

Por fim, o açafão ficou pronto, dentro de sacos e empilhado na sala da torre. Eram sacos claros de juta, através dos quais se escoava o aroma acentuado da especiaria que continham. Eleanor tinha levado um saco de tamanho considerável para o seu boticário e para o cozinheiro, mas estava satisfeita com a quantidade restante que estava à espera de ser levada por Ralph para Blakeney para se encontrar com o barco que a transportaria para Londres.

Ficou desanimada quando chegou uma carta de Greville a dizer-lhe que lamentavelmente não poderia regressar tão cedo. As repercussões do novo Estatuto dos Seis Artigos do Rei, que tinha reforçado as crenças católicas e introduzido punições duras para os hereges que não as praticavam, ainda se faziam sentir. A lealdade a Sua Majestade era mais importante do que nunca. Com muitos evangélicos a serem presos, Greville lembrou-lhe que o dever e a lealdade à coroa era tudo. Ela compreendia a delicadeza de tudo o que acontecia na corte, mas era na mesma uma desilusão.

Greville escreveu também que tinha tido notícias de Francis Dereham na Irlanda, embora não soasse como se a sua visita tivesse sido tão lucrativa quanto esperava. Já falava em regressar a Inglaterra e talvez encontrar um lugar no séquito do rei. Ela sabia pelas suas cartas que Isabel tinha regressado há pouco a Norfolk e perguntou-se como é que Francis iria assegurar um lugar na corte.

Com poucas hipóteses de Greville chegar antes das festividades natalícias daquele ano, Eleanor sabia que também não havia possibilidade de outro bebé de açafão ser concebido no rescaldo das festividades.

O inverno chegou cedo e com uma intensidade tão repentina e feroz que chocou toda a gente. O outono tinha sido agradavelmente ameno e o tempo quente tardio tinha resultado em muito poucas doenças que exigissem os medicamentos de Eleanor, o que significava que tinha sido capaz de armazenar unguentos já preparados para o tempo frio.

Mas naquele momento, todos os vestígios do indulgente outono cor-de-rosa tinham desaparecido. Começaram calmamente a cair flocos de neve, silenciosos e brancos. Devagar, no início, mas em seguida se tornaram mais rápidos à medida que rodopiavam ao vento e cobriam cada centímetro da paisagem com um manto pesado e grosso. O ar estava amargamente frio, ferindo os pulmões de qualquer pessoa desafortunada o suficiente para estar no exterior.

Todos na casa tentaram inventar trabalhos que evitassem saídas à rua. O padre não tinha aparecido para as matinas e Joan queixava-se enquanto voltava aos tropeços para dentro de casa através da neve branca e estaladiça que brilhava com uma intensidade que magoava os olhos, ao longo do caminho gelado que um dos jardineiros tinha cavado até à capela. Eleanor tinha enrolado um xaile à volta do pescoço e da boca para se manter quente, por isso não se deu ao trabalho de responder ao resmungo de Joan enquanto se encaminhava para ir registar o mau tempo no seu livro de horas.

Os meses frios estendiam-se, abatidos e pouco convidativos, e ela ansiava pelo calor e alegria que só o seu marido podia trazer.

Capítulo Vinte e Dois

2019

Rodeada por volumes antigos da *Encyclopaedia Britannica*, Amber ouviu o seu telefone apitar com a chegada de uma mensagem. Demorou vários minutos a mexer-se entre os volumes pesados e poeirentos sobre a sua secretária até conseguir chegar a ele e ver que a mensagem era de Becky. Desejosa de controlar a catalogação que era suposto fazer, e passando muitas horas no seu portátil a introduzir o conteúdo da biblioteca na sua folha de cálculo, não tinha visto a amiga desde a tentativa infrutífera conjunta de encontrar o local onde jazia Mary. Nem sequer tinha encontrado tempo para avançar na leitura do livro de Eleanor, tirando-o da cabeça e concentrando-se na tarefa em mãos.

Festa anual da faculdade, na próxima sexta-feira à tarde. Tens vontade de ir?

Amber recostou-se na cadeira. Será que tinha? A festa anual para os professores e funcionários era habitualmente animada, começando muito sedutoramente com *Prosecco* e chá à tarde, mas continuando muitas vezes num *pub* local até à hora de fechar. Ela e Jonathan iam todos os anos e divertiam-se sempre imenso.

Amber franziu a testa. Precisava de ir. Não se podia esconder para sempre e a dada altura teria de enfrentar toda a gente. E teria lá Becky como apoio. Respondendo à mensagem, confirmou que ficaria encantada de ir com a amiga, e depois enviou rapidamente outra mensagem, esta a Jonathan, a perguntar-lhe se também queria ir. Espalhou-se-lhe um sorriso no rosto quando chegou uma resposta quase imediata a dizer que adorava ir.

Depois de ter regressado a casa após a consulta no hospital, deu por si com saudades dele de uma forma que não sentia desde que se tinha mudado para Saffron Hall. Devagar, sentia a primeira mudança frágil do seu coração a curar-se. Ele era um aliado e não um inimigo, alguém no mesmo barco que ela, à deriva. Por fim, sentia-se como se estivesse a remar na sua direção, em vez de se afastar.

Uma olhadela rápida à roupa que tinha trazido para casa do avô confirmou o que Amber já sabia. Não tinha nada adequado para vestir para ir a uma festa. Quando fez as malas, há tantos meses, tinha atirado lá para dentro a roupa mais gasta. Não interessava o que ia vestir, pois não tinha intenção de ver ninguém para além do avô.

Por isso, viu-se a deambular por King's Lynn a tentar encontrar uma roupa adequada que não fosse muito cara, até porque também precisava de sapatos. Depois de finalmente encontrar um vestido numa pequena loja, sentiu que tinha ganhado o direito a um café e a uma pausa antes de procurar um par de sapatos de salto alto. Sentada numa mesa à janela de um café, bebericava a sua bebida enquanto apreciava os ocupados compradores de sábado, os grupos de adolescentes a vaguear sem rumo, os pais a tentarem despachar-se com os filhos aborrecidos e mandriões atrás. Percebeu que já conseguia olhar para as mães com carrinhos de bebé sem que lhe subisse uma onda de náusea à garganta e estava grata por essa pequena vitória.

De repente, Amber achou ter visto alguém que conhecia e aproximou mais a cara da janela. Sim, tinha razão. Era mesmo Pete. Reconheceu-lhe o perfil quando se virou e olhou para baixo. Mas o que não esperava era que estivesse de mão dada com um rapazinho que ia meio a andar, meio a trotar para lhe acompanhar o ritmo. Dirigiam-se ao sítio onde ela estava sentada e quase levantou a mão para acenar, mas depois voltou a baixá-la. A criança, a tagarelar enquanto caminhava, era uma cópia exata de Pete.

Não era da sua conta se tinha um filho, mas será que também tinha mulher ou namorada? Alguém era a mãe daquele rapazinho e ela ia ter de contar a Becky. Tinha a desconfortável sensação de que aquela informação ia magoar a amiga.

A sexta-feira chegou demasiado depressa. Começando a duvidar sobre a sua ida à festa, onde ia encontrar toda a gente, Amber enfiou-se com relutância dentro do vestido novo e calçou as botas que tinha comprado para acompanhar. O seu cabelo, que cresceu a partir do corte radical e a direito que tinha insistido em fazer pouco tempo depois de ter tido Saffron, chegava-lhe agora abaixo do queixo em caracóis macios e prendeu-o de cada lado com ganchos incrustados com madrepérola.

Ela e o avô almoçaram juntos. Amber tinha feito um empadão enorme. A generosidade do reitor com o *Prosecco* era bem conhecida e Amber sabia que era necessária uma ajuda decente de comida substancial para absorver a quantidade inevitável de álcool com que seria inundada mais tarde.

— Sobrou muito — disse ela ao avô enquanto comiam. — Pus um pouco num prato no frigorífico para o teu chá, para que possas colocá-lo no micro-ondas.

— Acho que não vou precisar de outra dose hoje. — Ele riu-se. — Não quero mais nada para além de uma chávena de chá e um par de biscoitos cremosos.

De repente, a ideia de ficar sentada com uma chávena de chá em frente à televisão a descontrair durante a tarde parecia-lhe absolutamente perfeita e Amber perguntou-se, não pela primeira vez, se deveria telefonar a Becky a cancelar. Inventou uma doença súbita e desiste. Mas sabia que não enganaria a amiga, que iria pegar imediatamente no carro para a ir ver, pois tinham estado a trocar fotografias a mostrar a roupa há pouco mais de uma hora.

Aquela era a primeira vez que ia ver a maioria dos colegas desde o nascimento de Saffron, e não estava ansiosa por esse aspeto da tarde, de ver a pena estampada nos seus rostos. Sentia-se paranoica com a ideia de todos saberem que não estava a viver no vicariato com o marido naquele momento.

Com um peso no peito, pegou na mala quando ouviu a buzina do carro de Becky e saiu pela porta da frente, com um grande sorriso firmemente colado, mesmo que pouco sincero, ao rosto.

— Finge até conseguires — murmurou entredentes enquanto a porta batia atrás de si.

A viagem até à festa era a primeira vez que as duas mulheres estavam juntas desde a ida às compras de Amber, que sabia que ia ter de dizer algo sobre o que tinha visto. Era melhor que Becky soubesse já, antes de se atirar de cabeça no amor por Pete. Tinha visto a forma como se olhavam e sabia que tinham tido vários encontros. Pigarreou.

— Estive em King's Lynn no fim de semana passado a fazer compras. E vi o Pete — disse.

— Ah sim? — Becky estava a tentar sair numa rotunda com muito trânsito e não estava a prestar muita atenção, por isso Amber parou de falar e esperou até que estivessem de novo a conduzir na A47.

— Então, quando vi o Pete — começou ela de novo —, ele estava com um rapazinho. Que se parecia incrivelmente com ele. — Fez uma nova pausa, de olhos pregados em Becky que olhava para a estrada. Mas para sua surpresa, o rosto da sua amiga iluminou-se com um sorriso enorme e os olhos brilharam.

— Devia ser o Callum. O filho do Pete e da ex-namorada. Ele tem o Callum em fins de semana alternados. O Pete acha que ainda não nos deve apresentar, o que concordo, mas faço figas para conhecê-lo em breve. Ainda é precoce, o Pete e eu.

Amber suspirou de alívio, e a sua respiração soou como um longo assobio.

— Estou tão contente. Não sabia do filho e da ex-namorada e tenho andado tão preocupada em contar-te e poder aborrecer-te! — exclamou.

— Falou-me do Callum e da Katie logo na noite do *quiz* no *pub*. Nunca foi um segredo. É uma das razões pelas quais vive em King's Lynn, para estar por perto.

Amber inclinou-se e deu uma palmadinha no ombro de Becky.

— Isso é fantástico e espero que o conheças muito em breve — disse.

A sala da universidade já estava cheia de gente a conversar, em vestidos salpicados de cor entre as calças e camisas aprumadas dos homens. Para variar, as pessoas tinham-se esforçado na indumentária. Tendo combinado previamente com Jonathan que se encontraria lá com ele, já que ia apanhar boleia de Becky, Amber examinou a multidão à sua procura. Aqui e ali, os empregados de mesa passavam com bandejas de taças de champanhe e sumo de laranja. Amber sorria educadamente enquanto bebia do seu copo e olhava em redor, consciente das dezenas de pares de olhos pousados nela, e de um ambiente geral de bondosa compaixão.

Becky tinha sido agarrada e arrastada por um grupo dos seus colegas historiadores, deixando Amber sozinha à procura de um rosto amigável, sentindo-se sempre como se fosse uma ilha que todos contornavam sem se aproximarem. Inseguros sobre o que lhe dizer.

Mesmo na altura em que ia fugir para a casa de banho onde se podia trancar sem que alguém fosse capaz de a fitar, houve um movimento num grupo que falava com o reitor, e quando se mexeram, avistou Jonathan. Estava parado à beira de um grupo dos seus colegas de departamento. Os seus olhos cruzaram-se e o rosto dele iluminou-se quando estendeu a mão na direção dela. Ela apressou-se a ir até lá e enfiou-se debaixo do braço dele, finalmente a sentir-se segura, ancorada ao seu lado.

— Estás bem? — perguntou baixinho enquanto a puxava para junto de si e a beijava ao de leve na face. Ela acenou com a cabeça, antes de se virar para cumprimentar o resto do grupo como se os tivesse visto todos umas semanas antes, e não passados os oito meses em que esteve ausente do trabalho. Viu-os visivelmente a murcharem de alívio. Não ia haver uma conversa desconfortável, pelo menos não naquele dia. Aquelas pessoas eram suas amigas e sabia que todas lhe desejavam bem.

Como de costume, a festa continuou pela noite dentro à medida que cada vez mais álcool fluía e começou a ser servido um rolo de carne de porco às fatias. Becky encontrou-se com Amber enquanto enchiam os pratos de comida.

— Estou esfomeada! — exclamou Becky. — Nunca consigo resistir à carne de porco fumada.

— Eu também — admitiu Amber —, apesar de ter tido um almoço pesado com o avô, agora estou a sentir-me um pouco tonta.

— Estou a beber isto e depois tenho de ir para casa. Queres boleia? Ou és capaz de apanhar boleia com o Jonathan? — Ela já tinha reparado no casal aparentemente descontraído.

— Ele vai deixar-me a casa, tenho a certeza. Obrigada pela sugestão para eu vir. Quase chorei, de tão preocupada em ver toda a gente que conheço, mas estava a preocupar-me sem razão. Tem sido agradável ver todos os rostos familiares e têm sido todos muito amáveis. — Amber pousou o prato na mesa para libertar os dois braços e dar um abraço a Becky.

— Claro que sim, todos gostam de ti. E do Jonathan. Só queremos que ambos fiquem bem. Ninguém aqui vos vai julgar. — Ela correspondeu ao abraço de Amber. — Passaste pela pior coisa imaginável e todos nós queremos ajudar.

— Obrigada, o que faria eu sem ti?

— Traduzias o teu próprio latim? — respondeu Becky. E ambas se riram e se despediram, combinando encontrarem-se no fim de semana. — E, por amor de Deus, arranja algum tempo para avançares na leitura do livro da Eleanor — lembrou-lhe quando se afastaram. — Estou desesperada por saber o que mais tem ela a dizer.

— A Becky teve de ir andando. — Amber ofereceu a Jonathan um pedaço da sua carne quando chegou ao pé dele. — Importas-te de me dar uma boleia de volta, por favor?

— Claro. — Ele acenou com a cabeça. — Podias ficar lá em casa esta noite, se quiseses, que fica mais perto, e eu levava-te de volta de manhã?

Há seis meses, a sugestão dele tê-la-ia enchido de horror, mas para sua surpresa, não se encolheu ao pensar em estar de volta à casa deles e ouviu-se a concordar, fazendo uma chamada rápida para o avô a explicar a mudança de planos.

Estava escuro quando chegaram ao vicariato, com as formas sombrias das árvores a balançarem na brisa contra a pedra clara das paredes da igreja. Amber seguiu Jonathan até ao interior, sentindo-se ligeiramente tímida e desconfortável. Sabia que, na cabeça dele, ainda era a sua casa e estava tudo normal, mas agora não se sentia em casa. Será que já não pertencia ali? Tudo parecia diferente, apesar de, superficialmente, tudo estar igual. Era como se a casa fosse um *puzzle* com todas as peças montadas, sendo ela uma que já não encaixava.

A mobília ainda estava no mesmo sítio, embora reparasse que tudo brilhava, em vez de ter a irritante película de pó que revestia tudo quando ela costumava empreender sem convicção quaisquer tarefas domésticas. As peças de mogno discrepantes que tinham comprado em lojas de segunda mão ao longo dos anos estavam todas a brilhar, tudo com um ar semelhante, um brilho uniforme e o cheiro a cera de polimento. Quem quer que se tivesse encarregado de transformar o vicariato numa casa de revista, obviamente não subscreveu o método de limpeza do «senhor Sheen espalhado aleatoriamente pela sala» que Amber usava.

Seguiu-o até à cozinha, que felizmente lhe pareceu mais familiar, e atirou-se para a pequena poltrona de madeira esculpida que tinha sido sempre dela. Estava uma pilha de correio pousada numa ponta da mesa, o método preferido de arquivamento de Jonathan, juntamente com um prato solitário ainda cheio de manchas de compota e migalhas das torradas daquela manhã. Amber sentiu a picada incómoda das lágrimas com aquela prova visual da vida solitária do marido. Tinha-o deixado naquilo.

— Café? Chá? — Inconsciente da sua culpa, encheu a chaleira e levantou o prato da mesa, colocando-o no lava-louça.

— Café, por favor, mas é melhor fazeres forte. Bebi mais daquele *Prosecco* do que pretendia.

Observou-o enquanto ele enchia a cafeteira, colocava chávenas num tabuleiro e leite decantado num jarro. Tinha aberto o botão de cima da camisa. Parecia-se sempre menos com um vigário sem colarinho e mais com o verdadeiro Jonathan, o homem que ela tinha amado e com quem se tinha casado. O homem que ainda amava. Quando é que se sentiria pronta para voltar para ali, para voltar ao carrossel do mundo real? Embora sentisse falta de estar com ele, pequenos filamentos da nuvem escura ainda espreitavam no limite da sua consciência, o conhecimento de que tudo não estava como deveria ser. De algum modo, tinha de aceitar o novo *status quo* para poder ser capaz de seguir em frente. Enquanto havia vida, havia esperança.

— É melhor ir ao Google ver os horários dos comboios da manhã.
— Seguiu-o até à sala de estar enquanto ele transportava o tabuleiro com o café, inspirando o cheiro absolutamente penetrante a cera. — Alguém se entusiasmou demasiado com o polimento da mobília?

— As senhoras que arranjam as flores. Definiram um roteiro de limpeza do vicariato. Tentei dizer-lhes que não era necessário, mas sabes como podem ser vigorosas. Só lhes é permitido limpar no andar de baixo. Disse-lhes que andei a limpar lá em cima. Não queria que a minha gaveta da roupa interior fosse reorganizada por cores. Também continuam a deixar refeições caseiras no congelador. Se tiver de comer mais um empadão aquoso, acho que vomito.

Amber riu-se, embora se sentisse assolada pela tristeza interiormente. Podia imaginar os mexericos da aldeia sobre ter abandonado Jonathan quando ele mais precisava dela. De ser uma esposa horrível. De não ser capaz de ser mãe. Bem, como é que poderia levar-lhes a mal, sendo cada palavra verdadeira?

— Não precisas de apanhar o comboio. Amanhã é o meu dia de folga. Posso levar-te — disse-lhe ele.

— Tens a certeza? Não te quero incomodar. Já tens tão pouco tempo livre...

— Gostava de te levar. Vai dar-me mais algumas horas para estar com a minha mulher. — Sorriu ao passar-lhe a chávena de café, com a quantidade certa de leite.

Sentaram-se num silêncio acompanhado, viram um episódio de *Testemunha Silenciosa* e parecia uma noite normal. Como costumavam ter. Antes de tudo correr mal. Por fim, às onze e meia, Jonathan desligou a televisão a bocejar abertamente.

— Queres dormir no quarto de hóspedes? — perguntou ele, hesitante. Amber suspeitou que tivesse estado preocupado com a dormida a noite inteira enquanto aparentemente se concentrava na televisão.

— Não, a menos que queiras que eu durma lá — respondeu ela após um momento, insegura dos próprios sentimentos. — Somos um casal. Nada mudou isso. Não me parece inadequado dormirmos os dois na mesma cama, se não te importares?

A forma como o rosto se iluminou enquanto sorria em sinal de concordância fez-lhe o coração bater mais depressa. Havia uma razão pela qual se tinha sentido atraída pelo jovem estudante de teologia de olhos verdes e cabelo louro há todos aqueles anos, e era o seu sorriso completamente aberto, a forma como fazia o seu rosto brilhar e os olhos cintilarem. Tinha o rosto mais honesto e acolhedor de todos os que conhecia. Não havia nada oculto nele. Jonathan aparentava o que era. Gostava de toda a gente e não era de admirar que a sua simpatia fosse sempre retribuída.

Seguiu-o até ao andar de cima, ao quarto deles. Ali, pousado na almofada, estava o seu pijama, tal como costumava estar. A combinar com o de Jonathan, pousado na dele. Percebeu com um aperto de coração que ele tinha continuado a fazer tudo exatamente da mesma maneira, como se estivesse à espera do dia em que ela regressasse. Ficaram ambos deitados lado a lado no escuro, sem dizer palavra, até que Jonathan a alcançou, puxando-a para o seu lado, e ela se enroscou debaixo do seu braço, na mesma posição em que tinha dormido durante todos os anos de casamento. Gentilmente, ele beijou-lhe o topo da cabeça e em poucos minutos estavam ambos a dormir.

Na manhã seguinte, ela vestiu um par de calças de ganga velhas e uma *t-shirt* que tinha desenterrado do armário do quarto, aliviada por antes de ter partido para a casa do avô ter deitado fora toda a sua roupa pré-mamã, para que não houvesse surpresas desagradáveis quando fosse à procura de algo lavado para vestir. Cheirava tudo bastante a mofo e desejou ter colocado em prática as regras de Eleanor com a aplicação de lavanda entre as camadas de roupa guardada.

No andar de baixo, encontrou Jonathan a terminar a sua torrada. Pôs-se de pé num pulo quando ela entrou, enfiando o último bocado do pequeno-almoço na boca.

— Um chá? — perguntou ele. — Preciso de ir abrir a igreja, depois podemos seguir caminho. Queres ir até lá comigo? — Ergueu as sobrancelhas.

— Sim, por favor, gostava muito. E de dizer olá à Saffron.

— Claro que sim. — Ele sorriu e ela não conseguiu evitar dar-lhe um pequeno sorriso em troca. Ele pegou nas chaves da mesa do corredor e ela seguiu-o até à rua.

A igreja era-lhe tão familiar quanto a sua casa. De repente, percebeu de onde tinha reconhecido o aroma ceroso no vicariato. Era a mesma cera de abelha que era usada para limpar a igreja. Mas aqui o polimento tinha de lutar com o ar antigo, dolorosamente familiar, que a envolvia em nostalgia e tristeza. Sentou-se no banco onde sempre se sentava aos domingos e fechou os olhos, ouvindo Jonathan a movimentar-se na sacristia. Esperou, querendo sentir mais qualquer coisa. Aquela mudança na atmosfera quando sabia já não estar sozinha, mas não havia ninguém ali. Quem esperava ela, Eleanor? Saffron? Não sabia bem.

Jonathan terminou as suas tarefas e caminharam juntos pelo exterior do edifício até ao fundo do adro da igreja. Ele apanhou-lhe os dedos e apertou-lhe a mão enquanto andavam em silêncio acompanhado.

— Ei, Saffron, olha quem está aqui. — Jonathan falou com naturalidade. Ia todos os dias falar com a filha e Amber sentia um poço de culpa por os ter abandonado a ambos. Tal como antes, a campã e a

área circundante estavam belamente tratadas e havia um pequeno ramalhete de flores silvestres a transbordar de uma jarra diante da lápide. Também havia um pequeno cachorro de cerâmica.

— Foi o Alfie Byrnes que o trouxe — explicou Jonathan enquanto Amber se curvava para o apanhar. Disse que não era correto que a Megan tivesse tantos brinquedos e a Saffron não. — Amber sorriu quando o colocou no sítio, olhando para a sepultura de Megan Byrnes coberta de brinquedos e de bandeirinhas. As crianças pareciam aceitar o falecimento de um bebé muito mais facilmente.

— A Saffron agora já teria quase nove meses — comentou ela, as palavras a sufocarem-na —, já se sentava, talvez gatinhasse e brincasse. É tão injusto.

Jonathan colocou-lhe o braço nos ombros.

— Tens razão, é injusto. Mas ela não queria que ficássemos presos numa bolha de luto para sempre, pois não? Juntos, podemos sair desta situação. Lembras-te do provérbio do livro de horas de que me falaste? Enquanto há vida, há esperança. Temos sempre esperança e nunca a esqueceremos. A Saffron será para sempre a nossa primogénita, a nossa filha.

— Claro que será. Para sempre.

* * *

Já estavam a meio da manhã quando chegaram à casa. Encontraram o avô sentado na sua estufa, de olhos a brilhar de prazer ao ver o casal vir de mãos dadas pelo caminho na sua direção.

— Sois um regalo para a vista — cumprimentou-os ele. — Como foi a festa?

— Foi boa, obrigada. — Amber sorriu. — Havia muita bebida, como sempre. Para um trabalho com uma reputação tão sóbria, os professores doutores conseguem seguramente dar cabo de uma tonelada de álcool.

— Vais pôr a chaleira ao lume, agora que voltaste? — O avô mexeu as sobancelhas, esperançoso, e Amber regressou à cozinha a rir-se para fazer o que ele pediu.

— Deixa-me mostrar-te o livro de orações — sugeriu Amber a Jonathan enquanto atirava os sacos de chá para as canecas que tinha tirado do armário. — Talvez tenhas algumas ideias sobre a estranha passagem no início. A Becky e eu ficámos sem ideias. Mas descobri que Saffron Hall originalmente se chamava Milfleet. A proprietária do livro, Eleanor, vivia aqui nesta casa. Não é fixe?

Conduziu-o até ao escritório e passou-lhe um par de luvas de algodão, antes de ela própria calçar umas e retirar o livro do cofre, colocando-o no expositor à sua frente, aberto na primeira página.

Jonathan inclinou-se para a frente e semicerrou os olhos ao ler a entrada, os lábios a mexerem-se sem som enquanto lia devagar para si, a tentar traduzir o latim antigo. Acabou por se sentar na cadeira e olhar para Amber, que estava ao seu lado.

— Atualmente, o meu latim já não é assim tão bom. Consigo reconhecer «*em paz*» e a frase «*infans filia sub pedibus nostris requiescit*», mas não percebo o resto. O que é que diz?

Amber folheou o seu caderno de notas até descobrir onde tinha escrito a tradução e passou-lha, esperando calmamente enquanto ele a lia. Por fim, quando já não conseguiu mais aguentar o silêncio, disse:

— O que é que achas que ela está a perguntar? O que é que nos está a dizer?

— Não sei. Que o bebé está enterrado algures. E não é onde ela o queria enterrado? Está a pedir ao leitor que faça alguma coisa. Encontrar o bebé, talvez? Não compreendo porque é que ela não tem tempo. Estava a fugir ou estava a morrer? Há mais alguma pista no livro?

— Ainda vou a meio, mas até agora não há outras pistas, embora seja uma visão fascinante da vida da Eleanor. A Becky e eu procurámos por todo o lado onde Mary pudesse estar enterrada, mas não encontramos nada.

E então, tal como tinha acontecido antes, sentiu algo a mudar no ar em seu redor e soube que não estavam sozinhos. Agarrou no braço de Jonathan com força e quando os seus olhos confusos se cruzaram com os dela, comprimiu os lábios dando uma pequena sacudidela com a cabeça. Não era só da sua imaginação: havia alguém, ou algo, na sala com eles. Não se movia, não fazia qualquer barulho, mas estava definitivamente ali. Amber fechou os olhos, perguntando-se se isso ajudaria a abrir algum tipo de comunicação. O cheiro também estava de volta, mais forte do que nunca. Acentuado, mas doce, o cheiro suave a pó de feno acabado de ceifar e a erva-ulmeira. Amber decidiu tentar falar com ela.

— Eleanor, és tu? — sussurrou ela, no silêncio, sustendo a respiração enquanto esperava por uma resposta. Não veio nenhuma. Nenhum sinal da sua presença, nenhum móvel a ser atirado pela sala ou quadros a cair da parede, como acontecia nos filmes. Apenas um soltar dos fios do tempo que as separavam, um suspiro no ar à sua volta e uma sensação de tristeza a cair sobre ela como uma gaze fina, juntamente com aquele familiar cheiro evocativo. Se ao menos Amber conseguisse perceber o que era. E depois, tal como antes, desapareceu de repente. O cheiro ainda persistia, mas de alguma forma ela sabia que o outro ser que estava na sala já não se encontrava entre eles.

— Sentiste aquilo? Ela esteve aqui na sala, apenas por alguns segundos e eu percebi a sua presença. Uma ligeira mudança no ar, como se se movesse do seu tempo para o nosso. Tenho a certeza de que é a Eleanor. Já fiquei nesta casa inúmeras vezes ao longo dos anos e nunca senti nada assustador ou estranho. Só desde que o livro foi encontrado, e li a sua mensagem, é que ela começou a aparecer. Depois de a torre ter sido danificada. Embora até a palavra «aparecer» seja um pouco exagerada, porque nunca vi nada. Apenas sei quando ela está comigo. E tenho uma sensação esmagadora de tristeza quando ela cá está. Este cheiro, consegues sentir? É realmente estranho, um pouco picante. Será que os fantasmas cheiram mal?

— Não me parece que lhe possamos chamar fantasma.

— Então o quê? Uma aparição? Dado que ela não aparece, essa também não é a palavra certa.

— Não sei. Alma perdida é provavelmente a melhor descrição, ou espírito. Ela não está em paz porque alguém precisa de satisfazer o seu pedido. Mas talvez o cheiro que consegues sentir seja o de alguém a fazer uma colheita nas proximidades? Sabes que os sons e os cheiros podem mover-se pelo campo, se o vento estiver na direção certa.

— Não. — Amber abanou a cabeça. — Já o senti antes, mas só está no ar quando a Eleanor está comigo. Tenho de decifrar esta mensagem, antes de seguir em frente. Não suporto a ideia de que ela tenha esperado centenas de anos por alguém que o faça. Não a vou desiludir agora.

— Bem, sabes onde estou, se precisares de mim, se eu puder ajudar nalguma coisa. — Jonathan pôs-se de pé e esticou-lhe os braços e ela envolveu-se neles como se fosse a coisa mais normal a fazer. — Obrigado por uma grande noite ontem. Só estarmos juntos em casa foi encantador.

Amber acenou com a cabeça contra o peito dele.

— Eu também gostei — respondeu. — Espero que o possamos fazer novamente em breve?

Ele abraçou-a com força e beijou-lhe o topo da cabeça. Depois soltou-a, pigarreou e disse com voz rouca:

— Também espero que sim. Lamento, mas tenho de me pôr a caminho. Hoje é o meu único dia livre esta semana, por isso tenho de ir fazer algumas compras e tenho de terminar um sermão.

— Não há descanso para os malvados, hã? — Amber riu-se.

Depois de Jonathan se ter ido embora, encontrou a página onde ia no livro precioso e continuou a ler, sentindo o coração mais leve do que tinha sentido em meses.

Capítulo Vinte e Três

1539–40

O Natal foi alegre. O vento tinha finalmente melhorado, trazendo tempo mais ameno e húmido, o que significava uma passagem constante de pegadas lamacentas pelo chão, mas ninguém se importava. Todos estavam de bom humor, ansiosos pelo banquete e pelas festividades, sobretudo quando Greville chegou inesperadamente de Londres, aproveitando o tempo mais quente e a viagem mais fácil pelas estradas.

Eleanor tentou encorajar Thomas a chegar ao mesmo nível de excitação que Jane exalava, mas não era fácil quando não conseguia explicar-lhe o que estava a acontecer. Tinha visto o ramo do beijo a ser trazido para dentro e olhou, intrigado, mas claramente não tinha ideia, ou qualquer memória a que o pudesse ligar. Levando-o pela mão, mostrou-lhe as crescentes especialidades que se acumulavam na despensa, fazendo sinais exagerados a esfregar o estômago na expectativa e até a beliscar os cantos do massapão para os enfiar na boca dele. Tom sorriu e acenou com a cabeça, mas ela sabia que por mais que ele adorasse comer qualquer doce, mesmo assim não fazia ideia do que lhe estava reservado.

Greville também estava de bom humor. O açafraão que tinha levado para Londres tinha sido vendido mais uma vez para as mesas do rei e o resto tinha continuado a viagem até Calais. Com o aumento da quantidade, juntamente com o reconhecimento da sua soberba qualidade, tinha-lhe trazido mais um lucro substancial. Os cofres nunca tinham estado tão cheios. Falava de construir uma nova ala em Milfle-

et, como era próprio de um fidalgo que agora era tão bem respeitado na corte.

— Quando nos casámos, quem teria adivinhado que a rapariga calma, tímida e assustada desabrocharia numa mulher com habilidade e perícia para nos fazer crescer um império nos prados de Norfolk. Não tinha percebido que traria consigo tal astúcia e perícia. Tenho muita sorte em tê-la como minha esposa — admitiu.

O seu bom humor significava que todos ficavam felizes. Escrevendo no seu livro de orações, Eleanor não pôde evitar um sentimento de vaidade ao registar o final do ano e os doze dias de festividades.

O Ano Novo chegou e temos de nos despedir de 1539. Tudo está bem aqui em Milfleet. O nosso belo Henry continua a prosperar. A Jane está a tornar-se numa senhorita. Uma nova adição, o Tom, faz agora parte da nossa família e rezo secretamente para que a sua família verdadeira não venha à sua procura. É uma ajuda para mim no boticário, com a sua capacidade de cheirar e provar coisas em que eu não repara. O meu marido está muito contente por a nossa segunda colheita de açafrão ter gerado tanta receita e estar tão bem vista. Estou muito satisfeita que o aumento das nossas fortunas e o seu lugar na corte me seja inteiramente devido.

Assim que as festividades começaram, Tom começou a apreciá-las tanto como o resto da casa. Eleanor sabia que ele não conseguia compreender o aspeto religioso do que estavam a celebrar. De facto, embora o levasse à missa, ele não conseguia ouvir o que se estava a dizer e, por isso, ajeitava e raspava constantemente os pés, claramente aborrecido e sem saber porque é que tinha de se sentar num banco desconfortável num edifício frio. A única parte da capela que lhe chamava a atenção era o tríptico do altar que ela tinha admirado quando lá foi pela primeira vez. Adorava estar à sua frente, a examinar de perto as pessoas pintadas. Se não houvesse mais ninguém presente, Eleanor pegava-lhe ao colo para que ele pudesse estender a mão e passar por cima das imagens com os seus pequenos dedos e um largo sorriso no rosto.

Mas demasiado cedo, na décima segunda noite, já o tronco de *yule* tinha ardido e o Lord de Misrule se tinha divertido, Greville anunciou a sua intenção de aproveitar o tempo ainda ameno e regressar a Londres.

— Sei que preferia que eu ficasse aqui, minha pequena «*croca*» — disse ele, usando o nome local para os lavradores de açafrão, acariciando o topo da cabeça de Eleanor. Ela ficou parada, ainda vestida com a sua camisa de noite, pois ele tinha-a interrompido enquanto se vestia para a informar de que partiria mais tarde nesse mesmo dia. — Mas ambos nos saímos muito bem não só por eu poder negociar em Londres, mas, mais importante ainda, por estar presente na corte. O dinheiro que a sua preciosa especiaria nos trouxe significa que sou agora o mais popular entre os fidalgos mais conceituados e estou confiante de que isso poderá em breve colocar-me perante o olhar do rei. Não seria uma coisa boa para ambos? E é a sua proficiência e conhecimento no cultivo do açafrão que fará com que isto se concretize. Admito que não acreditei quando me explicou pela primeira vez que o seu açafrão valeria muito, mas tudo o que sou agora pode ser atribuído às suas capacidades.

Eleanor acenou com a cabeça, de coração dorido com a ideia de ele provavelmente ficar novamente ausente durante meses.

— Mas quando é que poderei ir à corte? — questionou ela. Não era a primeira vez que perguntava e sabia qual seria a resposta dele antes de a dizer.

— Um dia, meu doce, um dia. Atualmente, precisamos de si a gerir Milfleet e a criar os nossos filhos e, mais importante do que tudo, a cultivar o nosso açafrão. Sem tudo o que faz aqui, agora eu não estaria na posição na corte em que estou. Nunca esquecerei quanto lhe devo.

Ela acenou com a cabeça, apesar da infelicidade que a atingiu. Londres era um lugar com que só podia sonhar, mas sabia que, naquele momento, o seu lugar era em casa. Ambos precisavam que Greville estivesse na corte e a transmitir as notícias de Londres, e ela estava cada vez mais preocupada com as histórias que se contavam

sobre Cromwell, agora que o vigário-geral e os seus comissários andavam a saquear mosteiros e a fazer os irmãos assinarem o Juramento de Supremacia. À sua volta, o mundo que conhecia estava a agitar-se como se tivesse sido apanhado numa tempestade.

Mais tarde, no mesmo dia, apanhou por acaso Greville e Hugh sentados no escritório. Ia a passar pelo salão nobre e fez uma pausa à porta quando ouviu falar em voz baixa. Hugh tinha falado e ela não percebeu o que disse, mas depois o seu marido respondeu:

— Já disse que não. É demasiado perigoso. Ela ainda é jovem e poderia inocentemente dizer algo impróprio. Uma palavra inconveniente pode chegar aos ouvidos das pessoas erradas e arruinar para sempre uma reputação, um meio de subsistência. Há demasiadas pessoas na corte dispostas a derrubar outras para ajudar as suas próprias tentativas de se inserirem no círculo interior do rei. Não posso empurrá-la para dentro dessa piscina de ratos. Especialmente porque a sua forte fé e amizade com os monges poderia fazer com que ela falasse mais do que deve.

Então era isso. Não teve dúvidas sobre quem ele estava a falar e não iria à corte tão cedo. Seria realmente tão inseguro como ele estava a inferir?

Capítulo Vinte e Quatro

1540

Quatro meses mais tarde, as preocupações de Eleanor sobre o que estava a acontecer na corte pareciam justificadas. Um dos aldeões veio à porta das traseiras da casa dizer-lhes que um grupo de fidalgos em belos cavalos tinha chegado ao priorado. Eleanor ficou preocupada. Tinha ouvido falar de monges que se recusavam a concordar com as novas formas e que eram torturados e executados e não queria que isso acontecesse a nenhum dos seus amigos. E que todas as relíquias antigas estavam a ser destruídas por todo o país. Como poderia isso estar certo? O priorado tinha um belo cofre dourado, ricamente ornamentado com requintadas pedras preciosas, contendo uma relíquia de São Filipe. Certamente que ninguém iria danificar algo tão sagrado assim?

Perguntava-se se o rei tinha perdido o juízo, primeiro decidindo ser chefe da Igreja e já não fazer parte do Sagrado Império Romano, e depois destruindo todas as estátuas e relíquias, tirando a riqueza dos mosteiros. E, por vezes, atirando os monges para as ruas, segundo lhe tinham contado. Embora muitos recebessem uma pensão, tinham passado tantos anos no priorado que não queriam voltar a viver nas aldeias, onde já não encaixavam. No entanto, guardava os seus pensamentos para si. Sabia bem que não devia exprimir as suas opiniões em voz alta, mesmo estando tão longe da corte como estavam. O seu marido estava no meio daquilo e não queria pô-lo em perigo.

O primeiro indício de que se passava algo de errado no priorado, no outro extremo da aldeia, veio três dias depois de ter ouvido que os comissários tinham chegado. Um pedaço de papel ligeiramente húmi-

do e amassado foi-lhe atirado para a mão enquanto atravessava o pátio a carregar baldes vazios para a leitaria. Estava a ajudar a nova leiteira, que era minúscula e mal conseguia levar dois baldes de cada vez.

La a andar, a evitar cuidadosamente o estrume que ainda não tinha sido limpo, quando apareceu de repente um pequeno rapaz da aldeia à sua frente, não muito mais alto do que Tom. Atirou-lhe o recado e antes que ela pudesse abrir a boca para lhe perguntar o que era, desapareceu.

Pousando os baldes, abriu-o. Era um pedaço de pergaminho espesso, agora sujo e áspero em redor das margens de ter sido passado de mão em mão.

«Minha senhora», leu numa caligrafia desconhecida bem arredondada, «estou à vossa mercê. Os homens do vigário-geral estão aqui e exigem não só o nosso dinheiro mas também a nossa preciosa relíquia, que deverá ser queimada. Já profanaram muitas das nossas estátuas e pinturas. Eu e todos os meus irmãos temos de assinar a concordância com o novo livro de orações, mas eu não posso. Tenho de fugir com a nossa santíssima relíquia para uma terra onde as minhas crenças não sejam uma heresia. Ou morrer a tentar. Se eu não assinar, serei certamente executado.

Imploro-vos que me ajude com a minha passagem para Cley, onde me dizem que estará um barco à espera para me transportar a mim e ao Irmão Rufus até à segurança. Não podemos pagar-lhe em dinheiro, ouro ou comida, uma vez que tudo nos foi retirado nestes últimos dois dias. Mas posso dar-vos algo de igual valor, pois ainda temos os nossos sacos de bolbos de açafraão que os comissários deixaram em paz. Não posso correr o risco de nos enviar uma resposta a isto, no caso de cair em mãos erradas. Eu e o Rufus partiremos esta noite, e esconder-nos-emos junto ao velho carvalho nas terras comunais. Se for incapaz de ajudar, compreenderei e que Deus esteja consigo.»

O Prior Matthew tinha-o assinado com o seu selo. Eleanor perguntou-se como tinha conseguido passá-lo escondido em segurança para fora do priorado.

Tinha de ajudá-lo. Não tinha escolha. Era idoso e ela não conseguia suportar a ideia de ele ser enforcado ou queimado até à morte como um herege. Era justo que lhe fosse permitido viajar para um lugar seguro, e ainda mais para que a relíquia fosse escondida antes de ser destruída.

Era um jogo tão perigoso de jogar que Eleanor sentiu uma onda a ferver de medo a inundá-la quando considerou as ramificações do que lhe estava a ser pedido. Tanto para a sua família, como para Greville. Se fosse descoberta, tudo aquilo para o qual o seu marido tinha trabalhado na corte seria varrido como areia na praia. Desapareceria tudo. Ele opor-se-ia veementemente, furioso, se soubesse o que ela pretendia fazer. Ela detestava ir contra o que sabia que ele diria e certificar-se-ia de que nunca descobrisse.

Pois qualquer que fosse o perigo em que estivesse prestes a entrar, não tinha escolha. Tinha de fazê-lo. Pelos irmãos do priorado, pela sua fé, pelo seu Deus. Perguntou-se como poderia ajudar, na prática. O seu primeiro problema seria ir até ao carvalho onde se esconderiam, pois isso significava sair do quarto à noite sem ser vista. Embora Joan tivesse agora o seu próprio quarto, recentemente tinha passado a dormir num divã no quarto de Eleanor, enquanto Greville não estava em casa para se juntar à esposa. Ou precisava de encontrar uma razão para não ir para a cama, ou teria de se esgueirar do quarto quando Joan adormecesse. Essa parecia ser a opção mais segura, pois se não fosse para a cama, Joan poderia descer as escadas à sua procura.

E depois tinha outro problema: onde poderia esconder os fugitivos? Precisava de ser nalgum sítio completamente escondido. De repente, percebeu que tinha o local perfeito. Embora estivesse a tentar fazer algo contra o marido, ele tinha-lhe dado, involuntariamente, um espaço para esconder os seus dois amigos. Ninguém, para além dela, sabia do buraco debaixo do chão da torre e agora podia usá-lo para aquilo a que se destinava. Naquele primeiro dia na sua nova casa, Greville tinha-lhe dito: «É para ser usado para esconder coisas que não queira que outros saibam», e era exatamente isso que pretendia.

Enquanto a noite se arrastava, Eleanor ficou sentada à lareira, de bordado abandonado no colo enquanto olhava para as chamas, com um plano a formar-se lentamente na sua cabeça.

— Vou aquecer um pouco de leite antes de dormir — disse a Joan.
— Também quer?

— Obrigada, seria encantador. — Joan sorriu-lhe, completamente inocente do motivo oculto da amiga.

Uma vez na cozinha, Eleanor colocou um fervedor de leite no tripé ao lado do fogo, que estava sempre a arder, e depois deu um salto ao boticário. Sabia exatamente qual era o frasco que queria, movendo-se silenciosamente até à raiz de valeriana em pó, tirando uma grande pitada presa entre o dedo e o polegar. Ninguém ficaria surpreendido ao vê-la sair do boticário ou a adicionar ervas a uma bebida, mas não queria que Joan soubesse.

Assim que o leite aqueceu, adicionou as ervas e desejou que não alterasse o sabor. Adicionou uma grande colher de mel em ambos os copos. Joan tinha ficado gulosa ao longo dos últimos anos e apreciaria o sabor doce na sua bebida.

Como esperado, bebeu-o assim que estava suficientemente morno e não fez qualquer comentário sobre nenhum sabor invulgar. Eleanor exalou lentamente, a espreitar através do vapor do seu próprio copo, expirando um suspiro silencioso de alívio enquanto o leite desaparecia.

Assim que Joan começou a bocejar, e a fingir o seu próprio cansaço, Eleanor sugeriu que se fossem deitar. Já estava escuro e suspeitava que tinha cerca de uma hora antes de precisar de estar nas terras comunais. Era bastante tempo, assumindo que agora Joan adormeceria rapidamente.

O som monótono do sonoro ressonar de Joan conseguia ser ouvido do outro lado das cortinas em redor da cama de Eleanor passados dez minutos de ela ter apagado as velas. Eleanor estava grata por ter sido sempre muito particular sobre correr as cortinas, pois mesmo que Joan acordasse durante a noite, o que raramente acontecia e era

ainda menos provável com a adição à sua bebida naquela noite, não lhe ocorreria ir verificar como estava Eleanor.

Ficou deitada no escuro durante o que imaginou ser cerca de meia hora. A sua mente não parava de se agitar enquanto debatia continuamente se deveria levar a cabo algo tão imprudente e tudo o que poderia deitar a perder. Quando imaginou os rostos das crianças e pensou que poderiam crescer sem ela, quase se convenceu a não o fazer, mas depois pensou em ter de confessar a Deus que quando tinha sido chamada, não tinha feito nada, e sabia que não era opção. Esgueirou-se para fora das cortinas do lado da cama mais afastado de Joan e foi em bicos de pés até à porta. Não havia mobiliário onde tropeçar, mas os seus pés inevitavelmente faziam as erva farfalhar enquanto se movia. Levantou e segurou a camisa de linho à volta dos joelhos para que não contribuísse também para o barulho que estava a fazer.

Apertando-se entre a menor abertura possível para sair para o corredor, fez uma pausa por um instante, à escuta de qualquer barulho. Andaria ainda alguém pela casa? Não podia encontrar ninguém ou o seu segredo seria certamente descoberto. Na escuridão, era fácil imaginar todo o tipo de horrores e um restolhar ao lado do seu pé fez-lhe o coração disparar até perceber que era apenas um dos muitos ratos com quem partilhava a casa. À sua volta, a escuridão comprimia-a pelo silêncio.

Andou, devagar, em direção ao quarto de Greville, tateando ao longo da parede apainelada com ambas as mãos até sentir a estrutura da porta debaixo dos dedos e o frio do trinco. Colocou cuidadosamente a mão sobre a parte superior para abafar o clique e enfiou-se dentro do quarto. Não se tinha atrevido a entrar pela porta de interligação, pois esta tinha sempre rangido muito alto e tê-la-ia imediatamente denunciado a Joan.

Estava frio lá dentro. Não se acendia ali a lareira quando o amo estava longe e o ar cheirava a azedo. Eleanor tinha-se adiantado no pensamento e deixado um maço de roupa embrulhada aos pés da cama dele e foi andando devagar nessa direção, de braços estendidos, até entrar em contacto com o embrulho de tecido que continha um par

de meias-calças de Greville e uma jaqueta velha. Tudo lhe ficaria demasiado grande, mas isso não podia ser evitado. Tinha a certeza de que seria muito mais fácil apressar-se no exterior a usar roupa de homem, sem camadas de saias a atrapalhar. Enfiando as meias-calças, apertou bem as ligas e enfiou uma túnica velha de linho na parte de cima, cobrindo-a com a jaqueta. Ainda mantinha um ligeiro odor a ele e ela levou-a ao rosto, inspirando profundamente, com uma onda de saudade a invadi-la, juntamente com um sentimento de culpa pelo que estava prestes a empreender.

A roupa parecia tão estranha, tão leve e confortável que se perguntou se seria capaz de andar corretamente com as pernas livres do peso farto das suas saias. Mas, na realidade, era muito mais fácil, e viu-se a desejar, não pela primeira vez na vida, ter nascido rapaz. Tinha escondido as suas próprias botas no embrulho e, em pouco tempo, estava vestida e de trança enrolada dentro de um boné velho. Não podia evitar esboçar um pequeno sorriso ao imaginar como ficaria vestida de rapaz.

No andar de baixo, estava tudo em silêncio, felizmente. A lareira, embora esmorecida, ainda lançava alguma luz e calor enquanto ela pegava numa lasca fina de madeira para acender uma vela. Ficou extremamente aliviada por não haver servos a dormir no salão nobre, ao contrário do que acontecia em Ixworth, embora pudesse ouvir roncoss e alguns movimentos atrás da porta da cozinha.

Um pequeno barulho a raspar fê-la parar, com o coração a bater-lhe com mais força no peito enquanto se virava para olhar para trás. Atrás da porta da cozinha conseguia ver o rosto do seu doce Tom na sombra. Graças a Deus que o tinha visto ou ele tê-la-ia seguido tão furtivamente como um gato, o que era a última coisa de que precisava. Colocando a vela no chão, levou-o de volta para a cama no boticário, aconchegou-o bem no seu cobertor e beijou-lhe a cabeça. Pelo menos sabia que não seria capaz de dizer a ninguém o que tinha visto e, só por uma vez, ficou profusamente grata por isso.

Pegando na vela, saiu pela porta ao fundo da torre e após uma rápida ida ao escritório, esgueirou-se para a rua pela porta lateral próxima da capela. Levou a chave com ela só por precaução e trancou a

porta depois de sair, soltando um suspiro trémulo de alívio e inclinándose-se por um instante contra o muro de pedra enquanto esperava que o seu coração parasse de lhe martelar com tanta força no peito. Sustentando a respiração, virou a cabeça para um lado à escuta dos sons dos cães que rondavam com frequência no exterior da casa, mas não se ouvia nada.

A noite estava límpida e a lua já estava alta no céu noturno, pendurada contra a escuridão retinta cravejada de estrelas. Embora Eleanor soubesse bem o caminho para as terras comunais, ajudava ter o luar brilhante a iluminar-lhe o caminho e, sentindo-se tão estranha e livre com roupa de homem, foi capaz de correr a uma velocidade a que nunca chegaria com as suas próprias vestes. Havia pequenos animais e pássaros a fugirem do seu caminho, perturbados pelo seu passo apressado que varria a vegetação enquanto contornava a beira dos campos. O ar frio da noite escapava-se dos seus pulmões em pequenas nuvens brancas, que se dissipavam contra o rosto, e pequenas gotas de orvalho agarraram-se aos cabelos que escapavam do boné e caíam em madeixas nas suas faces. O cheiro inebriante do alho silvestre, libertado pelos seus pés a bater, fez-lhe roncar o estômago. Tinha estado demasiado nervosa para comer muito ao jantar.

Abrandando à medida que se aproximava da árvore, ficou alerta para quaisquer sinais de que o prior desaparecido e o seu tesouro tivessem sido já notados e que os comissários estivessem a persegui-los. Uma coruja piou suavemente sobre a sua cabeça antes de voar silenciosamente pelo céu, fazendo-a sobressaltar-se. Andou com cuidado em direção ao carvalho, parando a cada poucos metros, de cabeça inclinada e vigilante enquanto escutava, mas estava tudo quieto e silencioso. Aquela era a sua última oportunidade de voltar para trás e ir para a cama. Ninguém saberia, de manhã os dois homens ter-se-iam ido embora e ela poderia fazer o que o seu marido desejaria e esperar. Mesmo enquanto pensava nisso, sabia que não o conseguia fazer. Desde o momento em que tinha lido o recado do prior, o seu caminho estava escolhido.

Ao chegar à árvore, o luar mostrava duas figuras agachadas, com os enfadonhos hábitos castanhos a camuflarem-se perfeitamente

contra a folhagem. Inclinou-se enquanto se aproximava apressadamente até eles repararem nela e se colocarem de pé num pulo.

Não havia tempo para saudações efusivas. Eleanor queria levar ambos de volta e escondê-los o mais depressa possível. Ficou aliviada de não terem trazido um cavalo, o que teria sido impossível de esconder.

— Minha filha, estou tão contente por nos poder ajudar — começou o prior.

— Chiu — interrompeu-o Eleanor. Será que não se apercebia do perigo mortal em que os colocava a todos? Ela não queria amabilidades.

— Precisamos de nos pôr a andar e depressa — disse-lhes ela. — Têm a certeza de que não foram seguidos? — Os seus olhos encontraram os do Irmão Rufus que estava de pé atrás do prior, vendo-o a acenar com a cabeça. — Mantenham-se agachados e perto das sebes — acrescentou ela antes de se virar e escolher habilmente a sua rota de volta a casa.

A viagem de regresso demorou mais tempo, pois Eleanor parava repetidamente e esperava que os seus cúmplices a alcançassem, com os seus longos hábitos a dificultarem-lhes o passo tranquilo. O Irmão Rufus estava carregado com um grande cobertor contendo as posses deles e a relíquia inestimável, assumiu ela. Deu um suspiro de alívio quando chegaram à porta exterior da torre sem percalços. Eleanor encostou o dedo aos lábios para garantir o silêncio absoluto antes de enfiar a chave na porta e de a abrir lentamente, espreitando com a cabeça pela abertura para garantir que estava tudo desimpedido, e conduzindo-os até ao pequeno vestíbulo atrás do escritório. Tirou então uma segunda chave do bolso, que recolheu do escritório antes de sair, e destrancou a porta da torre antes de apressar os dois homens para cima pelas escadas e trancar as portas atrás dela.

Brilhavam listas finas de luar pelas janelas seteiras da torre, dando-lhes luz suficiente para subirem os degraus, embora o prior tenha tropeçado duas vezes, quase caindo para trás. Foi impedido de fazê-lo por Rufus que atirou o seu peso e a bagagem contra o ancião, empur-

rando-o de forma deselegante para as escadas, e fazendo com que Eleanor quisesse encolher-se e aplaudir, tudo ao mesmo tempo.

Por fim, chegaram à sala da torre que, apesar da hora tardia estava iluminada pelo luar brilhante que entrava pela janela. Eleanor passou um frasco de cerveja que tinha levado lá para cima ao início da noite aos homens.

— Isto é perfeito — sussurrou o prior enquanto rodava no mesmo sítio a admirar a sala com as suas mesas de cavalete de secar o açafraão ainda alinhadas nas paredes. — Só precisaremos de depender da sua hospitalidade durante dois dias. Depois teremos de seguir em frente para podermos estar em Cley quando a nossa passagem chegar. Mas se pudermos esperar aqui até lá, tudo correrá bem.

— Receio que não fiquem aqui dentro. — Eleanor foi contundente. Precisava de tirar os dois homens rapidamente de vista e o seu tom de voz era duro. Indo até à laje do chão, dobrou-se e levantou-a. As bocas dos dois homens abriram-se de espanto.

— Ficarão aqui em baixo — disse-lhes. — Não é um espaço enorme, mas é suficientemente grande para que ambos se sentem. Tenho alguma comida... — indicou um pacote que estava pousado no chão —, por isso terão de se contentar até que eu possa vir aqui amanhã à noite com mais e deixar-vos sair por um bocado. Lamento, mas é o melhor que vos posso oferecer —, acrescentou ela antes que o prior pudesse abrir a boca para dizer que não queria ficar num buraco debaixo do chão. Era isso ou nada. — E terão de ficar em silêncio absoluto — advertiu ela. — Se os comissários vierem aqui, vão revistar a casa e isso incluirá a torre. Sou a única pessoa, para além do meu marido, que conhece este esconderijo, por isso, desde que se mantenham em silêncio absoluto, devem ficar a salvo.

Em silêncio e sem discutir, Rufus deixou cair a sua bagagem no buraco e saltou depois lá para dentro, conduzindo a seguir o prior para o interior. Quando ambos se agacharam no chão, ela voltou a colocar a laje e deu pontapés nalgumas das ervas gastas até ficarem em cima, antes de voltar a descer com cuidado até ao andar de baixo. Trancou a porta e colocou a chave no sítio, correndo depois em bicos de pés

até ao andar de cima. Joan ainda estava a dormir e Eleanor foi capaz de despir a roupa de Greville, embrulhando-a de novo numa trouxa apertada que escondeu debaixo do colchão. Voltaria a colocá-la no quarto dele assim que Joan se levantasse e saísse do quarto na manhã seguinte. À luz do dia, ninguém a questionaria por entrar no quarto do marido.

Depois de toda a excitação e tensão, o sono abandonou-a. Deitou-se de costas com o coração ainda acelerado, enquanto a sua imaginação desenrolava uma dúzia de cenários em que eram apanhados pelos comissários que andavam à espreita. Mas a parte mais perigosa ainda estava para vir. Tinha de manter os dois homens escondidos e arranjar-lhes comida e bebida durante dois dias, período durante o qual era bem possível que a sala fosse saqueada se os homens de Cromwell aparecessem.

Quase conseguia sentir o calor das chamas de uma morte herética a lamber-lhe os pés e a derreter-lhe a pele, mas tinha a certeza de que nada seria comparado com a ira ardente de Greville, se alguma vez descobrisse o que ela tinha feito. Nunca tendo sido tão devoto quanto ela, estava perfeitamente feliz em concordar com as mudanças religiosas do rei e o encerramento das casas religiosas. O que não era o que Eleanor sentia. Estava a aprender a manter as suas verdadeiras crenças para si e a alinhar com as mudanças para garantir a segurança da família.

Por fim, o céu noturno ficou mais claro quando os primeiros dedos de luz pintaram o horizonte de um suave dourado insípido e ela caiu num sono irrequieto, com sonhos tão assustadores e dramáticos como os pensamentos que lhe tinham passado pela cabeça enquanto esteve acordada.

Capítulo Vinte e Cinco

1540

O plano de Eleanor para evitar que Joan soubesse alguma coisa do que andava a fazer caiu por terra logo na manhã seguinte. Na sua pressa de voltar para a cama antes que a descobrissem desaparecida, não tinha empurrado o suficiente a trouxa de roupa para debaixo do colchão e, para sua consternação, enquanto Joan se deslocava pelo quarto a ajudar com as abluções e a vesti-la, ouviu-lhe a exclamação:

— O que é que esta bolsa de trapos está a fazer aqui? — enquanto a tirava do seu esconderijo e começava a deitar os artigos na cama. — Viu isto?

— Chiu, cale-se! — Horrorizada, Eleanor arrancou-lhas e tentou atá-las novamente numa pequena bola. — Sente-se aqui e eu conto-lhe, mas não deve respirar uma palavra disto e, por amor a Nosso Senhor, baixe a voz. — Rapidamente, em voz baixa, explicou tudo o que tinha acontecido desde que tinha sido passado o recado no dia anterior.

— Espere, o quê? Não compreendo. Há um buraco debaixo do chão da sala onde secamos o açafrão no cimo da torre? E eles estão lá dentro agora? — O sussurro de Joan foi frenético e acalorado enquanto tentava compreender o que Eleanor lhe dizia. — Porque é que fez isto? Seremos todos mortos se os homens de Cromwell vierem aqui procurar. Isto é a coisa mais estúpida, egoísta e imprudente que alguma vez fez!

Eleanor ficou tão chocada com a explosão da amiga que, por um momento, nem conseguiu falar. Em todos os seus anos de amizade,

nunca antes Joan tinha sido tão franca. Foi mais uma vez confrontada com a enormidade do que estava a fazer.

— A única pessoa que será morta sou eu, porque pode fingir ignorância e todos os outros *serão* inocentes. Se não quiser ajudar-me, não tem mal, eu compreendo. Mas tenho de fazer isto pela minha fé e pelos meus amigos. Peço-lhe apenas que não diga a uma alma ou que nos entregue.

O rosto de Joan estava negro de fúria e a sua boca fechada numa fina linha de desaprovação, mas depois de olhar para a amiga durante longos momentos, como se estivesse a pensar cuidadosamente nas exigências que lhe estavam a ser feitas, acabou por acenar com a cabeça.

— Não direi nada — concordou em voz baixa. — Não pelo bem deles, mas pelo seu. Porque me preocupa profundamente que nada de terrível lhe aconteça.

— Obrigada. — Eleanor abraçou Joan puxando-lhe o corpo rígido e inflexível para perto do seu por um instante antes de se esgueirar até ao quarto de Greville pela porta divisória e devolver os seus objetos ao local onde os tinha encontrado.

Expirou devagar. Porque é que não tinha ela confiado em Joan desde o momento em que recebeu a carta do prior? A sua amiga tinha sido sempre tão leal, e acontecesse o que acontecesse, sabia que Joan estaria sempre ao seu lado. Sentia o coração ligeiramente mais leve com a partilha do fardo. Estava profundamente convicta de que podia confiar a sua vida a Joan. No próximo dia ou dias, talvez precisasse de fazê-lo.

Quebraram o jejum em silêncio, tendo as crianças já comido e os servos também, onde quer que estivessem a trabalhar, pelo que a refeição foi consumida rapidamente enquanto Eleanor fazia conversa de circunstância sobre as flores que poderiam ser plantadas ao longo da caixa do novo jardim. Joan acenava em silêncio, sem ouvir, de facto, o que a amiga dizia, em alerta constante, à espera dos gritos dos comissários do rei ao portão.

Embrulhadas nos seus mantos mais quentes, de rostos virados para o sol fraco, caminharam pelo jardim, para longe de alguém que as pudesse ouvir por acaso.

— Não consigo tolerar isto — explodiu Joan. — Tenho tanto medo. Por si, por todos nós.

— Se eles forem descobertos, direi que agi sozinha, claro que o farei. Nunca diria a ninguém que estava a par das minhas ações, por isso está bastante segura. Ambas estamos. Nada de mal acontecerá — recordou-lhe ela, soando mais confiante do que se sentia.

Eleanor passou o resto do dia perturbada e incapaz de relaxar, apesar da segurança transmitida a Joan. Ficou o dia inteiro sentada no escritório, exceto às refeições e quando assistiu à missa. Nada teria alertado mais depressa os outros ocupantes da casa para algo errado do que faltar à igreja. A única vez que tinha estado ausente do seu banco foi quando estava a recuperar do parto. Cumprir a sua rotina era fundamental. Trabalhar no escritório durante o dia inteiro não era inédito, e isso significava que podia impedir qualquer pessoa de entrar na ala da torre na casa. Não havia razão para que alguém o fizesse, mas sentia-se mais feliz estando de guarda. Também conseguiu escapulir-se até lá acima com alguma comida mais substancial que tinha recolhido das despensas, juntamente com outro frasco de cerveja.

No final da tarde, decidiu mostrar a cara pela casa para afastar quaisquer suspeitas e juntou-se a Joan no solário. Foi quando estava dobrada sobre os seus bordados, a desfazer os pontos que tinha cosido mal pela terceira vez, que tomou consciência da existência de homens a gritarem no pátio e de pessoas a correr dentro da casa. Levantou a cabeça de imediato, de olhos arregalados de horror enquanto os cruzava com os de Joan.

— Que Deus nos salve, foram encontrados — sussurrou Joan, deixando cair a costura no colo a fazer freneticamente o sinal da cruz.

— Não diga nada — murmurou Eleanor, pondo-se de pé num pulo e apressando-se a descer as escadas. Para sua surpresa, a porta do seu escritório permanecia fechada tal como a tinha deixado. Como é

que os homens tinham sido encontrados se ninguém tinha subido à torre?

Hugh corria pelo corredor e quando o viu, chamou-o.

— Hugh, de que se trata toda esta agitação? Consigo ouvir homens a gritar lá de cima. Alguém ficou ferido? — A última vez que tinha havido tal alvoroço, tinha um dos rendeiros sido pontapeado por um cavalo e sangrado até à morte, apesar dos seus melhores esforços para o salvar.

— Aparentemente, o prior e a preciosa relíquia do priorado desapareceram e os comissários têm andado a saquear as casas dos aldeões à sua procura. Há muita raiva porque viraram as casas de cabeça para baixo e partiram a mobília. Os pertences têm sido atirados para a rua. Há um perigo real de os aldeões se virarem contra eles e de haver sangue derramado. Diz-se que também virão aqui para revistar a casa — disse ele sem fôlego enquanto se curvava, de mãos sobre os joelhos e o peito a arfar.

— Aqui? Vêm revistar aqui? — A sua voz soou aguda e pigarreou ao tentar soar mais normal.

— Claro, senhora, não deixarão nenhuma pedra por virar. Mas não se preocupe, não temos nada a esconder. E vou acompanhar os homens à volta da casa e dos terrenos para que não danifiquem nada.

— Muito bem, mas, por favor, mantenha-me informada. — Conseguiu manter um tom equilibrado.

— Sim, senhora. — Fez-lhe uma vénia curta e correu para o pátio, que se estava a encher cada vez mais de aldeões enfurecidos. Eleanor ficou de coração pesado. Não tinha dúvidas de que o que estava a fazer era correto, mas não queria que os aldeões sofressem. E agora, ao que parecia, os homens viriam ali em perseguição dos fugitivos.

No andar de cima, Joan permanecia à janela a ver as pessoas a correr lá fora.

— Foram encontrados? — perguntou num sussurro.

Eleanor abanou a cabeça.

— Foi notado que estavam desaparecidos e agora a aldeia foi saqueada em busca deles. Os homens estarão aqui no seu devido tempo, sem dúvida. Só podemos ter esperança de que não se aventurem a ir à torre.

— Eleanor, precisa de esperar até ao anoitecer e levá-los para longe daqui. Não me interessa o que lhes acontece e à sua preciosa relíquia, mas interessa-me o que acontece a esta casa e às pessoas que nela habitam, e o mesmo se deve passar consigo.

— Claro que me preocupo com todos os que aqui vivem, mas não os posso mandar embora. — Eleanor estava resoluta. — Agora é a pior altura para tentar mudá-los, quando todos andam à procura deles. Onde é que se esconderiam enquanto esperam que a passagem esteja pronta para eles?

— Não sei. Numa cabana de pastor ou num celeiro? Ao ar livre? São apenas dois dias, no máximo.

— Apenas dois dias em temperaturas de gelo, sendo o prior ancião. Não, eu disse que ajudaria e tenciono continuar a ajudar. Esta é a obra do Senhor e tenho de fazer o que está correto. — Voltou a sentar-se e pegou nos bordados, mas sem qualquer intenção de continuar o trabalho.

Lá fora, no corredor, ouviu o som de passos e colocou rapidamente o dedo nos lábios para pedir silêncio a Joan, pouco antes de Hugh entrar. Ele fez uma vénia breve.

— Já foram encontrados? — Eleanor felicitou-se mentalmente pela sua calma e compostura aparente.

— Ainda não, minha senhora. Só vim pedir que nem vós nem as crianças se aventurem a ir lá fora até serem capturados. Estou à espera de que os homens do vigário-geral estejam aqui dentro de uma hora.

— A sério? Isso é necessário?

— Creio que sim. Estes homens agora são criminosos e, se forem encontrados nas nossas terras, não quero que sejamos falsamente acusados de os abrigar. É melhor que fiquem cá dentro.

— Muito bem. Traga-me os comissários quando chegarem.

— Claro, senhora. Estou à espera deles antes do anoitecer. Provavelmente vão pedir para passar aqui a noite e procurar ao amanhecer. Vou instruir que as camas sejam feitas. — Saiu da sala e Eleanor deixou-se cair na cadeira mais próxima.

— Tem de afastá-los e já — sibilou Joan, mas Eleanor apenas abanou a cabeça. Joan olhou para ela, fazendo o sinal da cruz antes de se apressar a sair da sala. Eleanor ouviu-lhe a voz no salão de baixo. Fosse o que fosse que acontecesse, sabia que podia confiar na amiga para não dizer uma palavra, por muito que desaprovasse o que estava a fazer. Se havia uma qualidade que estava profundamente incrustada em Joan, era a lealdade que lhe tinha. Não a tinha verdadeiramente apreciado o suficiente até àquele momento. A sua amiga tinha-a seguido até Milfleet sem uma palavra de queixa, apesar de ser bem possível que não tivesse a oportunidade de conhecer o próprio marido. Tinha estado com Eleanor durante as longas horas de trabalho de parto e de confinamento com Henry e brincava com todas as crianças como se fossem suas. Durante a colheita do açafraão, trabalhou muitas longas horas ao lado de Eleanor. Sempre sem uma única palavra de queixa ou censura. E, em troca daquela devoção inabalável, ela trouxe perigo extremo à sua casa e recusava-se a ouvir os conselhos sensatos de Joan. Não merecia a lealdade que a amiga lhe mostrava, mas estava extremamente agradecida por ela, como nunca esteve.

Correu do solário até ao escritório, fechando a porta da casa principal atrás de si. Lá fora, ouvia gritos ocasionais, mas a maioria dos servos tinha então regressado ao trabalho, perdendo o interesse quando perceberam que não se ia passar nada e que ninguém tinha visto os fugitivos. Dentro de casa estava tudo sossegado. Teria de subir à torre e avisar os dois homens.

Destrancando a porta da torre, subiu furtivamente as escadas, entrou na sala e soltou rapidamente a laje e levantou-a. No interior, os dois homens enrugaram os olhos contra os últimos raios de luz do dia.

— Eleanor. — O Irmão Rufus parecia extremamente aliviado de vê-la. — O que se passa? Mesmo aqui dentro ouvimos gritos vindos de baixo. Estamos condenados?

— Ainda não. — Ela abanou a cabeça. — Mas é sabido em toda a área que estão desaparecidos e a relíquia também. Eles andam à vossa procura neste preciso momento.

— Acha que virão a Milfleet e procurarão aqui?

— Tenho a certeza disso. Já saquearam a aldeia e é por isso que houve um alvoroço antes.

— Quanto tempo temos? Temos de correr — exclamou Rufus a tentar sair do buraco.

— Não consigo correr — lamentou o prior. — Vá, Irmão Rufus. Leve a relíquia e deixe-me aqui. Voltarei às comunais e fingirei que estava doente e confuso e que vagueei acidentalmente para fora do priorado.

— Não, não o fará — disse Eleanor de rompante. — Ninguém acreditaria nisso. Pode ser ancião, mas não está doente da mente. Ambos devem permanecer aqui escondidos. Disse-vos que ninguém sabe deste espaço. Fiquem completamente calados e eu voltarei quando puder, mas aconteça o que acontecer, não chamem se ouvirem alguma coisa, para o caso de não ser eu. Trago mais comida e cerveja quando for seguro fazê-lo. Se fizerem um único som, significará o fim para nós os três e as nossas cabeças estarão em estacas à saída do cárcere de Norwich.

Ela puxou a laje para trás e rearranjou os juncos por cima. Quando Greville lhe mostrou o espaço debaixo do chão, nunca imaginou que precisaria de o utilizar por uma razão tão perigosa. Agora, a sua vida dependia de que permanecesse secreto, ali na sala que ainda mantinha o aroma suave do seu açafrão.

Trancou a torre e voltou para o salão nobre que se enchia para o jantar. Da cozinha vinha o aroma a carne assada para o repasto, mas com todo o corpo em alerta e à espera da chegada dos comissários, sabia que não ia conseguir comer nada. Amaldiçoou-se por se ter es-

quecido de levar comida para a torre, porque não fazia ideia de quando seria capaz de voltar lá acima com alguma coisa.

Logo o salão ficou cheio com os membros da casa, todos com uma opinião sobre onde achavam que os fugitivos — agora em número de cinco, depois de os mexericos terem espalhado a história por todo o lado — se estavam a esconder.

— Teve a confirmação da chegada dos comissários? — perguntou Eleanor a Hugh, servindo-se da comida que sabia que seria incapaz de comer. O seu estômago gorgolejou e achou que os intestinos iam ficar líquidos.

— Ainda não — respondeu-lhe ele —, mas tenho a certeza de que vão coordená-la de propósito de modo a não terem outra opção senão passar aqui a noite. É certo que será muito mais confortável do que o dormitório do priorado e também com comida melhor. Mas não se preocupe, minha senhora, eu trato deles. Estes homens são bons nos seus misteres. São muito meticolosos e não vão demorar muito a vasculhar a casa e as redondezas e descobrirem que os vagabundos não estão aqui. Se tiverem algum senso, terão desaparecido para King's Lynn e ido num barco que os leve para o estrangeiro, por isso não sei porque é que os comissários estão a procurar por aqui em vez de irem por aí. Não tem nada a temer.

— Obrigada. — Ela sorriu-lhe de forma débil, não se sentindo melhor, mas aliviada por ele estar a atribuir o seu rosto pálido e constrito à perturbação da casa que potencialmente seria virada de pernas para o ar durante a busca. Ela queria admoestá-lo pela sua terminologia, chamando «vagabundos» aos homens de Deus, mas sabia bem que não devia. Aqueles dois homens não tinham feito nada mais senão dedicar as suas vidas a Deus, e agora o rei, com a ganância da riqueza deles, queria tirar-lhes tudo para si. Era justo que tentassem fugir para uma terra onde seriam tratados com o respeito que mereciam.

— Por favor, arranje um quarto para os nossos convidados para a noite, se necessário, nesse caso — disse-lhe ela.

— Já tratei disso — respondeu Hugh. — Organizei para que o quarto ao lado do meu estivesse pronto.

Eleanor acenou com a cabeça. O quarto de Hugh à saída do salão nobre era ao fundo de um corredor comprido. Estava suficientemente afastado da torre para que nenhum visitante intrometido pudesse vaguear acidentalmente por aquele caminho durante a noite. Mas só para ter a certeza, ela trancaria a porta do corredor que conduzia ao seu escritório e, para além dele, às escadas da torre. Quando o escritório fosse revistado, certificar-se-ia de que também lá estaria, supostamente a supervisionar para garantir que ninguém lia qualquer correspondência privada do seu marido enquanto vasculhavam. Mais importante, porém, certificar-se-ia de que havia muita perturbação e barulho para alertar os seus dois fugitivos de que o perigo estava por perto.

Quando o salão começou a esvaziar-se depois do jantar, Eleanor disse a Joan que tencionava ir cedo para a cama. Enquanto as pessoas ainda andavam por ali a vaguear, tinha sido fácil trancar apressadamente a porta para a ala da torre e retirar-se com Joan para o seu quarto, onde se juntaram diante da lareira a falar baixinho com medo de serem ouvidas pelos servos que poderiam estar a ser pagos pelos homens do vigário-geral. Não podiam confiar em ninguém.

— Não quis cruzar-me com os comissários esta noite — confessou Eleanor. — Já estou assustada que chegue e não quero pesadelos. Sei que desaprova — voltando-se para Joan, pegou-lhe nas mãos — e quero que saiba que lhe agradeço do fundo do coração que não tenha dito nada sobre o Prior Matthew e o Irmão Rufus. Tem-me sido sempre tão devota e eu nunca lhe agradei por tudo o que faz. Mas fique sabendo que a amo de verdade por tudo o que sempre fez por mim.

Antes de ir para a cama, Eleanor ajoelhou-se no chão e começou a recitar baixinho as vésperas, os lábios a mexer embora quase nenhum som saísse. Por fim, levantou-se e apagou a vela, subindo para a cama e deitando-se na escuridão negra, atentamente à escuta.

Depois do que lhe pareceu imenso tempo, mas estava mais próximo de uma hora, ouviu o ruído dos cascos de cavalos no pátio e as vozes de homens a gritar.

— Chegaram — sussurrou Joan, mas Eleanor não conseguiu responder. Tinha a boca tão seca que a língua ficou presa ao céu da boca e duvidava que conseguisse proferir uma palavra.

Capítulo Vinte e Seis

1540

Com apenas duas horas de sono inquieto, Eleanor acordou às primeiras notas agudas do coro do amanhecer. O novo dia estava a começar e não se sabia se voltaria a colocar a cabeça na sua almofada ao cair da noite. Se iria ver Henry crescer. E quem se iria dar ao trabalho de conversar com Tom, utilizando a folha de imagens que tinham criado juntos? Os seus olhos formigaram de lágrimas. Como tinha sido estúpida ao concordar em abrigar os monges e trazer aquele perigo extremo até à sua porta.

Acordando Joan, insistiu para que ambas se lavassem e se vestissem, apesar de ainda ser de madrugada. Precisava de estar no salão nobre para poder supervisionar tudo o que se passava na casa.

No andar de baixo, os servos ficaram surpreendidos ao ver as duas mulheres levantadas e prontas, mas guardaram sabiamente as suas opiniões para si. O pessoal da casa já estava em tumulto com a chegada das visitas importantes e Eleanor não queria mais mexericos. Mas alguém deve ter dito a Hugh, porque quando se sentaram para quebrar o jejum, ele apressou-se a ir ter com elas. Tinha o cabelo espetado, pelo que tinha claramente saltado da cama e tinha-se vestido sem se lavar, com o rosto que normalmente estava barbeado e limpo, a mostrar a aspereza da barba escura, salpicada de cinzento nalguns sítios.

— Minha senhora, está tudo bem? Ainda não são cinco e meia. Não costuma levantar-se tão cedo.

Eleanor estava à espera da pergunta dele e estava pronta para a resposta, uma que não mostrava medo dos comissários.

— Hugh, há imensos ratos no meu quarto. Passei a noite toda a ouvi-los, tal como a Joan, e não aguento mais. É como se houvesse dezenas deles, e provavelmente ratazanas também, com o barulho que fazem a esgatanhar. Por favor, assegure-se de que não estão lá à hora de dormir esta noite, pois não dormi nada.

Surpreendido, Hugh concordou em assegurar a sua exterminação imediata e afastou-se apressado com um olhar perplexo no rosto. Embora a casa estivesse, naturalmente, repleta de pragas, não se aventuraram muitas vezes ao andar de cima quando havia ricas sobras para apanhar na cozinha e no armazém de cereais. Ela esperava ter levantado a suspeita de que deveria haver uma infestação profana, tendo ouvido tantos lá em cima. Isso dar-lhe-ia algo mais com que se preocupar quando também estivesse a lidar com os comissários.

Quando ele desapareceu para a cozinha, Joan levantou os olhos do prato para os cruzar com os de Eleanor. Ambas sabiam que a única coisa que as tinha mantido acordadas durante as longas horas de escuridão tinha sido o pânico sobre a busca que seria empreendida dentro de poucas horas.

Depois de comerem, foram obrigadas a passar mais uma hora sentadas ao lado da lareira no salão nobre antes de os comissários finalmente mostrarem os seus atrasados rostos. Eleanor não queria saber que tivessem chegado tarde na noite anterior. Queria-os fora do caminho o mais cedo possível para depois poder levar o prior e o Irmão Rufus para bem longe da casa. Não se atreveu a desaparecer para o solário, para o boticário ou para o seu escritório, como habitualmente, para o caso de eles parecerem prontos a iniciar a busca. E não tolerava que ficassem sob o seu teto mais uma noite.

Os comissários pareciam ansiosos por acabar com aquilo e seguir em frente, sem esconderem os seus pensamentos desagradáveis sobre a paisagem árida de Norfolk e como lhes era desfavorável em comparação com as suas casas confortáveis e modernas em Londres. Hugh levou-os para o exterior para começarem nos celeiros e

nos anexos, e depois, lentamente, atravessaram os estábulos do gado e a vacaria, e ao fim da manhã voltaram a entrar na casa.

Hugh sugeriu-lhes que jantassem antes de continuarem a busca na casa e Eleanor quase gritou de frustração. Os seus cativos tinham agora estado fechados no seu esconderijo durante muitas horas. Teriam eles sequer sobrevivido tanto tempo no pequeno espaço?

Ela já tinha dito ao cozinheiro que o jantar seria uma refeição normal, que não deveria cozinhar nada de especial para as visitas. Não eram convidados dela. Por isso, foi servida uma panela com carne de carneiro e alho-porro com pão castanho duro e uma travessa de fruta. Passados trinta minutos, Eleanor levantou-se da mesa e foi para o seu escritório. Nell e Joan iam levar as crianças para a rua para brincar, para que não estivessem no berçário enquanto estivesse a ser revistado. Ou saqueado, pensou perversamente Eleanor, pois já tinha visto a forma como as salas de trabalho atrás da cozinha tinham sido despedaçadas. Tinha dito a Hugh para garantir que nada no boticário fosse tocado e que nenhum dos seus vidros fosse partido.

Finalmente, depois de ouvir os sons enquanto se deslocavam de sala em sala, Hugh e os comissários chegaram ao seu escritório.

— Cavalheiros. — O tom de voz foi frio e fez-lhes um sorriso tenso. — Imagino que não tenham encontrado os vossos fugitivos?

— Não, minha senhora, não encontrámos nada. Suspeito que estejam escondidos algures no campo, mas não demorará muito até que sejam descobertos. As pessoas monásticas estão habituadas aos aparatos luxuosos da vida e a uma vivência confortável. Não é de todo como São Bento prescreveu. Não vão sobreviver muito tempo lá fora, especialmente nesta época do ano. Estamos quase a acabar aqui, só falta procurar nesta sala e na torre.

Eleanor olhou em redor do escritório, de olhos bem abertos.

— Espero que possam ver que não há ninguém escondido aqui. Só cá estou eu, a tratar do meu trabalho, como de costume.

— De facto, podemos. E o seu mordomo informa-nos que só há uma única sala na torre acima de nós? E que é a única portadora da chave dessa sala? — Ela sabia que irritava Hugh não ter uma chave

ou mesmo saber onde estava guardada. Àquela altura, o seu coração batia tão depressa que achou que lhe poderia rebentar do corpo.

— Está correto. Tenho-a aqui. — Tirou a chave do bolso, aliviada por ter tido a providência de a tirar do esconderijo antes de ter uma sala de estar cheia de pessoas a observar. — Deixe-me indicar-vos o caminho. — Quando se levantou, os joelhos tremiam tanto que achou que ia cair aos pés deles. Tinha a respiração entrecortada, o ar a entrar e a sair lentamente dos pulmões enquanto tentava desesperadamente permanecer calma. Se conseguisse aguentar-se por mais alguns minutos, eles estariam a salvo e ela poderia deixar os seus amigos sair da sua fria e húmida prisão. Se de facto tivessem sobrevivido ao encarceramento.

Saindo da sala o melhor que pôde com as pernas trémulas, abriu caminho até à porta na base das escadas da torre. Os comissários deram um olhar rápido em redor da pequena entrada onde, apenas trinta e seis horas antes, os dois homens que procuravam tinham estado lá parados com ela.

Quando começou a subir as escadas, conversou em voz alta com os dois homens, discutindo o tempo e se teriam achado que o carneiro do jantar estava um pouco duro. Felizmente, o tamanho e forma corpulenta deles, sem dúvida devido à boa vida que os seus trabalhos lhes davam, fez com que logo ficassem para trás enquanto ela subia apressadamente os degraus, habituada à sua inclinação íngreme e à natureza escorregadia da pedra húmida. Falou-lhes alto, exclamando que era uma subida cansativa, como se ainda não se tivessem apercebido, mas que seriam capazes de ver a muitos quilómetros de distância em direção ao mar quando alcançassem o topo. Sorriu para dentro. Como se eles se fossem importar com a vista. Por esta altura, já deviam estar desesperados por terminar e por se porem a caminho. Esperava que mudassem de ideias e dessem meia-volta a meio da subida, mas continuaram com determinação.

Ao abrir a porta no topo, susteve a respiração. Os dois homens estavam apenas cerca de uma dúzia de passos atrás dela. Se houvesse alguma coisa errada, não teria maneira de impedi-los de ver. Embora, felizmente, a sala parecesse precisamente igual à última vez que ti-

nha lá estado, antes de fechar a porta no dia anterior. Soltou a respiração devagar e silenciosamente, entrando na sala.

— Vejam, cavalheiros, daqui podem ver o mar e a bela propriedade do meu marido a sul. Podemos ver qualquer pessoa que se aproxime ao longo da estrada em direção a Milfleet. Esta casa foi construída numa posição muito boa, não acham? — Falava ao acaso, como se achasse que eles pudessem ouvir a respiração dos dois homens debaixo dos seus pés.

Um dos homens cheirou o ar e franziu o sobrolho. Eleanor sentiu o corpo inteiro a enrijecer. Será que sentiu o cheiro acre do suor dos homens assustados, o cheiro do medo a pairar no ar? Pestanejou lentamente enquanto o horror absoluto do que poderia acontecer nos segundos seguintes se iluminava diante dos seus olhos: as crianças deixadas sem casa e sem um tostão e Tom novamente a vaguear pelo campo, a ter de se defender. E ela e Greville a morrerem como hereges. Teve um arrepio.

— Há aqui um cheiro estranho, minha senhora — disse ele, virando a cabeça para um lado como que a tentar identificá-lo. — Um cheiro a especiarias. O Sir Greville é mercador de especiarias, não é?

Eleanor expirou um longo suspiro de alívio.

— É — concordou ela —, mas o que se pode cheirar aqui é o açafrão que cultivamos. É seco após a colheita e isso é aqui feito nos cavaletes que se veem à volta dos cantos da sala. É por isso que a porta está sempre fechada à chave, para que durante a colheita ninguém possa vaguear por aqui e estragar a preciosa especiaria antes de estar pronta.

— É bem sabido em Londres que o seu marido fez uma boa fortuna através das suas colheitas de açafrão — comentou o outro comissário.

Eleanor inclinou a cabeça, mas não disse nada. Sabia que o aumento de estatura do seu marido na corte era do conhecimento geral e não se surpreendeu que os capangas de Cromwell tivessem ouvido falar dele. Era agora uma figura bem vista. Ele tinha-lhe dito que ha-

via sempre pessoas na corte com inveja do súbito aumento de riqueza dos outros.

— Agora já viram tudo o que precisavam? — perguntou ela com delicadeza fingida, dirigindo-se para a porta e esperando que a seguissem. Deixou-os descer primeiro, para poder assegurar que a porta ficasse trancada à saída.

— Podemos oferecer-lhes algum sustento antes de partirem? — perguntou ela assim que estavam todos de volta ao salão nobre. Na realidade, queria que se fossem embora o mais depressa possível, mas sabia que precisava de manter a sua pretensão hospitaleira durante o tempo que fosse necessário.

— Obrigado, mas não — surgiu como resposta. — Devemos fazer bom uso da luz do dia que resta e regressar ao priorado. Amanhã teremos de tentar procurar noutro lugar ou regressar a Londres e explicar a Cromwell o que aconteceu. Não vai ficar satisfeito. — Os dois homens curvaram-se perante ela antes de seguirem Hugh até aos estábulos onde os seus alforjes já estavam nas selas e os cavalos prontos a partir.

Eleanor esperou mais trinta agonizantes minutos até ter a certeza de que se tinham ido embora e não iriam voltar, e Hugh tinha desaparecido para tratar dos seus assuntos diários. Foi até ao escritório e sentou-se de pena na mão, mas sem escrever nada, calmamente a ouvir os ruídos pela casa. Só quando teve a máxima certeza possível de que não seria incomodada é que se esgueirou até à sala da torre e pelas escadas acima, trancando cuidadosamente a porta de baixo para garantir que ninguém a seguiria.

Apressou-se a subir as escadas e a entrar na sala, trancando a porta atrás de si, levantando a laje e afastando-a do esconderijo, para onde espreitei. O cheiro que se levantou deu-lhe vômitos e a pilha de roupa lá dentro não se mexeu durante vários segundos. Fechou os olhos. Estavam mortos. Só queria salvá-los e, ao tentar fazer isso, matou-os aos dois. Mas depois, um pequeno barulho fê-la abrir os olhos e ela arfou, colocando a mão na boca enquanto via a pilha começar a mover-se devagar e os dois homens se revelaram.

Estendeu a mão a Rufus para equilibrá-lo enquanto ele rastejava para fora, permanecendo de gatas enquanto ele se agachava no chão, mal se conseguindo mexer.

— Ajude-me — rouquejou ele para Eleanor antes de se inclinar para o esconderijo para arrastar o prior que ainda respirava, mas parecia extremamente pálido, com um desesperante tom amarelo-acinzentado no queixo. Deitado de lado no chão, não se mexeu enquanto Eleanor lhe esfregava as mãos com brusquidão entre as dela. Tinha a pele gelada e rija. Tirando um frasco de cerveja que tinha escondido nas saias, deu-lhe um pouco entre os lábios ressequidos e rachados, fazendo-o estremecer quando escorreu por cima dos cantos ensanguentados da boca.

Passou o frasco a Rufus, que bebeu avidamente. Já quase não restava nada quando lho devolveu, mas ele foi capaz de se levantar e cambalear até um banco, sentando-se a esticar lentamente cada um dos membros. Eleanor conseguia ouvir os estalos à medida que as articulações protestavam. Pondo a mão no bolso, atirou-lhe uma pequena bolsa com comida.

— Preciso de ir buscar medicamentos ao boticário para o prior — disse-lhe ela. — Ele não está bem. E vou trazer mais cerveja e comida. Pode tentar que ele coma alguma coisa enquanto eu estiver fora? — Rufus, ainda a esticar-se e a estremecer, acenou com a cabeça.

— Espere — rouquejou ele quando ela se levantou. — Já se foram embora? Ouvimo-los aqui em cima há pouco. Temi que ouvissem o batimento frenético do meu coração.

— Não acima do meu próprio som — respondeu Eleanor —, mas sim, partiram há cerca de meia hora. Precisamos de vos pôr a andar e capazes de viajar para que possam estar à espera do vosso barco e longe destas costas nos próximos dois dias.

Desapareceu para o andar de baixo e entrou no salão nobre, que estava vazio à exceção de uma jovem criada doméstica que varria os velhos juncos, e de Joan, sentada ao lado da lareira a jogar às cartas. Pela forma como a sua cabeça se virou rapidamente quando Eleanor entrou na sala, era óbvio que se tinha colocado onde pudesse desco-

brir o mais depressa possível o que se estava a passar. Olhou interrogativamente para Eleanor à medida que ela se aproximava.

— Joan, tenho algum trabalho a fazer no boticário. Poderia ajudar-me, por favor? Será preciso a força das duas para levantar o garrafão. — Certificou-se de que o seu tom de voz era suficientemente alto para que a criada, e qualquer outra pessoa que pudesse estar a ouvir, a ouvisse. Hugh era um bom homem, mas afinal de contas, ela não sabia bem se podia confiar nele.

Juntas, as duas mulheres fizeram o caminho até ao boticário nas traseiras da casa. A cozinha estava inusitadamente vazia e, enquanto passava pela mesa, Eleanor recolheu os restos de um pão e alguns figos, e levou-os com ela.

Assim que chegaram ao boticário e estavam de porta fechada, sibilou a Joan:

— Estão vivos, mas apenas por pouco. Preciso de comida macia, uma tigela de creme de leite ou guisado para o prior. Ele está muito fraco. Pode voltar às copas e ver se consegue encontrar alguma coisa, por favor? Sem ser vista? Vou produzir uma tisana com um pouco de malva e salva, e também encontrar algum unguento com casca de carvalho que fiz no verão passado. Vou colocar tudo num tabuleiro debaixo de um pano, para o caso de alguém nos parar. Diremos que os medicamentos são para si, se alguém perguntar, por isso, por favor, faça o ar mais macilento e doente que puder. Ninguém espreitará debaixo do pano se eu disser que é para si.

Joan deu um apertão no braço de Eleanor em solidariedade antes de acenar com a cabeça e, sem dizer uma palavra, esgueirou-se de volta até à despensa enquanto Eleanor começava a recolher os artigos de que precisava. Estava mais grata do que nunca pela lealdade da amiga. A bandeja estava quase completa quando Joan voltou com várias fatias de carne de vaca e um prato de creme de leite.

— Disse ao rapaz da cozinha que não tomei o pequeno-almoço — disse ela, colocando a comida no tabuleiro. — Ele não estava muito interessado. Disse-me que o cozinheiro está lá fora com o lavrador a

escolher um porco para abate, por isso agora é uma boa altura para nos servirmos do que quer que esteja na cozinha.

— Ótimo, obrigada. Pode trazer algumas canecas de cerveja quando voltarmos a passar? Depois siga-me até ao escritório. Vamos parar lá por alguns minutos para nos certificarmos de que ninguém está a prestar atenção ao que estamos a fazer.

A viagem de regresso à torre decorreu sem problemas e, enquanto faziam uma pausa no escritório, ouvindo os movimentos pela casa e os gritos das crianças a brincarem no jardim, Eleanor soltou uma risada de alívio.

— Nunca tive tanto medo na minha vida — admitiu — e espero que o Hugh esteja agora no meu quarto à procura de todos aqueles ratos inexistentes! — Joan riu-se com ela, até que as duas mulheres estavam encostadas uma à outra, impotentes de júbilo, com os nervos a fazerem-nas rir ainda mais. Com a costa livre, Eleanor mandou Joan de volta para o salão como vigia enquanto ela subia de novo à torre.

O prior estava agora sentado no banco ao lado do Irmão Rufus, encostado, mas ainda com um aspeto muito pálido. Tinha envelhecido trinta anos em dois dias e o seu rosto amarelado tinha uma miríade de rugas profundas gravadas na pele. Eleanor pousou a sua bandeja de medicamentos e mantimentos no chão, entregando a ambos as canecas de cerveja. As mãos do prior continuavam a tremer tão violentamente que quase derramou a bebida, mas conseguiu engolir o conteúdo sem parar. Depois, Rufus despejou parte do conteúdo do seu copo também no do prior.

— Posso trazer mais cerveja — prometeu Eleanor —, e tenho uma tisana que vai ajudar com qualquer dor muscular e pomada para a pele dorida. Há mais comida e um creme de leite leve para o prior, uma vez que é mais fácil de engolir. Depois do jantar de hoje à noite, haverá restos de guisado, tenho a certeza. Mas assim que a casa estiver trancada esta noite, receio que tenham de sair daqui. Espero que compreendam isso? Não posso correr este risco por mais tempo.

— Claro, e nunca poderemos agradecer-lhe o suficiente por tudo o que tem feito por nós — respondeu Rufus.

— A vossa recompensa virá do céu — sussurrou o prior, sorrindo-lhe e apertando-lhe gentilmente a mão.

— Parte da vossa recompensa virá muito mais cedo do que isso — prometeu-lhe Rufus. — Todos os nossos bolbos de açafão serão trazidos nos dias que se seguem. Parece que os comissários só estão interessados em ouro sólido que podem derreter para o rei e não no ouro que cresce nos campos.

Deixou-os e voltou para o escritório para esperar até ser hora do jantar. Pegando no seu livro de horas da secretária, Eleanor leu as orações, recitando-as calmamente para si, ganhando algum conforto do familiar latim. Graças a Deus que os homens do rei não decidiram tirar-lho, se tivessem sequer reparado nele na sua secretária. Embora tenha registado no seu livro todas as idas e vindas e tudo o que tinha importância na casa, sabia que nunca poderia escrever o perigo que tinha trazido à casa e à sua família. E ao seu marido. Se o que ela tinha feito tivesse chegado a Londres, Greville teria terminado os seus dias na Torre. Não tinha dúvidas sobre isso. Em vez disso, apontou cuidadosamente a data e, abaixo dela, começou a escrever:

Recebi uma missiva do prior. Ele permanece no priorado, embora os irmãos se tenham dispersado. Mas agora também tem de partir. Tem passagem segura para a sua nova casa juntamente com os seus pertences mais sagrados, dos quais não pode ser separado. Espera aqui, naquele lugar onde não será encontrado até o seu barco partir de Cley, daqui a dois dias.

Fomos visitados pelos comissários do rei, o que me trouxe um grande susto. Joan quase se sentiu vencida, mas nada foi encontrado. O nosso açafão salvou-os. E o seu tesouro mais sagrado também. Deo gratias.

Com o jantar comido, a casa começou a acalmar-se para a noite. Hugh explicou a Eleanor que, apesar de uma busca exaustiva, tinha encontrado poucas provas de ratos no seu quarto ou em qualquer outro adjacente. Conseguiu parecer surpreendida, mas prometeu que enviaria Joan para ir ter com ele se a mesma coisa voltasse a acontecer quando estivessem na cama. Sorriu enquanto se afastava, sabendo que não seria necessária tal intervenção.

As duas mulheres subiram e sentaram-se na cama de Eleanor enquanto esperaram até terem a certeza absoluta de que ninguém ainda se movia no andar de baixo.

— Não é preciso descer comigo — tranquilizou-a Eleanor. — Vou apenas deixá-los sair pela porta lateral e depois terão de se defender. Fiz tudo o que pude. Não posso correr o risco de os acompanhar mais. Tenho a comida que tirei depois do jantar no escritório e todas as portas por ali permanecem trancadas.

— Claro que irei convosco — respondeu Joan com firmeza. — Assumi demasiados riscos sozinha nestes últimos dois dias. Agora, tenciono ajudar, embora no final. Ficarei no salão nobre e se aparecer alguém, poderei falar com eles em voz alta o suficiente para a alertar.

— Obrigada. Tem sido uma grande ajuda para mim. Tão boa amiga. Nunca lhe poderei retribuir. — Eleanor abraçou-a antes de ambas se retirarem do quarto, em pontas de pés sobre os juncos secos, com o cheiro a lavanda fresca e ao rosmaninho que tinha sido colocado naquele dia após a caçada inútil aos ratos quase a fazê-las espirrar.

Foram necessários menos de dez minutos para que os dois homens fossem apetrechados com comida e cerveja para a viagem, com o Irmão Rufus a acrescentar tudo ao grande saco que ia de novo carregar, com a preciosa relíquia em segurança por mais um dia. Assim que se afastaram da porta, Eleanor trancou tudo rapidamente, dizendo uma breve oração entredentes por uma passagem segura. Estava terminado. Tinha feito tudo o que podia.

Dois dias mais tarde, quando estava a trabalhar no seu boticário, ouviu-se bater à porta e era um dos jardineiros.

— Houve uma entrega do priorado — disse-lhe ele. — ‘stá lá fora. — Deu um passo atrás, à espera de que Eleanor o seguisse. No celeiro, tal como prometido, estavam uma dúzia de grandes sacos de bolbos de açafrão. Ela estremeceu ao pensar no que aquele açafrão quase lhe tinha custado. Os riscos terríveis que tinha assumido empurraram o seu preço muito para além do ouro que encheria os cofres de Greville. Ela nunca seria capaz de lhe dizer que as riquezas que o satisfaziam quase se tinham tornado na sua ruína.

Capítulo Vinte e Sete

1540

Minha querida esposa,

Espero que tudo esteja bem em Milfleet e que você e os meus filhos prosperem. Há muita coisa a acontecer na corte e por agora devo permanecer, embora saiba que preferia estar convosco em casa, em Norfolk. A nova esposa do rei, Anne de Cleves, chegou a Inglaterra, mas não tem a beleza prometida no retrato. Falei com alguns cortesãos próximos do rei que dizem que ele está muito zangado tanto com Holbein como com Cromwell. Há rumores de que o casamento não foi consumado.

Portanto, verá que preciso de estar aqui nestes tempos de tumulto, pois pode haver oportunidades para me promover, assim que o temperamento do rei se tenha abatido. Ele insiste em livrar-se da nova rainha. Os amigos de Cromwell estão a abandonar o seu lado em massa. Temo que a sua estrela possa já não estar em ascendência, mas como todos os outros, vou observar e esperar.

Cuide da nossa casa e dos nossos filhos, minha pequena «croca» e voltarei a escrever em breve.

O seu marido dedicado, Greville

Os meses passaram rapidamente à medida que as estações chegavam e partiam, com o tempo e os festivais religiosos a sucederem-se. Chegou um pequeno pacote de Isabel Dereham com uma oferta de fitas e fios de seda e Eleanor desejou poder ver a amiga e passar tempo com ela, como tinham feito antes. Mas Greville permanecia em

Londres enquanto o rei tentava orquestrar outro divórcio e Eleanor ansiava por ele. Estava assustada com o facto de Thomas Cromwell, antigo amigo de Greville, estar agora a ser ostracizado, banido pelo rei, e com a possibilidade de isso afetar o marido.

Henry ficava mais robusto a cada dia que passava, à medida que se aproximava do primeiro aniversário e, para alívio de Eleanor, raramente estava doente. Nell levava-o para a rua para brincar em quase todos os estados de tempo e podia ser encontrado nos terrenos ou em casa sempre a sorrir e a rir.

Fazia um forte contraste com Tom que, apesar de se ter instalado bem na sua nova vida, raramente saía do lado de Eleanor e recusava-se a ir para a rua brincar com as outras duas crianças, por mais que Nell tentasse encorajá-lo. O seu corpo esquelético não ganhava massa, apesar das grandes quantidades de comida que ingeria, e poderia beneficiar de um pouco de sol quente, mas só se aventurava no exterior quando Eleanor estava com ele. Ela tentava encontrar um par de horas todas as tardes para se sentar no recém-formado jardim de nó com Nell e Joan, se o tempo estivesse clemente, e depois ele ficava feliz por correr e brincar com Jane enquanto Henry os tentava seguir de pernas instáveis.

Foi naquele feliz idílio que Greville chegou inesperadamente a casa no final do verão de 1540, vendo uma oportunidade de escapar durante uns tempos. O rei tinha encontrado uma nova esposa e despachado Cromwell para o bloqueio com uma pressa obscena, voltando tudo a ficar calmo, pelo menos durante um tempo. A popularidade de Greville na corte continuou a florescer e Eleanor não pôde evitar um sentimento de orgulho enquanto examinava o seu marido alto e musculado ataviado com o seu novo traje londrino na moda, com um gibão de bom corte feito dos melhores damascos e veludos, com tiras de profundo verde Tudor e escarlata. Sabia que, embora a sua importação de especiarias e sedas sempre lhe tivesse dado uma vida muito boa e rentável, não era nada em comparação com a fortuna que o seu açafraão lhe tinha agora criado. Nos campos, mesmo naquele momento, os botões bem cheios começavam a empurrar o seu caminho através do solo, começando de novo todo o ciclo de vida. Embora Si-

mon lhe tivesse dito que ali em Norfolk era tradição dividir os bolbos a cada sete anos, tinha a intenção de os levantar para dividir na primavera seguinte, seguindo o ciclo trienal utilizado em Ixworth.

— Então, por que razão voltou para casa para a sua mulher e família? — perguntou Eleanor com um pequeno sorriso enquanto ela e Greville se sentavam juntos depois do jantar. Tinham passado doze horas desde que tinha chegado a Milfleet, mas era a primeira vez que tinha oportunidade de falar com ele a sós. Mal tinha chegado, as forças combinadas de Hugh e Simon tinham-no levado para discutir assuntos que tinham decidido não ser da sua conta. Pôde sentir o nervosismo da irritação de a colocarem de lado assim que Greville estava em casa e ao comando.

— E porque é que preciso de uma razão? Porque é que não haveria de querer estar aqui? — perguntou ele, com o seu sorriso aberto e familiar a mostrar-se debaixo daqueles olhos escuros que a faziam derreter por dentro. Tinha sido infantil e imatura ao pensar nele como um velho grosseiro quando o tinha visto pela primeira vez. Agora estava orgulhosa de ele ser seu marido, um homem belo e elegante.

— A vida na corte não é algo que eu escolha por prazer — recordou-lhe. — É uma necessidade, se eu quiser aumentar a minha posição e influência. E é isso que todo o fidalgo quer, ser notado pelo rei. Sei que compreende que preciso de passar a maior parte do meu tempo lá, sendo visto o mais possível. Misturar-me com todas as pessoas certas. Mas Londres nunca é agradável no verão e o rei ainda está em Oatlands, completamente apaixonado pela sua nova noiva Catherine, por isso é uma boa altura para escapar para passar algum tempo com a minha mulher e família.

Pegou-lhe no rosto com a sua mão grande e sorriu-lhe para dentro do olhar.

— O Henry está a tornar-se num belo rapaz, mas há sempre espaço para mais filhos no berçário. — Ergueu as sobrancelhas e ela sorriu de forma forçada, fazendo-lhe um aceno quase impercetível de concordância. Era inevitável que quisesse outro filho em breve, embora ela nunca estivesse preparada para o desconforto que a gravidez

trazia, a dor e a preocupação de dar à luz. Tudo tinha corrido bem da última vez, mas isso não lhe dava garantias de nada.

Embora a chegada dele significasse que já não se esperava que lidasse com quaisquer questões de negócios, o dia-a-dia de Eleanor continuou como dantes. Havia medicamentos a fazer e ervas e flores para recolher enquanto ainda eram abundantes. E para onde quer que fosse, Tom seguia-a silenciosamente, carregando-lhe um cesto quase tão grande quanto ele.

Os dias amenos de verão voaram até ser outra vez altura da colheita. Naquele ano, Greville estava disponível para ajudar os trabalhadores nos campos, com os seus músculos ondulantes e brilhantes de suor, enquanto as suas roupas elegantes de fidalgo londrino repousavam no baú do quarto e as suas calças grosseiras de trabalho, castanhas e sem graça, juntamente com a camisa de linho branco o tornavam indistinguível dos seus lavradores arrendatários.

Numa tarde, percebendo de repente que Tom não estava com ela, Eleanor foi à rua à procura dele. Intercetou uma das leiteiras e perguntou se o tinha visto.

— Sim, senhora, vi-o com o amo. — Apontou para campos de cevada ainda à espera de serem cortados e Eleanor foi investigar. O que poderiam eles estar a fazer juntos? Ele tinha-lhe dito naquela manhã que a cevada não estaria pronta para ser colhida até à semana seguinte.

Viu-os quase de imediato. Greville estava a andar ao comprimento do campo, com o topo da plantação a escovar-lhe as coxas musculadas e os pequenos insetos a desviarem-se a voar. Sentado em cima dos seus ombros ia Tom. De vez em quando, Greville puxava uma erva daninha do chão e passava-a a Tom, que segurava firmemente um monte delas na mão. O sol da tarde, inclinado através das árvores, iluminava a plantação como se fosse ouro líquido enquanto balançava com o movimento da passagem de Greville, um mar ondulante de vida. Os seus olhos encheram-se de lágrimas de alegria. Tinha pensa-

do que ele não tinha muito interesse naquele novo membro da família. Um intruso na sua família a vestir a roupa da filha e sempre na sombra da sua mulher. E a dificuldade de comunicação fazia com que Greville ficasse facilmente frustrado, de braços a abanar loucamente e a apontar, o que não produzia qualquer resposta do rapaz silencioso.

Estava errada. Ele estava a tirar tempo a tentar ligar-se ao seu novo filho, apesar de não ser fácil. Quando se viraram no final do campo e começaram a regressar, Tom viu-a, de rosto entretecido em sorrisos, numa visão tão rara, enquanto lhe acenava com a mão cheia de flores silvestres e ervas daninhas, quase caindo do poleiro ao fazê-lo. Ela ouviu a gargalhada de Greville e Tom olhou para baixo com deleite. Não conseguia ouvir nada, mas tinha a certeza de que sentia as vibrações do riso enquanto se moviam através do corpo de Greville.

Mais tarde nessa noite, enquanto se deitavam na cama, ela agradeceu-lhe por ter feito um esforço com Tom.

— Ele deve estar tão desligado — disse ela. — É fácil esquecer que ele está ali, pois não faz barulho. Parecia tão feliz lá fora consigo, hoje.

— Gostei de estar com ele. Adoro brincar com a Jane e o Henry, mas eles são barulhentos e exigentes. A Jane não gosta quando a atenção não está centrada nela.

— Isso é verdade. — Eleanor riu-se. — Ela tem sido o centro das atenções durante toda a sua vida e infelizmente Henry veio perturbar bastante isso.

— O Tom não pede nada. Não tem palavras para fazê-lo. Deleita-se com qualquer pequeno fragmento de interação. O seu rosto ilumina-se quando sabe que nos estamos a tentar ligar a ele.

— E o tempo que dediquei a tentar conceber formas de poder comunicar com ele já me foi pago muitas vezes. Agora sabe os nomes de todas as ervas que uso e os medicamentos que crio. Sabe o que é

perigoso e que só deve ser usado em quantidades mínimas. Consegue reconhecer os cheiros e sabores de cada produto que eu ponho numa poção. Basta apenas cheirar algo que aponta para cada imagem das plantas separadas que desenhei para ele, e as suas próprias capacidades artísticas são incríveis: consegue ilustrar perfeitamente qualquer uma das folhagens que recolhemos. Está sempre certo. É incrível. É como se, por não ter audição ou voz, os seus outros sentidos se tivessem tornado muito mais aguçados. E se eu falar devagar, já consegue reconhecer algumas palavras. É uma verdadeira ajuda para mim no boticário, mas gostaria que ele brincasse mais, que se comportasse como um rapazinho normal. E que não fosse simplesmente uma sombra nos espaços que acabo de ocupar, porque é onde se sente mais seguro.

Quando setembro começou, Eleanor estava de novo de vigia. E à espera. Todos os dias, ao amanhecer, fazia o percurso bem gasto, agora seco e poeirento após os longos dias de verão, até à parcela de açafrão. Apressava-se a ir verificar assim que estava lavada e vestida, usando um velho avental hessiano, sempre com esperança de que fosse o dia.

Passando pelo resto do pessoal da casa que quebrava o seu jejum, Greville, que por essa altura já lhe conhecia a rotina, pegava em pão, queijo e fruta da mesa e seguia-a, caminhando ao seu lado enquanto ela ia em direção à preciosa plantação, passando-lhe comida à medida que iam andando.

E por fim, a sua observação, a sua diligência com a monda e o cuidado com as plantas foi recompensada. Enquanto o casal emergia entre as sebes frescas, debaixo de um céu em chamas, com os raios da manhã a iluminarem as nuvens num laranja vibrante, uma arena ondulante de flores de um lilás-claro apareceu diante deles. Um tapete que se enrolava e ondulava ao vento suave, rolando suavemente de um lado para o outro. Acima das suas cabeças, uma cotovia cantou, com a sua música a soar pela paisagem.

Greville agarrou-lhe na mão e parou por um momento.

— É lindo — disse calmamente. — Não tinha percebido que tais riquezas podiam começar a sua vida nesta gloriosa demonstração de beleza.

— É — concordou ela, agachando-se para partir a cabeça de uma flor. Colocou-a na palma da mão e com o dedo indicador e polegar levantou as pétalas para lhe mostrar as três frondes vermelhas-escuras que pareciam línguas minúsculas lá dentro.

— É como se fossem demasiado delicadas e bonitas para desvendarem o segredo que estão a esconder — disse ela. — Quando estou triste, quando está em Londres e me sinto só, penso nesta parcela de açafão a ondular sob o sol de outono e nunca deixa de me fazer sorrir.

— Agora que o vi, pensarei sempre em si aqui, quando estou longe. Tão bela como está agora, com a extensão das balouçantes flores lilases, o seu poder estendido à sua frente. Nada mais gostaria do que a deitar agora entre as flores e fazer amor consigo. Mas suspeito que teria palavras a dizer sobre isso.

Eleanor riu-se.

— Tem razão, pois teria! Não há tempo para deitar, aqui ou em qualquer outro lugar. É agora que começa o trabalho árduo. Muitos dias longos, ou semanas, de labuta aqui no campo e na sala da torre. Preciso de ir procurar o Simon para lhe dizer que começamos hoje. Ele vai estar à minha espera e tem os trabalhadores prontos a começar. Sei que eles se ressentem desta colheita quando já quase terminaram de colher os frutos e os cereais. É por isso que faço sempre uma grande festa para celebrar e dizer «obrigada pelo trabalho extra, trabalho extremamente árduo, que o açafão causa». Agarrando na flor na sua mão, com os fios a marcarem-lhe a palma com manchas vermelhas-escuras, como estigmas, foi em busca de Simon.

A colheita foi tão bem-sucedida como nos anos anteriores, mas o aumento do número de plantas e cabeças de flores significava que a carga de trabalho era também muito mais pesada e as manchas pálidas e escuras sob os olhos de Eleanor aprofundavam-se à medida

que passava hora após hora na sala da torre. Em pouco tempo, o chão estava cheio das flores descartadas, um tapete perfumado que se agarrava às saias das mulheres enquanto se moviam de divisão em divisão.

Após dezassete longos dias, finalmente acabou. O açafraão estava a acabar de secar e as criadas tinham sido dispensadas para as suas funções normais. Joan examinou os seus dedos manchados de cor de laranja escuro.

— Vão passar semanas até que eu possa trabalhar em qualquer linho branco — queixou-se ela. — Tinha-me esquecido de como o açafraão mancha tudo. Este ano também houve tanta coisa. Será que precisa mesmo de cultivar tanto?

Eleanor acenou com a cabeça, com as próprias mãos tão manchadas quanto as de Joan. Estava a olhar para a colheita, tão brilhantemente dourada que parecia iluminar-se a partir de dentro, como se contivesse o sol, amontoada à volta das paredes da sala. A sua mente não estava ocupada pela dor que se espalhava pela parte de trás das coxas até aos pés e que lhe dava um nó tão apertado nos ombros que mal conseguia mexer a cabeça, nem no facto de estar tão cansada que se podia deitar no tapete de flores mortas e adormecer logo ali. Em vez disso, pensava no aumento de riqueza que o seu marido tinha amealhado, dando-lhe agora ainda mais o reconhecimento que merecia na corte. E tudo se devia a ela, pensava, com um sorriso de satisfação espalhado no rosto. Estava a orquestrar o lugar dele na corte e isso só podia resultar em ele ser notado pelo rei. Agora era apenas uma questão de tempo.

A sua família seria grande, rica e poderosa. Norfolk tinha a sua quota-parte de famílias poderosas, então porque não deveriam os Lutton ser outra dinastia de Norfolk reconhecida pelos Tudor? O pequeno Henry podia estar agora apenas no berçário, mas estava a certificar-se de que o seu futuro brilhava tanto quanto o ouro que cultivava. Valia cada dor no seu corpo.

Greville tinha-a avisado anteriormente que teria de regressar a Londres assim que o açafraão estivesse pronto para ser enviado, e que já

tinha um barco à espera em Cley. Tinha decidido que naquele ano navegaria com a preciosa carga, mas Eleanor não estava contente com a sua decisão.

— Mas os mares nesta altura do ano podem ser duros e selvagens — argumentou ela. — Porque é que não cavalga até Londres e se encontra com o Capitão Wyatt quando ele lá chegar?

Greville tinha trazido o capitão do seu navio para Milfleet quando *Elizabeth Jane* estava atracada em King's Lynn no ano anterior. O facto de o seu navio ter recebido o nome da sua primeira esposa já não perturbava Eleanor como outrora. Sabia que lhe tinha mudado por completo a vida para melhor e estava absolutamente confiante da sua devoção. Tinha gostado do capitão tímido e sossegado, mas percebia que ele preferia estar no mar com as ondas e as gaivotas como companhia, em vez de ter de se preocupar com os seus modos na casa do amo.

— Esta carga é valiosa, quero ter a certeza de que fica segura em cada parte da viagem até ao nosso destino.

— Se o barco for apanhado por uma tempestade, não perderemos apenas o nosso açafrão, podemos também perdê-lo a si, marido. Podemos sempre cultivar mais especiarias, mas não podemos substituí-lo.

Greville riu-se. Da posição dela, de cabeça deitada no peito dele na escuridão negra do quarto, sentiu a alegria dele enquanto se ria contra o seu rosto.

— Neste caso, alguns diriam que a carga é mais valiosa do que o seu dono, por isso fico satisfeito por não concordar com esse sentimento. No entanto, já tomei a minha decisão. Descarregaremos metade do açafrão em Londres e depois o restante continuará viagem até Calais, onde já tenho um comprador. Os franceses pagarão um preço ainda mais elevado do que o rei pela nossa preciosa colheita. Mas as riquezas que posso ganhar ao fornecer tais especiarias finas à corte podem ser colhidas não só em moedas nos meus cofres e no prato que agora adorna a nossa mesa, mas também nas ligações que estou a fazer e nas portas que se abrem nos salões nobres e palácios

de Londres. Por falar nisso, adiarei a minha partida por um dia para voltar a fazer uma visita aos Dereham. O filho deles, o Francis, regressou agora da Irlanda e estou interessado em saber como lhe correu a visita. Lembra-se de eu lhe ter dito que ele já viveu com os Howard e que era amigo da nossa nova rainha Catherine antes de ela ir para a corte? Poderia provar vir a ser uma associação e amigo útil. Escreveu-me para dizer que estaria em Norfolk apenas por alguns dias e foi por isso que decidi adiar a minha partida.

Eleanor ficou encantada por ter a oportunidade de visitar os vizinhos e de voltar a ver Isabel. Era a primeira vez que tinha a oportunidade de ir visitá-los desde que se mudou para Milfleet e ela teve muito cuidado com o penteado e roupa, mantendo Greville à espera durante quarenta e cinco minutos para além da hora em que desejava partir. No entanto, os seus olhos brilharam de admiração e acenou com a cabeça em aprovação enquanto ela caminhava para o sítio onde o seu cavalo a aguardava. O seu encorpado palafrém branco, que raramente fazia exercício suficiente, trotava de lado, tão ansioso quanto Greville para se pôr a caminho. Eleanor mal teve oportunidade de arranjar o vestido e a capa cuidadosamente selecionados antes de a sua montada disparar a trote para a frente no pátio, com Greville na sua montada preta a segui-la de perto, juntamente com dois moços da cavalaria atrás.

Felizmente, depois de um breve galope para lhe esgotar alguma energia, o seu cavalo acalmou-se e puderam cavalgar juntos, admirando os laranjas ardentes e os vermelhos das árvores de final de outono. Já o caminho estava cheio de folhas mortas e ouriços espinhosos verdes de castanhas e Eleanor ficou consternada ao ver quão carregados de bagas já estavam os azevinhos e as tramazeiras. O vermelho vivo contra a folhagem escura brilhante podia parecer bonito, mas predizia um inverno rigoroso, o que ela sempre temia.

A casa dos Dereham era impressionante. Era menos fortificada do que Milfleet, mais como uma casa de família, como Ixworth tinha sido,

embora substancialmente maior. Construída em tijolos estreitos vermelho-escuros, e com um desenho inteligente em espinha de arenque entre vigas de carvalho claro, debaixo de um telhado arqueado. As numerosas janelas deixavam entrar muita luz e Eleanor ficou encantada por se sentar na pequena sala, com um fogo quente a arder na lareira, a falar sobre as crianças e a costura com Isabel enquanto Francis e Greville desapareceram para outro sítio.

Eleanor ficou impressionada com o jovem. Era muito bonito, com o seu comprimento de ombros, cabelo encaracolado escuro e olhos alegres. Tinha-lhe feito uma grande vénia e beijado a mão, fazendo-a formigar de fascínio. Teria gostado de se sentar e de falar com ele, mas deu por si a ser afastada quando os cavalheiros desapareceram para as traseiras da casa.

Conseguiu voltar a vê-lo por breves momentos antes de irem embora e foi incapaz de lhe tirar os olhos de cima. Brilhava como um deus, com o seu rosto bonito e uns olhos castanhos profundos que se iluminavam com um sorriso de menino, sempre a cintilar nas margens do seu semblante. Ela não percebia bem o que ele tinha de especial, mas comportava-se como se não tivesse quaisquer cuidados no mundo e acreditasse verdadeiramente que tudo e todos estavam dispostos num palco diante dele para seu próprio prazer e desfrute. Essa postura e confiança brotavam dele em ondas de contentamento e alegria. Como poderia alguém não sorrir quando estava na sua presença?

Assim que estavam a cavalgar de regresso a casa, Eleanor não pôde esperar para fazer perguntas sobre ele a Greville.

— Como é que foi o seu encontro com o Francis?

— Correu bem. Queria restabelecer a ligação com ele porque o vi por breves instantes em Londres há alguns anos e estará de regresso à corte muito em breve. Lembra-se de eu ter dito que já foi bom amigo da sua parente Catherine e que espera voltar a tornar-se familiar? Pode ver que a ligação pode ser fortuita para mim. Em troca, posso apresentá-lo aos meus próprios conhecimentos de negócios, que o ajudarão a reunir alguma riqueza. Combinámos encontrar-nos em

Londres e ofereci-lhe um quarto em Cheapside, caso precisasse de alojamento.

— Está noivo de alguém? — A sua mente tinha-se desviado para Joan, uma vez que estava mentalmente ocupada a arranjar um casamento entre os dois.

— Acabou de me dizer que ele e a rainha Catherine viviam como marido e mulher quando ambos estavam com a Duquesa Dowager. Acredita nisto? Eu disse-lhe que ele tem de guardar essa informação para si, agora que ela é casada com o rei, ou não precisará de um quarto na minha casa, pois estará a residir na Torre. Confesso que não tenho a certeza absoluta de que estivesse a ouvir os meus sábios conselhos. Admitiu que o seu coração ficou destroçado com a notícia do casamento dela.

— Oh, estava a pensar se seria um marido adequado para a Joan.

— Para a Joan? Não, não é uma correspondência com a qual eu concordaria. O Francis tem o seu objetivo estabelecido na corte com um papel de alto nível. A Joan não é uma pessoa adequada para a corte.

Os ombros de Eleanor descaíram, com quaisquer ideias de o casar com a sua querida dama de companhia a dissiparem-se como a névoa da manhã debaixo de um sol nascente de verão.

— Espero que ele siga o seu conselho, então, para que a sua bela cabeça possa permanecer sobre os ombros.

Greville riu-se, picando o cavalo até ao trote.

— Tenho a certeza de que ele é suficientemente esperto para se manter afastado de qualquer tipo de problemas — tranquilizou-a ele.

— Vou certificar-me de que é bem tratado. Conheço o seu tipo. Pretende apresentar-se à corte da rainha, pelo que pode vir a provar ser um aliado útil para mim. Muito útil.

Sorrindo, Eleanor cavalgou atrás do marido, contente por Greville estar a fazer amigos em todos os sítios certos. O sol deles estava definitivamente em ascendência e sentiu-se invencível.

Capítulo Vinte e Oito

2019

Por fim, a conclusão do arquivamento de livros estava à vista. Amber tinha avançado pelas montanhas de caixas à volta do corredor e agora só restava a biblioteca escura e bafienta. Isso e a forte percepção de que a sua licença sabática estava a chegar ao fim e que brevemente teria algumas decisões a tomar. Mas primeiro a biblioteca. Era possível que muitos daqueles livros tivessem estado pousados nas estantes durante centenas de anos, intocados e sem quaisquer cuidados dos seus inúmeros antepassados. Encheram a sala com volumes de livros que nunca leram, deixando subsequentemente aquela parte esquecida da casa lentamente a desmoronar-se. Pensar no estado precário da torre acima dela deixava-a ligeiramente nervosa acerca de trabalhar lá dentro, mas era mais fácil levar para lá o portátil do que ter de andar com tudo de um lado para o outro para o escritório.

Naquela sala era bastante fácil de deduzir que, a dada altura, um ocupante anterior tinha alterado a planta original daquela parte da casa. Numa das pontas da sala ainda se mantinha um teto de vigas baixas, deixando-a escura e sombria, mas que depois se abria para um espaço muito mais claro e arejado, parte do salão nobre original, com janelas altas colocadas em cima de painéis escuros de madeira que chegavam a meio das paredes. Foi naquela parte mais luminosa que Amber se instalou, numa velha secretária pedestal de carvalho, com a janela por detrás a deixar passar a maior quantidade de luz natural possível. Começou a tirar os livros pesados e poeirentos das estantes.

O trabalho na biblioteca impedia-a de fazer quaisquer pausas na tarefa para ler mais algumas páginas do livro de Eleanor. Por isso, teria de esperar até meio da tarde, quando acabasse o trabalho do dia.

Depois de tomar um duche para lavar a sujidade que se lhe agarrava à pele, roupa e cabelo, bebeu uma chávena de chá com o avô, antes de se dedicar durante cerca de uma hora à continuação da sua pesquisa. O latim era tão difícil de decifrar que, passados sessenta minutos, normalmente ficava com dor de cabeça e era forçada a desistir por mais um dia.

Começava a perguntar-se se haveria mais pistas para encontrar nas páginas do livro, mas não tinha outro sítio onde procurar, pelo que continuou, mesmo apesar de as entradas de Eleanor serem poucas e estarem dispersas entre as orações e os salmos. De cada vez que virava a página e encontrava algo escrito na letra familiar de Eleanor, sentia o coração a bater de entusiasmo e prazer. O estilo, agora reconhecível, das suas iluminuras destacava-se na página, normalmente decorada com pequenas flores lilases claras, maçãs e garças douradas ou falcões.

Assim, foi com deleite que, no final de uma tarde de primavera, quando os céus escureciam do lado de fora da sua janela e a noite se começava a instalar, Amber virou a página e descobriu outra das entradas de Eleanor, com um pequeno monge e um coelho a decorar a margem da página. O rosto de Amber iluminou-se de prazer e, agarrando no seu lápis e bloco, tentou traduzi-la.

À medida que passava da sua aplicação de tradução para o livro e depois para as suas notas, começava a sentir os pelos na nuca a eriçarem-se. Aquela entrada não era uma lista de ervas ou descrição de uma doença e do seu remédio, ou uma receita favorecida, nem era uma descrição vívida do cultivo de açafrão pela Eleanor. Aquilo era a descrição de algo que tinha acontecido. Amber estava convencida de que se tratava de um relato de um acontecimento real.

Apesar da dor chata que lhe latejava atrás dos olhos de tanto tentar decifrar as palavras, não conseguia parar de trabalhar naquilo. Já era quase meia-noite quando traduziu toda a passagem, tendo há muito

dado as boas noites ao avô e prometido que em breve lhe seguiria o exemplo, indo para a cama. Quando terminou, já estava doente de exaustão e não conseguia perceber nada do que estava escrito à sua frente, embora tivesse a certeza de que o seu significado era mais importante do que qualquer outra coisa que tinha lido até àquele momento no livro.

Mas estava estoirada. As mãos tremiam-lhe de cansaço quando voltou a colocar o livro no cofre, fechou o portátil e foi para a cama, onde se deitou no escuro, com o coração a bater rapidamente da excitação de talvez, de alguma forma, poder ter encontrado inadvertidamente a pista, o avanço que procurava para ajudar Eleanor. Se ao menos conseguisse compreender o que tudo aquilo significava. Telefonaria a Becky logo de manhã e veria se a amiga tinha algum tempo livre para tentar decifrar o que ela tinha traduzido. Com um sorriso de satisfação no rosto, deixou-se finalmente adormecer.

No dia seguinte, Becky estava no trabalho, mas prometeu a Amber que passaria lá em casa ao início da noite, pelo que ela teve de agradecer e esperar pacientemente. Distraiu-se com uma viagem ao supermercado, e a seguir com a confeção de uma lasanha e de uma tarte de merengue de limão. Não valia a pena ficar a olhar para as suas notas a tentar brincar aos detetives. Precisava da perícia de Becky para lhe dar ideias, e mais valia distrair-se na cozinha. O avô ficou encantado com o raro festim culinário, especialmente quando concordou com o seu pedido para fazer algumas tartes de geleia. Não parava de perguntar quando é que iam comer como se fosse um miúdo impaciente de cinco anos, mas Amber insistiu que esperassem por Becky.

As tartes estavam a sair do forno, com a geleia a borbulhar e a queimar o tabuleiro em quase todas quando Becky chegou. Depois de um jantar agonizantemente lento, durante o qual Amber teve de se esforçar por não retirar os pratos mal as pessoas davam a última garfada, instalaram-se na biblioteca com as notas de Amber dispostas do outro lado da secretária diante delas.

— Nem sequer tenho a certeza de ter este direito — começou ela, subitamente a duvidar de si mesma —, as letras minúsculas, a forma como as suas palavras mudam do latim para o francês enquanto tro-

ca de línguas, como se não se lembrasse da palavra que queria naquela em que estava a escrever.

— Vai conduzir-nos a Mary? Ajudar-nos-á a compreender a sua passagem?

— Não, não me parece. Não que eu o veja, pelo menos. Isto é algo completamente diferente. Emocionante, mas assustador. Queres que leia o que acho que diz?

— Sim, força, estou intrigada.

Amber inspirou lentamente, como se se estivesse a preparar, e começou a ler.

— *«Recebi uma missiva do prior. Permanece no priorado, embora os irmãos por esta altura se tenham dispersado.»*

— Isto tinha alguma data? — interrompeu Becky. — Estaria a falar da dissolução dos mosteiros?

— Ah, sim, desculpa. Isto foi em abril de 1540, embora eu não consiga perceber em que dia. Mas sim, mesmo no meio da dissolução. — Fez uma pausa e depois continuou com a leitura. — *«Mas agora também tem de partir. Tem passagem segura para a sua nova casa, juntamente com os seus pertences mais sagrados, dos quais não pode ser separado. Espera aqui, naquele lugar onde não será encontrado até o seu barco partir de Cley, daqui a dois dias.»*

— Um *«lugar onde não será encontrado.»* Parece que o estava a esconder. Mas onde?

— Espera, há uma segunda entrada na página seguinte. Isto deve ter sido depois. — Continuou a ler a partir das páginas à sua frente. — *«Fomos visitados pelos comissários do rei, o que me trouxe um grande susto. Joan quase se sentiu vencida, mas nada foi encontrado. O nosso açafreão salvou-os. E o seu tesouro mais sagrado também. Deo gratias.»*

— Mas que raio! Desculpa os palavrões. — Becky expirou devagar. — O que é que significa tudo isto?

— Acho que ela escondeu o prior. E talvez um segundo monge, pois escreveu definitivamente «eles», e não «ele», e ajudou-os a fu-

gir. Os comissários foram à procura deles, o que significa que se recusaram a assinar o Juramento de Supremacia? Teriam sido queimados como hereges. Suponho que os pertences sagrados a que ela se refere fossem talvez as relíquias? Preciso de dar um passeio até às ruínas do priorado e ver se há alguma informação sobre as relíquias sagradas que lá tinham guardado. Se se mantiveram registos. O mais importante aqui é que o seu açafão aparentemente os manteve a salvo. Como? Será que os escondeu nos campos? Talvez nas sebes à volta das margens. Teriam sido muito mais densas do que são hoje em dia.

— Mas se fosse em abril, certamente que teria estado frio. Para ser prior, seria um homem velho e possivelmente frágil, para aquela altura. A erva do açafão não teria crescido o suficiente para se esconderem nos campos sem serem vistos. Onde mais é que poderiam ter-se escondido tão bem ao ponto de um bando de homens impiedosos não conseguir encontrá-los? Pelo que li sobre o que aconteceu durante aquele tempo, não teriam deixado nenhuma pedra por virar. Eleanor teve sorte de não terem queimado os celeiros só para terem certezas.

— Espera. — Amber levantou a mão enquanto o seu cérebro dava um salto em frente num encadeamento de pensamentos. — Os celeiros, talvez tenhamos lá alguma coisa.

— Era o sítio onde os bolbos de açafão estavam armazenados?

— Não nesse ano. Já li que não foram levantados após a colheita, mesmo que fossem ser divididos, isso era feito antes da época de cultivo. Cortaram as ervas que cresciam depois das flores para fazer de forragem para o gado. Do que me acabei de lembrar é que, quando colhiam o açafão, os fios eram colhidos das flores para serem secos em bolos e essa era uma operação delicada, pelo que tinha de ser feita bem longe do resto da casa, num local onde não fossem perturbados por correntes de ar e pessoas a entrar e a sair. Um refúgio seguro. E... — Parou por um momento quando se começou lentamente a aperceber. — ...Eleanor também descreveu como as flores claras deixavam um profundo tapete perfumado no chão.

— Onde ela pudesse esconder alguém por baixo? — Becky estava incrédula. — Assim tão profundo?

— Não sei. Mas sei onde fizeram a preparação do açafraão. E é o único lugar onde não podemos ir. A torre. O refúgio seguro dela.

— Bem, então isso justifica todos os palavrões. Como dizes, não há forma de subirmos à torre neste momento. Não é seguro. Nunca saberemos se foi lá que ela escondeu o velho em fuga com o seu caixão de ossos velhos.

Amber riu-se do óbvio desprezo da sua amiga pela relíquia.

— Isso é um pouco irreverente da tua parte.

— De modo algum — defendeu-se Becky. — Sabemos que era o prior e parece que andavam a fugir com algum tipo de relíquia religiosa, que geralmente eram uma parte antiga do suposto corpo de um santo, ou um pedaço da cruz. Pode ser interessante de um aspeto histórico, mas nunca acreditei nas propriedades curativas ou possibilidades de comunicação divina a partir de algo antigo e religioso.

— Seja como for... — Amber ignorou a reclamação da amiga. — Quem é que disse que não é seguro ir lá acima?

— Estão a desmontá-la enquanto falamos — lembrou-lhe Becky em tom paciente. — Consegues ouvi-los. Na verdade, se o vento estiver na direção certa, conseguem-se ouvir as batidas por toda a aldeia. Espero que não tenhas intenção de subir ao andaime? Não consigo imaginar o Kenny ou o Pete a concordarem com isso.

— Não, imagino que tenhas razão, mas estou determinada a ir lá acima dar uma olhadela. Só terei de subir as escadas. Sabes que o avô sempre me avisou para me afastar da torre, que é sinistra e assustadora, mas nada me vai impedir de investigar. Sinto-me obrigada a ir ver. Tenho de pôr de lado os meus medos e fazê-lo. Não tens de vir comigo, se não quiseres. Compreendo perfeitamente. Mas preciso de ver se há sinais de que os irmãos alguma vez lá tenham estado.

— Depois de todo este tempo? Tenho a certeza de que a Eleanor se certificou de que todos os vestígios deles desaparecessem.

— Eu sei, mas é ela que quer que eu vá lá e investigue. Consigo senti-lo.

Porém, a sua determinação caiu em saco roto quando perguntou ao avô se sabia do paradeiro da chave da porta ao fundo da torre.

— Não faço ideia de onde está a chave — lembrou-lhe ele. — Lembra-te de que me disseram, quando era pequeno, para não ir lá acima em circunstância alguma e o que aconteceu quando o meu pai descobriu que tinha intenção de desafiá-lo? E agora, como bem sabes, a torre não é segura. Está em perigo de cair aos bocados. Não há hipótese de ir lá acima.

— Avô, ambos sabemos que não está amaldiçoada. — Amber soou em tom mais alto do que pretendia. E imaginando que estava? Re-compôs-se mentalmente. Que outra coisa terrível é que poderia acontecer naquele momento? O seu bebé tinha morrido e já nem sequer vivia com a pessoa que mais amava no mundo. Já não havia nada de horrível para acontecer. De qualquer modo, não acreditava na sorte, nem em feitiços, nem em maldições. O avô estava com um ar muito infeliz. O que quer que lhe tivesse sido dito há todos aqueles anos ainda o fazia ter medo, oitenta anos depois.

— Ninguém sabe, ou alguma vez soube, onde está a chave — reiterou ele. — Está fechada à chave há tanto tempo. Mas isso não importa, já que correrias verdadeiro perigo se fosses lá acima agora, enquanto o trabalho está a ser feito. Se tiveres de ir, embora te peça explicitamente que não o faças, espera, por favor, até o Kenny terminar.

Amber sabia que não podia esperar. O que quer que Eleanor quisesse dela estava a tornar-se mais urgente e ia lá acima ver custasse o que custasse. Mesmo que não o fosse confessar ao avô.

Capítulo Vinte e Nove

1541

Eleanor recebeu uma série de cartas de Greville no início da primavera de 1541. Mais do que tinha recebido nos quatro anos inteiros do seu casamento. De cada vez que chegava uma, o seu coração saltava na esperança de que ele lhe dissesse que estava a voltar para casa. Ou que ia finalmente ser convidada a ir à corte. Nunca teria acreditado se alguém lhe dissesse que estaria casada com aquele homem e que o amaria e sentiria tanto a sua falta, que todo o seu corpo, o seu próprio ser, lhe doía. No início do casamento, ele ia para Londres e ela não tinha notícias dele, por vezes nem sequer para a informar que estava de regresso a casa, e não se tinha preocupado muito com isso. Mas naquele momento, todas as semanas em que ele estava fora pareciam um mês, enquanto esperava que voltasse.

E aquele novo fidalgo, mercador e cortesão não resistia a manter a esposa a par de tudo o que se passava naquele momento na sua vida. Eleanor ficava entusiasmada ao ler o que ele tinha a divulgar, apesar de preferir que estivesse ali para lho contar pessoalmente. Se fechasse os olhos, conseguia imaginar-se lá com ele, a ver os tecidos e roupas opulentas, as danças, os bobos e as delícias exóticas que a corte tinha para oferecer.

A primeira carta dele chegou apenas três semanas depois de ter regressado a Londres após o Ano Novo. Eleanor encontrou Joan cheia de frio encolhida à frente da lareira no salão nobre.

— Uma carta de Greville! — exclamou alegremente, acenando com o pergaminho no ar. Joan ergueu as sobrancelhas e, pondo de lado a costura, esperou pelas últimas notícias.

— «Minha querida Eleanor, tenho boas notícias para contar. Fui convocado para me juntar à comitiva de cortesãos quando o rei e a nossa nova rainha, Catherine, viajarem em grande procissão para o norte de Inglaterra no verão. Isto é uma grande honra para a nossa família. Ficaremos fora durante vários meses. Deixarei o Ralph encarregar dos negócios em Londres. Tenho esperança de que, durante as nossas viagens, me possa colocar perante o rei e seja favoravelmente notado» — leu ela.

— Então Greville tem um trabalho de verdade na corte? Com o rei? — perguntou Joan.

— Não sei ao certo — admitiu Eleanor —, mas não é maravilhoso? Antes de nos darmos conta, tenho a certeza de que também nós estaremos na corte e veremos todo o esplendor com os nossos próprios olhos. Mal posso esperar!

— Não me vou apressar a subir as escadas para começar a arrumar os baús. — A resposta de Joan surgiu em mau tom.

O que acontecia na corte raramente as afetava, ali escondidas na paisagem plana e estéril de Norfolk. Tinha-se apercebido da dura verdade há anos e já não queria saber de quem namoriscava com quem, nem do que o rei fazia. Embora estivesse interessada no que a rainha vestia e na moda da corte. Isso acabaria por chegar ao seu próprio pequeno mundo, embora diluído.

E ambas as mulheres estavam sempre conscientes de como a igreja recentemente reformada ditava agora as formas como lhes era permitido rezar. Nenhuma delas tinha ficado satisfeita com a insistência de Hugh nas alterações à capela que Greville tinha ordenado e na remoção das familiares estátuas e do tríptico glorioso. Eleanor tinha retirado o belo objeto e tinha-o escondido no seu quarto, no fundo de um baú. Tom adorava-o e não ia vê-lo a esfumar-se juntamente com os outros ícones. Talvez um dia o pudesse voltar a exhibir. Ela e Joan concordaram ambas em privado que tinham tido uma sorte incrível de os comissários terem saqueado a casa e nem sequer terem reparado na capela escondida. Não podiam voltar a arriscar tais perigos.

As cartas de Greville continuaram a chegar, cheias das delícias e entusiasmo da vida na corte, com notícias dos preparativos para a viagem pelo país que deveria começar em junho. O rei, a rainha e a sua comitiva partiriam assim que o verão chegasse a Londres: não era um sítio onde se ficar com tempo quente, com o inevitável fedor horrível e, muitas vezes, a doença. Viajando pelo país, acabariam por chegar a York, onde o rei poderia fazer pagar a penitência àqueles que tinham estado envolvidos na Peregrinação da Graça. O último carregamento de sedas de Greville tinha sido vendido diretamente ao rei e depois apresentado à rainha e às suas damas, o que o punha ainda de melhor humor.

Depois, em abril, chegou uma carta a dizer que regressaria a casa por alguns dias, após uma visita ao Palácio de Collyweston, onde o Grande Progresso deveria parar no seu caminho para o norte de York.

Todas as manhãs, Eleanor acordava sozinha na sua cama e perguntava-se se seria o dia em que Greville chegaria. Estava a borbullhar de antecipação e excitação.

Na realidade, a sua chegada aconteceu calmamente e sem a fanfarra que Eleanor lhe teria proporcionado. Uma semana de chuva forte tinha trazido um ambiente húmido e desanimado à casa. A lama densa e farta vinda do exterior era trazida para dentro, apesar da constante insistência de Eleanor de que todos usassem *pattens* por cima das botas em vez de simplesmente se limitarem a espalhar o molhado e a lama por toda a casa. As bainhas ficavam lamacentas e os juncos colavam-se aos sapatos e saias à medida que tudo se revestia dela. Até a comida parecia saber a isso.

Dentro da casa, tanto Jane como Henry pareciam animais enjaulados, privados da sua atividade exterior dia após dia, irascíveis e muito barulhentos, correndo lá dentro como se andassem à procura de um lugar por onde fugir. Até Tom, geralmente tão educado e sempre tão silencioso, não estava contente. Ficava perto de Eleanor quando ela estava a trabalhar no boticário, sem que houvesse quaisquer caminhadas para recolher produtos durante mais de uma semana. Na mai-

oria das tardes, ia encontrá-lo a alinhar silenciosamente os animais de madeira de Jane ao longo do parapeito da janela no solário, a olhar para a chuva contínua que corria em ribeiros pelas pequenas vidraças antes de encontrar espaços minúsculos por onde se pudesse enfiar, deixando poças nos peitoris.

Por isso, quando Greville finalmente chegou a casa vindo do meio da paisagem ensopada, havia poucas pessoas lá fora para ver o seu cavalo a galopar ao longo da estrada. E nenhum som dos cascos, com o seu ribombar a ser absorvido pelo solo encharcado. Até os cães estavam deitados diante do fogo a tentarem manter-se quentes e só quando ele entrou em casa, seguido pelo seu aprendiz John, de chapéus saturados e capas moldadas aos corpos com água a pingar no chão, é que o pessoal de casa se apercebeu de que o amo tinha chegado.

Eleanor, sentada no solário, foi alertada pelo som dos cães de caça, finalmente acordados e a ladrarem em excitação, com o ruído a reverberar pela casa. Tom, que obviamente não tinha ouvido nada, continuou a brincar até que o movimento de Eleanor, deixando cair a costura e correndo para fora da sala lhe chamou a atenção, seguindo-a para ver onde ia com tanta pressa.

— Espere um momento, estou todo molhado. — Greville riu-se enquanto ela se atirava para os seus braços.

— Não quero saber — respondeu ela com um largo sorriso, afastando-se por um instante enquanto ele retirava o manto. — Estou tão feliz por tê-lo em casa. Não sabíamos quando esperá-lo. — Seguiu-o até à lareira onde ele ficou parado de roupa a fumegar e mandou que fosse trazida cerveja e comida.

— Vi uma oportunidade e pedi para ser poupado durante uma semana enquanto estamos parados em Collyweston. Não posso ficar mais de sete dias e depois tenho de cavalgar para voltar a juntar-me aos outros em Stamford. Trouxe algo excitante para lhe mostrar. Deixe-me comer, beber e vestir roupa seca e mostro-lhe. Olá, jovem Tom. — A sua atenção foi desviada quando reparou que o rapazinho estava à parte, de costas encostadas ao painel, calmamente a obser-

var. Greville estendeu a mão e, de imediato, o rosto cauteloso de Tom dividiu-se num sorriso enorme enquanto trotava até ele, desviando-se da mão esticada na sua direção para pressionar o corpo contra a perna de Greville. Apesar da roupa molhada, ele riu-se enquanto pegava em Tom ao colo.

Um instante depois, quando a sua chegada se tornou conhecida em toda a casa, houve um redemoinho nas escadas e Jane correu pelo chão quase derrubando Tom para o lado enquanto saudava o pai. Henry foi mais tranquilo, caminhando firmemente em direção à mãe enquanto observava cuidadosamente Greville, sem saber quem era.

— Esqueceu-se de mim, meu filho? — perguntou ele, balançando o rapazinho no ar, atirando-o e apanhando-o de novo. Levou apenas alguns segundos até que Henry sorrisse e se risse com os outros, e Eleanor teve de insistir que Greville se fosse trocar e vestir roupa seca.

Só muito mais tarde é que finalmente teve a oportunidade de mostrar a Eleanor o que tinha trazido para casa, a fonte do seu entusiasmo. Levou-a para o escritório e ela reparou que a papelada habitual empilhada na mesa do cavalete tinha sido empurrada para uma ponta, deixando o resto do espaço livre. Do seu cofre de viagem em cima da secretária, recolheu um pedaço grosso de velino dobrado e procedeu à sua abertura, com o rico papel cremoso a estender-se como um pedaço de tecido sobre a mesa. Eleanor olhou para o desenho nele.

— Oh, é Milfleet! — exclamou ela ao reconhecer primeiro a torre e depois as escadas para o salão nobre.

— É — concordou ele —, mas não esta secção. — Apontou para o canto oposto. Eleanor franziu o sobrolho.

— Não, tem razão, está diferente. — Estava confusa. — Não temos ali quartos.

— Ainda não. — Ele sorriu-lhe, de olhos a iluminarem-se de excitação. — Estes são os meus planos para construir uma nova ala. Mande-os elaborar em Londres e espero começar a organizar a construção desta última parte da nossa casa enquanto aqui estou. O lugar te-

rá quase o dobro do tamanho e, quem sabe se, talvez no próximo ano, quando o rei e a rainha fizerem a sua digressão de verão, nos visitarão aqui.

— Greville — suspirou ela —, isso seria a coisa mais maravilhosa que alguma vez nos podia acontecer. Espero que assim seja. Mas esta nova ala é enorme. É muito ambiciosa. Temos fundos? Podemos pagá-la?

— Claro que sim, devido ao vosso açafão ter criado a nossa nova riqueza. E foi por isso que tomei a decisão de mudar outra coisa. — Empurrou o canto enrolado da planta para fora e acenou com a cabeça em direção ao título, escrito no fundo. Por um instante, embora Eleanor estivesse a olhar para ele, não conseguiu compreender, mas de repente percebeu. Onde inicialmente tinha sido escrito «Milfleet», o título tinha sido pontuado e em caligrafia elaborada, havia agora a inscrição «Saffron Hall».

— Saffron Hall? — Ela passou os dedos por cima das palavras. Vai mudar o nome da nossa casa?

— Vou. Vamos. Esta é uma nova era para nós e para a nossa família. Consigo senti-lo. E não teríamos conseguido isso sem a especialidade que cultivou nos nossos campos. É justo que reflitamos a magnificência que nos trouxe, reconhecendo-a. E no futuro, o nosso brasão incluirá uma imagem das flores do açafão. — O seu rosto dividiu-se num sorriso enorme, com o peito inchado de orgulho.

— Oh, obrigada, Greville. — Brotaram-lhe lágrimas dos olhos enquanto lhe atirava os braços ao pescoço, apertando-o com força. — Esta é a maior honra que me poderia conceder. Estou tão contente!

Ficou tão feliz quanto ele, a supervisionar o planeamento do novo edifício para a sua casa com um novo nome. Ele deu instruções a Hugh para organizar a remoção da pedra do agora abandonado priorado para ser usada no novo edifício. Eleanor não ficou contente com a utilização da pedra sagrada, mas sabia que, se Greville não a utilizasse, outra pessoa o faria. Tentou arduamente suprimir a sua lealdade para com os agora desaparecidos irmãos.

Todas as noites, Greville caía na cama ao lado dela e faziam amor atrás das cortinas ao escuro, deitando-se depois juntos nos braços um do outro, com Eleanor recatadamente coberta pela sua camisa de dormir ligeiramente colada à pele nua e suada de Greville. Depois, ele falava de todos os planos que estava a formar para tornar a família tão poderosa quanto a do vizinho, o Duque de Norfolk. De como Saffron Hall ia ser mais grandiosa, quando a nova obra estivesse concluída, e de como ia assumir um arrendamento para uma casa maior e mais elegante em Londres.

Contou a Eleanor sobre os tecidos finos que agora importava em quantidades maiores do que nunca: os ricos veludos que vinham de Veneza, financiados, como quase tudo o resto, com os lucros do açúcar do ano anterior.

— Mas será que há outros na corte com inveja? — perguntou ela. — Do seu aumento de finanças e estatura? — Embora estivesse imensamente orgulhosa do que ele tinha conseguido por causa da sua própria contribuição, estava preocupada que isso atraísse o descontentamento e a inveja dos outros. Sabia que havia sempre alguém pronto a tentar puxar o outro para baixo para que se erguesse no seu lugar. Mas Greville limitou-se a rir das suas preocupações e tranquilizou-a dizendo que estava perfeitamente em segurança em relação a qualquer pessoa que pudesse ter inveja do que ele tinha conseguido.

Mas ela não conseguia partilhar da sua confiança e ficava acordada à noite a recordar a ladainha de nomes de pessoas que tinham caído em desgraça do rei. Estava a ficar assustada com o que tinha involuntariamente criado. Tinha colocado o marido no caminho que agora trilhava, com a sua elevada posição na corte, mas se ele caísse em desgraça com alguém, seria igualmente da sua responsabilidade. Era um fardo pesado de suportar.

Não tardou muito até ser altura de Greville regressar para se juntar à corte em andamento e Eleanor não conseguiu impedir as lágrimas que se elevaram quando ele lho disse.

— Sei que gostou de estar em casa — salientou ela, de queixo a tremer — e adoramos tê-lo aqui. Somos uma verdadeira família. A Ja-

ne e o Henry gostam de tê-lo por perto e o Tom certamente que também, embora não no-lo consiga dizer. A casa inteira está mais feliz, por isso, porque é que não fica? Não precisa de estar na corte, de ser visto para ser bem-sucedido. Todos sabem que agora é rico. Certamente que não tem mais nada a provar. — Ela não podia exprimir as suas verdadeiras preocupações, o perigo de voar demasiado perto do sol, do rei. Tinha demasiado medo de dizer as palavras.

— Minha querida, terei sempre algo a provar. Para mostrar que a minha riqueza continua a crescer e que sou popular. O que estou a fazer agora é melhorar a posição da nossa família para que a Jane e o Henry, e Deus queira que mais filhos que possamos ter, e sim, talvez o Tom também, possam casar em boas famílias com toda a riqueza e adornos que merecem. Mas para fazê-lo, preciso de atrair o tipo certo de amigos e contactos. Não consigo alcançar nada aqui enfiado em Norfolk. Devo estar em Londres, onde está o rei. E agora tenho uma posição na corte, estamos a caminho de ter tudo o que desejamos.

Tudo o que Greville desejava seria mais preciso, pensou Eleanor enquanto observava os seus alforjes a serem cheios e preparados para ele partir. O seu deleite pela ascendência dele começava a diminuir. Embora ela, com o seu descuidado desrespeito pela lei e a ocultação irresponsável do prior e do Irmão Rufus, pudesse ter-lhes facilmente feito perder tudo o que possuíam. Incluindo as vidas. Talvez devesse estar grata por ainda estarem todos juntos, recordou-se.

— Voltará em breve para supervisionar os trabalhos de construção? — perguntou ela na sua última noite juntos, enquanto se deitavam lado a lado na cama. Ainda não tinha voltado a vestir a camisa de dormir. Com os cortinados ligeiramente abertos e uma fresca corrente de ar a soprar, a lua cheia brilhou pela janela e iluminou-lhe o contorno da pele nua, com os seus declives e curvas arredondadas. Greville passou a ponta dos dedos pela sua coxa abaixo e sobre a anca até à cintura, provando-lhe os seios com a mão quente, fazendo-a estremecer de desejo por ele.

— Não sei. O Hugh está a par de tudo o que deve ser feito, por isso não precisa de se preocupar com isso. Já tem o suficiente que fazer a

gerir a casa e a cultivar o açafrão. Mal se dê conta, será outra vez hora da colheita.

— Temos de plantar antes disso — lembrou-lhe ela. — Levantámos os bolbos no ano passado para os dividir. — Sentiu-se culpada por lhe mentir, mas precisava de uma desculpa para a dúzia de sacos de bolbos a mais escondidos na sala da torre que tinham sido retirados do celeiro onde tinham sido deixados, a sua recompensa do priorado por ter ajudado o prior a fugir e, por sua vez, a trair o seu marido e a sua lealdade ao rei. Não tinha dito a ninguém que estavam ali, mas tinha pedido a Simon que lavrasse mais dois acres na parcela de açafrão. E, disse para si, Greville não ficaria infeliz quando os anjos de ouro voltassem a encher-lhe os cofres, assim que a especiaria fosse vendida.

Uma vez de volta à corte real, as suas cartas continuaram a chegar, contendo histórias prodigiosas do progresso à medida que se deslocavam lentamente pelo país. Enquanto as novas obras de construção de Saffron Hall prosseguiam, a vida para o resto da família continuava a ser a mesma de sempre.

Em julho, Eleanor escreveu a Greville.

«Meu querido, estou muito entusiasmada por lhe dizer que estou de novo grávida e espero que nasça em janeiro. Um novo bebé para um novo ano que crescerá para correr pelos quartos da nossa muito aumentada Saffron Hall. Somos verdadeiramente abençoados.»

Acrescentou que esperava que ele pudesse estar em casa para o Natal e Ano Novo, e que pudesse ficar para conhecer o novo filho. A sua carta seguinte foi o reconhecimento da notícia, a exprimir o seu deleite, mas sem fazer qualquer comentário sobre se dessa vez estaria em casa para o parto. A sua omissão falava por si.

As cartas que se seguiram davam conta da sua viagem ao chegarem a Pontefract e do torneio e entretenimento admirável organizados para o rei e para a rainha. Depois chegou uma que era ainda mais emocionante, fazendo a mão de Eleanor tremer enquanto a lia.

«O meu reencontro com Francis Dereham pagou os dividendos que eu esperava. Chegou a Pontefract e foi recebido como secretário da nova rainha Catherine, com quem, como se recorda, teve um afeto quando residiam debaixo do mesmo teto. E agora, devido à nossa amizade, tenho também um compromisso, assistindo Dereham nos seus deveres de secretário.»

O seu marido estava a trabalhar diretamente para a rainha. Ela mal podia acreditar. Era um sonho tornado realidade. As suas cartas estavam cheias de histórias de Francis e dele, da rainha Catherine e das suas damas, e dos momentos divertidos que tinham nas grandes casas que visitavam enquanto se dirigiam a York, onde o rei se encontraria com o rei James. Eleanor não conseguia imaginar em que exaltada companhia Greville agora se movia.

— Se o Greville não tivesse reacendido a sua amizade com o Francis, isto talvez nunca tivesse acontecido — recordou ela a Joan.

— Sim, e como isso se revelou fortuito — respondeu Joan a fazer beicinho.

Eleanor olhou de lado para a amiga, normalmente a mais positiva e descontraída das pessoas. Percebeu que talvez Joan estivesse a ficar um pouco farta das histórias de luxo que continuavam a ser alimentadas através das cartas de Greville, em comparação com as suas vidas monótonas sempre governadas pela rotina. Especialmente porque Eleanor um dia lhe tinha confessado que tinha sugerido a Greville que Francis Dereham teria feito um bom par com Joan, mas que ele tinha discordado.

Agora Eleanor estava preocupada que cada carta, cada descrição da vida dourada da corte fosse uma pequena facada no coração de Joan, por tudo o que tinha perdido. Se Greville tivesse concordado com a sugestão de Eleanor, então talvez tivesse sido ela, Joan, a seguir o rei e a rainha, possivelmente até como uma das damas da rainha enquanto o seu marido era o secretário. Não era de admirar que Joan parecesse insatisfeita, com a sua vida a passar devagar. Tudo o que lhe restava era viver como dama de companhia, irmã e tia donzela de Jane, Henry e do novo bebé, já a tornar-se visível sob os vesti-

dos de Eleanor. Até para Tom, que continuava a entrar e sair silenciosamente das divisões de forma tão furtiva que muitas vezes ia e vinha passando despercebido.

Apesar de viver vicariamente através da excitante vida de Greville, Eleanor ainda precisava de gerir a plantação dos seus novos bolbos de açafrão. Não queria deixar a Simon a supervisão do trabalho, e mesmo quando as suas costas já pulsavam e ardiam, ajudou os lavradores, empurrando os bolbos para o solo cuidadosamente preparado. Demorou quatro dias inteiros até que todos eles fossem plantados, e depois de pedir a Joan que esfregasse um unguento feito de bagas de louro nas costas, Eleanor dormiu na sua cama durante vinte e quatro horas.

Quando finalmente saiu do seu quarto, um dia depois, foi para encontrar outra carta de Greville, esta enviada de York, onde ainda estavam à espera da chegada do rei James. Aparentemente, estavam à espera há mais de uma semana, o que espantou Eleanor. Quem manteria o grande rei Henry à espera? Greville estava muito desagradado com a espera, especialmente porque o tempo estava tão húmido e sombrio como em Norfolk, e York cheirava mal. Não pior do que Londres, pensou desdenhosamente Eleanor. Se ele quisesse ar fresco, tinha uma bela propriedade rural para onde podia regressar. Ele também mencionou um novo membro dos seguidores da rainha, um Thomas Culpeper que, de repente, parecia ser um favorito. Pela leitura das entrelinhas, Francis, e portanto Greville, pareciam ter sido empurrados para o lado por Culpeper, e nenhum dos dois parecia muito satisfeito com este novo intruso.

À medida que o verão progredia, surgiam os rebentos verde-claros das flores de açafrão, brilhando contra o silêncio da terra castanha apagada. Por fim, o sol começou a brilhar esporadicamente entre as nuvens pesadas, o que foi bem acolhido enquanto as plantações começavam a crescer, só com uma chuva ocasional a impedir que secassem por completo.

Duas semanas mais tarde, Eleanor recebeu um recado de Greville, rabiscado à pressa, dizendo que o rei James não tinha aparecido de todo em York, e que estavam agora na viagem de regresso a Lon-

dres. Tinham-se mudado para Hull, mas aparentemente o rei estava de mau humor, e não tinha sequer visitado a rainha nos últimos dias, pelo que tudo estava muito moderado e sossegado. Ele esperava parar em Norfolk a caminho de casa, mas sentia que naquele momento era imperativo permanecer com a corte.

Lembrou-se com carinho da colheita de açafrão dos anos anteriores e desejou ardentemente que Greville pudesse ser dispensado da corte para estar novamente em casa para ajudar, por isso aquela última missiva foi uma grande decepção. No ano anterior, Henry era pouco mais do que um bebé e agora estava um rapazinho a sério, a falar sem parar e a correr para todo o lado, e Greville estava a perder a oportunidade de o ver crescer. A criança era imensamente popular junto do pessoal na casa, e era frequentemente encontrada a pedir bombons junto do cozinheiro, que o adorava, ou a correr para a rua com um dos rapazes dos lavradores. Nell tinha praticamente desistido de tentar fazê-lo comportar-se como um filho de um fidalgo, e não escondia o facto de preferir Jane com os seus modos calmos, delicados e femininos.

Eleanor achou que não fazia mal a Henry ter a oportunidade de correr à solta durante alguns anos. Antes que desse conta, estaria de calções e jaqueta e seria mandado para a escola, ou educado numa grande casa noutra lugar. Ela sabia que Greville esperava que pudesse ser oferecido a Henry um lugar em Framlingham, a grande casa do Duque de Norfolk em Suffolk, devido à sua fortuna crescente e ligação familiar distante aos seus amigos Dereham. Mas só o tempo diria. Pelo menos Tom nunca seria mandado embora. Baixou a mão com a certeza que lhe ia tocar no topo da cabeça. Estava sempre lá, nas pregas da sua saia, parado aos seus pés em silêncio e à espera.

O sol fez florescer os açafrões uma semana inteira antes do que Eleanor esperava. Tinha começado a percorrer o familiar caminho todas as manhãs, de ombros descaídos e coração pesado ao lembrar-se de o ter feito com Greville no ano anterior, geralmente com Tom a saltar silenciosamente entre as pegadas atrás deles. Até os seus tamancos pareciam tão silenciosos quanto ele. E lembrou-se de como tinham levado pão branco *Manchet* e figos frescos, juntamente com

um frasco pequeno de cerveja, e de se terem sentado nas ervas secas e estaladiças que contornavam o campo para quebrar o jejum. Mas, naquele ano, fazia a caminhada todos os dias sozinha.

A parcela de açafão era agora enorme. Na verdade, eram de facto duas parcelas, pois Simon tinha ordenado a lavoura de terras comunais para além do prado para o cultivo. Havia muitas terras comunais à volta da casa, por isso ela não estava a tirar pastoreio aos aldeões que pastavam os seus animais.

Não estava à espera de que o açafão estivesse pronto tão cedo. Mas, ao aproximar-se do campo, protegendo os olhos com as mãos contra o sol nascente que se fragmentava através das árvores, conseguiu ver o fator relevador a tremer, um mar de pétalas lilases esvoaçantes, a balouçar e a rolar à brisa da madrugada, até onde os olhos conseguiam ver. Esticavam-se até ao horizonte, mergulhando e balouçando. Virando-se, quase tropeçou em Tom atrás dela.

Segurando-lhe o rosto nas mãos, disse-lhe:

— É hora da colheita do açafão, querido Tom. Vamos andar muito ocupados e os teus pais vão ficar mais ricos do que nunca. — Sorriu-lhe e ele fez-lhe um sorriso em troca, embora ela soubesse que não compreendia uma palavra do que tinha dito. Deixando-o no caminho, foi procurar Simon para organizar os trabalhadores.

A colheita foi difícil. Eleanor ficou aliviada por a sua barriga de grávida ainda estar bastante pequena e compacta, o que não a impediu de participar, tanto nos campos como na sala de secagem. Todos os dias, todas as flores que se tinham aberto precisavam de ser colhidas durante o dia, pelo que todos os pares de mãos disponíveis tinham de estar no campo, ou no corredor abaixo da sala da torre, arrancando cuidadosamente os fios de açafão.

Ninguém trabalhou mais do que Eleanor, ajudando tanto na colheita como no desfiar das cabeças das flores até altas horas da noite. Finalmente, após as semanas mais longas e cansativas da sua vida, Eleanor ficou parada no meio da sala da torre a observar os frutos de todo o seu trabalho. Amontoadas na sala, estavam sacas sobre sacas de bolos de açafão, com o último lote ainda pousado sobre as res-

tantes mesas de cavalete a acabar de secar. Uma quantidade substancial encontrava-se já armazenada no andar de baixo, no boticário de Eleanor.

Nenhuma superfície da casa conseguiu escapar às pétalas descartadas das cabeças das flores que, agora murchas e secas, eram arrastadas pelas saias das senhoras para todos os cantos, apesar dos melhores esforços de uma jovem serva que tinha estado encarregue de as varrer. No entanto, o seu trabalho era frustrado por Jane, Tom e Henry, que continuavam a empilhá-las para se atirarem para o monte macio, espalhando-as por todo o lado. Eleanor não conseguia deixar de se rir, com Tom a bater palmas entusiasticamente e Nell a repreender Jane pelo seu comportamento impróprio para uma senhorita. No entanto, Henry não recebia nenhum ralhete enquanto espalhava alegremente as pétalas, atirando braços cheios para o ar e a quem quer que se aproximasse dele.

A observá-lo, Eleanor desejou mais uma vez que Greville estivesse em casa. Não só porque teria ajudado no cansaço extremo de organizar a colheita e a mão-de-obra que lhe tinha caído em cima — Simon podia arranjar trabalhadores, mas ela tinha concordado no início que teria de lhes dizer quando e onde colher —, mas também para ver as crianças a divertirem-se.

Claro que ele veria o produto acabado, já *Elizabeth Jane* estava ancorado em Blakeney à espera das sacas de especiarias. Naquele ano, estava tudo destinado a Calais, onde ele conseguia obter um preço mais elevado do que até mesmo o escrivão das especiarias do rei pagaria. Perguntou-se que tipo de açafrão inferior estaria a temperar os pratos da corte. Como lembrança da colheita que ele não tinha visto, Eleanor tinha comprimido um único bolbo sob o peso de vários tomos grandes. Assim que ficou completamente seco e achatado, transferiu-o para o seu livro de horas.

Se esperasse uma ida a casa, ou mesmo uma carta com os seus efusivos agradecimentos pelo esforço empreendido na produção de uma colheita tão significativa de açafrão e das riquezas que tinha produzido, Eleanor ficaria desapontada.

Em vez disso, a missiva seguinte que recebeu continha apenas duas linhas a dar conta de que o navio dele tinha chegado em segurança ao seu destino e que o mercador de lá, juntamente com Ralph, o tinha vendido por um valor recorde. A carta queixava-se sobretudo de terem agora regressado a Windsor e de o ambiente não estar tão ensolarado e feliz como quando partiram. Ficou preocupada com a mudança de circunstâncias, com uma carta tão diferente das enviadas durante o verão.

Pelo que conseguia perceber, Francis estava de mau humor. Já não estava de boas relações com a rainha, sendo o seu novo amigo Thomas Culpeper a única pessoa de quem ela falava, e Francis não estava contente com a situação. Confusa, Eleanor não conseguia compreender aquilo a que Greville aludia. Leu a carta em voz alta a Joan, que comprimiu os lábios e abanou a cabeça.

— Eu pensava que o Francis era o secretário da rainha? — perguntou ela. — E que Greville o assistia?

— De facto, também era o que eu achava. Não compreendo porque é que nesta carta se queixa tanto de ela passar tempo com este Thomas. Porque é que ele se preocupa tanto? E mal menciona o rei. As suas cartas anteriores têm sido todas sobre ver a Sua Alteza Real e dançar em banquetes maravilhosos. Agora, trata-se apenas de estar sentado num pequeno escritório a escrever cartas e a ouvir o Francis a queixar-se.

— Então porque é que ele fica lá? Temos aqui o trabalho de construção para supervisionar e teve de gerir toda a colheita de açafrão sozinha. Tem outro bebé a caminho. Não compreendo porque está tão determinado a estar na corte se não há mais diversão e alegria a tirar dela.

— Nem eu — admitiu Eleanor —, mas ele sempre insistiu que a forma de se dar bem na vida é ser notado pelo rei. Desse modo, riquezas ainda maiores virão, não só para nós, mas também para os nossos filhos. Por isso devemos continuar aqui e esperar que ele regressasse a tempo das celebrações do Ano Novo e da chegada deste novo filho.

Eleanor não respondeu de imediato à sua carta taciturna. Estava a ter dificuldade em pensar nalguma coisa para lhe dizer. Se assinalasse mais uma vez que ele não precisava de ser visto na corte o tempo todo, e que talvez fosse boa altura para regressar à sua família, seria marcada como uma esposa incómoda, e o relato diário das suas vidas nunca mudava, pelo que havia pouco para lhe contar. Depois chegou outra carta.

Ela estava sentada no escritório a escrever as contas da casa quando Hugh apareceu à porta.

— Uma carta de Londres, senhora. — Entrou na sala, fez-lhe uma vénia e entregou-lha.

— Oh, obrigada, Hugh. — Pegou-lhe, com a surpresa evidente no rosto, e ele ergueu as sobrancelhas interrogativamente. — Recebi uma carta apenas há alguns dias — explicou ela enquanto quebrava o selo. — Espero que o Greville não tenha adoecido. A sua última carta dizia que há doença do suor e que a corte pode estar de novo em mudança. — Abriu cuidadosamente o papel rígido, com pedaços da cera seca e quebradiça a caírem ao chão enquanto esticava a folha. Estava ciente de que Hugh pairava por ali com um ar preocupado, por isso deixou-o esperar enquanto lia rapidamente, de coração a bater fortemente enquanto procurava uma menção à doença.

— Não, ele não está doente — tranquilizou-o ela. — Isto é apenas sobre o rei. — Ele acenou-lhe com a cabeça, fez-lhe uma vénia superficial e saiu da sala. Eleanor recostou-se na cadeira. Tinha mentido. Não era sobre o rei, mas sim sobre a rainha e ela não percebeu bem. Precisava de ler mais devagar, porque as palavras não estavam a fazer sentido. Instintivamente, moveu as mãos para cobrir a barriga em proteção, enquanto um formigueiro de suor frio lhe percorria a espinha, fazendo-a estremecer. De repente, teve muito medo.

Capítulo Trinta

2019

— Bem, é o fim desse plano. — Amber e Becky estavam de volta à biblioteca. Amber estava a espreitar pela janela para o andaime opressivo que ainda ressoava com as marteladas contínuas sobre as suas cabeças.

— Não, não é. — A resposta de Amber saiu mais aguçada do que pretendia, mas quanto mais o avô apresentava razões para não subir à torre, mais desesperada estava por fazê-lo. — Só terei de ser mais cuidadosa.

— A sério? Podes magoar-te. Ou pior. Isto é uma loucura, Amber. E como não há uma chave, terás de subir pelo andaime. Como é que vais fazer isso, sem que o teu avô te veja?

— Eu sei que é uma tolice, mas não me consigo conter. Não vou subir ao andaime, vou subir pelas escadas. Posso ir à noite, enquanto ele dorme. É preciso muito barulho para ele acordar.

— Suponho que a torre a cair ao chão contigo debaixo dela consiga acordá-lo — salientou Becky secamente.

— Vou procurar um pé-de-cabra para abrir a porta. — Agora que tinha tomado a decisão, Amber estava em modo de planeamento total. — Na verdade, temos um em casa. Vou telefonar ao Jonathan e perguntar se posso ir buscá-lo. Ou melhor, que talvez ele o possa trazer. Talvez precisemos de usar força bruta. Sabia que os seus dias de remo na universidade viriam a ser úteis um dia. Vou convidá-lo para jantar. O avô ia gostar de vê-lo. Depois, quando tudo estiver calmo, podemos ir lá acima às escondidas.

— Achas que o Jonathan concordará em ir lá acima, sabendo que não é seguro? É que eu não acho.

— Aceito que possa precisar de alguma persuasão, mas conheço-o. Se eu for lá acima, ele não me deixará ir sozinha, caso seja perigoso.

Ficou fascinada por se terem apercebido de repente de que a torre possivelmente guardava um segredo que a casa tinha no seu coração há centenas de anos, com cada geração a impedir a seguinte de investigar, assustando qualquer pessoa em relação a subir lá acima. Talvez as joias de família esquecidas estivessem amontoadas num armário como na Gruta de Aladino. Sorriu. Era uma ideia simpática, mas improvável. Mais importante ainda era ela ter a forte sensação de haver lá em cima alguma ligação especial à Eleanor, puxando-a em direção a ela. Uma ligação com o passado, e ela sabia que queria — não, que necessitava — ter Jonathan ao seu lado quando finalmente entrasse na torre para investigar. Pôs a mão contra o coração. Sentia uma borboleta no peito a agitar as asas numa tentativa de se libertar.

Jonathan, surpreendido com o convite para jantar, apesar da ressalva de ter de trazer o pé-de-cabra, concordou prontamente. Agarrava com as duas mãos qualquer tempo que pudesse passar com a sua mulher. Infelizmente, os compromissos de trabalho decretavam que não pudesse ir à casa até à segunda-feira seguinte. Amber cerrou silenciosamente os dentes em frustração, mas agradeceu-lhe educadamente e disse-lhe, com sinceridade, que estava ansiosa por vê-lo. Mesmo sem a expectativa das investigações da torre, percebeu o quanto queria sentir os braços dele a abraçá-la de perto. O seu desejo de se esconder do mundo estava a desvanecer-se, finalmente a ser levado pelos ventos frios do inverno.

Amber passou os dias seguintes a trabalhar arduamente na catalogação dos livros do avô, dedicando as noites a continuar a sua análise do livro de horas, lendo meticulosamente cada página e fazendo

anotações. Havia outra entrada de Eleanor, mas era simplesmente uma receita para algumas das tintas coloridas que estava a usar. Ainda assim, traduziu-a juntamente com os salmos, orações e as outras entradas. Amber ficou intrigada ao ver que, segundo a receita, Eleanor também tinha anotado: *«O Tom foi capaz de ajudar nesta preparação, usando as mãos e os cartões para comunicar. A sua ânsia de ajudar está a aumentar as suas capacidades muito para além do que os outros esperavam dele. Provou-se que eu tinha razão na minha fé nele e na minha decisão de fazer dele parte da nossa família»*.

Voltou atrás nas suas notas para encontrar outras referências a Tom. Porque é que havia outros que não queriam que fizesse parte da família? Tê-lo-iam acolhido? Sabia que não teria sido invulgar que uma criança ou órfão fosse acolhido como servo, mas normalmente não era bem-vindo na família, a menos que fosse parente. A forma como o descrevia fazia parecer que tinha uma deficiência, mas provavelmente nunca chegaria a saber.

Chegou, por fim, segunda-feira. Jonathan ligou-lhe para lhe dizer que sairia de casa assim que a hora de ponta do final do dia tivesse passado e que esperava estar com ela por volta das sete. Para Amber, que andava a contar as horas desde que tinham combinado o encontro, o tempo passava dolorosamente devagar. Depois de um dia lento na biblioteca, sem conseguir concentrar-se em nada, subiu para tomar banho e mudar de roupa às cinco horas. O jantar era um assado simples e a carne tinha estado no forno em lume brando durante grande parte da tarde. Ciente do que faria mais tarde, vestiu umas calças de ganga e uma camisola que lhe oferecia alguma proteção contra a sujidade e qualquer coisa rastejante assustadora que pudessem encontrar.

O avô, que já lhe tinha referido duas vezes como estava ansioso por aquilo a que se referia como o «jantar da festa», franziu o sobrolho quando ela entrou na sala.

— Então, não te vais vestir como deve ser? — perguntou.

— Porque é que o faria? É o Jonathan. Não convidei a realeza.

— É sempre bom fazer um esforço, especialmente para o teu marido — repreendeu ele, e ela ficou envergonhada quando reparou que ele tinha mesmo vestido uma camisa lavada e colocado uma gravata. Mas, recordou-se ela, ele mais tarde não ia rastejar em lugares escuros e, muito possivelmente, húmidos. Sabia lá o que poderia encontrar.

Jonathan chegou, como sempre, precisamente à hora em que disse que o faria. Se fosse outra pessoa qualquer, Amber teria imaginado que tinha esperado na aldeia no final da viagem até faltar um minuto para a hora de chegada, mas tinha feito viagens suficientes com ele para saber que o seu *timing* era impecável. Era outra das coisas que adorava nele.

— Olá. — Amber abraçou-o com força, segurando-o contra ela durante algum tempo, a inspirar o seu *aftershave* almiscarado familiar com a cabeça pousada contra o calor reconfortante do seu peito antes de se esticar e o beijar com suavidade. Fechou os olhos e desejou que aquele momento pudesse continuar eternamente. — Estás com bom aspeto.

— Tu também — respondeu ele. — Estás mais cheia de cara e com melhor cor. — Ela sabia, de se olhar ao espelho todas as manhãs, que a clara palidez que lhe tinha tornado a pele baça e opaca, e o seu olhar sem expressão estavam lentamente a serem substituídos por algum do brilho e centelha que costumava ter.

Amber olhou para trás dele.

— Trouxeste as tuas ferramentas? — O seu tom de voz saiu ligeiramente acusador, com a preocupação de ele ter chegado de mãos vazias.

— Sim, sim. Enviaste-me mensagens mais do que suficientes a lembrar. — Rindo-se da impaciência dela, foi até à bagageira do carro e voltou com o velho saco de ferramentas de lona que ela reconheceu de imediato. Oferecido pela sua mãe após a morte do pai, parecia conter todas as ferramentas para qualquer ocasião. Ela tinha a certeza de que ele seria capaz de encontrar alguma coisa que podiam usar para abrir a porta.

— Volta a pô-las lá, por agora — sussurrou ela, aflita —, e aconteça o que acontecer, NÃO menciones ao avô que te pedi que as trouxesses, está bem? Explico mais tarde. — Ele pareceu intrigado, mas acenou com a cabeça, concordando.

O jantar foi um acontecimento alegre. Embora Amber estivesse desejosa que acabasse o tempo inteiro, com a ansiedade de iniciar as suas investigações na torre, não podia negar que tinha tido uma noite encantadora. Estavam bem-dispostos, ajudados pelo vinho que fluía livremente e pela comida apetitosa. Houve apenas um momento desconfortável quando, sem se aperceber de que estava prestes a criar um conflito, Jonathan perguntou como estavam a decorrer as reparações na torre e o avô explicou que Amber tinha pedido para ir lá acima.

— Ele disse-me para não o fazer. Aparentemente, há uma velha lenda familiar sobre não se poder pôr os pés na torre — contou Amber apressadamente a Jonathan enquanto passava as chávenas de café, na esperança de desviar a conversa. — Ainda não percebi qual é o problema.

— Há coisas em que é melhor não mexer — lembrou o avô com firmeza, levantando-se e levando a sua chávena de café para a sala de estar. Amber franziu a testa.

— Não gosto de fazer coisas que ele desaprova — admitiu ela —, mas vou lá acima. Sinto mesmo que isso me vai ajudar a desvendar a mensagem da Eleanor. Sei que ela está a contar comigo. Tenho de fazê-lo.

— Espera — sibilou Jonathan —, foi por isso que insististe tanto para que eu trouxesse o saco de ferramentas? Não estás a ponderar seriamente a questão de ir lá acima, pois não? Por amor de Deus, Amber, a torre só está segura por aquela estrutura metálica à volta no exterior. Não é seguro!

— Chiu! — Ela olhou para a porta aberta da cozinha. — Não deixes que o avô te ouça. Tenho de ir lá acima ver o que está no topo. Tenho de ir. Durante centenas de anos, os meus antepassados tiveram demasiado medo de subir e eu quero saber porquê. E mais importante

do que isso, a Eleanor precisa que eu compreenda a razão. Penso que foi lá que ela escondeu o prior e quem estava com ele e quero ver com os meus próprios olhos. Desde que o Kenny anunciou que terá de desmontar a torre, o sentimento de urgência que senti da Eleanor tornou-se mais intenso. E é agora ou nunca, antes que a torre se desintegre ainda mais. Não precisas de ir lá acima, mas preciso da tua ajuda para abrir a porta, por favor. Como ouviste o avô dizer, não há chave. Mas, com toda a sinceridade, adorava que estivesses comigo. O que quer que estivesse lá em cima, ou ainda esteja agora, quero encontrá-lo contigo ao meu lado.

Jonathan comprimiu os lábios e não disse nada, mas ela conseguia sentir o desagrado extremo que emanava dele em ondas.

Por fim, depois de ver as notícias, o avô deu-lhes as boas noites a ambos e foi para a cama. Amber escutou todos os rangidos do chão acima das suas cabeças até estar convencida de que ele já dormia e que não ia aparecer atrás deles a perguntar o que estavam a fazer. Apressaram-se a atravessar a casa até ao corredor na base da torre. Amber conseguia sentir o grande peso opressivo da expectativa em cima deles, como que numa retenção coletiva da respiração. O que quer que a sua família tivesse evitado durante centenas de anos, estava agora à espera daquela noite. Estava assustada, mas sabia que tinha de avançar, e ficou grata por Jonathan estar com ela. Ele tentou levantar o trinco e dar um forte abanão à porta, que não se mexeu.

— Está decididamente trancada — anunciou ele.

Amber olhou para ele e revirou-lhe os olhos.

— É por isso que preciso da tua experiência a abrir fechaduras — disse-lhe. — E, se isso falhar, algo grande para arrombar a porta.

— Bem, não tenho nenhuma habilidade a abrir fechaduras. Receio ter falhado no meu exame em arrombamentos, por isso vai mesmo com o pé-de-cabra. — Levantou o objeto pesado e segurou-o como se estivesse a exhibir um objeto num leilão. Amber mostrou-lhe um polegar para cima antes de colocar os dedos nos ouvidos e de estremecer enquanto a porta de madeira e a aduela começavam a rachar sob a firmeza de serem abertas à força.

A madeira antiga e frágil levou apenas alguns minutos a separar-se da porta que se abriu a balançar na entrada do corredor, revelando um pequeno espaço atrás e um conjunto de degraus de pedra que desapareciam numa curva à esquerda para dentro da escuridão. O ar cheirava a mofo e a húmido e Jonathan enrugou um pouco o rosto.

— Não cheira lá muito bem — constatou ele o óbvio.

— Passas a vida em igrejas e casas de idosos. Devias estar habituado a isso — retorquiu Amber, a remexer no saco de ferramentas à procura da lanterna que sabia que ele lá guardava. A sua mão enroscou-se à volta dela e puxou-a para fora.

— Quem vai à frente, então? — perguntou ela, erguendo as sobrancelhas a olhar para ele. — Eu?

— Não, tu não, definitivamente. Eu vou. — Jonathan tirou-lha da mão. — Não sabemos se é seguro. Podes vir atrás. Tens uma lanterna para ti? — Sem dizer nada, ela puxou do telemóvel e ligou-o, antes de começar a subir devagar os degraus íngremes de pedra gelada atrás dele. Estavam húmidos e viscosos com uma película fina de líquen a revesti-los, iluminados de tempos a tempos pelas janelas seiteiras na parede exterior.

Por fim, lá chegaram ao cimo, agarrando-se, sem fôlego, à pedra em bruto e às paredes de sílex enquanto Jonathan, que tinha tido a previdência de levar o pé-de-cabra com ele, forçou a porta ao cimo das escadas. Abriu-se com um grande estalo, inundando-os do ar fresco que vinha de cima, e subiram os últimos degraus para a sala, um santuário para os segredos da família.

— Uau, é espantosa. — Amber virou-se num círculo de trezentos e sessenta graus, assimilando a janela de mainel de pedra e as minúsculas vidraças ancestrais de chumbo, que ainda se encontravam no sítio. Faltava a outra janela e um pequeno pedaço da parede, revelando a quietude da noite ao longe, a escuridão de uma eternidade a observá-los. Na parede oposta às janelas havia uma lareira escurecida, um buraco aberto ainda revestido de fuligem, que se estendia pela parede atrás, à espera de uma fogueira acesa. Havia uma mesa de cavalete de madeira áspera, escadeada em lascas nas extremidades,

encostada a outra parede. O chão estava cheio até à altura do tornozelo de uma mistura de pó de pedra e pedaços de folhas que, de algum modo, não se tinham desintegrado ao longo dos anos. Também se podia ver um ou noutro ramo ou pedaço de erva seca à espreita.

Amber tinha a certeza de que estava a ser observada, com cada átomo de ar em respiração sustida na expectativa, como se estivesse há quinhentos anos à espera dela.

— Então qual era o grande segredo aqui em cima? — perguntou ela, a esticar os braços. — Porque é que era tão imperativo que ninguém viesse cá, que cada geração tenha resolvido assustar a seguinte para as manter afastadas? Não há armários ou alcovas para esconder tesouros, quanto mais monges. Nada. Acho que cometi um erro, talvez tenha traduzido mal o livro. Não há aqui nada, para além de uma espessa camada de pó e lixo antigo no chão. — Fez deslizar a lateral do pé num grande arco, empurrando o revestimento do chão para um lado, revelando as velhas lajes por baixo.

— Uau, estas lajes parecem mesmo antigas. Realmente antigas. — Jonathan agachou-se e varreu mais o chão com as mãos, revelando as lajes por baixo. — Não devem ter visto a luz do dia durante séculos, até àquele raio e os construtores terem chegado cá acima.

— Pois não, porque a minha esquisita família esteve determinada a manter esta sala como uma espécie de santuário ou mistério — resmungou Amber.

— Vamos limpar o chão — sugeriu ele, começando a varrê-lo com o pé, tal como Amber tinha feito. — Se houver algo por debaixo de tudo isto, devemos ser capazes de senti-lo à medida que limpamos. Mas fá-lo lenta e metodicamente, para que não nos escape nada.

Sentindo-se desapontada e desiludida com a falta de qualquer grande revelação, Amber varreu, de forma desanimada, o chão o melhor que pôde, e quando as folhas poeirentas e o feno estavam numa pilha no canto da sala, tirou a camisola, esfregando-a através das lajes para as revelar melhor.

— É uma sala encantadora — disse. — Imagina ter isto como um estúdio. Não se faria trabalho nenhum com uma vista como esta da

janela. Olha, quase que consigo ver a igreja da aldeia e o bar. Aposto que à luz do dia se pode ver o mar.

— Há aqui qualquer coisa de errado com o chão — interrompeu-a Jonathan enquanto ela olhava pela janela. Ela olhou para o local onde ele estava agachado. Tinha estado a bater com os pés juntos, atravessando lentamente a sala com cautela.

— Escuta — disse-lhe, esticando a mão para cima quando ela ia a abrir a boca para falar, começando a bater em várias lajes. — Esta soa diferente. Acho que talvez haja alguma coisa aqui debaixo. Parece oco, como se houvesse um espaço por baixo. Isso pode explicar o que a Eleanor escreveu no livro. Sei, por leituras anteriores, que quando os comissários do Cromwell andavam à procura de hereges católicos, muitas vezes estavam escondidos em espaços entre paredes ou debaixo do chão. Um buraco sacerdotal. Pergunto-me se é isso que está aqui. Embora, se assim for, não faço ideia porque é que a tua família esteve tão determinada em impedir alguém de vir aqui. Já sabemos que escaparam.

— Talvez por razões de segurança? — sugeriu Amber. — Para que nenhuma criança viesse para aqui explorar e ficasse acidentalmente presa? Embora eu tenha sempre considerado a saúde e a segurança como uma obsessão do século XXI. Haverá uma forma de conseguirmos abri-la? — Acrescentou: — Pode estar cheio de ouro Tudor. Um monte de tesouros familiares seria bastante agradável.

Jonathan riu-se.

— Isso seria bom, sim, mas não alimentes as esperanças. Anda, dá-me uma ajuda. Há aqui uma pequena ranhura por debaixo da margem, mas as minhas mãos são demasiado grandes. Precisa de dedos pequenos e magros como os teus.

Amber ajoelhou-se no chão onde ele tinha estado e encontrou o espaço minúsculo. Não teria sido visível para ninguém a menos que soubessem que estava lá, especialmente com o chão coberto de juncos ou de um tapete.

Depois de ter empurrado os dedos para baixo o mais fundo possível, murmurou:

— Um, dois, três. — E preparando-se à medida que contava, puxou-a bruscamente para cima. A pedra levantou-se ligeiramente e Jonathan colocou-lhe rapidamente as mãos por baixo, ajudando-a a movê-la para um lado.

— Não é tão pesada quanto eu esperava — disse Jonathan, espreitando para o buraco escuro que tinham exposto. — Caramba, cheira mesmo mal, não cheira?

Ele não estava errado. Amber tinha a mão sobre o nariz e a boca, mas nada conseguia parar o fedor húmido e fétido que se elevava do escuro, revirando-lhe o estômago e fazendo-a lacrimejar. Recuou um passo. À sua volta, a escuridão rodopiou e deslocou-se, movendo-se, e sentiu-se como se estivesse a cair. O fio da navalha a cortar pelo ar entre o seu mundo e o passado. Jonathan pegou na sua lanterna e Amber observava, como se estivesse na extremidade errada de um telescópio, ao longe. Ouviu a sua voz a interrogar-se enquanto espreitava, mas soava distorcida e estranha, abafada.

Estava outra pessoa ali parada, perto dela, sem fazer contacto. Ela não precisava de virar a cabeça, nem de mover uma mão para a sentir. Sabia quem era. O cheiro vindo do buraco aos seus pés tinha sido expulso pelo suave aroma do feno quente, mel e pimenta esmagada que a rodeava, envolvendo-a.

Jonathan balançou o feixe poderoso da lanterna para o espaço.

— É bastante profundo, com cerca de metro e meio, diria. Há algo no fundo. Acho que é um monte de trapos.

— É um bebé. — Amber ouviu a própria voz, embora não se tivesse apercebido de que tinha falado. — Não são trapos, é um bebé. É a Mary. Encontrámo-la. — Sentiu uma onda de calor, amor e gratidão a girar através dela apenas por um instante, e Eleanor desapareceu. Colocando as mãos no rosto, apercebeu-se de que tinha as faces inundadas de lágrimas.

— Podes descansar em paz, Eleanor — sussurrou ela no silêncio da torre. — Vou agora tomar conta da tua filha.

Capítulo Trinta e Um

2019

A casa esteve infestada de polícias durante o que pareceram semanas, mas que, na realidade, foram apenas uns dias. Amber sentia-se exausta e escondia-se no seu quarto, longe do barulho e do caos. Sabia que fazia parte do protocolo a torre ser agora considerada como local de crime — até mesmo a biblioteca estava restringida — e, apesar da sua insistência sobre os ossos do embrulho de linho que Jonathan tinha tirado do buraco debaixo do chão serem de uma criança com quinhentos anos de idade, ainda tinham de ser examinados de forma forense e elaborado um inquérito completo pelo médico-legista.

O avô encontrou-a numa noite a fazer uma chávena de chá numa casa estranhamente tranquila depois de todas as entradas e saídas. Houve inúmeros habitantes da aldeia que, de repente, encontraram a necessidade de subir o comprido caminho com uma falsa razão para uma visita. Felizmente, tinham posicionado um polícia local no exterior da casa para dissuadir as pessoas de baterem à porta, e também para impedir a imprensa local de contactar. Os jornais nacionais perderam o interesse quando foi confirmado de que não se tratava de uma investigação de homicídio e que os ossos eram antigos, e a carinha da televisão local só se tinha dado ao trabalho de fazer uma peça rápida de dois minutos a partir do parque de estacionamento nas ruínas do priorado.

— Porque é que não vais ter com o Jonathan por alguns dias? — sugeriu o avô enquanto a via a abandonar o chá para olhar de forma distraída pela janela. — Já quase acabaste o arquivo de todos os

meus livros e precisas de alguns dias de descanso. Depois podes voltar, se quiseres, para acabar o trabalho e decidir o que queres fazer com o resto da tua vida.

Amber sorriu. Fê-lo soar tão simples e, felizmente, agora era. Já tinha recebido *e-mails* dos recursos humanos a pedir uma data de regresso. O aniversário de Saffron estava a menos de um mês de distância.

— É uma boa ideia — disse-lhe. — Mas será que ficas bem aqui, se eu for para casa talvez por uma semana?

— Não sejas parva. — O avô acenou-lhe com a mão direita. — Vivi aqui todos estes anos sozinho e a tua estadia ia ser sempre temporária. Vai e passa algum tempo com o teu marido. Queres levar o livro de horas contigo?

— Não, pode ficar aqui. Pertence aqui, pelo menos até eu acabar de o ler. A Eleanor já não está cá, tenho a certeza disso. Não a sinto desde que encontrámos a Mary. Vou telefonar ao Jonathan e dizer-lhe que vou voltar para casa por uns dias, se tiveres a certeza.

— Claro que tenho a certeza. — O avô sorriu. — Vai para casa ter com o teu marido.

Em vinte e quatro horas, ficou tudo organizado. Amber embalou o portátil e alguma roupa e estava a caminho do vicariato, desejosa de estar em casa. Becky admitiu que, embora fosse ter saudades de Amber, estava encantada por a sua amiga estar a afastar-se da tristeza que ainda pairava no ar da casa. E esperava que voltassem a trabalhar juntas em breve. Também tinha sugerido que ela e Pete se encontrassem no *pub* com Amber e Jonathan num futuro próximo e Amber concordou prontamente.

Jonathan conseguiu adiar a maior parte dos seus compromissos de trabalho para poderem passar algum tempo juntos. Foi quase como uma segunda lua-de-mel, cada dia cheio de atividades cuidadosamente planeadas que geralmente envolviam uma longa caminhada — Jonathan até sugeriu que ter um cão poderia não ser uma ideia assim tão má, passados anos de resistência — seguida de um jantar no *pub* e muito mais vinho do que qualquer um dos dois estava habituado.

Amber estava feliz por partilhar novamente a cama e parecia natural e correto que, quando se deitavam juntos todas as noites tivessem voltado a fazer amor, de que ambos tinham saudades.

Até ir com ele visitar a campa de Saffron já não a consumia de desgosto. Ainda estava triste e sabia que o aniversário daquele dia, que se aproximava rapidamente, seria difícil, mas a agudeza crua da dor estava agora mais suave, uma dor latente que permaneceria com ela para sempre, mas que conseguia aceitar como parte da sua vida. Estar no berçário e olhar para o cemitério onde a sua filha jazia dava-lhe agora uma réstia de conforto, tal como tinha dado a Jonathan quando ela o tinha acusado de não se importar. Ele tinha apenas lidado com a dor à sua própria maneira. Agora conseguia ver isso.

Na manhã em que estava previsto regressar a casa do avô, enquanto estavam a tomar um pequeno-almoço tardio, o telefone de Amber tocou com um número de Norwich que não reconheceu, embora tenha imediatamente reconhecido a voz do comissário Whitlock com o seu familiar sotaque local.

— Só para que saiba, o médico-legista e o osteólogo acabaram o exame aos ossos encontrados. Haverá um relatório completo numa data posterior mas, tal como suspeitou, vieram de uma bebé fêmea, com aproximadamente sete meses de gestação e com cerca de quatrocentos e cinquenta anos de idade. Podemos entregar os restos mortais à câmara que organizará um enterro ou pode tê-los de volta, se quiser tratar disso.

— Sim, sim, por favor. — Amber falou com rapidez. — Gostaríamos de os ter de volta. O meu marido é vigário. Ele vai organizar um funeral. — Ela apontou para o bloco e para a caneta na ponta da mesa e Jonathan passou-lhos rapidamente. Rabiscando os detalhes da casa mortuária onde os restos mortais estavam a ser guardados, agradeceu ao polícia antes de se despedir.

— Espero que não haja problema. — Fez uma expressão apologética a Jonathan. — Disse que íamos organizar um funeral para a Mary, mas quero fazê-lo pela Eleanor. Foi o que ela pediu que fosse feito e sinto que era de mim que estava à espera para desenterrar o

que nos estava a tentar dizer. Tivemos uma afinidade. A Mary tinha sido deixada debaixo dos seus pés e agora merece um enterro cristão adequado. Ela esperou muito tempo por ele. Quem me dera poder enterrá-la com a Eleanor, onde realmente pertence, mas nunca encontramos nenhuma sepultura ou registos que indicassem onde está. Pergunto-me se era por isso que a família estava sempre tão deseiosa de impedir que alguém subisse à torre, por saberem que ela estava lá em cima.

— É mais provável que antes de ser usado como buraco para esconder fugitivos religiosos, fosse usado para esconder a riqueza deles, por isso quem quer que fosse o senhor ou a senhora, não queria que nenhum servo intrometido fosse lá acima, para o caso de encontrarem o tesouro da família.

— E todos estes anos ela tem estado lá em cima a repousar no seu descanso até eu a encontrar. Se eu não tivesse estado na casa quando se deu a tempestade que danificou a torre, quem sabe quando é que o livro, e a sua mensagem, teriam sido descobertos. Mas agora posso fazer o que ela pediu, há tantas centenas de anos, e certificar-me de que a Mary fique enterrada em solo consagrado.

— Acho que o devíamos fazer aqui — sugeriu Jonathan. — Enterrá-la ao lado da Saffron. Afinal, a Eleanor pode ter sido tua antepassada.

— Obrigada, gostaria muito disso. — Ficou enternecida com a consideração dele, outra das características a que ela tinha fechado os olhos. Tinha sido tão curta de vista. — Achas que vai ficar bem?

— Disseste-me que nenhum dos pais ou irmãos está enterrado na aldeia. Por isso, vamos mantê-la perto de nós, sim? Onde tenha alguém que olhe por ela. A Eleanor iria querer isso. — Ele sorriu-lhe e levantou as sobrancelhas, à espera de que ela concordasse.

— Tens razão, claro que sim. Sabes sempre a coisa certa a fazer. Estou muito grata por te ter. — Pegou-lhe nas mãos. — Vamos organizá-lo juntos.

E assim foi, numa tarde varrida pelo vento, com suaves nuvens brancas a encobrirem um céu azul-cobalto acima deles, que Amber, o

avô e Jonathan dispuseram os ossos de Mary para repousarem ao lado de Saffron, no canto infantil do cemitério. A ossada envolta na sua mortalha de linho foi encerrada num minúsculo caixão branco. Juntos, Amber e Jonathan deitaram a terra de volta para a cova enquanto o avô caminhava lentamente de volta ao vicariato. Era tão pequena que demoraram apenas quinze minutos a completar o trabalho. Amber pegou num ramo de gipsofilas e dividiu-o, colocando algumas no monte de terra húmida e outras na campa de Saffron, agora coberta de erva.

— Assim que a sepultura assentar, vamos arranjar uma lápide, está bem? — sugeriu Jonathan, a mão a enfiar-se nas dela, enquanto acenava com a cabeça. Esperou pelas lágrimas e depois percebeu que não vinham.

— E eu vou plantar bolbos de açafrão para ela — respondeu ela.

— Então e o que acontece agora? Já pensaste para onde vamos a partir daqui? — perguntou Jonathan, sacudindo a terra molhada das mãos, antes de lhe pegar na ponta dos dedos e acariciar suavemente a lama nas dela.

— Sim, claro que já pensei nisso. Em tudo. Agora é tudo muito diferente, comparado com a forma como me sentia quando fui para casa do avô. Ainda estou triste, claro que estou, mas nessa altura não conseguia ver qualquer futuro porque não teria a Saffron nele. Todos os nossos planos foram desfeitos de repente e, se eu não queria estar comigo mesma, porque é que tu ou qualquer outra pessoa o havia de querer? Eu odiava-me.

Jonathan pegou-lhe nos ombros com ambas as mãos e olhou-a nos olhos. Estava a franzir o sobrolho quando lhe disse:

— Mas nunca pensei isso. Sempre quis que estivéssemos juntos.

— Eu sei, mas tinha de lidar com isso sozinha para perceber que a vida continua, que temos de continuar a viver e ter esperança. E que temos um futuro, mesmo que não seja aquele que planeámos. — Fez uma pausa por um momento e respirou fundo. — Mas a Saffron vai sempre fazer parte de nós.

— Claro que vai. É a nossa primogénita. E talvez um dia venha a ter irmãos e vamos falhar-lhes da irmã de caracóis dourados. Que te

parece? Talvez sim?

Amber suspirou de forma trémula antes de sorrir suavemente e responder:

— Sim, sim, quero. Gostava muito disso.

Jonathan pôs-lhe o braço à volta dos ombros e segurou-a com força enquanto caminhavam juntos de volta ao vicariato. Pela primeira vez em quase um ano, não havia distância entre eles. Nem física, nem emocional.

Mais tarde, Amber levou o avô a casa, com a sua mala de novo no porta-bagagens do carro. Tinha algumas tarefas importantes que queria completar antes de regressar ao trabalho dentro de duas semanas. Havia o arquivo dos livros para terminar e precisava de ler o livro de Eleanor até ao fim antes de o entregar ao museu. Tinha a certeza de que tinha um último segredo: a razão pela qual ninguém da família estava enterrada nas proximidades e de Mary ter sido escondida pela mãe num buraco debaixo do chão da torre.

Capítulo Trinta e Dois

1541

Quando Eleanor terminou de ler a carta de Greville a Joan, levantou o olhar da página, de rosto tão pálido que parecia que o sangue lhe tinha sido drenado.

— Então, o que é que isso tudo quer dizer? — perguntou Joan, de voz um pouco esganiçada, a revelar a inquietude que tentava esconder.

— Não sei bem — admitiu Eleanor —, mas estou doente de preocupação. Parecem todos tão furtivos, como se todos escondessem segredos. A rainha está a ser mantida nos seus aposentos pelas suas damas e ninguém pode entrar. Foi visitada por este... — Fez uma pausa para olhar para a carta. — ...Thomas Wriothesley, que aparentemente é habitualmente enviado para investigar quaisquer delitos. Aquele a quem aparecer à porta, é razão para se ficar assustado. E o rei está de muito mau humor, pelo que todos se mantêm fora do seu caminho. Ecos do Greville... Não sei, é confuso. Ele pode agir como se estivesse bem habituado às maneiras da corte, mas suspeito que na verdade não está. Talvez como o rei tem a reputação de ser temperamental, a corte ceda frequentemente a estas explosões violentas e dramáticas. Preocupa-me que o Greville tenha sequer enviado uma missiva assim: imagine que alguém a interceptava? A corte está em tumulto e ele está inadvertidamente a convidar o perigo a vir à sua porta, e até à nossa casa, se alguém souber que a enviou.

— Acha que o rei já está farto da rainha Catherine? — sugeriu Joan. — Embora isso pareça improvável. Lembra-se de o Greville lhe ter dito que o rei está muito apaixonado? E de como ela era jovem,

bonita e sedutora? Certamente que deve estar à espera de gerar outro filho com ela, uma vez que já passaram uns bons anos desde que a nossa doce rainha Jane deu à luz o príncipe Edward. Provavelmente está apenas doente ou a sentir a idade, ou tem novamente a perna a doer-lhe e, antes que se dê conta, o Greville escreverá com notícias mais felizes sobre tempos alegres e festividades na corte — tranquilizou-a ela.

Eleanor acenou com a cabeça, mas no seu coração não se sentia tão otimista quanto a amiga. Havia algo na carta que não tinha sido dito, algo entrelinhas que ela não conseguia compreender e que a enchia de apreensão. Mais, era o que o seu marido não lhe tinha dito, para além do que tinha. Porque é que lhe contava as minúcias dos acontecimentos do dia-a-dia na corte, as cartas que Francis tinha sido ordenado a escrever, as idas e vindas dos aposentos da rainha que nada tinham a ver com ele? Um pânico gelado e frio agitava-se-lhe no peito. Aquilo teria sido enviado há mais de uma semana. O que tinha acontecido desde então?

A sensação de inquietação que a carta dele tinha trazido recusava-se a largar Eleanor. Não conseguia livrar-se dos pensamentos inquietantes que a assombravam, um sussurro maldoso que crescia sem parar até estar no escuro da noite, só com o suave chamamento das corujas e o virar e pontapear do seu bebé como companhia, com a cabeça às voltas cheia de medo pelo marido.

Queria desesperadamente Greville de volta a casa perto da sua família em Saffron Hall. Tinham passado cinco meses desde que se tinham deitado juntos a planear a extensão da casa, com a excitação de a terem renomeado Saffron Hall. E tinham criado o novo bebé que agora se agitava dentro dela. Uma sombra negra de culpa e dúvida pesava-lhe nos ombros, fora da sua linha de visão, mas sabia que estava lá. Se não tivesse tido tanto sucesso na cultura do açafraão, as finanças de Greville não teriam aumentado e não se teria movido para os círculos ricos que tinham elevado o seu perfil na corte. Aqueles que fizeram com que o vizinho o achasse suficientemente digno para ser apresentado à rainha. Para trabalhar para ela. Para ser apanhado dentro do seu círculo de conhecidos e amigos íntimos.

Tentou colocar as preocupações para trás das costas durante os dias que se seguiram, concentrando-se em fazer os medicamentos e unguentos que sabia que o pessoal da casa iria necessitar durante o inverno que se aproximava. Agora sem os monges no priorado e a sua enfermaria fechada, os aldeões voltar-se-iam para quem quer que pudesse curar doenças ou curar ferimentos, e ela era agora a pessoa mais proficiente na área. Já tinha curado dois cortes feios feitos durante a colheita, com o seu talo de papoila e as cataplasmas de mel a impedirem que as feridas infetassem. Sair para recolher as plantas e flores de que necessitava trouxe-lhe a paz de que precisava para refletir sobre os demónios que continuavam a assombrá-la.

Quando Hugh veio ter com ela com outra carta, nem sequer dez dias depois da anterior, o coração de Eleanor murchou e sentiu uma onda de bílis ácida a subir-lhe à garganta. Entreolharam-se e ele olhou-a com gravidade.

— Sabe o teor disto? — acusou ela, de voz aguçada enquanto lhe pegava.

— Não, senhora. — Ele abanou a cabeça com veemência. — Veja, o selo não está quebrado. Mas também eu recebi uma missiva do amo e o conteúdo é algo inquietante. — Virou-se para sair, mas Eleanor tocou-lhe no braço, parando-o por um momento.

— Espere, por favor, enquanto eu descubro o que ele diz. — Ela também queria saber o que dizia a carta de Hugh, dado o seu ar preocupado, mas primeiro precisava de ler a sua própria carta. Levando-a até à janela, quebrou o selo enquanto passava o dedo pelo velino grosso, abrindo-a. Leu-a duas vezes, de lábios a mexerem-se e de mãos a tremer tão violentamente que tornavam a leitura difícil e, por fim, levantou o olhar. A Hugh tinha-se juntado Joan, os dois parados à entrada. Ele deve ter ido procurá-la, embora Eleanor não tivesse reparado.

— Isto é ainda mais preocupante e confuso do que a última carta. — A sua voz soou completamente rouca.

— O que é que ele diz? — perguntou Joan. Conduziu suavemente Eleanor até um cadeirão e empurrou-a para se sentar. Ficou com os

nós dos dedos brancos quando se agarrou com força aos ombros de Eleanor, como se ela pudesse fugir a qualquer momento.

— Diz que há rumores de que a rainha será levada para um lugar chamado Syon House. E que o Francis Dereham foi acusado de pirataria quando esteve na Irlanda, e levado para a Torre, para ser interrogado.

— É só isso que ele diz? Será que irá com a rainha? Será que ainda trabalha para ela, se o Dereham está preso?

Eleanor levantou a mão para parar a avalanche de perguntas.

— Não sei. — A voz tremeu-lhe enquanto as lágrimas lhe entupiam a garganta, ameaçando sufocá-la. — Ele não diz. — Colocou as mãos de uma forma protetora à volta da barriga como que a proteger o seu bebé por nascer do medo pegajoso e tangível que pairava no ar enquanto expiravam. — O que dizia a sua carta, Hugh? — Olhou diretamente para ele, desejosa de que lhe desse algumas notícias positivas, mas o olhar no seu rosto disse-lhe que não iria receber nenhuma. Ele fez uma pausa antes de respirar fundo. — Nada mais do que a sua, senhora. — Olhou para o chão e Eleanor soube que não lhe estava a dizer a verdade. Hugh tinha sido hostil para com ela quando tinha chegado a Norfolk. Tinha sido óbvio que não achava que uma rapariga tão jovem devesse casar com o seu amo e ser a dona da casa e, nessa altura, tinha dado a conhecer os seus sentimentos. Mas lentamente, nos anos que se seguiram, a sua atitude para com ela tinha amolecido, e ela tinha começado a acreditar que naquele momento lhe tinha algum respeito, mas isso estava prestes a ser testado.

— Hugh. — A voz dela soou ríspida e a cabeça dele endireitou-se de repente. — O que é que dizia, de facto?

A cabeça de Joan virava-se de um para o outro, sem perceber o que se estava a passar, tendo tomado como certa a palavra de Hugh.

Ele fez um sorriso irónico a Eleanor.

— Como é inteligente, minha senhora — admitiu ele, com um sorriso constrito. — Sir Greville disse-me que a corte está em tumulto e que acha que as acusações contra o Dereham são falsas. Que, na re-

alidade, a sua prisão tem algo a ver com o facto de o rei se manter sempre nos seus aposentos e a rainha estar a gritar e a chorar dia e noite. E esse outro homem, o Thomas Culpeper, também está na Torre.

— Será que o Francis causou uma rutura entre Sua Majestade e a rainha Catherine? — perguntou Eleanor. Lembrou-se de como lhe pareceu bem-parecido e cortês no dia em que o visitaram em Crimplasham. Com os seus caracóis escuros e brilhantes e olhos profundos de veludo, os seus lábios sensuais e maçãs do rosto afiladas, a forma como namoriscou até com ela, com a sua segura autoconfiança. Qualquer mulher jovem podia ficar de cabeça virada. Especialmente se a descrição de Greville da rainha fosse verdadeira: que tinha uma natureza sedutora e que gostava de se rodear de homens jovens e elegantes. Essa descrição encaixava certamente em Francis, e eles eram obviamente velhos amigos. Mais do que amigos, lembrou-se ela. Não admira que Greville tivesse sido rápido a anular qualquer ideia de juntar Francis a Joan.

— Não sei, não vejo como — respondeu Hugh. — A carta não diz isso. Ele apenas pede que eu cuide de si, da sua família e da casa.

— Cuidar de nós? Mas porquê? Para onde é que ele vai? Porque é que ele não deixa de vez a corte e volta para casa? — Eleanor retorcia as mãos.

— Penso que teremos de esperar e ver que notícias virão a seguir — apaziguou Hugh. — Não há mais nada que possamos fazer de momento. Só quando soubermos mais.

— Vou escrever-lhe agora mesmo e pedir-lhe que regresse a casa — decidiu Eleanor. — Não vou referir-me diretamente ao que ele nos disse, ou mencionar o Dereham, mas ele precisa de regressar a Norfolk o mais depressa possível. — Disse a Hugh para garantir que havia um rapaz e um cavalo prontos para levar a sua carta e começou a afiar uma pena. Quando voltou a ficar sozinha, olhou para as últimas linhas da sua carta que ela não tinha lido aos outros. «*Penso sempre em si, minha doce 'croca', com o manto pálido de açafrões lilases, que era o nosso destino, estendido diante de si.*» Parecia tão definiti-

vo, como se lhe estivesse a dizer algo que ela não se atrevia a compreender.

Os catorze dias seguintes arrastaram-se interminavelmente. Eleanor tinha ordenado o levantamento de todos os bolbos de açafrão para que pudessem ser plantados em terrenos frescos no ano seguinte. Ficou aliviada por Simon não ter questionado a sua decisão. O seu instinto trazia-lhe uma sensação terrível e queria que a maior parte da sua mercadoria estivesse em casa consigo e não escondida debaixo da terra fria e dura no exterior. O tempo invernosso começava a aproximar-se, com rajadas de chuva súbitas com flocos de gelo que picavam os rostos e faziam com que a pele ficasse vermelha e gretada. Os lábios e as pontas dos dedos começaram a descascar e a gretar, e Eleanor mal teve tempo de sair do boticário enquanto preparava unguentos para serem espalhados na pele ferida. Contudo, manter-se ocupada não impedia a sua mente de vaguear constantemente para Londres e de se preocupar continuamente com o sítio onde Greville estava e o que é que estava a acontecer. O seu corpo tremia de preocupação desde o momento em que acordava do seu sono inquieto e os seus medos mais sombrios lhe voltavam a vir à cabeça, a lutarem por atenção entre as preocupações do dia-a-dia.

Não fazia ideia se tudo tinha passado e se o rei e a rainha estavam novamente felizes e a fazer o bebé que todos desejavam e pelo qual rezavam. Talvez Francis e Greville estivessem tão ocupados com o seu trabalho que simplesmente não havia tempo para escrever uma carta para casa. Amparou-se nestes pensamentos para tentar encontrar algum conforto, alguma tranquilidade, mas no fundo não se deixava enganar. Até que chegassem notícias, não conseguia relaxar.

Quando finalmente chegou um rapaz com uma carta, teve demasiado medo de a abrir. Daquela vez só havia uma, nada para Hugh, que ficou à sua frente à espera que a lesse. Quebrando o selo, abriu-a e leu-a devagar.

À medida que lia a curta passagem, os seus olhos foram gradualmente aumentando até que, com um uivo agudo, deixou cair a carta ao chão e cobriu os olhos com as mãos. Dobrando-se e recolhendo o

pedaço de pergaminho, Hugh chamou por Joan que veio a correr da cozinha.

— O que foi? — gritou ela. — É o bebé?

— Outra carta. — Hugh levantou-a para ela a ver mas continuou a ler o que dizia.

— Então, que novidades? — Joan agachou-se ao lado de Eleanor, agarrando-lhe nas mãos frias.

— O Francis Dereham está detido na Torre acusado de traição. De se deitar com a rainha — leu Hugh em voz alta. Joan arfou, fez o sinal da cruz e o choro de Eleanor cresceu de tom. — Aparentemente, consideravam-se noivos quando viviam com a Dowager Norfolk em Horsham e Lambeth, mas isso foi antes mesmo de a rainha sequer estar na corte. E agora o Dereham foi colocado no gancho. E aquele Culpeper também deve ser executado por traição.

— Mas o que significa isto para Sir Greville? — perguntou Joan. — Ele não fez nada de mal!

— Verdade — concordou sombriamente Hugh. — Contudo, o simples facto de ser amigo do Dereham e de estar presente na corte significa que pode ser acusado de ter ajudado o casal a encontrar-se e a levar a cabo qualquer infidelidade. Ele diz que está preocupado com a sua própria segurança, mas que não lhe é permitido sair. Teme ser o próximo a ser preso.

— O que acontecerá se assim for? — Joan não conseguia impedir-se de disparar perguntas a Hugh.

— O que é que acha? — gritou Eleanor, com lágrimas e saliva a voarem-lhe do rosto. — Vão torturá-lo também até que ele admita coisas que nunca aconteceram. Ele não deveria ter tomado aquela posição com a rainha. Se tivesse ficado como estava, nada disto estaria a acontecer. — Mesmo quando proferiu as palavras, sabia que nada poderia ter sido feito para mudar o curso dos acontecimentos. Desde o momento em que ela empurrou aquele primeiro bolbo de açafão para o solo escuro e pegajoso, ela, Eleanor, tinha-o posto na estrada que conduziu àquele momento. Tinha selado o destino dele. Tinha sido a vontade de Deus que tinha feito o açafão crescer tão bem, ano

após ano. As colheitas fortes e frutíferas, os novos bolbos a crescerem sobre os antigos e a aumentarem o rendimento. Os sacos de bolbos que tinham chegado do priorado. Cada ação tinha orientado o caminho de Greville até onde ele se encontrava naquele dia. Um mercador e cortesão rico e com boas relações, cujo velho amigo de família lhe tinha dado uma ajuda para trabalhar nas franjas do círculo interior da rainha, e que agora podia possivelmente ter levado à sua queda. Estava tudo no plano de Deus, mas executado por si.

— Deverei enviar o rapaz de volta a Londres com uma resposta, senhora? — perguntou Hugh, em tom calmo a interromper as lágrimas de Eleanor.

— Sim, é claro. Não sei o que dizer que não tenha já dito na minha última carta, mas talvez o ajude saber que tudo está como deveria aqui em casa e que as crianças estão todas bem. — Ao pensar em Jane, Henry e Tom, os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas. Levantando-se rigidamente, foi até à sua secretária e tentou pensar numa forma de escrever a carta sem incluir nada que pudesse incriminar Greville, se caísse nas mãos erradas. Acabou por escrever simplesmente algumas linhas com notícias gerais da casa, dizendo o quanto sentia a sua falta, especialmente quando estava apenas a alguns meses de distância do seu confinamento. Duvidava que as suas notícias pudessem influenciar alguém de alguma forma, se o quisessem levar para interrogatório, mas caso alguém quisesse ler as suas palavras da forma errada, por mais inocentes que fossem, não tinha dúvidas de que isso seria feito.

Era quase como se o tempo estivesse parado na recém-nomeada Saffron Hall. Eleanor já não conseguia fingir que estava tudo normal. De cada vez que achava ouvir o bater de cascos de cavalos, apressava-se a ir até à janela para ver se era uma carta de Londres, mas não chegava nada. Não tinha energia enquanto arrastava o seu corpo pesado de divisão em divisão, as mãos a envolverem de forma protetora a barriga inchada, ou ficava sentada perto do fogo da lareira, mas a tremer com um arrepio gelado que vinha de dentro dela e não desaparecia. Tentava sorrir e parecer interessada quando as crianças a vinham ver, mas os seus olhos não tinham expressão e Nell acabou por

mantê-los fora de vista no berçário, levando também a comida para lá.

A exceção era Tom, que nunca se conformava com as regras de Nell — que suspeitava que ele usava a sua incapacidade de ouvir como forma de ignorá-la — e continuava sentado em silêncio ao lado de Eleanor. Não precisava de palavras para perceber o significado das lágrimas salgadas que caíam do queixo dela para o seu cabelo macio. A sua pequena mão enfiava-se dentro da dela e ficava sentado no chão ao seu lado durante horas, como um fiel cão de caça.

Joan, preocupada com a falta de apetite de Eleanor quando era suposto estar a comer por dois, esvoaçava constantemente entre a cozinha e a sua companhia, tentando-a com doces bebidas quentes feitas de ovos, leite e mel e geleias. Normalmente, Tom era o consumidor sempre pronto para estas ofertas no momento em que Joan virava as costas, e Eleanor continuou a ficar cada vez mais pálida, com o rosto tão macilento e cinzento como a paisagem do lado de fora das janelas.

Por fim, no final de uma tarde de um dia em que a neblina não tinha levantado desde manhã, com a humidade a agarrar-se às janelas como hera, a casa ouviu o trovejar abafado de cavalos a aproximarem-se. O som dos cascos foi seguido quase de imediato pelos grandes portões a abrirem-se e pelos gritos e confusão no pátio. O tempo tinha-os abafado em silêncio durante o dia inteiro e não tinha havido qualquer aviso de pessoas a aproximarem-se. Eleanor ficou sentada no salão nobre ao lado da lareira e esperou, de corpo tenso de medo e respiração paralisada nos pulmões, enquanto Hugh saía para ver o que se estava a passar. Dois dos galgos escoceses rosnavam baixinho. Queria desesperadamente que fosse Greville a regressar a casa, mas lá no fundo sabia que não era. Eram estranhos.

Como esperado, Hugh voltou a entrar seguido por dois homens vestidos com a farda dourada e amarela do Duque de Norfolk. Teriam vindo do seu vizinho no Castelo de Framlingham? O coração de Eleanor disparou quando se levantou, embora ainda tivesse os joelhos a tremer. Os homens fizeram uma vénia e um deles deu um passo em frente e estendeu-lhe uma carta. Ela pegou-lhe, esperando ver a cali-

grafia e o selo de Greville, mas não era uma letra que reconhecesse. Abrindo-a, começou a examinar as palavras, mas só precisou de ler as duas primeiras linhas antes de a carta cair no chão e as suas pernas cederem enquanto ela caía desmaiada em cima das ervas secas aos seus pés..

Morreu. Greville estava morto.

Capítulo Trinta e Três

1541

De repente, gerou-se uma comoção em redor dela, quando Hugh gritou a pedir ajuda e os servos e Joan vieram a correr. Eleanor foi ajudada a voltar a sentar-se no seu cadeirão ao lado da lareira, foi-lhe colocado um xaile de malha grossa enrolado à volta dos ombros e levado vinho quente com especiarias aos seus lábios. Com rapidez, Hugh pegou na carta e leu o conteúdo, antes de enviar os dois mensageiros embora. Eles protestaram que os cavalos precisavam de descansar, mas ele nem estava a ouvir e, em minutos, estavam a cavalgar na paisagem sombria, continuando a queixar-se da possibilidade de caírem numa vala no meio do denso nevoeiro.

Hugh regressou ao local onde Eleanor ainda estava sentada, a tremer violentamente, e mandou os servos embora. Levando Joan à parte, leu-lhe calmamente o que estava na carta. Eleanor desejou fervorosamente não poder ouvir o que estava a ser dito, que habitasse um mundo silencioso como o de Tom. O rosto de Joan desfez-se em lágrimas à medida que assimilava o horror do que ele estava a retransmitir.

— O Dereham foi condenado por traição? — perguntou ela, a morder o lábio inferior. — Tem a certeza?

— Morrerá como traidor em Tyburn — confirmou Hugh. — Sir Greville foi acusado de traição simplesmente por estar associado a ele, por ser seu amigo. Esta carta diz que o amo morreu na Torre, enquanto estava a ser torturado. — A sua voz quebrou-se quando proferiu as últimas palavras e as lágrimas derramaram-se silenciosamente pelo seu rosto. Afastou-se como se estivesse envergonhado com

aquela rara demonstração de emoção. Ao ouvi-lo dizer aquilo em voz alta, Eleanor começou a uivar, num animalesco gemido cru de agonia enquanto balouçava para a frente e para trás no cadeirão.

— Não — sussurrou Joan. — Não pode ser verdade.

Mas o rosto sombrio de Hugh confirmou que era, de tão branco e chocado, como se fosse feito de pedra.

— Há mais más notícias — acrescentou ele em voz rouca. — Os homens do rei vão tomar esta casa e tudo o que nela houver. Tudo o que pertencia a Sir Greville é agora propriedade da coroa.

— Mas para onde iremos nós? — Joan estava confusa, incapaz de perceber o que lhe estava a ser dito. — Esta é a nossa casa. A herança do Henry. Eles não podem simplesmente tirá-la.

— Claro que podem — gritou Eleanor, com uma voz furiosa a interromper a de Joan. — Podem fazer o que quiserem. Mataram o meu marido, um homem inocente, e agora vão ficar com tudo. Tudo o que ele possuía. Tudo será apreendido. Ele morreu e nós não temos nada.

Capítulo Trinta e Quatro

1541

Os dois dias que se seguiram passaram num silêncio sepulcral, uma quietude tangível que ecoava à volta das paredes sólidas da casa antes de se dissipar. O trabalho na nova ala tinha parado e a falta do barulho dos canteiros, o desaparecimento das batidas e raspagens constantes, somava à quietude. O ar frio denso, com a nuvem sombria de inverno a abafar os sons das aves e dos animais, enclausurando a casa no seu túmulo silencioso, como se o mundo estivesse a sustentar a respiração. Greville estava morto e agora a vida tinha parado para todos eles.

Eleanor ficava sentada hora após hora no salão nobre ao lado da lareira que, apesar dos troncos enormes a arderem com intensidade, não conseguia aquecê-la. Após as suas lágrimas iniciais, tinha caído num estado silencioso de letargia, balouçando para trás e para a frente no seu cadeirão enquanto olhava para as chamas com as mãos envoltas em torno do seu filho por nascer, como se estivesse a tentar ganhar calor ou consolo com isso. Hugh andava de divisão em divisão, mas sem conseguir emitir quaisquer ordens. Estava ali fisicamente, mas emocionalmente estava perdido. Joan assumiu a gestão da casa, encontrando finalmente a sua voz, embora tivesse trocado o seu novo estatuto num piscar de olhos para ver Eleanor com algum do espírito que costumava ter. Os servos andavam em bicos de pés e comunicavam em sussurros, tão chocados e aturdidos como a sua senhora. Alguns dos criados mais velhos lembravam-se do nascimento de Greville e ninguém queria acreditar que ele nunca mais voltaria para casa.

Não havia barulho do berçário, a porta era mantida fechada para evitar que sons perdidos se infiltrassem ao longo do corredor. Como sempre, Tom conseguia escapar-se, e uma tarde, ao acordar de uma sesta ao lado da lareira, Eleanor ficou ciente do peso quente do seu corpo ligeiro contra as suas pernas, onde se tinha posicionado aos seus pés. Deixou a mão escorregar do colo até lhe chegar à cabeça e acariciou-lhe o cabelo. Ele virou-se, com os seus grandes olhos escuros e solenes à procura do rosto dela, em busca das emoções pelas quais a conseguia ler. Ela não fazia ideia de como lhe tinham transmitido a terrível notícia, mas não havia dúvida de que ele sabia, tal era a tristeza refletida no seu rosto cinzento e magoado.

Apenas o seu filho por nascer, alheio à tristeza em que acabaria por vir ao mundo, continuava tão ativo como sempre, virando-se e dando pontapés. Os movimentos já não agradavam a Eleanor. Nem conseguia imaginar onde estaria quando chegasse a hora do seu confinamento. Lembrou-se do orgulho de Greville quando viu Henry pela primeira vez, mas agora aquele bebé nunca iria conhecer o pai.

No terceiro dia depois de terem recebido a missiva de Londres, Joan veio à procura de Eleanor, que estava sentada no seu lugar habitual ao lado da lareira como uma fria sentinela de pedra, de braços em seu redor enquanto tentava aquecer-se, mas sem qualquer efeito. Hugh tinha-a seguido e estava parado mesmo atrás dela.

— Senhora, não podemos demorar muito mais tempo — disse ele com gravidade. — Tem havido notícias de Londres de que os homens do rei irão partir em breve para vir confiscar a casa e a propriedade. Temos de partir ou corremos o risco de ser expulsos. Ou pior.

— Então não temos muito tempo — respondeu Eleanor sem expressão, sacudida da sua tristeza pelos duros factos que lhe tinham sido apresentados. — Eu não tenciono, de certeza, estar aqui quando esses corvos chegarem para usurpar a nossa casa e os nossos pertences.

— O Hugh e eu temos estado a discutir para onde poderemos ir. Será que o seu primo nos acolheria de volta em Ixworth? — As mãos de Joan estavam unidas a torcer continuamente um pano inexistente.

— O quê, com o meu marido agora morto e considerado um traidor? Não, suspeito que não. E também com o herdeiro do Greville? Ainda menos provável e não o vou ter a tratar os meus filhos tão mal como ele me tratou a mim. — Por um momento, uma fugaz imagem mental de si mesma enquanto jovem e inocente dançou-lhe pela mente. Como os últimos quatro anos a tinham mudado. E agora, precisaria de cada resquício da força que alguma vez teve. Tudo o que Deus podia conceder, e a confiança total no lema da família Lutton que via de cada vez que abria o seu livro de orações: «Enquanto há vida, há esperança».

— Mas se não para Ixworth, para onde mais poderemos ir? Acha que o Prior Matthew nos acolheria? — Joan, que sempre andara à sombra de Eleanor, encontrava finalmente uma voz e uma força próprias.

Estava grata por isso, mas não estava certo. Ela não podia deixar tudo em cima de Joan agora, naquela hora crucial. Tinha de encontrar algum impulso no seu íntimo para se relembrar da razão de Greville ter casado com ela. Foi porque sabia que ela tinha força interior e que podia lutar contra tudo o que lhe fosse atirado em cima. Agora, por ele, precisava de mostrar do que era capaz.

— Sim, é boa ideia. Enviarei uma carta amanhã ao amanhecer. Ele e o Irmão Rufus estão agora instalados numa ordem em França, perto de um sítio chamado Lyons. Vou pedir-lhe que nos garanta alguns alojamentos algures perto do local onde ele vive. Se essa carta puder ser levada imediatamente a King's Lynn para encontrar o próximo barco que esteja a navegar... — Ela olhou para Hugh que, se ficou surpreendido por ela estar em contacto com os fugitivos desaparecidos do priorado, não o mostrou. Fez um rápido aceno de aquiescência. — Então ele deve recebê-la antes de chegarmos. Precisamos de verificar se há um barco que nos possa levar, de preferência de Cley, mas se não, de Blakeney. São mais sossegados do que em Lynn, por isso a nossa partida não será tão notada. Tenho a certeza de que alguém lá conhecerá o meu marido e ficará feliz por nos proporcionar uma passagem segura. Posso pagar-lhes para nos levarem a Calais ou a Antuérpia. — Respirou fundo. Foi o discurso mais longo que tinha fei-

to em dias, mas sentiu profundamente o agitar do fogo na sua alma e sabia que o seu verdadeiro eu estava lá dentro. Ainda tinha vida e ainda tinha esperança.

— Vou primeiro mandar alguém perguntar — prometeu Hugh — e mandarei trazerem as carroças para as preparar para o carregamento.

— Bom, então começaremos amanhã — disse Eleanor. — Joan, por favor fale com Nell. Ela precisará de embalar as roupas das crianças em arcas. Hugh, gostaria que explicasse ao Simon e ao cozinheiro o que vamos ter de fazer. Não sei o que vai acontecer aos servos quando tivermos partido.

— Eu posso fazer isso, minha senhora. — Virou-se para ir embora e depois fez uma pausa. — Não tenho família e sempre trabalhei para Sir Greville. Cresci nesta casa. Gostaria de ir convosco. Não podem viajar sem proteção.

Eleanor levantou o olhar para o seu rosto. Sempre sério, sempre solene. Ela tinha desgostado da sua singular fidelidade ao seu marido desde o momento em que o tinha conhecido. E ele não se tinha importado que ela soubesse que a desaprovava. Greville tinha-se rido dela quando se tinha queixado da atitude dele. No entanto, agora, com o seu marido morto e tudo à sua volta a dissolver-se em farrapos para serem soprados ao vento, ele tinha transferido a sua lealdade para ela, a viúva de Greville. De repente, foi inundada de alívio, agradecida por ele ali estar.

— Obrigada, Hugh. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas ao cruzarem-se com os dele. — Estou-lhe muito grata que esteja preparado para fazer isso. Sei que Sir Greville teria ficado orgulhoso de como nos está a ajudar.

Ele fez uma vénia e, sem mais palavras, desapareceu para a cozinha. Assim que ele saiu, Eleanor sentiu a súbita explosão de força a esvaziar-se dela e caiu em cima do cadeirão. Como é que enfrentaria uma longa viagem, numa altura em que deveria estar no seu confinamento, com crianças pequenas a reboque e num país cuja língua provavelmente era muito diferente do francês da corte que lhe tinha sido

ensinado? Tudo aquilo enquanto fazia o luto pelo marido, um homem que amava tão profundamente? Deixou Joan ajudá-la a levantar-se e, segurando na mão da amiga, subiu sem dizer uma palavra até ao seu quarto de dormir. Agora precisava de acender as chamas da determinação que cintilavam dentro dela. Precisaria de recorrer a ela para lutar contra tudo o que pudessem ter de suportar nos dias seguintes.

Capítulo Trinta e Cinco

1541

Acordada na escuridão da madrugada, Eleanor deitou-se de costas, de lágrimas silenciosas a rolar-lhe pelas faces a ensoparem-lhe o cabelo, que pousava emaranhado na almofada. Não conseguia acreditar que Greville nunca mais lhe voltaria a passar os dedos pelo cabelo, ou a pentear o seu longo comprimento sedoso enquanto ela se sentava em frente da lareira no quarto deles nas noites de inverno.

Lembrou-se da noite de núpcias e de como ele lhe tinha retirado cuidadosamente todos os ganchos, libertando a sua cabeça das dolorosas tranças. O glorioso cabelo ruivo profundo da mesma cor do açafão que ela tinha cultivado e que o seu marido tinha adorado. O açafão que acabara por conduzir à queda e morte do seu marido. Nunca escaparia às lâminas de culpa que a torturavam.

Por debaixo da almofada pousava o seu livro de horas para o qual podia deslizar a mão e sentir a sua forma familiar e os entalhes da capa. Não precisava de olhar para ele para lhe conhecer cada centímetro. *Dum Spiro Spero*. Agora, mais do que nunca na sua vida, precisava de acreditar no lema da sua família e de viver de acordo com ele. Enquanto continuasse a viver, tinha de ter esperança.

Mas ele não ia voltar para partilhar a cama com ela e estava destruída. Era tão doloroso que pensou que o coração ia explodir dentro dela. Tinha desenvolvido um amor tão feroz por Greville e tinha-lhe apoiado as ambições, apesar de nunca ter compreendido bem porque é que ele precisava de ser bem-sucedido e bem respeitado na corte. E agora, onde é que ele estava? Ela nem sequer sabia onde eram enterrados os corpos dos traidores — e era isso que ele agora era con-

siderado, embora não tivesse feito nada pior do que juntar-se a um velho amigo de família no séquito da rainha. Não em solo consagrado. Vaguearia ele para sempre no purgatório?

Precisava de rezar pela sua alma, mas não podia passar o dia todo de joelhos na capela, quando tinha tanto para organizar. Deslizando da cama para o chão, sem reparar na corrente de ar gelada que se esgueirava por debaixo da porta e assobiava à volta dos seus pés descalços, os seus lábios soletraram silenciosamente as palavras da liturgia dos defuntos.

Pela altura em que amanheceu e o nevoeiro começou a levantar-se lá fora, já Eleanor estava envolta no seu manto com a carta escrita e selada para o prior. Tinha mantido a informação curta e factual e não referiu porque é que lhe estava a pedir ajuda. Apenas disse que estava confiante de que seria capaz de a proteger e à sua comitiva algures por perto, onde pudessem viver.

No salão nobre, os poucos servos que estavam a comer na mesa comprida foram-se embora assim que ela apareceu, enfiando o resto da refeição na boca. Eleanor não conseguiu enfrentar o pequeno-almoço e, depois de tomar um par de goles de cerveja, atravessou a casa até ao seu boticário, envolto na semiescuridão. Acendeu algumas das velas e olhou em redor. O que levar e o que deixar? Haveria pouco do precioso espaço nas carroças para o que ela queria, por isso precisava de ser implacável na escolha, empacotando apenas os artigos que achasse não conseguir encontrar em França. Certamente que teriam lá ervas comuns semelhantes?

Passou os dedos ao de leve pelo seu belo alambique de vidro, com os vidros em forma de globo e os *gobelets* que pousavam em estruturas de metal para poderem ser aquecidos por baixo de forma a destilar os medicamentos que fazia. Conseguia lembrar-se do seu entusiasmo no dia em que finalmente montou as partes dos componentes e pôde colocar tudo a funcionar. Não o queria deixar para trás, mas os vidros tinham vindo de França, por isso não devia ser difícil montar

um substituto na sua nova casa, onde quer que isso fosse. Era mais importante levar os medicamentos que já tinha preparado e uma seleção das suas pequenas panelas de cobre e chumbo.

Começou rapidamente a empilhar os objetos que não suportava deixar para trás na sua mesa de trabalho, juntando alguns frascos de plantas raras. Depois recolheu todos os bolos de açafrão da despensa e o inestimável *saffron du hort* das suas próprias prateleiras. Poderia vendê-lo, se necessário. Valia tanto quanto dinheiro no seu bolso e certificar-se-ia de que nada disso seria deixado na casa quando os homens do rei chegassem. Fez uma nota mental para se assegurar de que se lembrava dos sacos de bolbos agora bem empilhados na sala da torre. A sua intuição de que algo de mau se passava estava certa e estava muito aliviada por naquele ano ter decidido levá-los a todos após a colheita, e mudá-los para terreno novo, pois caso contrário teriam sido deixados para trás debaixo da terra. Ouro para outra pessoa.

Encontrou Hugh e Joan a conversarem os dois no corredor e explicou-lhes o que era preciso embalar no boticário.

— Perguntei-me onde estaria quando acordei — repreendeu-a Joan —, e aqui está você no seu manto e camisa de dormir a vaguear pela casa.

— Não estou a vaguear. Não há tempo para isso. Temos muito que fazer. Não podia ficar na cama, quando precisava de avançar.

— Tem de pensar no bebé que carrega e descansar.

A verdade era que Eleanor não tinha pensado muito no bebé, que nasceria em solo francês e nunca conheceria o pai. Mas Joan estava a tentar relembrar as coisas para as quais Eleanor simplesmente não tinha tempo. Os detalhes que tinham sido empurrados para o lado, com a sua cabeça tão cheia dos problemas mais imediatos.

— O berço. Precisamos de levar o berço — afirmou. — Acha que teremos espaço para ele? E para todos os apetrechos e roupa de bebé?

— Vou perguntar sobre o berço. Talvez consigamos encontrar espaço, mas temos tantos pertences. Não, não temos de levá-lo. Pode-

mos fazer uma cama para o bebé com qualquer coisa, se for preciso. Vou encarregar a Nell de embalar o máximo de objetos para o bebé no espaço que tiver.

— Obrigada. — Eleanor pousou uma mão na de Joan e apertou-a. — Não conseguiria organizar tudo isto sem a sua ajuda. É mesmo como uma irmã.

— Não é bem a mim a quem devia agradecer. — Os olhos de Joan estavam cheios de lágrimas. — Não me parece que o Hugh tenha ido à cama na noite passada. Ele fez tanta coisa. Estava agora mesmo a dizer-me que toda a papelada de Greville no escritório, os seus negócios e qualquer coisa com referência aos seus contactos, foi queimada. Tudo o resto ali dentro: as suas tintas, penas e papéis, os selos, o que quer mais que possa precisar, está agora embalado num cofre. Devia agora ir vestir-se para depois podermos embalar a camisa de dormir que está a usar. — Joan tentou apressá-la até ao andar de cima, com o braço à volta de Eleanor, como que a incitá-la a ir mais depressa. — O Hugh diz que devíamos partir esta noite, se for possível. É demasiado perigoso esperar aqui mais tempo.

— Mas haverá um barco pronto a partir tão cedo? A nossa carta para França só sai hoje.

— Ele ainda não soube, embora já tenha enviado missiva. Podemos ficar numa estalagem durante alguns dias. Será mais seguro do que estar aqui. Mas precisamos mesmo de colocar as últimas peças na carroça.

— Sim, claro — concordou Eleanor a caminho das escadas. — Então temos muito que fazer antes desta noite, se quisermos estar prontos para ir. E você e eu precisamos de trazer os bolbos da sala da torre cá para baixo. Não os vou deixar para trás.

— E que tal se eu pedir a um dos rapazes que os traga para baixo? As escadas são íngremes e não são seguras para alguém no seu estado.

— Não. — A resposta foi enfática. — Sabe porque é que não quero ninguém lá em cima e isso não mudou. Prometi ao Greville. Se alguém se apercebesse que escondemos o prior e o Irmão Rufus da-

quela vez, poderia informar as autoridades antes de partirmos e seríamos queimados como hereges. Ninguém vai lá acima senão você e eu.

O resto do dia foi passado num turbilhão de atividades, enquanto as camas eram desmontadas e carregadas nas carroças com os colchões, as melhores tapeçarias e tantos baús quantos pudessem caber. Joan tinha-se nomeado responsável e estava a dar ordens ao pessoal como se fosse ela a senhora. Eleanor amarrou o seu livro de horas ao bolso para garantir que estaria com ela e que não se perdia algures entre as bagagens antes de encher a arca de madeira de Greville do escritório com todo o ouro e joias que sabia existirem na casa. Infelizmente, os lucros do açafraão estavam em Cheapside que, sem dúvida, já teria sido saqueado. Estava perdido para eles, mas ela tinha o suficiente para começar uma nova vida, embora não fosse a vida a que estava habituada. Pegaria nos seus bolbos e reconstruiria outra vez o seu mundo.

A luz fraca, baça e sombria que se fez sentir o dia inteiro, desvaneceu-se à medida que a tarde chegava ao fim, embora Eleanor estivesse demasiado ocupada para reparar na noite negra que avançava no exterior. E também não reparou nas nuvens pesadas e sombrias que se tinham arrastado acima deles durante o dia, correspondendo ao estado de espírito da casa. Hugh tinha-lhe dito que o pessoal da cozinha estava a fazer um banquete, com quanta comida pudessem cozinhar, tanto para eles comerem durante a viagem como como última refeição para todos partilharem.

Entrou no salão nobre e encontrou todos sentados às mesas. Os lavradores rendeiros, os servos externos, os filhos, toda a gente. Um grande encontro, como se fosse Ano Novo. Havia duas cadeiras vazias, a dela e a de Greville. A visão do seu lugar vazio foi quase a sua desfeita enquanto se agarrava à beira da mesa com a ponta dos dedos e se sentia a começar a balançar. Diante dela, todos se levantaram dos seus lugares, de cabeças curvadas à espera de que ela desse as graças.

Depois de as ter dado, houve uma pausa antes de um ténue «amém» ser murmurado à volta da mesa, com muitas lágrimas a se-

rem limpas grosseiramente com as mangas ou trapos de algodão.

— Comamos, então — declarou Eleanor, de sorriso hesitante enquanto olhava todos em redor, os seus amigos sentados à sua mesa. No entanto, o seu sorriso não alcançou o seu olhar assombrado enquanto se sentava e as bandejas de carne eram trazidas da cozinha. Estavam a usar alguns velhos carregadores de madeira, uma vez que o de estanho estava agora embalado nas carroças que se encontravam no exterior.

Jane e Henry estavam ambos rabugentos após um dia invulgar que não seguiu nenhuma das suas rotinas habituais. Jane recusou-se a comer e não parava de chorar pelo pai, o que fez com que todos à volta da mesa também chorassem. Henry era demasiado novo para compreender a gravidade de tudo o que acontecia à sua volta e decidiu atirar a sua comida e, embora tanto Eleanor como Nell lhe ralhassem, o guincho maníaco de deleite de Jane e os sorrisos de Tom encorajavam-no simplesmente a continuar.

A esta altura, Eleanor já estava exausta e disse de rompante a Nell para levar as crianças embora. Sabia que pagaria por isso com a criada amuada durante a viagem, por ter sido obrigada a deixar o jantar mais cedo, mas estava demasiado cansada para se preocupar. Tinha a barriga pesada, com uma sensação de arrasto desconfortável que tinha começado há umas horas e sabia que provavelmente tinha exagerado na atividade física. Mas ainda tinha uma tarefa vital a fazer.

— Quanto tempo até partirmos? — perguntou a Hugh.

— Deveríamos partir nas próximas quatro a seis horas — respondeu-lhe ele. — Tenho homens estacionados na London Road e vem um grupo de homens do Duque de Norfolk a dirigir-se para cá. Estão a cerca de meio dia de distância, mas presumo que vão parar algures para passar a noite. Estarão novamente na estrada ao amanhecer, pelo que temos de fugir o mais depressa possível. Levaremos quatro dos nossos guardas. Nunca se sabe que rufiões se podem encontrar na estrada. Vamos precisar de uma boa proteção.

— Obrigada, Hugh, agradeço-lhe por isso. E sei que Sir Greville teria ficado orgulhoso de tudo o que fez. — Esperou até ele sair da me-

sa e depois sussurrou a Joan. — Devíamos ir buscar os sacos à torre. — Joan acenou com a cabeça, e sem serem notadas, as duas mulheres escaparam-se da mesa.

Eleanor parou no escritório agora vazio para recolher a chave da torre. Olhou à volta da sala, desolada e estéril, sem o caos que o seu marido costumava deixar lá dentro. As duas secretárias vazias estavam lado a lado e ela lembrou-se de como se tinha ali sentado como nova noiva apenas há quatro anos, confusa e zangada com todos. E como, mais tarde, ela e Greville trabalharam juntos, a rir e a conversar de vez em quando, ou apenas em silencioso companheirismo. Como ela tinha passado de o odiar a amá-lo tão desesperadamente. A dor intensa presa no seu peito nunca se curaria.

Agora a sala estava em silêncio e ele tinha desaparecido. Rastejou para debaixo da secretária para encontrar a chave da torre e seguiu Joan pelos degraus acima, cada um deles a parecer mais inclinado do que o último enquanto ela arrastava os pés, a sentir a barriga cada vez mais pesada enquanto a sobrecarregava.

No topo, estava um gelo. A sua respiração formava nuvens de condensação gelada que se agarravam ao seu rosto. Até com as velas acesas era difícil ver e, sentindo-se a desanimar, Eleanor reparou num floco de neve a passar por acaso pela janela. Como se precisassem daquilo, mas não podiam atrasar a viagem.

— Não me parece que devesse carregar os sacos. — Joan olhou para eles, em seis pilhas de altura em volta de toda a sala. Ainda não se tinha apercebido de quantos eram. — São demasiado pesados. Ao subir, reparei que há gelo nalguns dos degraus, nos sítios das janelas. — Eleanor tinha de facto sentido o pé a deslizar ligeiramente à medida que subiam, mas não o tinha mencionado de propósito.

— Não temos escolha — disse abruptamente a Joan, pegando no primeiro saco. — Todos os outros estarão demasiado ocupados com outras tarefas e resta-nos pouco tempo, por isso vamos apressar-nos. — Começou lentamente a descer as escadas, encostando o ombro à parede húmida do exterior para se orientar na descida.

Eleanor já estava exausta quando tinham metade dos sacos no vestíbulo inferior, mas sabia que tinha de continuar. Depois, sem se lembrar de como aconteceu, enquanto descia as escadas, o seu chinelo de couro deslizou sobre o degrau gelado e de repente estava a cair, ainda agarrada aos bolbos até parar no fundo das escadas.

Joan, que tinha ouvido o grito repentino de surpresa, desceu a correr da torre tão depressa quanto se atreveu.

— Está ferida? — Tentou ajudar Eleanor a sentar-se nos sacos que já tinham trazido para baixo.

— Não sei. Eu fico bem. Não caí de muito alto. Estava perto do fundo das escadas. Mas não devemos parar, não há tempo. Volte para cima. Estarei mesmo atrás de si.

Joan franziu a testa.

— Porque é que não vamos simplesmente buscar um dos rapazes para nos ajudar? Eles não vão ver nada no chão. Está quase escuro e com os restos das ervas velhas espalhadas por... — Mas a sua sugestão foi interrompida quando Eleanor arfou, de olhos muito abertos enquanto levantava o olhar para Joan e erguia as mãos. Estavam molhadas.

— As suas águas romperam? — sussurrou Joan, e Eleanor acenou com a cabeça, estupefacta, antes de se colocar lenta e dolorosamente em pé e voltar a subir as escadas para a sala da torre, onde se agachou junto ao chão, de costas encostadas contra a lareira. O seu rosto, agora apenas visível à fraca luz das velas, estava coberto de um brilho de suor frio.

— O bebé vem aí — sussurrou Eleanor, esfregando os braços na barriga a gemer baixinho.

— Não pode, é demasiado cedo. Não pode vir agora, temos de partir. — Tinha os olhos arregalados de medo.

— Eu sei. Mas consigo sentir as dores a começarem e também estou a perder sangue. Quando caí das escadas, devo tê-lo magoado. Perdi o Greville e agora vou perder o nosso bebé. — O seu rosto congelou por um instante, como se fosse feito de pedra, com a pele cin-

zenta presa numa amostra da angústia que passava por ela. Depois, arfou enquanto outra contração, mais forte do que a primeira, a invadiu.

— Não pode ficar aqui em cima — disse Joan com urgência. — Tem de estar na sua cama.

— Qual cama? — Eleanor riu-se de forma oca. — A minha cama está na carroça. Para além disso, não me parece que agora me possa mexer. Terá de carregar os últimos sacos. Não os vou deixar.

— Sim, posso fazer isso. — Joan estava a ficar impaciente. — Mas vai congelar aqui em cima. Deixa-me ajudá-la a descer.

— Não me vou mexer — repetiu Eleanor, parando enquanto a dor no seu estômago se intensificava — e não temos tempo para a parteira. Vá procurar rapidamente alguns cobertores e na volta traga algumas ervas e lenha para que possamos acender o fogo aqui. Conseguimos ambas lembrar-nos do que precisa de ser feito.

Os sacos restantes foram rapidamente removidos e algures abaixo dela, Eleanor conseguia ouvir Hugh a organizá-los para serem colocados numa carroça. Joan tinha regressado com todos os cobertores e colchas que não tinham sido embalados em baús, mas mesmo embulhada neles, Eleanor não conseguia parar de tremer. Não sabia bem se era medo ou frio. Ou ambos.

As suas dores aumentaram rapidamente: não houve nenhuma de desenvolvimento lento como tinha acontecido no trabalho de parto de Henry. Aquelas eram dores cruas, duras e ferozes que a atacavam uma após outra, invadindo-a até ela não conseguir fazer mais nada senão entregar-se de corpo. Já não se importava se morria, se ao menos isso as fizesse parar.

Após apenas uma hora, sentiu o calor abrasador, o violento rasgar do seu corpo de que se lembrava do nascimento de Henry, e, de repente, ali, na palha aos seus pés, estava um bebé tão pequeno e esquelético, azul-claro e coberto de sangue. Dobrando-se para ver de perto, conseguiu perceber que os pulmões se movimentavam com rapidez, como os cães que arfavam quando estavam demasiado perto do fogo.

— Uma menina — sussurrou Joan. Pegou num pedaço de linho, uma camisa velha bordada, fina e macia pelo tempo, e embrulhou a pequena criança antes de a entregar a Eleanor. O bebê não fazia barulho, abrindo a boca, mas incapaz de chorar.

— A minha filha — sussurrou Eleanor junto ao perfeito crânio em miniatura, ainda molhado do sítio onde tinha estado no seu interior — tão preciosa e tão perfeita. Vou chamar-lhe Mary, como a nossa Santíssima Virgem. — Continuou sentada no chão em silêncio, a embalar gentilmente o bebê minúsculo enquanto expirava pela última vez, ficando quieta nos braços da mãe. Ela ficou entorpecida. As lágrimas que esperava congelaram dentro de si. Só queria deitar-se no chão e nunca mais acordar.

Joan fez o seu melhor para ajudar Eleanor a limpar-se, mas havia sangue por todo o lado e ela recusava-se a largar Mary.

— Eleanor, temos de partir muito em breve — explicou ela gentilmente. — Já adiámos e não podemos esperar mais. Terá de deixar a Mary.

— Mas ela tem de ser enterrada. Não posso simplesmente abandoná-la aqui. — Tinha os olhos arregalados, com o branco a aparecer à volta da íris enquanto agarrava o braço de Joan com uma mão, cravando-lhe as unhas com força.

— Não podemos enterrá-la, não vê? Ela não foi batizada e estamos a meio da noite. O padre da aldeia não pode ser agora chamado. — Joan abraçou a amiga, a irmã, e puxou-lhe a cabeça para o peito, acariciando-lhe suavemente o cabelo, embalando-a.

Eleanor acenou devagar com a cabeça.

— Tem razão, sei que tem. Mas alguém tem de a ajudar, de alguma forma. Vou escondê-la e deixar uma mensagem para que possa ser encontrada e enterrada corretamente mais tarde. Não quero que os homens do rei a encontrem. Sei o que devo fazer. — Fez uma pausa, depois virou a cabeça para o canto da sala onde tinha escondido o prior e o Irmão Rufus meses antes. Joan seguiu-lhe o olhar.

— Ali? Tem a certeza? — Estava incrédula.

— Claro. Não consigo pensar em mais nenhum lugar onde ela não seja facilmente descoberta. Vou escrever no meu livro de orações e deixo-o aqui. Nenhum soldado pagão vai lê-lo. Por isso, tudo o que posso fazer é rezar para que um dia alguém o leia, a encontre e lhe dê o enterro cristão que merece, batizada ou não. — Hesitou, como se algo lhe tivesse acabado de ocorrer. — Pode ir buscar-me um pedaço de alecrim à cozinha, por favor?

Com Joan fora da sala, ajoelhou-se com esforço. Todo o seu corpo lhe doía, mas não conseguia distinguir se eram os efeitos do pós-parto ou do luto. Desespero após desespero, será que aquele pesadelo nunca acabaria? Ouviu um raspar nas escadas, um movimento que fez as chamas nas velas dançarem e balançarem por um momento na corrente de ar. Teria Joan decidido não ir para a cozinha? Por favor, Deus, que os soldados do rei ainda não tivessem chegado. Ao olhar para a porta, viu não a amiga, mas sim a pequena sombra de uma criança a aparecer, que cresceu enquanto dobrava os últimos degraus, e Tom entrou na sala, disparando da porta até ficar ao seu lado.

Eleanor levantou a mão para o afastar e mandar de volta lá para baixo, depois voltou a deixá-la cair de lado. Não importava que ele estivesse na sala da torre. Nunca poderia contar a ninguém o que quer que visse.

Encostado ao seu lado, Tom inclinou-se e puxou o pano ensanguentado a que ela ainda estava agarrada para olhar para o bebé nos seus braços. O seu rosto preocupado, envolto em sombra, virou-se para o dela. Ela abanou a cabeça. As suas lágrimas corriam-lhe do queixo para a cabeça dele enquanto ele envolvia os braços finos à volta da cintura dela e a apertava com força.

Movendo-se de joelhos até à peça de chão que queria, a rastejar dolorosamente, parando para puxar as saias de baixo do meio das pernas, começou a levantar a laje e, de imediato, Tom pôs-se de pé num pulo para a ajudar a tirá-la do caminho. Deitada de barriga para baixo, inclinou-se para o buraco até onde se atreveu, mas Tom pôs-lhe a mão no braço para a deter, e antes que ela se apercebesse, ti-

nha escorregado pela beira e ficou de pé no fundo do buraco, esticando os braços para cima. Ele não tinha palavras, mas ela sabia que partilhava a sua dor. Pôde vê-la nos seus olhos quando os olhares se encontraram e compreendeu o que queria que ela fizesse. Colocou Mary, aquele pequeno corpo sem peso nas mãos dele e observou-o, mal visível no escuro, enquanto se ajoelhava e a colocava gentilmente no chão, de movimentos suaves e escuros contra o fundo negro.

Levantando os braços, agarrou a aresta superior. Puxando com força sob um cotovelo com uma mão debaixo do seu sovaco, ela içou-o de volta para fora. Juntos, substituíram silenciosamente a laje e remexeram os juncos para cobrir novamente a parte superior.

— Agora, vá. — Eleanor segurou-lhe no queixo, virou-lhe o rosto para o dela e soletrou as palavras, mas à luz fraca, duvidou que tivesse visto. Deu-lhe um empurrão suave em direção à porta e sacudiu as mãos na direção dele, mostrando-lhe que precisava de voltar lá para baixo. Ele virou-se para ir embora, mas depois deu-lhe um abraço breve e segurou-a por um momento, de rosto enterrado nas suas saias, ainda pegajosas de sangue e com pedaços de erva seca e sementes coladas. Depois, foi-se embora. Ela sabia que ele nunca poderia divulgar o que a tinha acabado de ajudar a fazer e estava grata por isso. Tal como estava grata por ele ter lá estado quando ela mais precisava dele.

Cambaleando até ao banco e à mesa do cavalete ao lado da janela, deixou-se cair para se sentar. A pena e a tinta deixadas para trás que serviam para os seus registos durante a colheita do açafão eram ásperas, mas eram tudo o que tinha. Lentamente, começou a escrever.

infans filia sub pedibus nostris requiescit...

Quando Joan regressou com um pequeno ramo de alecrim, o símbolo da lembrança que teria sido feita se tivessem sido capazes de dar a Mary um funeral adequado, Eleanor colocou-o com a flor de açafão que tinha comprimido para Greville dentro da capa do seu livro e pousou-o no parapeito da janela. A pequena flor que ela tinha guardado como símbolo da sua colheita bem sucedida em tempos

mais felizes como um presente para o seu marido. Agora a ser usada como memorial de uma vida que não seria vivida.

— Agora precisamos de partir — disse Joan. — Está pronta para ir embora?

— Estou. Estou triste por estar a deixar a nossa casa, mas vamos fazer uma nova noutra lugar. Não temos o Greville, mas temos os seus filhos e os bolbos de açafrão. Tal como nós, voltarão a crescer. Tal como ambas fizemos quando viemos para aqui para Norfolk. Um dia, tudo voltará a ficar bem. Pois enquanto eu viver, há esperança. — Trancou a porta, enfiou a chave da torre no bolso e seguiu Joan para o exterior.

* * *

Debaixo deles, a carroça rangeu e começou a rolar lentamente sobre a terra gelada. Uma fina camada de neve já tinha assentado sobre a lona que cobria os seus pertences. Virando-se, Eleanor manteve os olhos no contorno escuro da torre, rezando para que não fosse o último lugar de descanso da sua filha, até que finalmente viraram a esquina e ela desapareceu da vista.

Capítulo Trinta e Seis

2019

As últimas páginas saíram da impressora e Amber adicionou-as à pasta que tinha na mão.

— Bom, já está, avô. Todos os livros da casa estão aqui catalogados e embalados nas caixas, para além dos que voltei a colocar nas estantes da biblioteca. Agora depende de ti, se te queres livrar deles, mas pelo menos sabes o que tens. E nunca te perderás em Londres, hã? — Ela sorriu-lhe e ele fez-lhe um sorriso irónico. Ambos se podiam lembrar da conversa sobre os mapas rodoviários, mas isso parecia ter já sido há muito tempo. Estava então uma pessoa diferente, tão frágil e distante.

— Vou passar esta tarde a ler a última secção do livro de horas e, quando voltar ao trabalho, vou entregá-lo ao museu. Espero que a Eleanor ficasse feliz com isso.

— E vais-te embora amanhã?

— Sim. A maior parte das minhas coisas já está embalada. O Jonathan tem uma reunião amanhã de manhã, mas eu disse-lhe para não a cancelar. Não quero grandes festas por causa do meu regresso. Só quero voltar ao normal. Bom, ao nosso novo normal.

O avô sorriu, deu-lhe palmadinhas na mão e deixou-a a fazer as suas últimas tarefas.

Amber sentou-se no canto da biblioteca. Depois de todo o trabalho que tinha feito, ainda cheirava a mofo e a antigo, como se o pó e o tempo estivessem à espreita, à espera de assentar de novo no momento em que partia. As obras da torre estavam quase concluídas:

dentro de algumas semanas, o andaime seria desmanchado e tudo voltaria ao estado em que estava antes. A casa, tal como o avô, não gostava de mudanças. Com cuidado, folheou as páginas até ao sítio onde estava a ler e continuou a virá-las à procura das entradas na caligrafia familiar de Eleanor. Tinha a certeza de que algures estaria a resposta ao que tinha acontecido a Eleanor e à sua família, e Amber estava deseiosa de descobrir para conseguir encerrar o assunto. O portátil, completamente carregado, estava pronto para qualquer transcrição que fosse precisa.

A primeira página que encontrou tinha linha após linha de escrita apertada. Aquilo não era uma lista, ou receita, mas sim uma verdadeira entrada de diário e sentiu o coração a bater mais depressa e os cabelos da nuca a eriçarem-se.

Hoje visitámos os nossos vizinhos. Usei o meu lindo vestido de lã verde com mangas novas que a Joan tinha costurado para mim e fiquei satisfeita por estar tão bem vestida, uma vez que os Dereham são ricos e têm boas ligações. O filho Francis regressou recentemente da Irlanda. É muito elegante e gostaria que o Greville tentasse fazer par com a Joan, mas ele diz que não. O Francis partirá em breve para Londres e, espera ele, para a corte. O Greville está muito interessado em que se encontrem lá, pois o Francis é um velho amigo de infância da nossa rainha Catherine.

Os olhos de Amber abriram-se muito. O departamento de pesquisa ia ficar encantado com aquela referência a Francis Dereham, mas apeteceu-lhe gritar com o livro para dizer a Greville que se afastasse para bem dele. Sabia o que estava reservado ao ex-amante da rainha Catherine. Tinha agora os dedos a tremer enquanto tentava virar a página. Satisfeita por estar a usar as suas sempre presentes luvas de algodão, sentiu as mãos a formigar de suor. Restavam-lhe poucas páginas preciosas no livro e a menção ao nome de Dereham dava agora ao volume um ar sinistro e sombrio. Estava deseiosa de ler mais.

As duas páginas seguintes continham inscrições belamente iluminadas de apelos a São Filipe e São Francisco. Amber reconhecia agora as que eram originais do livro, e as que Eleanor tinha acrescen-

tado, e estas eram definitivamente da última. A página seguinte estava datada de 2 de setembro de 1541 e ela continuou a ler:

Recebi duas cartas do meu marido, de quem sinto falta, mas que me trazem muito orgulho, pois envia notícias de que estão agora em Pontefract, e de que assegurou uma posição de secretário ao lado de Francis Dereham na corte da rainha. Vê regularmente o rei em pessoa e estou muito satisfeita. Espero que, um dia, me possa juntar a ele na corte, mas por agora estou grávida e não posso viajar.

Na página oposta afirmava que a colheita do açafrão tinha começado ao amanhecer e que seria necessário fazer trabalho pesado. Por baixo, Eleanor tinha acrescentado:

A colheita já terminou. Trabalhámos durante muitos dias, mas todo o açafrão está colhido e acredito que nos trará grandes riquezas. Há mais especiaria do que alguma vez poderia ter sonhado ser possível.

Amber ficou sentada a olhar para a página muito depois de ter terminado de a ler com uma sensação de presságio pesado no peito. Tanto dinheiro por pequenas flores tão inocentes. Delicadas flores lilases de bolbos inocentes que davam à luz a picante e acre especiaria tão apreciada em todo o mundo. Foi responsável pela ascensão de Greville no mundo e, por fim, começava ela a temer, pela sua queda. Estava quase com demasiado medo de ler mais, mas ainda precisava de descobrir porque é que Mary tinha sido deixada para trás na torre.

A entrada seguinte trouxe-lhe todas as preocupações à cabeça.

Hoje soubemos pelo Greville que o Francis foi preso, acusado de pirataria enquanto esteve na Irlanda. O Greville não sabe mais nada. Diz que não se pode aproximar de Sua Majestade para perguntar se é verdade. As suas damas mantêm-na afastada de todos. Receio muito que haja algo que ele não me esteja a dizer. Respondi-lhe implorando-lhe que regressasse a Saffron Hall para que possa estar aqui no Natal e quando o novo bebé chegar no Ano Novo.

Amber não conseguiu evitar que um sorriso se espalhasse pelo rosto à menção de Saffron Hall, a sua casa de família, vendo-o escrito pela mão de Eleanor enquanto virava a página, desesperada para ver se havia mais entradas, encontrando apenas uma.

Ele morreu. O Dereham foi considerado culpado de traição e levaram o meu marido para a Torre, torturaram-no, e agora já não existe. Os seus pertences mundanos são agora propriedade do rei, e mesmo no momento em que escrevo, os seus homens estão a caminho de Norfolk.

Temos de fugir. Temos apenas um dia para nos prepararmos e partir. Enviei uma missiva ao prior pedindo-lhe que nos encontrasse alojamento perto dele em França. Só posso levar a Nell, a Joan e as crianças. Terei de deixar os servos para trás, embora o Hugh, tão fiel, solicite que possa viajar connosco. Neste preciso momento, os nossos pertences estão a ser carregados para as carroças. Já enviei o açafão deste ano para Londres, por isso, esse está perdido, mas tenho os meus bolbos para que possamos cultivá-los novamente onde quer que nos encontremos. O sítio a que o meu novo filho chamará de casa.

Dum Spiro Spero.

O resto das páginas estava em branco. A entrada final tinha sido datada de 16 de novembro de 1541. Ela teria de verificar bem nos seus livros de História, mas estava bastante certa de que em novembro de 1541 tinha sido a data em que Catherine Howard foi acusada de traição. Verificou cuidadosamente a data acima da primeira página. A entrada original que tinha lido: 17 de novembro. Algo tinha acontecido quando se preparavam para partir e ela deve ter dado Mary à luz prematuramente. Parecia não ter tido tempo de a enterrar, por isso escondeu o corpo e deixou aquelas linhas crípticas para que alguém as descobrisse. E tinha levado quase quinhentos anos para que isso finalmente acontecesse. Explicava porque é que nem Greville, nem Eleanor ou as crianças estavam enterradas na igreja. Será que chegou a França? Amber podia nunca vir a saber, mas esperava que sim. Ou talvez Henry Lutton tenha regressado em adulto e recuperado os bens do pai, erradamente roubados e, como esperava, talvez Amber fosse descendente direta de Eleanor. De qualquer modo, o precioso livro de horas tinha estado de alguma forma escondido na casa da família durante todos aqueles anos à espera de que alguém o encontrasse e resolvesse o mistério do bebé que estava a proteger.

Fechando o livro, Amber envolveu-o uma última vez na sua mortalha de tecido. O linho velho desfiado em que o tinha encontrado era certamente da mesma peça que tinha sido embrulhada à volta do corpo de Mary, e era ainda mais precioso por causa disso. Ia levá-lo com o livro quando se fosse embora no dia seguinte. Agora que Mary tinha desaparecido, a casa já não precisava de abrigar o segredo de Eleanor.

Amber saiu da casa na manhã seguinte, colocando as malas no porta-bagagens do seu carro para se ir embora com o menor dos alaridos. Não se queria lembrar da pessoa que era quando chegou, uma versão sua em farrapos que se encontrava à beira da angústia mental todos os dias, prestes a colapsar. Deu um beijo rápido ao avô.

— Venho cá dentro de uma ou duas semanas — disse-lhe. — Entretanto, revê as folhas que te deixei e marca qualquer coisa de que te queiras livrar ou o que quiseses enviar para leilão.

— Farei isso. — Acenou com a cabeça. Ela pensou que ele podia estar triste por voltar a ficar sozinho, mas na verdade parecia aliviado por poder desfrutar da solidão e das suas rotinas, sem ninguém a comentar se queria comer uma canja ou uma lata de sopa de tomate ao jantar. Tinha deixado o frigorífico cheio de comida nutritiva, mas podia apostar a dinheiro em como acabaria tudo no caixote do lixo até ao final da semana. Mas mesmo quando estava prestes a virar costas, ele puxou-a para os seus braços e deu-lhe um abraço. Sentiu-lhe o peito a mexer-se enquanto inalou com força e ouviu-o a fungar. Deve ter sido impressão: o avô não era do género de chorar. Ou assim pensava ela.

Despachou-a rapidamente para fora de casa e fechou a porta de entrada com força. Quando entrou para o carro e ligou a ignição, viu-parado à janela, com o seu corpo frágil e ligeiro a parecer um fantasma atrás do vidro.

Arrancou pelo caminho e dirigiu lentamente pela rua principal da aldeia, passando pela casa de Becky. No jardim da frente, Pete cavava

um canteiro de flores e viu Becky a empurrar um carrinho de mão com Callum ajoelhado lá dentro, agarrado aos lados com a cabeça para trás, a rir. Tocou a buzina e acenaram os três.

O sol brilhava enquanto conduzia para casa, aumentou o volume do rádio e cantou alto, a sentir-se animada. Passou rapidamente pelo supermercado à beira da povoação antes de estacionar o carro na entrada vazia da residência paroquial.

Tal como ela esperava, Jonathan não estava em casa, que ainda assim parecia calorosa e acolhedora. Estava de volta onde pertencia e sentia-se bem. Deu um salto à casa de banho e deixou as malas no quarto para desfazer mais tarde. Antes de voltar para baixo, ficou à porta do quarto infantil. Ainda estava vazio e a fazer eco, mas já não parecia acusá-la. A sua tristeza não a tinha deixado, e agora compreendia que nunca a deixaria, mas podia viver com ela, aceitá-la. Ajudá-la a recordar Saffron era uma coisa positiva. Precisava de se lembrar disso.

No andar de baixo, pôs a chaleira ao lume e escreveu um bilhete a Jonathan, para o caso de ele chegar a casa. Ao fundo, escreveu em grandes letras *Dum Spiro Spero* e pôs o teste positivo de gravidez que tinha acabado de fazer na casa de banho em cima, embora apenas confirmasse o que ela suspeitava há alguns dias. Bebendo a sua chávena de chá, caminhou em direção ao cemitério para contar a Saffron e a Mary as suas boas notícias.

Agradecimentos

Embora a escrita seja uma profissão maioritariamente solitária, não poderia ter escrito este livro sem uma grande série de pessoas maravilhosas que me ajudaram ao longo do caminho. Tantas que, de facto, posso acidentalmente deixar algumas de fora (e se o fizer, desculpem!), mas estou extremamente grata a cada uma de vós.

Em primeiro lugar, devo agradecer à minha editora genial na Avon, Bethany Wickington, que viu potencial em *Os segredos de Saffron Hall* e me deu a oportunidade de realizar o meu sonho de ser uma autora publicada. Foi uma fonte de conselhos soberbos para ajudar a trazer à luz o melhor da história de Amber e de Eleanor. E, claro, a todos os outros membros da equipa da Avon, que trabalharam muito em meu nome para tornar este livro numa realidade.

A segunda pessoa a agradecer é a minha adorável agente Ella Kahn na Diamond Kahn and Woods Literary Agency. O seu apoio e entusiasmo ajudaram-me a percorrer este novo caminho. Felizmente que não se importa que faça algumas perguntas bastante idiotas.

Um agradecimento especial ao Dr. Calum Maciver, da Universidade de Edimburgo, pela sua ajuda e perícia com as passagens em latim. Estou muito grata pelo seu apoio.

Não conseguia ter chegado ao ponto de escrever este livro sem a Associação de Romancistas Românticos (RNA). Em 2016, tive a sorte de ganhar um lugar no seu *New Writers Scheme* e o incentivo que recebi de tantos outros membros foi espantoso. Especialmente os do meu capítulo sobre as minhas Norfolk e Suffolk locais que têm sido maravilhosamente entusiastas e encorajadores. Todos vocês são espantosos. Tenho de dar um destaque especial à minha companheira de escritório virtual, Jenni Keer, que se encontra comigo todas as ma-

nhãs no dispensador de água virtual para uma fofoca. Tem sido a minha líder de claque número um desde que entrei para a RNA — não o teria conseguido sem ti, amiga! E também às incrivelmente prestáveis Heidi-Jo Swain e Rosie Hendry: muito obrigada por todos os sábios conselhos e encorajamento.

Agradeço também a uma série de amigos muito especiais que permanecerão anónimos (mas sabem quem são) que ajudaram nos caminhos mais especializados da minha investigação, em particular aos eclesiásticos.

Preciso também de exprimir um agradecimento enorme ao meu marido, Des, que tanto me tem apoiado enquanto escrevo este livro. Sem uma palavra de queixa, passou muitos, muitos fins de semana a conduzir comigo por Norfolk a visitar ruínas de mosteiros e castelos, à medida que as ideias para este livro cresciam e tomavam forma. Mereces uma medalha, Des, e em vez disso, só recebeste pratos de guisado. Finalmente, mas não menos importante, obrigada aos meus filhos. A maioria deles já voou do ninho, mas mesmo assim receberam inúmeras atualizações sobre a minha viagem de escrita: miúdos, vocês foram sempre incansavelmente entusiastas, pelo que vos estou muito grata.

Por fim, obrigada por lerem o meu livro. Espero que tenham gostado tanto de o ler como gostei de o escrever. E, por favor, procurem-me nas redes sociais. Estou sempre pronta para uma conversa sobre livros!



Canção de embalar de Auschwitz

Escobar, Mario

9788491391036

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sobre a lama negra de Auschwitz que tudo devora, Helene Hanne-
man levantou uma creche no Campo Cigano. Nesse lugar, onde a felici-
dade é proibida, a jovem mãe ajuda a sobreviver a pouco mais de
uma centena de crianças e, apesar do horror do campo de extermí-
nio, Helene não desiste, nunca perde a vontade de viver nem de aju-
dar e ensina-nos uma lição maravilhosa sobre a coragem. Um roman-
ce emocionante baseado em factos reais, que resgata do esqueci-
mento uma das mais comoventes histórias de heroísmo de uma mãe
alemã no meio do terror nazista. Um relato comovente em que se ent-
relaçam a vida de prisioneiros ciganos, judeus e alemães que lutam

para sobreviver no inferno do maior campo de extermínio da história. Inspirado numa história real, A Canção de embalar de Auschwitz é uma homenagem à bondade, à coragem e à generosidade das pessoas comuns. "Mario Escobar domina um segredo que tem conquistado essa grande massa de leitores que determina a lista de best-seller de livros mais vendidos e que adotaram autores como Carlos Ruíz Zafón, Ildefonso Falcones, Matilde Asensi, Javier Sierra e Julia Navarro ...". Con ojo de lector, Nueva Jersey, Carlos Espinosa "Escobar encontrou um dos segredos para este mercado editorial online." ABC Cultural, Laura Revuelta.

[Compre agora e leia](#)



Falsa testemunha

Slaughter, Karin

9788491396710

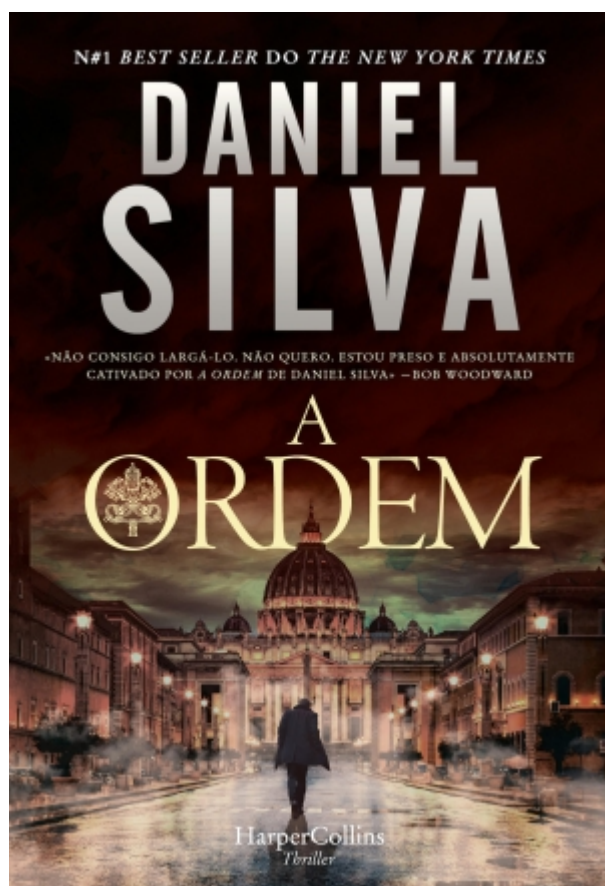
512 páginas

[Compre agora e leia](#)

O seu passado sempre a perseguiu agora o seu pasado quer caçá-la. UMA VIDA COMUM... Leigh Collier trabalhou arduamente para construir uma vida aparentemente normal. É advogada de defesa num prestigiado escritório de advogados em Atlanta, faria tudo pela sua filha Maddy de dezasseis anos, e está a conseguir, com sucesso, partilhar a sua educação, a pesar da pandemia, depois de uma amistosa separação do seu marido Walter. OCULTA UM PASSADO DEVASTADOR... Contudo, a vida quotidiana de Leigh esconde uma infância que ninguém devia ter de suportar... uma infância toldada por segredos, devastada pela traição e, finalmente, destruída por um ato brutal

de violência. PORÉM, AGORA, O PASSADO REGRESSOU... Num domingo à noite, enquanto assiste a uma peça de teatro na escola da sua filha, recebe uma chamada de um dos sócios da empresa que quer que Leigh defenda um homem rico acusado de múltiplos casos de violação. Embora desconfie do caso, é evidente que não tem muitas opções se quiser manter o seu emprego. O julgamento está programado para dentro de uma semana. Quando se encontra cara a cara com o acusado, percebe que não é uma coincidência que lhe tenham pedido especificamente a ela que o represente. Conhece-o. E ele conhece-a. Mais concretamente, é possível que saiba o que aconteceu há mais de vinte anos... e porque Leigh passou duas décadas a evitar o seu passado. E O TEMPO ESTÁ A ACABAR. De repente, tem muito mais a perder do que este caso. A única pessoa que pode ajudá-la é a irmã mais nova, Callie, a última pessoa que Leigh gostaria de arrastar para aquilo, depois de tudo o que sofreram. Mas com uma verdade devastadora em perigo de ser revelada, não tem outra opção... «Uma das escritoras de suspense mais audazes da atualidade.» Tess Gerritsen «As suas personagens, trama e ritmo são incomparáveis.» Michael Connelly «Paixão, intensidade e humanidade.» Lee Child «Uma escritora extraordinariamente talentosa.» Kathy Reichs «Nenhuma ficção pode ser melhor do que isto.» Jeffery Deaver «Karin Slaughter tem, de longe, o melhor nome de entre todos os escritores de mistério.» James Patterson «Grande, escuro, rico, satisfatório e sangrento... como um bife perfeitamente cozinhado.» Stuart MacBride «Segui-la-ia para qualquer lado.» Gillian Flynn «O romance de Slaughter é, ao mesmo tempo, um thriller absorvente e um protesto sobre a frequência com que a violência sexual é ignorada.» The Sunday Times

[Compre agora e leia](#)



A Ordem

Silva, Daniel

9788491395034

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Se procura cenários internacionais, enredos tecidos ao milímetro e fogo-de-artifício, então este é o seu escritor." Juan Carlos Galindo, El País Gabriel Allon está a passar umas discretas e muito necessárias férias familiares em Veneza. O seu sossego é interrompido quando o papa Paulo VII morre de forma inesperada e o leal secretário pessoal do Santo Padre, o arcebispo Luigi Donati, chama Gabriel a Roma. Mil milhões de católicos foram informados de que a morte do papa se ficou a dever a um ataque cardíaco. Contudo, Donati tem duas boas razões para pensar que o Sumo Pontífice foi assassinado. A primeira é o estranho desaparecimento do guarda suíço que nessa noite esta-

va de serviço nos aposentos pontifícios. A segunda, a carta que o Santo Padre estava a escrever nas suas derradeiras horas de vida... uma carta dirigida a Gabriel. "Enquanto pesquisava no Arquivo Secreto do Vaticano, deparei-me com um livro absolutamente notável..." O livro em questão é um Evangelho há muito suprimido, um Evangelho que questiona a precisão da imagem dada pelo Novo Testamento de um dos acontecimentos mais prodigiosos da história da Humanidade. Por essa razão, a Ordem de Santa Helena — uma obscura sociedade católica com ligações à extrema-direita europeia — não se deterá perante nada para evitar que caia nas mãos de Gabriel. Em paralelo, conspiram para se apropriarem do trono de São Pedro. E isso é apenas a ponta do icebergue. À medida que, em Roma, os cardeais se vão reunindo para o conclave, Gabriel embrenha-se numa investigação desesperada para reunir provas da conspiração da Ordem e para encontrar o Evangelho há muito desaparecido que poderia pôr termo a dois mil anos de ódio mortal. O ritmo e elegância de A Ordem

[Compre agora e leia](#)



Alegrias e tristezas de Martha Friel

Mason, Meg

9788491397847

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Todos dizem que Martha Friel é inteligente e bonita, uma escritora brilhante que sempre foi amada durante toda a sua vida adulta por um homem, o seu marido Patrick. Um presente que, segundo a sua mãe, nem todos têm. Então, porque está tudo destruído? Porque é que Martha, prestes a fazer quarenta anos, não tem amigos, salta de um trabalho mau para outro e está sempre triste? E porque é que Patrick se foi embora? Talvez seja demasiado sensível, alguém que acha, muito mais do que a maioria das pessoas, que viver é muito difícil. Ou, talvez (o que Martha sempre achou) algo não funcione dentro dela. Algo que explodiu no seu interior quando tinha dezassete anos e a

mudou de tal forma que nenhum médico, terapia ou droga conseguiu explicar ou desfazer os seus males. Obrigada a viver novamente com os seus pais, boémios e disfuncionais, no lar da sua infância num bairro londrino pitoresco, mas sem a ajuda inestimável e devota da sua irmã Ingrid, Martha tem uma última oportunidade: aceitar que a sua vida está demasiado destruída para a melhorar ou começar de novo e escrever um fim melhor para ela. Um best seller internacional, um romance que se lê compulsivamente, agudo, intrigante, sombrio e enternecedor e que combina a perspicácia psicológica de Sally Rooney com o humor agudo de Nina Stibbe e a ressonância emotiva de Eleanor Oliphant. «Surpreendentemente encantadora... Fá-lo-á rir-se às gargalhadas e ler frases inteiras em voz alta.» —People «Brilhante e extremamente divertido... Enquanto o lia, fiz uma lista das pessoas a quem o enviaria, até me aperceber de que o enviaria a todas as pessoas que conheço.» Ann Patchett, autora de A casa holandesa «Uma estreia incrivelmente divertida e devastadora, animada por uma energia aloucada e que, no entanto, consegue ser sensível e sincera.» The Guardian «Absolutamente brilhante, adorei. Acho que todas as raparigas e mulheres deviam lê-lo.» Gillian Anderson

[Compre agora e leia](#)



A violoncelista

Silva, Daniel

9788491397809

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE DE ESPERANÇA E UM SÉRIO GRITO DE ALERTA PARA O ESTADO FRÁGIL DA DEMOCRACIA. Viktor Orlov teve um há muito anunciado encontro com a morte. Outrora o homem mais rico da Rússia, reside agora num magnífico exílio em Londres, onde se embrenhou numa cruzada incansável contra os cleptocratas autoritários que assumiram o controlo do Kremlin. A sua mansão na exclusiva Cheyne Walk de Chelsea é uma das habitações privadas mais fortemente protegidas de Londres. Todavia, de alguma forma, numa noite de verão chuvosa, no meio de uma pandemia global, o vingativo presidente da Rússia consegue finalmente riscar o nome de Orlov da

sua lista de morte. À sua frente, estava o auscultador do telefone fixo, um copo de vinho tinto meio bebido e uma pilha de documentos... Os documentos estão contaminados com um agente nervoso mortífero. A Polícia Metropolitana determina que foram entregues na casa de Orlov por uma das suas trabalhadoras, uma destacada jornalista de investigação do semanário antikremlin Moskovskaya Gazeta. E quando a jornalista se esfuma de Londres horas após o crime, o MI6 conclui que se trata de uma assassina de Moscovo Centro que derrubou com astúcia as impecáveis defesas de Orlov. Mas Gabriel Allon, que deve a própria vida a Viktor Orlov, considera que os seus amigos dos serviços secretos britânicos estão perigosamente enganados. A sua busca desesperada pela verdade vai levá-lo de Londres a Amsterdão e por fim a Genebra, onde um serviço secreto privado controlado por um amigo de infância do presidente russo está a utilizar «medidas ativas» ao estilo do KGB para minar o Ocidente a partir de dentro. Conhecido como Grupo Haydn, a unidade está a tramar um ato de violência indescritível que mergulhará uma América já dividida no caos e deixará a Rússia sem oposição. Só Gabriel Allon, com a ajuda de uma brilhante jovem mulher que trabalha para o banco mais sujo do mundo, pode impedi-lo. Elegante e sofisticado, provocador e ousado, o romance A violoncelista explora uma das ameaças preeminentes que o Ocidente enfrenta na atualidade — a influência corruptora do dinheiro sujo empunhado por uma Rússia revanchista e imprudente. É, em simultâneo, um romance de esperança e um sério grito de alerta para o estado frágil da democracia. E, mais uma vez, prova porque é que Daniel Silva é considerado o melhor escritor de suspense e intriga internacional da sua geração. «Uma história repleta de sagacidade e perfeitamente alinhavada, cujas surpresas são capazes de emocionar até o leitor mais desconfiado.» Wall Street Journal

[Compre agora e leia](#)